



Escola de Sociologia e Políticas Públicas

Modos de vida de jovens na Madeira

José António Teixeira Cardoso

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Doutor em Sociologia

Orientador:

Doutor Luís Manuel Antunes Capucha, Professor Auxiliar,
Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas do ISCTE-IUL

Maio, 2015

Agradecimentos

O número de páginas necessárias para listar todos os que contribuíram para o produto deste estudo, não cabe no espaço que o bom senso determina seja reservado para o efeito.

Uma vida que integra muitas vidas vividas, experiências, sucessos, insucessos, saberes acumulados, mas nunca acabados, que nos deixam os registos que nos marcam como pessoa. Muitos contribuintes - uns próximos outros periféricos, uns mais diretamente outros indiretamente - para que a pessoa que hoje sou, expresse deste modo o seu contributo sobre a temática aqui tratada.

Porque o que fazemos possui sempre significado, no meu caso, quase um século separa duas referências presentes que justificam a razão deste modesto contributo para a compreensão da vida social atual.

A Maria Augusta, a minha mãe, nascida no primeiro quartel do século passado, na sua sábia simplicidade, procurando controlar cada passo que os filhos vão dando, incentivando e apoiando mas ao mesmo tempo cobrando e disfarçadamente exigindo resultados. - Então filho, isso nunca mais acaba? Quem me dera ver-te com esse curso acabado. Aos anos que andas nisso.

Com os seus quase noventa anos, provavelmente não alcançando o que representa aquilo que para ela é um regresso do filho à escola, percebe que é importante e que faz parte do seu trabalho.

A Carolina e a Francisca, minhas netas, nascidas quase um século depois da minha mãe, também atentas, à sua maneira, movidas pela curiosidade espicaçada por sempre verem o avô folheando livros e dedilhando o teclado do computador.

A Carolina, uma mulherzinha que já estuda no 6ºano, de vez em quando, submete o avô a um interrogatório, tentando perceber o quê, porquê e para quê tão tardio estudo.

A Francisca nos seus quatro anitos, doce como só as netas conseguem ser, aconchega-se ao colo do avô, curiosa pelo que se passa no ecrã do computador, - avô o que é que estás a fazer? Perante o esclarecimento tanto quanto possível adequado à procura de satisfação da curiosidade da Francisca, por segundos, fica concentrada como que a refletir sobre a explicação.

Obrigado ao Doutor Luís Capucha, orientador deste estudo, quer pelo rigor e grau de exigência colocados, seja no procedimento metodológico seja em particular no

enquadramento teórico da pesquisa, quer pelo seu rigor crítico sobre as minhas “certezas” tornando-as dúvidas, mas também pela generosa disponibilidade para atender às minhas inseguranças, contribuindo, iluminando caminho.

Obrigado caro professor.

“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.” (Antoine de Saint-Exupéry, 1900-1944).

Lisboa, Maio de 2015

Resumo

Os modos de vida dos jovens da Madeira refletem a forma de sentir, pensar e agir dos jovens no quadro dos contextos sociais que marcam as condições da sua existência e os seus espaços de atuação.

Atender à atualização do conhecimento sobre o modo como os jovens integram os estímulos que recebem e os traduzem em expressões de vida, impõe uma sempre renovada produção científica que permita formulações e reformulações teóricas para a compreensão das dinâmicas sociais que determinam ajustamentos e reajustamentos nos modos de vida dos jovens.

Compreender como se estruturam esses modos de vida a partir dos contextos socioeconómicos e culturais juvenis, permitindo a elaboração de um quadro tipológico de modos de vida de jovens madeirenses, constituiu o objetivo deste estudo.

Interessa-nos principalmente compreender o que marca a vida dos jovens madeirenses no séc. XXI em contextos de mudança e os atuais condicionamentos e fronteiras do processo de transição para a vida adulta.

Tendo em conta o corpo de conhecimento contemporâneo da sociologia da juventude, da sociologia das classes sociais e dos seus instrumentos metodológicos de pesquisa, foi possível identificar os principais indicadores de trajetória e condição de vida dos atores, permitindo, a partir da análise dos dados obtidos, desenhar um quadro de cinco tipos de modos de vida dos jovens na Madeira.

Palavras-chave: modos de vida, estilos de vida, classes sociais, juventude, Madeira.

Abstract

Madeira youngsters' ways of life reflect the way youngsters feel, think and act within the social contexts which mark the conditions of its existence and their action fields.

To take into account knowledge update on how young people integrate the incentives they receive into life expressions calls, always for renewed scientific production updates which allow for theoretical formulations and reformulations to be made, so that the social dynamics responsible for adjustments and readjustments in the way of life of youngsters can be understood.

This study aimed at understanding how, from socioeconomic, cultural and juvenile contexts, these ways of life are structured, thus allowing for the construction of a typological chart which shows the ways of life of young people in Madeira.

It is for us of high importance to understand what marks the Madeira youngsters' lives in the 21st century, within contexts of change and subject to the current conditionings and constraints which are part of the transition to adulthood process.

Taking into account contemporaneous knowledge on sociology of youth, sociology of social classes and their methodological research tools, it was possible to identify the main indicators of the players' path and living conditions has been made possible, thus allowing, from the analysis of obtained data, for a chart showing five typologies of youngsters' ways of live to be drawn.

Key words: ways of life, lifestyles, social classes, youth, Madeira.

Índice

INTRODUÇÃO.....	9
Cap. I. JUVENTUDE.....	13
1. Juventude(s) e jovens no séc. XXI.....	17
2. Contextos em mudança	26
2.1. Crise/reconfiguração do mundo do trabalho – impacto nos jovens.....	26
2.2. Contextos familiares	31
2.3. A sociedade da informação.....	33
2.4. O ensino e a construção das práticas sociais	36
2.5. O materialismo e os modos de vida.....	40
2.6. Transição para a vida adulta	45
3. Modos de Vida e Classes Sociais	53
3.1. Modos de vida	53
3.2. Classes e condições de vida.....	55
3.3. Estilos de vida.....	64
Cap. II. JOVENS MADEIRENSES E O SEU ESPAÇO SOCIAL	69
Cap. III. PROCESSO DE PESQUISA EMPÍRICA.....	83
1. Modelo analítico e hipótese.....	83
2. Metodologia.....	86
3. Amostra	89
4. Inquérito por questionário	91
5. Análise e discussão dos resultados do inquérito por questionário	92
5.1. Capital cultural entre os jovens inquiridos	97
5.2. Disposições que estruturam estilos de vida	104
5.3. Consumos culturais, convivialidade, atitudes e interesses	109
6. Análise dos resultados do inquérito por questionário	113
6.1. Modos de vida dos jovens da categoria de classe - EDL (Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais).....	113
6.2. Modos de vida dos jovens da categoria de classe - PTE (Profissionais Técnicos e de enquadramento).....	115

6.3. Modos de vida dos jovens da categoria de classe - TI (Trabalhadores independentes)	117
6.4. Modos de vida dos jovens da categoria de classe - TIpl (Trabalhadores independentes pluriactivos)	120
6.5. Modos de vida dos jovens da categoria de classe - EE (Empregados Executantes)	123
6.6. Modos de vida dos jovens da categoria de classe - O (Operários)	125
6.7. Modos de vida dos jovens da categoria de classe - AEpl (Assalariados Executantes pluriactivos)	128
7. Jovens na Madeira: estilos e modos de vida	130
7.1. Matar o tempo	131
7.2. O que importa é que a vida funcione	133
7.3. Viver sem <i>stress</i> e sem compromissos	134
7.4. Da seriedade dos compromissos ao lazer hedonista	136
7.5. Jovem adulta ou adulta jovem	138
7.6. Construindo ideais	140
7.7. Gerindo bem o tempo de vida que não se repete	143
7.8. Não pensar demais a razão das coisas	145
7.9. O emprego é a vida	147
7.10. Líder em formação	148
8. Síntese da análise sobre os modos de vida	150
9. Delimitação de uma tipologia de modos de vida	155
CONCLUSÃO	160
Limitações e desenvolvimento de futuras investigações	164
BIBLIOGRAFIA	167

Índice de quadros

Quadro 2. 1 - População residente, 2011, total na RAM.....	69
Quadro 2. 2 - População residente, 2011, segundo grupo etário e sexo, no escalão 15 - 24 anos.....	70
Quadro 2. 3 – População residente, de 15 a 24 anos, segundo o grupo etário, por condição perante a atividade económica (sentido restrito), nível de escolaridade atingido e sexo	71
Quadro 2. 4 - População residente, de 15 a 24 anos, segundo o grupo etário, por principal meio de vida e sexo	73
Quadro 2. 5 - Núcleos familiares com filhos, segundo o número de filhos e total de filhos e por tipo de núcleo	76
Quadro 2. 6 - Núcleos familiares monoparentais, segundo o nível de escolaridade atingido do pai ou mãe, por tipo de núcleo e escalão etário do pai ou mãe	77
Quadro 2. 7 - População residente, + 35 anos, segundo o grupo etário, por nível de escolaridade atingido e sexo.....	78
Quadro 2. 8 - Pessoas residentes em alojamentos familiares clássicos e o número de famílias clássicas residentes, por grupo socioeconómico do representante da família.....	81
Quadro 3. 1 - Síntese de análise dos modos de vida	151
Quadro 3. 2 - Tipologia de modos de vida de jovens madeirenses	158

Índice de figuras

Figura 2. 1 - Agregados familiares com acesso a computador e Internet em casa.....	80
Figura 2. 2 - Indivíduos, com idade entre 16 e74 anos, que utilizam computador e/ou Internet	80
Figura 3. 1 - Esquema teórico de análise dos modos de vida.....	85
Figura 3. 2 - Composição da amostra por sexo	89
Figura 3. 3 - Composição da amostra por idade.....	90
Figura 3. 4 - Composição da amostra por classes de grupos domésticos.....	90
Figura 3. 5 - Qualidade da habitação.....	93
Figura 3. 6 - Recursos económicos	94
Figura 3. 7 - Local de habitação	95
Figura 3. 8 - Afetos no espaço da família.....	96
Figura 3. 9 - Atividades/convívio.....	97
Figura 3. 10 - Nível de escolaridade.....	99
Figura 3. 11 - Tempo dedicado à Internet	100
Figura 3. 12 - Tempos livres fora de casa	101
Figura 3. 13 - Novas Tecnologias de Comunicação.....	101
Figura 3. 14 - Valores, ideais, atitudes, e interesses - dados gerais	102
Figura 3. 15 - Atividades/convívios	103
Figura 3. 16 - Valores materiais ligados ao sucesso.....	105
Figura 3. 17 - Valores materiais ligados à centralidade da vida.....	106
Figura 3. 18 -Valores materiais e felicidade.....	108
Figura 3. 19 - Pertença a grupos de subcultura	110
Figura 3. 20 - Participação na sociedade, convivialidade e lazer.....	110
Figura 3. 21 - Valores, ideias, atitudes e interesses, por classe.....	112

INTRODUÇÃO

O empenhamento na delimitação de teorias sobre a vida em sociedade exige uma acrescida atenção, particularmente por constituir um campo de grande complexidade, bastante maior do que noutros domínios, porque estuda a condição humana. Mas também porque a compartimentação das ciências sociais não pode ser senão relativa, porque o homem é uno e seja o próprio seja as sociedades não se deixam dividir em bocados.

Pensar as dinâmicas da vida social do nosso tempo, atravessada por uma torrente de transformações sem paralelo, constitui simultaneamente um enorme desafio, mas, acima de tudo, define a pertinência de todos os contributos propiciadores da compreensão do modo de viver a vida nos nossos dias.

Centrar a atenção no contexto da vida dos jovens, resultante das expressões quer das vivências produto do processo de socialização ao longo das trajetórias de vida, quer da interação que ocorre no espaço que circunscreve o contexto social, influenciando modos de viver a condição juvenil e de construir estilos de vida, tem mobilizado um número crescente de investigadores sociais.

A partir de complexos processos identitários, os jovens constroem as suas culturas juvenis entendidas como expressões coletivas que retratam estilos de vida.

A apreensão dos significados, experiências sociais, opções, razões de envolvimento, atitudes, condições, permite-nos compreender os diferentes modos de viver dos jovens em espaço social. O quotidiano, nas suas construções e desconstruções, as diferentes redes de relações, as significações determinantes que os circunscrevem a determinados espaços sociais, produzem distintas formas de pensar, agir e projetar.

A delimitação de tipologias de modos de vida permite estabelecer retratos da vida social, a partir da constatação das diferenças individuais ou de conjuntos de indivíduos colocados sob as mesmas condições. As pessoas são diferentes, têm atitudes, modos de agir e reagir que são influenciados, entre outros fatores, pelas diferentes condições de vida, trajetória, educação, influência do meio cultural e experiências de vida.

O estudo procurou compreender como esses jovens interagem, se identificam, interpretam e projetam as suas vidas, tendo em consideração a rede de relações sociais e

estilos de práticas a partir das suas condições de vida, que contribuem para configurar o espaço social nos quais estão envolvidos.

Entre outros objetivos, a pesquisa pretendeu contribuir para o conhecimento do modo como os diferentes modos de vida dos jovens interferem com o lugar ocupado no espaço social a partir da análise das suas trajetórias de vida e dos contextos atuais de vida. Tivemos sempre presente a figura do homem plural teorizada por Lahire (2003), cuja proposta de sociologia da ação recomenda a necessidade de captar a variação dos comportamentos individuais.

Face à multiplicação de tantos exemplos de diferentes estilos de vida partilhados pelos jovens, até que ponto a moda, nas suas mais diversas expressões - sejam de ritualidade social, produtos materiais ou culturais consumidos, ou diferentes formas de comunicação - os modelos mediaticamente difundidos são adotados, ou correspondem à utilização desses estímulos para a construção de um modo próprio de vida, incluindo o que ele implica na construção do espaço social onde se organizam as diferenças e semelhanças que caracterizam os seus modos de viver?

Perante a circunstância da transição da infância para a juventude implicar a reconstrução de uma identidade própria, porque não são mais crianças, assumindo um novo estatuto que porém também distingue os jovens das pessoas em idade adulta, importa considerar os constrangimentos de vária ordem hoje colocados aos jovens. Uma identidade resultante de estarem situados num período de transição onde tentam se autonomizar da família, procurando agregar-se a outros que acreditam ser parecidos com eles, o que os fortalece diante da sociedade enquanto categoria social em busca de novos valores e novas referências, mas num quadro de crescentes fragilidades, em particular as respeitantes à entrada no mundo do trabalho, mecanismo determinante para a sua autonomia económica, condição fundamental que permite ao jovem transitar para a etapa seguinte da sua existência.

Aparentemente, para a maioria dos jovens, o futuro ganha distância e torna os projetos de adultez¹ repetidamente adiados. Por isso, apesar das exceções resultantes da especificidade das condições de vida de certos grupos de jovens, o “tempo de juventude”

¹ Adultez é um neologismo frequentemente utilizado no discurso das ciências sociais para referir a condição de adulto, a idade adulta. É uma construção social que se refere habitualmente à etapa da vida quando o indivíduo atinge a estabilização e o equilíbrio pela plenitude da sua evolução biológica e psicossocial.

tende a prolongar-se. Em boa parte dos casos esse é um tempo de uma crescente procura de qualificação para preparar o futuro, mas outras estratégias e orientações de vida são possíveis. De qualquer modo, a dilatação da condição de jovem tende a generalizar-se nas sociedades desenvolvidas atuais.

É precisamente o cruzamento entre a pertença a uma categoria social marcada pelo adiamento da entrada na vida adulta, com a diversidade de condições e de experiências de diferentes segmentos dessa categoria, que nos levar a dizer com J. M. Pais (2003: 70) que se torna “... necessário que os jovens sejam estudados a partir de seus contextos vivenciais, quotidianos, porque é quotidianamente, [...] isto é, no curso das suas interações, que os jovens constroem formas sociais de consciência, de pensamento, de percepção e ação”.

O resultado do estudo é apresentado em três quadros de abordagem, cada um procurando elaborar as referências centrais para expressar sustentadamente os fundamentos que dão corpo e resposta aos problemas.

Uma primeira dimensão de abordagem centrou-se na delimitação teórica da noção de juventude, procurando enquadrar as teorias desenvolvidas desde os primeiros passos dados por autores preocupados com o exercício de compreensão e explicação desta categoria social, com as diferentes realidades dos diferentes momentos históricos das sociedades humanas.

A sociologia da juventude ganha dimensão e estrutura conceptual, com corpo teórico de dimensão significativa, na segunda metade do século XX. É esse corpo teórico que procuramos reunir neste capítulo como suporte teórico para a sustentação da pesquisa empírica. A revisão do “estado da arte” foi estruturada em torno do contributo de alguns dos autores mais representativos do debate sobre a juventude que permitiram dispormos hoje de uma sociologia da juventude – usando uma expressão que sugere um paradoxo – adulta, capaz de responder a qualquer projeto científico desta área da sociologia.

Ainda no âmbito do enquadramento teórico, são apresentadas referências conceptuais e teses explicativas produzidas por autores contemporâneos, que permitem situar a problemática dos modos de vida no contexto das transformações observadas no final do séc. XX, permitindo melhor compreender o contexto de vida dos jovens na atualidade.

Numa segunda dimensão, a partir de indicadores estatísticos institucionais existentes, produto dos censos e outros instrumentos regularmente produzidos por entidades públicas especializadas, procedemos à caracterização sucinta do espaço social da Madeira, de modo a contextualizar os modos de vida dos seus jovens.

A terceira dimensão reflete os resultados do trabalho de pesquisa empírica desenvolvido, apresentando-se as leituras realizadas na análise dos dados que permitiram fundamentar a construção de uma tipologia de modos de vida, na análise das trajetórias de vida e quadros de vida atuais dos jovens, a partir de indicadores observados em contextos de diferentes categorias de classe.

O facto de serem os jovens que agora estudamos os adultos das próximas décadas torna pertinente o estudo dos seus modos de vida, isto é, não apenas a caracterização das suas condições de existência, mas também os valores, as orientações, as preferências e os estilos de vida que evidenciam agora na construção do espaço social na Ilha da Madeira. De facto, isso poderá fornecer indícios sobre o que podemos esperar no futuro.

Considerando a revisão bibliográfica que integra o corpo teórico nos capítulos seguintes, partimos com a percepção de haver hoje uma tal dimensão de produção científica sobre os jovens e os seus modos de vida que este esforço científico poderá trazer pouco à sociologia da juventude. Todavia, a circunstância do objeto de estudo se enquadrar no contexto de uma região insular com particularidades específicas, mais o facto indiscutível de vivermos um período de grandes e aceleradas transformações das sociedades, tornam pertinente a procura de compreensão do modo como vivem os jovens hoje e aqui.

Cap. I. JUVENTUDE

Delimitar um determinado fenómeno social para sobre ele fazer incidir uma reflexão teórica e uma investigação empírica conducentes a uma melhor compreensão do mesmo, passa por identificar e delimitar o objeto em estudo. Sobre a juventude, são muitos os palcos usados e o tempo já percorrido pela pesquisa sociológica, do que vem resultando a existência de um substancial património conceptual e empírico.

Porém, sobre o “problema” da juventude, não sendo uma preocupação recente, só nas últimas décadas se observaram alguns resultados satisfatórios produzidos por um olhar multidimensional que abriu fronteiras ao intercâmbio de diferentes conhecimentos e ao respetivo alargamento.

Incidindo este estudo na juventude enquanto categoria social e nos jovens enquanto indivíduos numa dada fase da vida, integrando um eixo semântico de aparente unidade por um lado, e, um outro eixo semântico de diversidade, por outro lado,² importa delimitar um quadro de referências teóricas de suporte ao nosso estudo.

Na formulação do conceito de juventude a partir do sentido etimológico da palavra “juvenil” (aeoum), resulta o significado “aquele que está em plena força”. Sobre o conceito de adolescência, encontramos em “adulescens” o significado de ser “aquele que está em crescimento”.

Desde a Grécia antiga os jovens constituíam uma referência na organização da vida, mas o modelo então seguido pelos gregos era a figura do homem maduro (Ortega y Gasset 1987: 239-248).

J. J. Rousseau, a partir do século XVIII, adotou um novo olhar, com uma visão mais “sociológica” da juventude, colocando a preocupação do efeito coercivo da sociedade sobre um ser que ele considera ser bom por natureza. Rompe com a ideia dos gregos, afirmando que a criança não pode ser vista como um adulto em miniatura, defendendo uma construção social do jovem com o princípio de que cada fase da vida tem características próprias (Gomes 1995).

² M. Pais (2003: 41-46) situa de forma objetiva a problemática da juventude: da sua aparente unidade à sua diversidade. Mais à frente retomamos esta problemática.

No fim do século XIX, com a consolidação da burguesia e do seu espaço de poder, produto de sociedades capitalistas e industrializadas, o termo adolescência ganha importância pela intenção de demarcar o início da segunda infância, definida como a idade para além dos 13 anos (Braconnier e Marcelli, 2000). Estas sociedades valorizavam uma juventude que ambiciona a maturidade precoce, motivada pelo desempenho de papéis cometidos ao mundo dos adultos, chegando a envergonhar-se de sua condição juvenil.

É já no séc. XX que emerge o primeiro autor, G. Stanley Hall, com a obra “Adolescence”, editada em 1904 (Sprinthall e Collins, 2003: 15), a abordar sistematicamente este tema como uma fase de importância singular no desenvolvimento humano.

Sendo hoje indiscutível uma atenção crescente dos cientistas sociais, a partir do último terço do séc. XX, nos estudos acerca dos jovens, o início sistemático dessa preocupação teve lugar ainda na primeira metade do séc. XX, em particular com o trabalho de Karl Mannheim, no qual esta categoria passa a ser identificada também como objeto de pesquisa. Segundo Pais (1993: 37-40), esse olhar sociológico sobre a juventude iniciou-se quando começou uma percepção do prolongamento dessa fase da vida, trazendo consigo diversas problemáticas sociais ligadas à questão profissional, escolar, cultural, entre outras.

Karl Mannheim, considerado o pioneiro da Sociologia da Juventude, desenvolve no seu primeiro trabalho, escrito em 1928, o conceito de gerações, destacando que a posição comum daqueles nascidos num mesmo tempo cronológico não está dada pela possibilidade de presenciarem os mesmos acontecimentos ou vivenciarem experiências semelhantes, mas, sobretudo, de processarem esses acontecimentos ou experiências de forma semelhante.³

Outro importante debate observou-se à volta da distinção entre os conceitos de adolescência e juventude.⁴ Alguns autores referem-se a estas designações como correspondentes à mesma fase etária, mas vistas de campos diferentes. A adolescência seria uma categoria própria da psicologia e a juventude um objeto da sociologia. Os conceitos de adolescência e juventude incorporam diferentes indicadores que não deixam

³ Karl Mannheim (1993)

⁴ E. Erickson (1968), Piaget (1976), Matteson (1972), O. Ianni, 1968, entre outros.

claro e de modo definitivo quais são as características de mudança que se produzem no sujeito, porque as mudanças podem ser fisiológicas e de comportamento social. As mudanças fisiológicas são mais padronizadas, diferentes das mudanças de comportamento social, ou de representações sociais, ou ainda de sistemas classificatórios e normativos que resultam de processos que estão relacionadas com o contexto sociocultural dos indivíduos.

O debate foi construindo referências teóricas e consolidando a ideia de que as gerações vivenciam experiências coletivas num mesmo contexto histórico, social, político e cultural, que marcam especificidades próprias. São exatamente estas especificidades que determinam o desenvolvimento do conceito de juventude.

Observando algumas referências mais contemporâneas deixadas por autores de áreas diversas das ciências sociais empenhados em contribuir para um corpo teórico sobre a juventude, constatam-se características que alguns deles direcionam para a adolescência ou para a juventude.

Em 1968, E. Erickson⁵ definiu a adolescência como um “(...) modo de vida entre a infância e a vida adulta” (1972: 128). Numa visão psicológica, aquele autor considera que a adolescência se caracteriza como um processo natural da vida do indivíduo, sem considerar as influências dos aspectos sociais em que este se encontra inserido. Neste contexto, a ideia de ser a juventude uma conjugação de atitudes e comportamentos resultante do desenvolvimento da natureza humana, é reduzi-la a uma dimensão vazia de valores, emoções e expressões identitárias, características dos contextos sociais e culturais que os jovens (em relação com as crianças e os adultos) constroem, em que se inserem e em que interagem.

Na teoria de Jean Piaget encontramos as primeiras referências caracterizando a juventude como resultado de profundas mudanças qualitativas no pensamento dos indivíduos em transição da infância para a condição de adultos, consequência do processo do desenvolvimento cognitivo ou intelectual, sublinhando as transformações afetivas e sociais, produto dos processos de interação. Segundo Piaget (1976), a influência do meio social no jovem⁶ afeta o seu comportamento, dependendo da sua maturidade o modo como assimilará a informação. Piaget refere, ainda, que o jovem, ao

⁵ “Identity, Youth and Crisis”, Norton, New York.

⁶ Piaget deixa claro uma negação à visão redutora de Erikson.

realizar o processo de desenvolvimento cognitivo, ou seja, o pensamento, considera não só o que é o facto em si, mas também, animado por perspectivas idealistas, o que deveria ser de acordo com uma cultura ideal.

Das referências históricas formuladas num *flash* sobre os aspetos mais paradigmáticos do desenvolvimento do debate conceptual sobre a juventude, resulta a importância de ter presentes duas dimensões que esta categoria social integra: se por um lado se considera a energia transformadora dos jovens, permitindo identificar aspetos específicos da vida destes agentes sociais, importantes enquanto protagonistas de mudança em trânsito para a vida adulta, por outro lado o jovem é, antes de mais, um indivíduo em si mesmo, que vive um presente, uma vida real, com preocupações e estratégias reais num período da sua vida que não se reduzindo a um tempo de passagem, constitui um momento determinante onde ocorrem vivências que gravam fundo marcas inapagáveis na “tábua” de memórias que consolidam a sua personalidade.⁷ Cada indivíduo vive experiências influenciadas pelo meio social onde interage mas com sensibilidades singulares que marcam o modo como vive a sua própria vida.

Ser jovem tem sido considerado, até hoje, o usufruto de um *status* incompleto, caracterizado por um período de formação compreendido entre a puberdade, a adolescência e o exercício dos papéis reservados aos adultos.

Efetivamente, há muito ainda a aprender a respeito dos jovens e com eles próprios, para certamente não se chegar de modo conclusivo a uma definição fechada de juventude. Na verdade, estamos diante de um fenómeno inteiramente aberto, em interação construtiva e destrutiva constante com o universo sociocultural, numa permanente relação de construção-desconstrução, continuidade-rutura e muitos outros paradoxos próprios dessa fase da existência que, para os adultos, segue e seguirá sempre sendo uma realidade ao mesmo tempo estranha e familiar.

É neste contexto que Machado Pais considera que “a juventude é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias económicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo” (1993: 29). Desse modo, naturalmente resulta o entendimento de que a noção de infância, juventude e vida adulta têm dimensão histórico-social, e variam em função dos diferentes grupos humanos; daí ser fundamental na análise das relações entre as gerações

⁷ H. S. Gonçalves, et al. (2008)

ter em consideração as dimensões do espaço/tempo e do contexto social. Juventude, enquanto categoria social no contexto social contemporâneo, é uma fase de preparação para a construção dos papéis da vida adulta. De acordo com Casal (1988), tomar a juventude como transição permite incorporar ao discurso da juventude os conceitos de processo, transformação, temporalidade e historicidade. Assim se afirma a evidência da realidade juvenil ser determinada por processos de transição desiguais, sendo que as diferentes trajetórias determinam as diversas formas de ser jovem e de projetar o futuro. Em síntese, a juventude considerada como *fase da vida* representa uma dimensão unitária. Quando é referenciada no contexto da *condição de jovens* estamos no domínio das diferenças que os separam, nomeadamente no domínio das classes sociais.

1. Juventude(s) e jovens no séc. XXI

Os jovens, enquanto agentes sociais e tal como os demais, refletem sobre a sua condição e sobre a identidade incorporada pelos mecanismos da socialização, pelo que revêm e redefinem constantemente os recursos (materiais e imateriais) que lhes foram proporcionados no curso das suas vidas, enquanto procuram responder aos desafios colocados pela sociedade que sistematicamente os coloca em “encruzilhadas” e os remete, ou não,⁸ para “Labirintos de vida e trajetórias ioiô” (Pais, 2001).

A noção de “trajetórias ioiô”, proposta por Pais (2001), é particularmente útil para pensar a realidade com que se defrontam os jovens na sociedade deste início de séc. XXI e o modo como agem face aos condicionamentos que se lhes deparam. Diz o autor que “nos labirintos da vida alguns jovens acham-se depois de se perderem” (2001: 57). E, acrescenta, “perante estruturas sociais cada vez mais fluidas e modeladas em função dos indivíduos e seus desejos, os jovens sentem a sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, reversibilidades, movimentos autênticos de vaivém” (2001: 58), os quais a metáfora do ioiô pretende traduzir.

⁸ Importa ter presente Bourdieu (1997) quando diz que as disposições se ajustam, e frequentemente captam os sinais que lhes permitem antecipar, as condições presentes e futuras.

A fluidez presente nos constantes movimentos de idas e vindas (do emprego, da casa dos pais, dos relacionamentos amorosos) permite-nos pensar em produtos das inconsistências que marcam a vida desses jovens. A intermitência ou, como refere Machado Pais (2001: 59), reproduzindo Baudelaire, *o culto da sensação multiplicada*, sugere naturalmente reflexos nos seus julgamentos sobre o que é certo e errado, lícito e ilícito, bem e mal, ético e não-ético, marcando uma linha ténue entre esses polos. Daí se observarem nas dinâmicas das sociabilidades juvenis manifestações de intolerância, de inconformismo expresso por insubordinação e irreverência, de agressividade, mesmo de vandalismo, delinquência e outras formas consideradas de desvio social. Mas também atitudes positivas de empenhamento, ou conformistas e conservadoras no respeito pelas normas, sejam sobre a forma de adesão, participação ou preparação da sucessão.

Esta circunstância leva Machado Pais (2001: 12) a referir que “Os jovens elaboram guiões múltiplos de futuro mas, muitas vezes, o futuro não se deixa guiar por nenhum deles.” A esta realidade designa de “futuro desfuturizado”.

Em consequência de novos critérios socioculturais os jovens desenvolvem novas necessidades, reflexo dos estímulos suscitados na vida social e que precisam ser atendidas, não para suprir lacunas, mas para complementar espaços e tempos necessários ao estágio que lhes permite desenhar a vida adulta.

A “não-linearidade” das transições da juventude para a vida adulta (Pais, 2001) revela que já não se dá uma relação direta de causa/efeito entre uma ação e um resultado, e os modelos padronizados das transições converteram-se em trajetórias aleatórias, porque mais complexas, mais fluidas e mais indeterminadas, que vão configurando projetos de vida diferenciados entre os jovens e a sua passagem à vida adulta. É deste modo que o conceito de transição, quando situado no âmbito da passagem da juventude para a idade adulta, enfatiza a aquisição de capacidades, deveres e direitos associados à idade adulta. O desenvolvimento de capacidade e competências e a individualização são vistos como processos sustentados na aprendizagem e na integração de determinadas normas culturais (socialização) como requisitos prévios para aceder à condição de cidadão “pleno”, com todas as suas consequências.

O cruzamento da vida social cada vez mais complexa e diversificada, com a dimensão singular da individualização, está na base da diversificação de percursos até à maturidade. Rompendo com a linearidade da transição, para a maioria, surgem itinerários

diversificados que variam em função dos recursos e estatutos próprios de cada um (López Blasco, 2002).

Apesar da consideração da diversidade, existe um consenso de que a juventude é construída histórica e culturalmente, podendo-se arriscar dizer que ser jovem, na sociedade contemporânea, é vivenciar uma experiência singular. Se a história não se repete e os processos culturais são dinâmicos, também a experiência da juventude conseqüentemente não pode ser a mesma no curso dos tempos e por isso exige atenção e cuidados especiais no exercício reflexivo e na identificação de novas identidades e novos mecanismos de construção das identidades.

Os novos condicionamentos que marcam o processo de transição para a vida adulta determinam que os adultos de hoje, saídos da juventude do final do séc. XX, detenham um capital de experiências que iniciaram e construíram na sua juventude, refletindo uma importância substancial daquele período onde estruturaram a sua adultez.

Nas atuais sociedades os jovens ganham um significado especial ao serem considerados uma categoria com uma “função social” determinante, enquanto principais agentes responsáveis pela revitalização da vida social (Weller, 2007). Isto é, a juventude, nessa perspectiva, é vista como uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para simbolizar uma série de comportamentos e atitudes com implicações futuras a eles atribuídos.

Enquanto indivíduos em formação vivem no turbilhão da mudança, estando mais abertos e disponíveis para assumir riscos, considerando alguns autores que os jovens possuem, potencialmente, uma “força” especial (Ianni, 1968). A importância desta força transformadora é que ela pode e costuma ser posta à prova nos processos mais amplos de mudança social (Weller, 2007).

Para fundamentar a razão dos jovens procurarem adaptar-se às circunstâncias que fazem mudar os cursos das suas vidas, Machado Pais (2005: 21-22) recorre à obra clássica de William Thomas e Florian Znaniecki, “The Polish Peasant in Europe and America”, referindo que provavelmente os trabalhos futuros entrelaçarão, cada vez mais, as marcas das duas éticas de vida conceptualizadas naquela obra clássica da sociologia, numa tendência à diluição das fronteiras entre as duas éticas de vida: a ética tradicional do trabalho – cuja marca principal é o desejo de segurança (*desire for security*) e pelo desejo de correspondência (*desire for response*); e a ética de aventura – marcada pelo

desejo de novas experiências (*desire for new experience*) e de reconhecimento (*desire for recognition*).

Perante diversas concepções da juventude, é comum observarmos na atualidade diferentes aspetos e olhares. Porém, o entendimento mais generalizado é o de que ser jovem contempla desde a questão da idade,⁹ ao sentimento de pertença a esta fase da vida com marcas identitárias particulares. Este sentimento de pertença envolve elementos simbólicos, como, por exemplo, os consumos culturais e o cuidado com a imagem corporal.¹⁰

Considerando a sociedade de massas onde as culturas juvenis constroem as suas diversas expressões, o mercado de consumo e os meios de comunicação social são dois fatores determinantes na formação da identidade juvenil. Nessa perspetiva, a juventude é, simultaneamente, consumidor e produto. Consumidor, pelo desenvolvimento de um mercado criado à sua imagem tornando-a público-alvo; produto, porque a sua imagem ganhou valor no mercado simbólico. Inserir-se no mercado de consumo, apropriar-se das mensagens da comunicação, pode ser um fator positivo de afirmação e consolidação, ou converte-se num processo de alienação e desenraizamento dos jovens em relação ao contexto social mais amplo.

Outra preocupação hoje recorrente sobre as características e os mecanismos que moldam a identidade desta categoria social, refere-se à necessidade de substituir o termo juventude por juventudes, adequando a expressão utilizada no plural para enfatizar a

⁹ Uma significativa parte dos conceitos de juventude tem preocupação mais voltada para a delimitação do fenómeno, do que para explicitação das dinâmicas que ocorrem nos limites estabelecidos. Exemplo ilustrativo dessa tendência é o critério das Nações Unidas, que define juventude pela idade do indivíduo. De acordo com esse critério cronológico, jovem é a pessoa que integra a faixa etária compreendida entre 15 e 24 anos. Tal definição, útil do ponto de vista demográfico, é complicada, por exemplo, do ponto de vista jurídico, pois compreende pessoas que estão na menoridade e na maioridade, portanto detentoras de *status* legal inteiramente distintos. A definição clássica de juventude como trânsito entre a infância e a idade adulta, por sua vez, parece preocupar-se mais com o que a juventude não é (infância e idade adulta) do que com aquilo que ela realmente é. Note-se porém o perigo da abordagem essencialista num domínio em que o que se é e o que não se é constituem faces de um sistema relacional.

¹⁰ Machado Pais (1993: 37) referencia a abundante literatura científica surgida a partir do início da década de 70 sobre as condições sociais que tornaram possível a construção social da juventude como fase da vida.

diversidade de formas de ser jovem que podem ser analisadas, tendo em conta os diversos fatores intervenientes nesta classificação.

O fenómeno da individualização determina ser o sujeito jovem quem tem que construir a sua própria biografia, tendo presente os contextos instáveis em que se movimenta. Isto não significa, antes pelo contrário, que já não importam os condicionamentos e a origem social. Daí a relevância de incorporar na análise a noção de capital e de espécies de capitais, entendido aquele como uma relação social que define a apropriação diferencial e diferenciada pelos sujeitos do produto socialmente produzido.¹¹

Kimmel e Weiner (1998) referem que o sentimento de identidade pessoal é reflexo dos compromissos que os indivíduos mais valorizam e com os quais mais se preocupam. Resumem os compromissos com que as pessoas estão implicadas em quatro contextos: o dos condicionamentos de classe e de posição social; as atitudes ideológicas (valores e crenças que guiam as ações); as atitudes ocupacionais (objetivos educativos e profissionais); e as atitudes interpessoais (orientação de género que influencia as amizades e relacionamentos amorosos).

Ainda sobre identidade, Matteson (1972), refere que, na adolescência, não ocorre apenas uma única crise de identidade. Os jovens vão-se confrontando com diversas alternativas, no princípio da adolescência mais voltadas para as mudanças corporais e, no final, mais voltadas para as ideologias. Em cada época em que se avalie o estado de identidade, constata-se mudanças no mesmo indivíduo que está em desenvolvimento.

Matteson (1972) alerta para o efeito de três fatores no processo de formação da identidade: a época em que ocorre a exploração e o comprometimento, o tipo de alternativas que foram exploradas e o grau de comprometimento do indivíduo. Bosma (1992), por sua vez, afirma ser necessária uma avaliação separada da exploração e do comprometimento para melhor perceber a dinâmica evolutiva da formação da identidade.

Para Bosma (1994: 292), a adolescência é o período de desenvolvimento da identidade pelas mudanças que ela comporta. Só com um funcionamento cognitivo

¹¹ Bourdieu (2010) distingue outras espécies de capital, além do capital económico, que, como este, supõem apropriação diferencial: o capital cultural (com subespécies, como o capital linguístico), o capital escolar (capital cultural objetivado em forma de títulos escolares), o capital social (relações sociais mobilizáveis para a obtenção de recursos), o capital simbólico (prestígio).

adulto é que o indivíduo consolida o domínio de questões abstratas como escolha profissional, filosofia de vida, relacionamentos amorosos e consolidação de um estilo de vida. Como manifestação do processo de maturação social “o adolescente torna-se progressivamente consciente da irreversibilidade de um bom número de escolhas com as quais ele é confrontado”.

Pierre Bourdieu, de uma forma sintética, dando nota da complexidade que o exercício de delimitar o conceito de juventude integra, refere: "A juventude é apenas uma palavra".¹² Ao afirmar tratar-se apenas de uma palavra, queria acentuar a propriedade relacional de tal conceito, quando complementa que "somos sempre o jovem ou velho de alguém", e assim também, reforça a ideia de juventude como resultado da “construção social” de uma realidade.

Na distinção entre jovem e adulto, na síntese da sua proposta, Bourdieu refere que o facto de ser um jovem ou ser um velho é fruto de uma seleção manipulável e variável, sustentada em dois principais fatores:

1º) Num contexto biológico, a dimensão cronológica prevalece: “Somos sempre o jovem ou o velho de alguém”. Dependendo da categoria etária em que se encontra a outra pessoa da relação comparativa, a categorização de ser um jovem ou ser um velho pode ser atribuída a uma mesma pessoa. Significa que podemos ser um jovem quando se compara a relação com outra pessoa de maior idade; podemos ser um velho quando a comparação se dá com outra pessoa de menor idade.

2º) Num contexto social, “Juventude e velhice não são dados, mas construídos socialmente”. Este segundo fator afirma a complexa relação existente entre as idades, social e biológica. O fator idade-biológica é socialmente manipulado. É o sistema social que constrói a posição, o estatuto e a própria designação de uma determinada idade biológica como categoria socialmente construída e identificável. Evidência desta natureza socialmente construída da “juventude” é o facto de ela nem sempre ter existido e de ter passado a existir de forma assíncrona e diferenciada para as diferentes classes sociais.

Como as divisões entre as idades da vida são arbitrárias, e como todos os mundos sociais e culturais são difíceis de agrupar numa única categoria de jovens, a

¹² Bourdieu (1983: 143-154)

juventude, podendo referenciar um período cronológico médio de vida, para facilitar o discurso, genericamente destaca-se por ser um período da vida do indivíduo onde ocorrem as grandes transformações pessoais que o transportam da infância à adultez. Acresce ainda um dado pacífico, de que qualquer que seja a faixa etária considerada, jovens com idades iguais podem viver juventudes desiguais.

Tais transformações, que ocorrem entre a infância e a adultez, observam-se pela vivência do processo de transição onde os jovens, de forma mais ou menos consciente, e dão importância às questões do presente como tarefa visando um desenvolvimento satisfatório da qualidade de vida no futuro. Bourdieu (1983: 119) evidencia a importância dada às questões do presente com o objetivo de se construir o futuro, referindo que “os jovens definem-se como tendo futuro, como definindo o futuro”.

A importância dada pelos jovens às questões do presente reflete-se na imagem do jovem na sociedade, projetando uma forte percepção de mudança, mas num quadro de inconstância, de insegurança e de descompromisso, refletindo a representação de uma categoria fragilizada e vulnerável. Ao mesmo tempo, e por outro lado, perante os novos desafios, os jovens representam, também, uma categoria atenta e desafiadora na busca de novas referências sociais, morais e afetivas, capazes de reestruturar a sua identidade enquanto categoria social.¹³ Mas esses mesmos jovens de quem se espera que venham a ser o futuro e que se vêem a si próprios como transportadores do futuro, por vezes orientam-se para o presente, numa atitude hedonística de procura da felicidade e da gratificação pessoal imediata.

Hoje, mais do que nunca, continua atual a preocupação de Bourdieu, ao colocar o problema de situações de existência de manipulação social no estudo e investigação da categoria jovem vinculada à priorização de uma “unidade social” definida, “um grupo constituído, dotado de interesses comuns” (1983: 113). De acordo com o autor, é imperativo considerar os jovens na sua diversidade, logo, não suscetíveis de colagem a um mesmo padrão de caracterização social, importando delimitar com rigor os diversos fatores que diferenciam os jovens, tendo em conta os diferentes capitais que os colocam em diferentes condições. Considerando, por exemplo, a diversidade de condições, modos

¹³ Hall (2002) refere que a identidade se forma sobretudo através de um processo histórico, e não biológico, “o sujeito assume identidades diferentes, em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente” (2002: 13).

e estilos de vida, torna-se difícil definir a juventude como uma categoria homogénea a partir da sua aparente unidade.¹⁴ Devemos, portanto, enfatizar a heterogeneidade da juventude e a ideia de que é um caminho para processos que constroem o acesso ao estatuto de adulto, hoje mais individualizado, fragmentado e, finalmente, mais incerto em face da interferência de diferentes culturas institucionais e dos modos como funcionam.

Questão reiterada por M. Pais quando chama a atenção para o facto de os jovens serem considerados como fazendo parte de uma cultura juvenil unitária nas representações correntes da juventude, colocando-se à sociologia da juventude a necessidade de “explorar não apenas as possíveis ou relativas similaridades entre jovens ou grupos de jovens (em termos de situações, expectativas, aspirações, consumos culturais, por exemplo) mas também – e principalmente – as diferenças sociais que entre eles existem” (1993: 29).¹⁵

A sociologia da juventude, tendo caminhado entre duas tendências – uma considerando a juventude um conjunto social integrado por indivíduos pertencentes a uma fase da vida e por isso possuidores de características uniformes e homogéneas, que M. Pais designa de *corrente geracional*, e outra, considerando ser a juventude um conjunto social diversificado constituído por jovens em diferentes situações sociais que M. Pais designa de *corrente classista* (Pais, 1993) - atingiu hoje alguma maturidade. De todo o modo, apesar do caminho percorrido, é clara a dificuldade em estabelecer um conceito único de juventude que consiga integrar os diferentes campos semânticos associados à vida dos jovens. Dificuldade que advém fundamentalmente da visão contrastada entre as teorias geracionais e as teorias classistas.

Precisando: *a corrente geracional* tem procedência na noção de juventude entendida como fase da vida, conferindo um sentido unitário à noção de juventude. Especifica uma geração social definida pela referência etária, que se forma socialmente,

¹⁴ Está hoje claro que a juventude não constitui uma categoria homogénea. Ainda assim parece-me adequada a recomendação de M. Pais (1993: 42) quando propõe que a juventude seja “olhada em torno de dois eixos semânticos: como aparente unidade (quando referida a uma fase de vida) e como diversidade (quando estão em jogo diferentes atributos sociais que fazem distinguir os jovens uns dos outros)”. Ainda assim exige “...um radical ascetismo de vigilância epistemológica que nos obriga a partir do pressuposto metodológico de que, em certo sentido, a juventude não é, com efeito, socialmente homogénea.”

¹⁵ Ver, a este propósito A. Sedas Nunes (1968).

colocando-se como principal questão a continuidade/descontinuidade dos valores intergeracionais a partir do quadro teórico das teorias da socialização desenvolvidas pelos autores funcionalistas¹⁶ e da teoria das gerações.¹⁷ Neste contexto, as relações intergeracionais são relevantes na problemática da reprodução social; na *corrente classista* a reprodução social é entendida com base nas classes sociais. As culturas juvenis são sempre culturas de classe, produto de relações antagônicas de classe, como culturas de resistência à cultura dominante. A categoria juventude é dominada por relações de classe e a transição da condição de jovem para a condição de adulto está sempre condicionada por desigualdades sociais determinadas pela origem de classe. Culturas juvenis diversas porque são função de diferentes pertencas de classe, entendendo os seus rituais como resistência ao consenso dominante, à ideologia dominante, às classes dominantes, ao poder dominante.¹⁸

Considera Machado Pais que os processos sociais que afetam os jovens não podem ser compreendidos somente como resultantes de posicionamentos de classe. As trajetórias sociais também se moldam em função da participação em diferentes sistemas de interação local. Explicar a juventude exige mais do que limitar o campo de observação a partir da geração enquanto categoria social e da classe social, importando não nos reduzirmos à condição de reféns de uma única teoria de modo a podermos dar conta dos “paradoxos da juventude” pela articulação das duas perspectivas. Desse modo Machado Pais propõe libertar-se “de ter de encaixar factos empíricos em teorias pré-estabelecidas” (1993: 52). Daí o centramento do seu olhar sobre o quotidiano dos jovens. As pesquisas sobre os jovens, para serem bem desenhadas, diz Machado Pais:

...torna-se necessário que os jovens sejam estudados a partir de seus contextos vivenciais, quotidianos - porque é quotidianamente, isto é, no curso das suas interações, que os jovens constroem formas sociais de compreensão e

¹⁶ As teorias funcionalistas construídas a partir dos trabalhos de Parsons, Eisenstadt e Coleman, consideram que os conflitos ou descontinuidades intergeracionais são, em regra, disfunções nos processos de socialização referentes à juventude quando encarada no sentido de fase de vida (Pais, 1993).

¹⁷ A partir dos trabalhos de K. Mannheim, defensores desta teoria consideram que se não existissem descontinuidades intergeracionais, a teoria das gerações não teria substância (Pais, 1993).

¹⁸ Daí a pertinência de muitas das pesquisas (e interpretações) sobre jovens *punks*, *hip hop*, estilos de moda e linguagem juvenis, entre outras.

entendimento que se articulam com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e ação. (2003: p. 56).

2. Contextos em mudança

É hoje uma constatação geralmente aceite que as dinâmicas de transformação económica, tecnológica e social das sociedades do final do século XX determinaram novas condições sociais de vida refletidas em aspetos diversos, implicando a reorganização dos sistemas produtivos, criando novas condições materiais, sociais, culturais e políticas, de estruturação das sociedades (Giddens, 1998a). Olhemos alguns dos aspetos mais relevantes do ponto de vista da nossa pesquisa.

2.1. Crise/reconfiguração do mundo do trabalho – impacto nos jovens

Num período de desenvolvimento civilizacional a atravessar complexas e extensas transformações, algumas das mais visíveis são as que ocorrem no mundo do trabalho. O tema da juventude ganha maior centralidade em muitos olhares das diversas áreas das ciências sociais, em parte pela razão desta categoria social constituir a antecâmara de entrada no mundo do trabalho. Em geral, podemos dizer que as mudanças se refletem nos jovens através de sentimentos de insegurança, instabilidade e imprevisão.

Considerando o contributo de J. Rifkin (1995), este autor refere que estamos hoje confrontados com a expressão de um mundo em que há cada vez menos oportunidades de trabalho,¹⁹ um período que designou de “terceira revolução industrial”. Expressão justificada pelo resultado do surgimento e desenvolvimento massivo de novas tecnologias, como o processamento de dados, a robótica, as telecomunicações que, crescentemente, no evoluir desde a segunda metade do séc. XX, vêm substituindo por

¹⁹ Naturalmente é polémica esta afirmação de Rifkin, em particular num período em que o emprego estava em crescimento na Europa e em Portugal e se observava a queda do índice de desemprego, apesar da elevada taxa de emprego feminino. As razões destas afirmações resultarão das consequências estimadas para o mundo do trabalho determinadas pelo desenvolvimento tecnológico crescente e que hoje estarão a ser refletidas. Importa admitir no entanto que apesar da razoabilidade dos argumentos, a enorme complexidade de fatores que condicionam o tratamento do tema, obriga-nos a manter uma abertura heurística.

máquinas as atividades anteriormente realizadas por seres humanos.²⁰ Este processo não é novo, como não o é a consideração, provavelmente equivocada, de que a evolução das tecnologias e a introdução de máquinas retira trabalho às pessoas. Ora, na realidade, as coisas poderão não ser bem assim. As tecnologias ligam-se a reestruturações da atividade económica e do emprego que fazem desaparecer certos postos de trabalho, mas que criam outros onde aos trabalhadores são requeridas novas capacidades e competências, o que vem determinando, quando olhamos o fenómeno numa perspetiva histórica, o alargamento da escolaridade mínima e a procura de melhores e mais atualizadas qualificações.

Quando se diz que a juventude, no processo de construção do projeto da adultez, é fortemente afetada pelos impactos de mudanças, hoje perceptíveis nas dinâmicas sociais, em particular aquelas que vêm ocorrendo no mundo do trabalho, neste caso a justificação está no facto de ser a centralidade do trabalho, enquanto motor da vida societária, eixo da integração social, sentido para a vida pessoal, espaço privilegiado para a participação do cidadão no progresso material, a característica fundamental da modernidade que nos trouxe ao séc. XXI. O mundo do trabalho tem estabelecido uma das primeiras fronteiras de passagem dos jovens para a vida adulta, conformando os sujeitos na organização do tempo e do esforço. Articulado com outros aspetos da vida, o trabalho amplia a racionalidade da burocracia e da produção, tendo-se afirmado no mundo moderno como centro do progresso, do contrato social e da relação entre as contribuições e recompensas (Rifkin, 1995).

Cresce a tensão entre a centralidade simbólica do trabalho e uma realidade laboral que crescentemente se vai tornando flexível, descontínua e incerta após o seu crescimento exponencial no último quartel do séc. XX, a alimentar a esperança numa renovação da vida, pública e privada (Sennett, 2004). De acordo com Zygmunt Bauman (2003) o trabalho começa a ser posto em causa enquanto referência para fornecer um uso seguro na configuração de definições de si, identidades e projetos de vida. Porém, quando se perde a relação com ele ou quando as condições em que é prestado se

²⁰ Aurel David (1970: 42), em “A cibernética e o homem”, dava-nos já conta dos reflexos do acelerado desenvolvimento tecnológico no futuro do mundo do trabalho: “todo o trabalho submetido a um fim dado de fora não é nem intelectual nem especificamente humano: cedo ou tarde poderá ser confiado a uma máquina”.

degradam, percebe-se que, afinal, a sua importância é decisiva e repercute em todos os domínios da vida pessoal e social.

O desenvolvimento tecnológico e as exigências de produtividade alteram as rotinas produtivas, a divisão entre trabalho manual e intelectual, as formas de gerir e organizar os processos de produção e a relação entre a oferta e a procura de trabalho. Em consequência da globalização e do refinamento dos mecanismos de informação, a gestão e a organização das unidades produtivas, mudam radicalmente e tornam mais incerto o *status* do trabalho (Bauman, 2003).

A marca social construída no trabalho é consequência de um processo histórico moldado pelo próprio capitalismo. Entretanto, o capitalismo, ao estar confrontado com os conflitos que as sociedades hoje colocam, procura em si mesmo soluções de apropriação e sedimentação para o próprio capital, não importando as consequências noutros setores, nomeadamente no setor social, onde parece não haver meios de produzir soluções, pois as suas expressões estão sustentadas no próprio modelo de desenvolvimento económico em curso centrado no capitalismo (Bauman, 2003).

Curiosa a interpretação de Richard Sennett (2004), atribuindo ao capitalismo moderno a designação de “capitalismo flexível”, a exigir dos trabalhadores uma nova competência – a agilidade - para se ajustarem ao cumprimento dos compromissos a que estão obrigados pelas novas estratégias das organizações económicas. Aquele autor reconhece que perante este novo modelo capitalista as pessoas ganham maior autonomia para desenhar os seus projetos de vida, mas constata estarem hoje fortemente marcadas pela incerteza do futuro do mercado, remetendo-as para situações de vida onde a ansiedade e a incerteza lhes condiciona o modo de viver.

A precariedade do emprego deixou de ser uma questão superficial, reflexo dos habituais ciclos económicos. É hoje uma questão de fundo duradora e enraizada nas novas dinâmicas económicas geradas pelo desenvolvimento tecnológico. Não é sensato continuarmos a olhar o fenómeno como se se tratasse de um desequilíbrio momentâneo, mas sim colocar a necessidade de um novo equilíbrio a exigir novas estratégias, novas políticas que respondam ao imperativo da segurança social, atenuando os conflitos resultantes da não atualização dos mecanismos de redistribuição dos recursos (Castel, 1995).

No meio de todas estas mudanças é possível apontar dois reflexos imediatos: de um lado ocorre a ampliação do leque das desigualdades sociais e, do outro, começam a

ocorrer dificuldades e até inacessibilidade aos serviços essenciais no campo da educação, da saúde, da segurança, da habitação, do lazer e da cultura, entre outros. Estes dois reflexos incidem e têm impacto imediato no fosso que separa os ricos dos pobres, com impacto negativo nas populações pobres, expressão do extremo mais negativo da desigualdade social, e também nas populações jovens confrontadas com o crescimento da precariedade²¹ que vem caracterizando as relações laborais nas atuais sociedades.

Destacando o contributo recente de Göran Therborn, em *Inequalities of the World* (2006) como elaboração teórica de relevo conceptual e analítico, António Firmino da Costa (2012: 10-13) desenvolve uma análise situando o conceito de *pluralidade de desigualdades* formulado por aquele autor, caracterizadora da configuração societal contemporânea, onde as desigualdades sociais se observam com forte presença e de modo transversal, manifestando-se em domínios diversos, com conexões a diversos aspetos da vida social de onde emergem uma pluralidade de causas, a provocarem uma ainda maior diversidade de impactos com grande relevância social. Essa pluralidade caracteriza-se por três dimensões de desigualdade: “*desigualdades vitais*” referentes às desigualdades perante a vida, a morte e a saúde; “*desigualdade existenciais*” que marcam o reconhecimento desigual dos indivíduos enquanto pessoas nas dimensões da liberdade, direitos, reconhecimento e respeito; “*desigualdades de recursos*” que se referem ao rendimento, riqueza, escolaridade, qualificação profissional, competências cognitivas e culturais, posição hierárquica nas organizações e acesso a redes sociais.

O sistema capitalista tem operado historicamente com base na expansão do trabalho assalariado numa relação ambivalente: o trabalho não foi apenas a prestação a partir da qual poderia obter-se um meio de vida, mas também o garante para manter um padrão de consumo e uma legítima satisfação material.

Hoje, o trabalho, paradoxalmente mantendo a sua centralidade como um mecanismo de socialização, perante as transformações que o desenvolvimento tecnológico vem determinando, coloca a permanente necessidade de novos olhares analíticos que nos permitam compreender melhor o seu significado enquanto instrumento social central de conformidade da vida social.

²¹ Diz Zygmunt Bauman (2003) que numa vida guiada pelo preceito da flexibilidade, as estratégias e planos de vida só podem ser de curto prazo.

A transformação do mundo do trabalho determina distintos fenômenos que produzem e reforçam as desigualdades intragrupo ditadas pela estratificação profissional. Primeiro, porque ao tornar-se escasso, confirmando-se a tendência hoje sentida, generaliza a exclusão do mercado de trabalho e desarticula assim a primeira e mais importante fórmula de fortalecimento grupal: a condição de assalariado.²² Segundo, porque a relação salarial se desentende da sua função de garante de satisfação intrínseca e extrínseca (preenchimento de necessidades básicas e proteção contra riscos vários). Terceiro, porque o trabalho se realiza cada vez mais em condições de insegurança e incerteza, quer pelo maior risco de perdê-lo sem alternativa, quer porque inclusivamente os custos financeiros e de todo o tipo que é preciso suportar para exercê-lo, aumentam de forma vertiginosa (J. Rifkin, 1995).

Tudo isto tem duas consequências mais específicas sobre novos processos de discriminação e desigualdade. Por um lado, a mobilidade do valor de classe, a desagregação das referências e a instauração de um universo de trabalho que já não propicia o encontro mas o contrário, conforma por vezes uma percepção atomística do mundo por parte dos próprios trabalhadores. Tal realidade tem vindo a suscitar o reequacionamento do pensamento sobre a produtividade colocando novas abordagens a comprometer os profissionais com uma cultura de empresa onde se constroem novas referências de identidade, frequentemente substituindo outras que entretanto poderão ter perdido força (como a comunidade de residência) (R. Sainsaulieu, 2001), ou se cruzam com elas. Por outro lado, a perda da associação, pela maior desigualdade observada nas nossas sociedades que hoje constitui uma variável imediatamente vinculada pela investigação empírica.

Os dois processos acabados de referir, também provocam uma crise nas próprias morfologias grupais, mudanças substanciais nas categorias e nas formas de interação social.

A nova forma de incidência do tempo, gerador de incertezas e insegurança na trajetória de vida; o papel diferente do espaço, que em lugar de referência de estabilidade

²² Sendo uma matéria hoje bastante polémica, importa ter presente abordagens fundamentais como a de Robert Castel (2011) na sua análise à designada “*société du précaire*” « *Il y a un non-emploi de masse qui n'est plus exactement du chômage, mais plutôt un déficit d'emplois ne permettant plus de considérer l'ensemble des chômeurs comme des demandeurs d'emploi en situation de vacance plus ou moins longue par rapport à l'emploi.* ».

constitui um marco de mobilidade permanente e de instantaneidade; ou as novas formas de conceber o trabalho, modificam as relações sociais até agora objetiváveis que deixaram de ser a forma elementar de socialização.

Contribuindo para uma melhor compreensão do fenómeno, Michel Maffesoli (1988) refere haver hoje uma nova perceção que reflete as mudanças saídas da revolução cultural da década de sessenta, propondo a metáfora das tribos para percebermos melhor a nova forma de grupalidade pelo surgimento de pequenos agrupamentos, entidades microsistémicas resultantes da incorporação massiva das novas tecnologias que vêm mudando a organização do mundo do trabalho. Tal é evidente, em particular, quando falamos do mundo dos jovens e das designadas tribos urbanas por eles constituídas, evidentes subculturas de microgrupos onde se agregam interesses, pensamentos comuns, adotando hábitos e maneiras de vestir com os quais se identificam e são identificados.

2.2. Contextos familiares

A magnitude das mudanças ocorridas no mundo do trabalho tem produzido um forte impacto sobre as famílias, instituição determinante na estruturação das vidas dos jovens. As mulheres participam cada vez mais no mercado do trabalho, criando novas referências de comportamento e dinâmicas de vida familiar, pelos papéis, expectativas e intercâmbios moldados por essas modernas formas de vida social.²³ Transformações também observadas nos níveis de escolaridade feminina refletidos no aumento da presença e da mobilidade profissional das mulheres no sistema produtivo.²⁴ Circunstâncias fortemente influenciadoras dos novos modelos de vida e laços familiares.

²³ Todavia, conforme o estudo sobre a família da autoria de Ana Nunes de Almeida e Karin Wall, *Portugal Hoje* (1995: 43), “Apesar das representações igualitárias e simétricas dos papéis familiares dos dois sexos ganharem cada vez maior número de adesões na sociedade portuguesa, a verdade é que continuam a ser as mulheres, na prática, as principais responsáveis pelas tarefas de gestão da casa e da criação dos filhos pequenos.”

²⁴ Em “Relações familiares: mudança e diversidade”, estudo da autoria de Ana Nunes de Almeida, Maria das Dores Guerreiro, Cristina Lobo, Anália Torres e Karin Wall, “Tradicionalmente menos escolarizadas que os homens (Guerreiro, 1993), começaram a aproximar-se das médias nacionais de escolaridade obrigatória a partir de meados deste século, para, em 1991, na população de 20 ou mais anos, registarem valores praticamente idênticos aos do sexo masculino a nível do ensino superior. No grupo etário dos 20-29 anos, verificamos que são as mulheres que atingem em maior proporção escolaridade a nível do

A reconfiguração institucional da família vem estruturando formas tão distintas como as famílias nucleares com e sem filhos, as famílias de isolados, as famílias alargadas, as famílias monoparentais e as famílias recompostas, com residência principal única ou múltipla, as famílias hétero e homossexuais, entre um conjunto de outras possibilidades (Almeida e Wall, 1995). Não parece existir evidência de que o facto de os jovens crescerem e viverem no quadro de uma família de qualquer dos tipos afete, por si só, as suas trajetórias, as suas orientações valorativas, ou os seus estilos de vida. De resto, novos e antigos modelos de socialização diferenciados ocorrem em famílias com estruturas idênticas.

Os estudos de referência da sociologia da família desenvolvidos em Portugal²⁵ sobre a diversidade das estruturas familiares e dos modelos de socialização que conduzem frequentemente a discursos de “senso comum” sobre a “crise da família” e dos seus valores, não sustentam essa pretensa crise. Confirmam sim o desenvolvimento de uma nova realidade que rompe com a ideia tradicional de família apresentando uma expressão institucional mais diversificada quanto à estrutura e quanto aos valores, mas continuando a merecer o reconhecimento das pessoas em geral e dos jovens em particular, da sua importância central nos processos de socialização.

Sem reservas, a instituição familiar continua a ser valorizada seja como doca de ancoragem e amarração perante inseguranças, seja como motor dos projetos de vida dos jovens em particular, quer estejamos a falar das dimensões afetivas ou das dimensões materiais. Genericamente funciona como um fundo de garantia, um espaço de segurança de onde os jovens partem e podem voltar. Particularmente face à realidade dos tempos que hoje condicionam a realização dos projetos de vida dos jovens, integrando fatores de incerteza, conforme foi já largamente referenciado em abordagens anteriores, com referências seja ao adiamento da saída de casa dos pais para o desenvolvimento de vidas

ensino médio ou superior. O mesmo acontece já, aliás, a nível do ensino secundário complementar: 17,9% de mulheres para 16,4% de homens. São também elas que detêm maior número percentual de diplomas do ensino superior, na faixa etária dos 20-24 anos, numa proporção de 67% de diplomadas para 33% de diplomados (Guerreiro, 1995).” (Almeida, Guerreiro, Lobo, Torres e Wall, 1998: 47-50).

²⁵ Do que resultaram publicações de referência como: Almeida, Guerreiro, Torres e Wall (ed.) (1992); Domingues, e Gomes (1990); Guerreiro (1989); (1990); Rodrigues e Lima (1987); Pais (1985).

autónomas, seja muitas vezes o retorno a casa após saídas mal sucedidas. Neste último caso a refletir a sensação de um retorno à condição juvenil após um ensaio sem sucesso na adultez.

A instituição familiar, na sua diversidade, corresponde hoje a um reduto estruturante fundamental num mundo a colocar os jovens em processos de instabilidade e insegurança não lhes facilitando o caminho.

Maria D. Guerreiro, Anália Torres e Cristina Lobo, no estudo sobre *Famílias em mudança*,²⁶ referem:

A capacidade de o indivíduo enfrentar e gerir riscos advém-lhe muitas vezes do apoio emocional e material proporcionado por aqueles que são considerados como fazendo parte da sua família, das competências sociais e afetivas que, pela socialização, as famílias transmitem aos seus membros.

Referindo-se ao universo dos valores e representações dos portugueses sobre aspetos gerais da família, Almeida e Wall (1995: 44), sublinham a importância da família enquanto esfera prioritária de referência: “A família detém, no dia-a-dia, uma importância decisiva para os portugueses, como aliás para os europeus em geral”.

Uma constatação de sempre é a de que o resultado da socialização dos jovens, refletido no modo como vivem a vida, é produto dos valores correntes na sociedade com os quais se vão confrontando, onde o ambiente familiar é determinante. Diz António Teixeira Fernandes (2007: 256): “As crianças não permanecem iguais de geração em geração e de sociedade em sociedade, porque a educação das novas gerações também não é a mesma, assim como não é idêntico o contexto em que ela ocorre.”

2.3. A sociedade da informação

Se trouxermos para os dias de hoje o pensamento de Margaret Mead (1970) sobre o conflito de gerações como fundamento teórico para refletirmos sobre a relação entre os jovens e os adultos, parece-me ajustado o conceito de cultura prefigurativa usado por aquela autora para referir a inversão de alguns aspetos do processo tradicional de

²⁶ *Famílias em mudança, Configurações, valores e processos de recomposição*, disponível em, www.analiatorres.com/.../RelatoriodaUCSociologiadafamiliaTeoriasedeb.

aprendizagem onde os filhos ensinam aos pais aspetos do conhecimento que os primeiros dominam sem que os mesmos tenham sido informados pelos segundos.

A circunstância resulta, em particular, do exponencial desenvolvimento tecnológico observado a partir da década de setenta do século passado no campo da tecnologia cibernética e, conseqüentemente, das novas tecnologias de informação que marcam profundamente as mudanças que afetaram a organização da vida social.

É neste contexto que as tecnologias de informação concorrem para a modelação dos estilos de vida dos jovens. Os média e as novas tecnologias de informação, associados com a publicidade, estimulam o consumo e consolidam o espaço das marcas e emblemas juvenis.

A natureza doméstica desta atividade, leva Catherine Wainerman (1981) a desenvolver o conceito de "média parafamiliar". Ou seja, estamos diante de um mundo em formato virtual que nos proporciona a informação, afeta e substitui em algumas dimensões o mundo real.

Neste contexto particular, a condição juvenil, integrando estes novos registos que os jovens das gerações anteriores não exibiam, molda-se também nestas novas fontes de conhecimento que estão para além da escola enquanto instituição predominante na transmissão do conhecimento e para além do capital de valores passado pelos pais. Uma realidade que muitas vezes foge ao controlo dos agentes socializadores tradicionais pela manipulação da informação que o mercado do marketing e da publicidade exerce sobre essa massa de consumidores que são os jovens.

Coloca-se a este respeito um paradoxo. É que estes novos veículos de comunicação e mecanismos de transmissão da informação, crescentemente ocupam espaço no contexto da interação familiar, seja pela proliferação da sua presença nos espaços públicos, seja em particular pela invasão dos domínios privados onde frequentemente preenchem uma boa parte do tempo anteriormente dedicado ao convívio familiar. Aumenta o contacto com o exterior à custa da diminuição do contacto no interior da família. Diz Giovanni Sartori (2000), que *este novo homo videns* altera as suas noções de tempo e espaço em relação à cultura do antigo *sapiens* da palavra e do texto escrito.

As atuais sociedades estão a lidar com a designada por Sartori primeira geração de jovens *videoformados*, envolvidos no complexo transformador dos indivíduos

absorvidos por estes novos mecanismos de comunicação virtual, que de alguma forma coloca o risco de os transformar de consumidores a produtos consumidos.

O apelo ao uso desta nova tecnologia é tão forte que consegue romper com constrangimentos económicos que poderiam ser condicionadores do acesso ao mercado destes produtos. Eleita produto de massas, esta nova tecnologia está hoje considerada no âmbito dos produtos de consumo básico como dispositivos que, pela sua diversidade de oferta nos diferentes nichos de mercado, consegue estar presente nos espaços de vida das pessoas de todos os níveis sociais.

Apesar das desigualdades económicas que marcam as atuais sociedades, determinadas por um acesso aos recursos bastante assimétrico, o mundo da tecnologia de informação está omnipresente. Independentemente do modo como a informação é divulgada, seja pelos *écrans* cada vez mais presentes nos espaços públicos, fugindo ao eventual controlo regulador individual dos consumidores – aeroportos, transportes públicos, lojas, restaurantes, etc. – seja por uma simples consola de videojogos, o écran de um *smartfone*, ou dos equipamentos domésticos, as pessoas estão permanentemente em contacto com produtos, personalidades, pensamentos que se movem nesses canais videopresentes moldando o pensamento e a ação de um modo que Certeau (1974) designou de comportamento tático.

Mesmo os jovens de condição social menos favorecida, dos designados setores populares, acedem a esses instrumentos pelas dinâmicas de democratização que colocam disponíveis essas ferramentas através de políticas públicas de educação, criando espaços cibernéticos de acesso fácil.

Os diferentes contextos sociais podem criar diferentes condições de acesso dos jovens ao uso desta nova tecnologia, mas o que é seguramente comum é o facto de, independentemente do nível de equipamento, estar a tornar-se evidente que os jovens estão a ganhar distância dos adultos relativamente à capacidade de processamento e de uso destes novos mecanismos. “Porém, dá-se o paradoxo de que, frente a novos écrans como a internet, os jogos de vídeo, os telemóveis, etc., os jovens vão à frente no conhecimento e no uso desses meios, facto que pode situar os progenitores em clara desvantagem” (Cardoso, 2013: 125).

Os primeiros anos do século XXI em Portugal foram marcados pela massificação do uso das tecnologias de informação e comunicação, em particular por parte dos jovens. Conforme estudo do Observatório Permanente da Juventude (abril

2012), 90% dos portugueses entre os 16 e os 29 anos utilizam essas novas tecnologias, seja como resultado de políticas governamentais através de programas de distribuição gratuita de tais equipamentos, seja por abaixamento do custo no âmbito de programas como o e-escolas e o e-escolinhas, permitindo a posse desses equipamentos por parte de jovens sem recursos compatíveis com os valores de mercado. De acordo com o estudo referido, e tomando como referência a população jovem entre os 16 e os 29 anos, a proporção de indivíduos que utilizaram internet nos primeiros três meses do ano de 2010 por nível de escolaridade foi, respetivamente, 79,1% até ao 3º ciclo, 97,5% do secundário e 96,8% do superior, constatando-se uma clara associação positiva entre a escolaridade e o uso das tecnologias de informação e comunicação.

Refletindo o estudo acima referido a massificação do uso daquelas novas tecnologias, fornece indicadores interessantes da presença das mesmas na vida dos jovens portugueses, mas mostra também o fosso digital ainda observado em Portugal, seja entre gerações, seja entre diferentes camadas sociais com mais ou menos capital escolar (Almeida e outros, 2011).

Além das transformações nos modos de comunicar, de ocupar o tempo e de interagir (Castells, 2012), estas novas tecnologias também marcam os jovens enquanto materiais didáticos de excelência, seja no processo de ensino aprendizagem, seja enquanto instrumentos de estímulo ao desenvolvimento de capacidades criativas, de abstração, de raciocínio reflexivo e crítico.

2.4. O ensino e a construção das práticas sociais

Sendo a escola um elemento essencial das experiências dos jovens, fundamental no processo de construção da identidade cultural, é hoje também um espaço mais aberto à entrada de cultura juvenil construída no exterior da instituição. O conflito com a cultura escolar tradicional vem determinando a integração dos novos valores que a sociedade vem desenvolvendo, mas também respondendo aos novos desafios colocados do exterior da escola.

A democratização do ensino e o crescimento do número de trabalhos de investigação nas áreas de conhecimento afetas ao processo educativo, refletidos no desenvolvimento de novas metodologias, estratégias e conteúdos, tem determinado o desenvolvimento da instituição escola, em parte refletido por uma cada vez maior presença da diversidade cultural e social dentro das escolas.

Neste contexto, as instituições de ensino tradicionalmente centradas na cultura do texto escrito, na expressão didática do livro, vêm modernizando os processos, integrando novas formas de abordar os conteúdos, estimuladas muito pela disponibilidade dos novos mecanismos desenvolvidos pelas novas tecnologias de comunicação, crescentemente determinando reconfigurações do espaço e dos equipamentos físicos da escola e naturalmente novas formas de abordagem do conhecimento (Colis 2005). Todavia, a realidade sobre o aproveitamento das novas tecnologias enquanto materiais didáticos de excelência no processo de ensino, no nosso país é ainda pouco significativo, fundamentalmente porque a generalidade dos professores ainda resiste à sua utilização por limitações várias, mas também porque os restritivos recursos financeiros não permitem equipar devidamente as escolas nesse domínio.

De acordo com os dados da Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência,²⁷ em resultado da execução do Plano de modernização tecnológica do ensino em Portugal, do último diagnóstico relativo a 2012/2013, considerando o total das escolas do ensino básico e secundário, ainda só 39% das escolas possuíam quadros interativos com a média de seis quadros por escola.

A urgência de elaborar mecanismos que concretizem competências nos professores para a utilização torna-se cada vez mais premente quanto cresce a disponibilização de tecnologia junto dos alunos. De acordo com os dados disponíveis, observa-se uma evolução exponencial nos últimos sete anos, período onde a evolução da relação alunos/computador e relação alunos/computador com ligação à Internet alterou substancialmente. No primeiro caso, alterou de 10,5 alunos por computador para 3,5 e, no segundo caso, alterou de 11,5 para 3,5. Mudanças que ocorreram de modo mais expressivo nos níveis do ensino básico e de modo mais acentuado no sector público.

As crianças chegam hoje à escola com experiências que muitas vezes os adultos não compartilham porque socializadas em contextos diferentes da geração dos pais e professores.

Essa circunstância vem exigindo da escola moderna um esforço para lidar com tais desafios de modo a estar à altura de responder à responsabilidade de socialização dos jovens. Circunstancialmente ocorrem processos de conflito dentro dos muros da escola

²⁷ Estudo de diagnóstico sobre a Modernização Tecnológica das Escolas 2012/2013.

por desajustamento dos mecanismos pedagógicos face ao capital cultural trazido pelos jovens, o que leva, paradoxalmente, muitas vezes as autoridades escolares a adotarem soluções disciplinares próprias de regimes autoritários (Giddens, 1998a), na tentativa de não perderem o controlo dos acontecimentos, procurando evitar desvios entendidos como excessos perniciosos ao processo pedagógico.

Sobre esta questão, considerando que as atuais sociedades são palco de inúmeras crises, António Teixeira Fernandes refere que “O relacionamento entre sociedade, família e escola abre uma perspectiva à abordagem de alguma da turbulência que afeta, na atualidade, diversas instituições.” (2007: 253). Diz ainda (262) que:

Temos uma sociedade “incerta”, uma família “incerta” e indivíduos “incertos”. A escola foi pensada e formada para outros tempos: para uma sociedade regulamentada, uma família estruturalmente estável e indivíduos relativamente bem socializados. A escola era uma função das famílias, respondendo às suas expectativas, e uma função da sociedade, preparando para um mundo previsível e estável. Hoje nada é previsível e estável, a não ser a mudança.

Os desafios hoje colocados face às transformações em curso - seja no mundo físico, seja nas sociedades - exigem uma atenção ao modo como a ciência, a tecnologia e a educação vêm respondendo, ou devem responder, à promoção do bem-estar dos indivíduos.

É neste contexto que a escola ganha significado particular enquanto instituição central, por constituir o instrumento onde, de modo sistemático, deve ser passado o conhecimento, lançadas as bases para o desenvolvimento do pensamento científico e se cultiva a reflexividade crítica fundamental ao imperativo de acompanhar e responder às mudanças em curso.

Mas a escola tem vindo a sofrer de “dores de desenvolvimento”, evidenciando situações de difícil resolução, por um lado, resultado da massificação e democratização do ensino, por outro lado, da dificuldade de lidar com essa nova realidade. A escola que ainda predomina foi concebida para selecionar e não para incluir, constituindo estas realidades, com honrosas exceções, a razão central do problema.

Matérias fundamentais como formação de professores, metodologias de ensino, conteúdos curriculares, têm vindo a lançar, nos últimos anos, perturbações no seu funcionamento em resultado da procura de respostas aos novos desafios, pela colisão de,

muitas vezes diferentes, pontos de vista e interesses, provocando antagonismos entre poderes e pensamentos, gerados no interior e no exterior da escola (Sebastião, 1998).

Ainda assim, apesar do tumulto diário em redor da educação em Portugal, passaram quarenta anos de sucesso do processo de democratização do ensino, num país que evoluiu de uma média de qualificação académica de ensino básico de quatro anos na década de setenta, para uma média de dez anos de escolarização dos pais das crianças de hoje, passando de uma estrutura de cogumelo invertido para uma estrutura de pirâmide na composição da figura caracterizadora das qualificações académicas dos portugueses. Com a institucionalização da escola obrigatória para doze anos em 2009, a média do nível de qualificação escolar subirá seguramente na próxima geração de pais (Rodrigues, 2014).

Por outro lado a massificação colocou novos problemas com que as escolas têm vindo a ser confrontadas em consequência da presença das diferentes classes sociais.

”A massificação trouxe consigo extensas situações de exclusão, resultantes de processos seletivos internos à própria instituição escolar e das fragilidades das condições de vida que alguns desses jovens transportam. Estes encontram-se largamente documentados na literatura sociológica e resultam em processos de exclusão sistemática de grupos sociais particulares (genericamente chamados classes populares, mas também de grupos resultantes de diferenças étnicas, de género, de incapacidades ou deficiências, de origem nacional ou geográfica, entre outras). Por essa razão, e apesar das expectativas de mobilidade social que induz, muitos grupos olham para a escola com desconfiança.” (Sebastião, 1998: 313).

De facto, as diferenças de classe continuam a estar também presentes na escola em parte como consequência do diferente apoio/valorização da escola no quadro familiar. A escola tende assim a ser uma instituição para todos, mas de que nem todos conseguem beneficiar de forma útil ou sequer desejável.

Formalmente para todos, a escola continua em boa parte a ser privilégio de alguns, no que respeita ao sucesso e qualidade dos percursos que proporciona, beneficiando mais os jovens oriundos das classes médias e altas. Apesar das classes populares, comparativamente com as gerações anteriores, virem a aumentar a sua consciência sobre a importância da escola no processo de mobilidade social tentando (e muitas vezes conseguindo) contrariar o destino, os constrangimentos colocados pelas suas condições de vida, em particular no que respeita o capital cultural, determinante na

formação dos jovens, marcam o facto de que são essas classes as mais atingidas pelas elevadas taxas de abandono escolar precoce, integrando também o lote dos jovens que terminam a escolaridade obrigatória mais tardiamente. “Entrar na faculdade ou alcançar a profissão desejada são (sobretudo para os rapazes, mas frequentemente para as raparigas) objetivos encarados com incerteza e ceticismo.” (Guerreiro e Abrantes, 2004: 59).

Mas não são só os jovens oriundos das classes populares que experimentam as sensações de insegurança e incerteza. Tendo o mercado de trabalho evoluído para um nível de funcionamento mais do que nunca a exigir um cada vez maior domínio de conhecimento e qualificação, em consequência do qual se observa a necessidade do aumento da escolaridade e consequente prolongamento do tempo de vida na escola, também se observa muitas vezes que tal prolongamento ocorre em particular nos níveis de pós-graduações e estudos avançados, por razões que não têm tanto a ver com a motivação para o aprofundamento do conhecimento, mas como uma solução alternativa à falta de respostas do mundo do trabalho.

Em certas áreas, o recurso às pós graduações e mestrados surge, não tanto devido à vontade de aprofundar conhecimentos ou se especializar, mas enquanto uma “fuga para a frente”, (mais) uma forma de adiar e preparar o embate com o mercado de trabalho. (Guerreiro, Abrantes, 2004: 63).

Independentemente das diferentes razões que vêm determinando o aprofundamento do conhecimento e da qualificação, construindo e reconstruindo saberes, definitivamente o que está em causa é a procura da realização de um projeto de vida na busca da melhoria da qualidade de vida, num quadro de reconfiguração de uma sociedade onde cada vez mais se exige novas competências porque o processo de mudança está em acelerado movimento.

2.5. O materialismo e os modos de vida

A “importância atribuída à posse e à aquisição de bens materiais no alcance de objetivos de vida ou estados desejados” (Richins; Dawson, 1992: 304) – é um dos conceitos de materialismo, formulado a partir dos estudos realizados sobre o consumismo crescente observado nas últimas décadas do Séc. XX, constituído instrumento conceptual

frequentemente utilizado entre acadêmicos e investigadores da generalidade das disciplinas das Ciências Sociais.

Segundo Belk, Ger e Askegaard (2003), o apelo ao consumo e a busca da felicidade por esse meio, ocupam os desejos dos consumidores, mesmo os de baixos recursos. É essa centralidade dos desejos de consumo de bens materiais que expressa o materialismo. Essa constatada tendência dos indivíduos em sustentarem o significado da sua vida pela partilha de linguagens, sinais e objetos simbólicos que preenchem o sentido da sua existência no espaço do consumo materialista. A generalidade dos estudos com enfoque no materialismo indicam claras evidências da forte motivação dos indivíduos para a busca de dignidade e afirmação de “sinais de *status*” por via de consumo de bens de luxo, ou de moda.

Como resultado da extrema estimulação da publicidade e da utilização de cada vez mais criativas técnicas de marketing, a tensão resultante da delimitação do nicho de mercado de produtos virados para a juventude, estabelecendo novas facilidades no acesso a esses produtos, vem produzindo impactos condicionadores de apelo ao consumo a que os jovens dificilmente conseguem escapar perante as imagens sedutoras e dinâmicas a que estão sujeitos.

Esta realidade vem provocando um recentramento da ideia de bens básicos, em resultado da atração pelo consumo, levando os jovens muitas vezes a processos compulsivos de procura de satisfação das suas necessidades hedonistas configurando novas subjetividades e novas práticas.

Vimos a observar um acelerado processo de mudança de valores com a presença de sensações de incerteza e de risco, a determinar a desativação de referências sobre ideais historicamente presentes nos projetos de vida dos jovens. Gianni Vattimo (1997) caracteriza de modo esclarecido, a partir do conceito de “pensamento fraco” de Habermas (2004), o modo como os jovens hoje encaram o tempo de vida ao reforçar essa abordagem filosófica por ele designada de “pensamento débil”,²⁸ que suscitou a Eduardo

²⁸ O conceito filosófico reflete que o pensar é trabalhoso, é difícil. Por isso as pessoas cada vez mais cultivam o momento, o “*carpe diem*”, exaltando o aspeto mais hedonista da vida. As pessoas em geral e os jovens em particular não querem assumir compromissos com um pensamento crítico muito elaborado, vivendo uma cultura do pensamento débil, porque os media já apresentam as questões pensadas prontas a consumir, apresentadas nos grandes palcos que os *écrans* constituem. É neste contexto que se assiste ao recrudescimento das

Galeano (2002) o alerta para a urgência de “sentipensar”. É nesta linha de preocupações que Lipovetsky (1989) aponta para “o novo narcisismo” observado no contexto do consumismo exacerbado que contém um novo capital de valores a partir da gratificação imediata, da cultura do viver o momento, onde as pessoas se fecham em dimensões de interesses individuais.

Mas, pensar o materialismo e os modos de vida onde se joga este novo narcisismo, coloca a necessidade de ter presente que "a história do mundo mais contemporâneo lembra- nos, por exemplo, que mais do que uma juventude, categoria social diferenciada, a desigualdade de riqueza e de emprego, exercem um peso determinante" (Levi, e Schmitt, 1996).

O reconhecimento da importância da escala de Richins e Dawson (1992) enquanto instrumento para avaliar o grau de presença do materialismo na vida das pessoas resulta no proporcionar entendimentos tanto teóricos quanto comuns do termo “materialismo” (Fournier e Richins, 1991), mas, mais do que isso, por ser construída sobre os conceitos de consumo, posse e aquisição, colocando em apreço três aspetos relacionados entre si e que lhe dão forma:

- . Centralidade – constructo que refere a compra e a posse de bens como realidades elementares que estruturam a vida das pessoas com altos níveis de materialismo; o adquirir e o possuir bens seriam elementos centrais da vida. O foco central que marca o sentido da vida é ocupado pela importância dada aos bens e ao processo aquisitivo, funcionando como um motor e objetivo de vida. Sete dos dezoito itens da escala de Richins e Dawson permitem determinar o grau de centralidade.

- . Felicidade – constructo que elabora um grau de esperança do indivíduo sobre a ideia de que adquirir e possuir bens constitui caminho para construir felicidade e bem-estar. Para os materialistas a sociedade de bem-estar constrói-se a partir da capacidade de adquirir e possuir bens perdendo relevo a importância dos relacionamentos interpessoais.

religiões a animarem multidões através de abordagens dogmáticas onde não é exigível pensamento crítico e reflexivo sobre a razão das coisas, antes apresentam-se como docas de ancoragem que oferecem conforto e segurança emocional.

Da escala em apreço, seis dos itens procuram determinar o grau de felicidade do indivíduo por via da importância dada aos bens.

. Sucesso – constructo indicador da tendência para acreditar que o grau de sucesso é refletido em função da quantidade e da qualidade de bens possuídos. O sucesso do próprio e dos outros é julgado pelo tipo e quantidade de bens materiais acumulados. Finalmente cinco itens procuram apurar indicadores do valor da importância dos bens materiais para o sucesso dos indivíduos.

Das conclusões do estudo de Richins e Dawson (1992) foi apurado que o valor das posses e dos bens considerados mais importantes pelos indivíduos, constituem o principal indicador de *status* pessoal. Extrapolando esta leitura, o autor refere que o significado que os indivíduos dão às coisas é elaborado a partir desses valores.

Mas as conclusões mais interessantes do autor naquele estudo foram as classificações de significado de bens em contexto público e bens em contexto privado. Os bens compartilhados por toda a sociedade – contexto público -, têm significado diferente dos bens com significados subjetivos e pessoais para alguém no domínio estritamente privado. Desse modo, as pessoas com altos índices de materialismo valorizam as coisas que possuem em função do maior valor financeiro no momento em que estabelecem a comparação com outros bens da mesma categoria projetando significados públicos ligados a sucesso. Por outro lado, os indivíduos com baixo nível de materialismo tendem a valorizar mais experiências pessoais e laços afetivos, consequentemente preferindo bens com significado privado relevadores dessas experiências na perspectiva mais íntima e menos pública.

Na relação entre a satisfação com a vida e materialismo, os resultados das pesquisas mais representativas, com conclusões empiricamente obtidas, mostram estar o materialismo associado negativamente com satisfação com a vida. Altos níveis de materialismo foram associados a baixos níveis de felicidade e satisfação com a vida (Belk, 1984; Richins & Dawson, 1992; Kasser e Ryan, 1993).

Coincidente é o entendimento básico do materialismo como a importância que um consumidor atribui aos bens materiais. Conclusões compartilhadas por Richins e Belk apesar de abordagens empíricas diferentes por adoção de escalas significativamente diferentes. “Nos níveis mais altos de materialismo, as posses materiais assumem um lugar central na vida das pessoas e acredita-se proporcionar as maiores fontes de satisfação” (Belk, 1984: 291) onde são considerados símbolos de identidade, cujos

significados são socialmente construídos, podendo funcionar como representantes de classe, gênero, status, referências de grupos sociais, ou aspectos de identidade pessoal.

Uma referência importante a ter em conta é a de que as expressões que os bens materiais cumprem na vida das pessoas podem ser diferentes em culturas diferentes. Também neste particular há coincidência de pontos de vista entre os investigadores, no sentido de que os conceitos ocidentais de materialismo tratados nas diversas pesquisas valem com base no conceito ocidental de individualismo, referência do materialismo na sociedade ocidental (Wong e Ahuvia, 1995; Ger e Belk, 1993).

Considerando que a maioria dos indivíduos com pendor materialista confiam nas suas posses como mecanismo para serem felizes, os resultados das evidências empíricas têm mostrado o contrário: a cultura de um estilo de vida materialista reflete incapacidade de produzir estados de felicidade e satisfação com a vida (Belk, 1983; Kasser e Ryan, 1993; Richins e Dawson, 1992). Todos confirmam a existência de uma correlação negativa entre materialismo, felicidade e bem-estar. De todo o modo, importa ter presente que na literatura sociológica sobre as origens do materialismo, uma das teorias mais consideradas (Inglehart, 1990), explica como valores materialistas podem mudar dentro de uma cultura ao longo do tempo, usando a experiência subjetiva da posse e da privação de bens.

Inglehart apresenta a sua teoria referenciando três partes: a indicação de que os valores de vida estão mudando para uma dimensão menos material – pós materialismo; que a mudança para o pós materialismo não está ocorrendo numa dimensão significativa; finalmente, o modelo psicológico de desenvolvimento humano confirma a direção para o pós materialismo. Particularmente enfatiza que o pós materialismo não é ascetismo mas uma perda de importância relativa dos prazeres materiais, em comparação com necessidades consideradas de ordem superior como a liberdade, a auto expressão, ou o prazer através dos afetos.

De acordo com Inglehart (1990), a mudança cultural nos valores deve-se a dois fatores: escassez e socialização. A escassez, considerando que "as prioridades de um indivíduo refletem o seu ambiente socioeconómico, atribuindo maior valor subjetivo sobre os bens que estão em carência" (1990: 68). Portanto, as pessoas economicamente mais desfavorecidas dão mais importância à aquisição de bens materiais. O fator da socialização leva a que à medida que as crianças crescem sejam socializadas valorizando o que é escasso, consolidando um sistema de valores que as acompanha até a idade

adulta, embora possa variar ligeiramente conforme as alterações de condições de vida que vão ocorrendo.

Inglehart (1990: 56-70) refere que as pessoas que viveram um determinado período da sua vida com constrangimentos no acesso aos bens materiais, em particular no período de maturação dos valores, predominante na fase da juventude, são propensas a sobrevalorizar a importância dos bens materiais ao longo da vida.

Porque vivemos um tempo onde predomina uma forte ação da atividade mediática, consequência da qual se observa uma permanente pressão sobre os indivíduos para o consumo, os jovens ainda em processo de maturação da sua capacidade reflexiva e crítica constituem um alvo fácil do mercado dos bens materiais de consumo. Sendo hoje claro que os jovens se encontram “naturalmente” expostos aos estímulos ao consumo, tal circunstância afetará a vida dos jovens condicionando o modo como pensam e se comportam, influenciando de forma mais ou menos significativa os seus modos de vida.

2.6. Transição para a vida adulta

Os processos de transição da juventude para a vida adulta têm constituído um campo de pesquisa crescente, delimitando um espaço de debate e discussão importante para apuramento das noções conceptuais e para as implicações que elas colocam. A propósito das “novas condições juvenis”, anteriormente abordadas, vimos assistindo ao enfoque da atenção nas mudanças e transformações sociais experimentadas ao nível global nas últimas décadas, representadas no quadro da passagem da sociedade industrial de tipo *fordista* para a sociedade da informação e do conhecimento (Castells, 1997), as quais, vêm influenciando de modo mais determinante os modos de vida das pessoas e estruturando mudanças aceleradas no funcionamento da sociedade. Transformações e mudanças socioeconómicas e culturais que afetam toda a estrutura social e que adquirem características específicas no modo de entender e compreender a fase juvenil e a categoria juventude, como tradicionalmente foi entendida enquanto construção histórica e social.

A juventude é, como vimos, uma construção social processada em determinadas condições definidas pela estrutura social, pelos valores e práticas culturais dos sujeitos (jovens e não jovens) nos processos da transformação social contemporânea (educativas/formativas, mundo do trabalho, económicas, culturais, tecnológicas). Daí que

os estudos sobre a situação social dos jovens nos remetam para a análise em contextos territoriais e temporais concretos, pela observação de como os diversos jovens vivem e experimentam a sua condição de vida, num espaço e num tempo concretos. Para o objeto da análise concorrem processos que vinculam a noção de juventude através de certos elementos que se observam com certa estabilidade: alargamento ou prolongamento da juventude como uma fase da vida, produto de uma maior permanência no sistema educativo, o atraso da inserção no mundo do trabalho e de constituição de família, maior dependência dos lares de origem e menor autonomia ou emancipação residencial.

O último terço do séc. XX foi fértil em acontecimentos marcados pelo inconformismo e ação dos jovens ganhando dimensão social histórica, dos quais recordamos o movimento *hippie*, a nova expressão musical *Rock & Roll*, a primavera de Praga, o maio de 68 em Paris, entre outros. Com o início da crise do mercado de trabalho dos anos 70, de certa forma agora replicada à entrada da segunda década do século XXI, e o fenómeno da multiplicação das subculturas juvenis, acentuaram-se os problemas sociais que serviram de motivação para a urgência de investigação científica e intervenção política, nomeadamente aqueles que se centram no processo de transição para a vida adulta (Pais, 1993; Casal, 1997). O interesse dos investigadores intensificou-se desde a década de 80, quando se tornou consensual que “a transição para a vida adulta constitui um processo intensamente social” considerado “um eixo de estruturação quer das identidades quer das sociedades, bem como um campo fértil e fascinante para o pensamento sociológico” (Guerreiro e Abrantes, 2004).

Perante a instabilidade social e económica que tem marcado o percurso de mobilidade social dos jovens pós oitenta, o nível educacional atingido ganha importância determinante na construção de uma carreira profissional. A conceção do mundo e os estilos de vida são fundamentais para compreender as opções desenhadas nesse período da vida, determinantes da inserção de cada um dos jovens nos diferentes contextos sociais e em diferentes redes de sociabilidade. Esse conjunto de fatores corresponde à posição relativa do indivíduo no espaço social, isto é, na estrutura de distribuição dos diferentes tipos de capital (Bourdieu, 1997: 27) e define um campo de possibilidades para a formulação e implementação de projetos.

Significa que o enfoque da atenção científica em vez de se concentrar somente no grupo ou numa condição, abre-se para dimensões mais complexas de percursos biográficos e de (re)construção identitária à procura da compreensão das trajetórias.

Processo indissociável dos aspetos mais abrangentes das transições na modernidade,²⁹ marcados por transformações de fundo, de grande dimensão e complexidade.

A noção de “trajetórias de vida” ajuda a compreender as mudanças observadas, entre muitas outras transições, nas construções do processos de entrada na vida adulta, o que nos leva a considerar a etapa de vida designada como juventude como uma fase de transição (Pais, 1998, 2001; Casal, 1988). Ou uma antecâmara da assunção de papéis e responsabilidades próprias dos adultos, processo no qual se faz hoje uso de uma moratória social para atender às dificuldades colocadas na fronteira entre juventude e adulez, entre uma situação de dependência (infância), a uma situação de emancipação ou autonomia social.

Neste contexto, podemos distinguir entre a transição como trajetória biográfica que vai da infância à idade adulta e como processo de reprodução social no qual as trajetórias dos jovens são algo mais que histórias de vida pessoais: são um reflexo das estruturas e dos processos sociais mais gerais. Processos que ocorrem em interdependência, ou seja, consideram o nível da configuração e perceções, incluindo a própria individualidade e subjetividade do sujeito, e as relações que se estabelecem entre aquelas e os contextos ao nível das estruturas sociais nas quais se desenvolvem tais subjetividades. Deste modo, na transição dos jovens para a vida adulta, o tempo presente não está determinado somente pelas experiências acumuladas do passado, mas também formam parte dele as aspirações e os planos para o futuro: o presente aparece condicionado pelos projetos ou a antecipação do futuro (Pais, 2000; Casal, 2002).

Nesta perspetiva, a transição da etapa juvenil para a vida adulta deixou de ser uma “trajetória linear” com destino conhecido e tradicional, na qual o eixo da transição foi a passagem da educação para o trabalho. Atualmente, com maior propriedade, este trânsito está mais vinculado a uma fase imprevisível, vulnerável, de incerteza maior que no passado. Como já anteriormente foi referido, são hoje típicas as “trajetórias reversíveis, labirínticas ou iô-iô” (Pais, 2001). Estes possíveis itinerários de vida ou de

²⁹ Particularizando o processo Português da modernidade comparativamente com o centro e norte da Europa, enquanto as dinâmicas culturais naquelas sociedades foram ocorrendo ao longo dos últimos dois séculos, em Portugal só na segunda metade do século XX adquiriu forma, mantendo-se uma “modernidade inacabada” (Machado e Costa, 1998). Porque este processo assume uma diversidade de formas com variações de país para país, de local para local, alguns autores vêm usando o plural “modernidades” proposto por Eisenstadt (2001).

trânsito para a vida adulta também podem ter finais diversos devido à pluralidade de juventudes e condições juvenis possíveis de identificação, onde encontramos diferentes resultados, incluindo “trajetórias bem-sucedidas” ou “trajetórias fracassadas”, dependendo das situações biográficas dos jovens. A variável que mais discriminará e será fator de previsibilidade é a dos desempenhos e certificações educativas obtidas no trânsito até à vida adulta. Desempenhos e certificações educativas ainda muito condicionados pela condição de classe apesar da democratização do ensino, como já anteriormente referido. De considerar são também a acumulação, apropriação e transferência diferenciada dos capitais, cultural, económico, social e simbólico (Bourdieu, 1983).

No percurso de socialização que preenche o caminho dos jovens desde a sua infância até a autonomia que marca a vida adulta, eles interagem e são confrontados simultaneamente com uma imensa diversidade de contextos culturais e de redes de relações sociais — família, amigos, colegas de escola, meios de comunicação, ideologias, grupos de atividades específicas, entre outras — a partir de cujas experiências selecionam e hierarquizam a importância relativa de valores e elaboram ideais de referência, sentidos estéticos, opções de moda, modelos de relacionamento ou convivência, que contribuem para modelar os seus pensamentos, sensibilidade e comportamentos. No contexto da vida cotidiana é evidente a presença das novas tecnologias, gerando modos de participação mais globais, que introduzem os adolescentes e jovens numa nova experiência de socialização, que escapa aos padrões do relacionamento familiar e escolar. Neste quadro de cruzamento de referências presenciais e virtuais operam mecanismos de mediação constitutiva das identidades e das suas transformações individuais e geracionais.

Naturalmente, importa manter presente que os fatores referidos anteriormente, refletindo processos que crescentemente marcam a vida dos jovens nas sociedades atuais, não devem ser considerados generalizadamente, pois nem todos os adolescentes e jovens estão expostos da mesma maneira ao processo globalizador. Cada um vive as suas experiências, está exposto de modo particular a determinadas dinâmicas sociais e culturais, ou processa à sua maneira a informação. Por isso, mesmo falando no quadro de uma categoria social coincidente com uma geração, identificando certos traços comuns nas suas formas de ser, não existe uma só cultura adolescente ou juvenil, mas diversas, determinando estilos de vida diferenciados.

Na pesquisa sociológica, a temática das etapas da vida, especialmente sobre os momentos de transição de idade, tem sido considerada fundamental para a compreensão das mudanças de significado das idades em particular das transformações das relações geracionais.

Em consequência das primeiras conclusões, duas perspectivas têm sido adotadas para a análise da transição para a vida adulta, caracterizando a integração social e profissional dos jovens.³⁰

A primeira, pelo canal de mobilidade configurado na relação escola/trabalho, donde se formulam três categorias de análise: os jovens estudantes na preparação do acesso ao primeiro emprego; os jovens que já não sendo estudantes, se encontram desempregados à espera do primeiro emprego; por fim, os jovens trabalhadores³¹ (Casal, 1996). Mas já com frequência também se fala numa quarta categoria da análise – os nem-nem.

A segunda perspectiva que, segundo Casal, ganha expressão nos anos oitenta, como resultado do empenho na pesquisa social, integrando a anterior, analisa outras dimensões, a que denomina de transição como processo e sistema. Considera que a transição para a vida adulta não se limita ao canal de mobilidade escola/trabalho, mas constitui um processo complexo no âmbito de um sistema de mecanismos institucionais e biográficos de socialização que, articulados, estruturam a aquisição de *status*, projetando os jovens para diferentes posições sociais.

De acordo com Casal (1996), a configuração da transição observa-se em três dimensões: o contexto socio-histórico e territorial, os dispositivos institucionais e o processo biográfico, consubstanciado no conjunto de escolhas e significados.

No plano socio-histórico, num quadro de referência territorial, cultural e político, é possível contextualizar um eixo longitudinal de períodos ou épocas diferentemente influenciadoras da transição. Outro eixo, transversal, de caráter espacial,

³⁰ Segundo Joaquim Casal (1996), o termo “transição” aplicado ao processo de inserção social e profissional dos jovens, é de uso recente, aparecendo com a crise do mercado do trabalho dos anos setenta. Foi desde então que se configurou uma dupla tradição no uso sociológico e político deste termo: um uso simples sobre a transição da escola para o trabalho e um uso complexo quando se trata do processo de emancipação.

³¹ Jovens trabalhadores são aqueles que, integrando já o mundo do trabalho, não têm ainda consolidados os outros fatores de autonomia próprios do mundo dos adultos.

permite observar o processo de transição considerando o contexto socioeconómico, fatores de desigualdade social e modelos sociais de referência.

Considerando a transição pela dimensão dos dispositivos institucionais, observa-se uma complexa rede de instituições sociais que afeta, molda e regula o processo de transição nas mais diversas dimensões: sistema de educação, certificação de competências, organização do trabalho, etc., confirmando uma dimensão institucional do processo de transição.

No processo de natureza biográfico³² a transição é marcada por um conjunto de ações em torno de expectativas futuras, estratégias e opções que balizam tomadas de decisão e o uso dos recursos sociais disponíveis. Deste modo, as trajetórias são o resultado de uma complexa teia de decisões, ainda que limitadas por estruturas sociais e económicas, mas produto do comportamento do agente ativo, como ator racional, na tomada de decisão.

O processo de transição da juventude para a vida adulta, tradicionalmente caracterizado pela simultaneidade de acontecimentos como a saída da casa dos pais, o casamento e a entrada no mercado de trabalho, dá lugar à dissociação entre casamento, sexualidade, procriação, residência própria e trabalho. Por outro lado, os contextos de classe, género e etnia passam a ser relevantes para a compreensão do processo de transição, de autonomia e independência (Guerreiro e Abrantes, 2004).

Importa compreender as tendências dominantes que marcam as transições para a vida adulta, nas suas várias formas, perante as incertezas do mundo do trabalho, as interrupções no percurso escolar, a saída e retorno a casa dos pais, consecutivamente levando à rotura entre a autonomia existencial e a independência social e económica próprias desse processo de transição. Paralelamente à ênfase na construção social dos significados das idades, as fases do ciclo de vida são percebidas pelos indivíduos nos diferentes contextos sociais como estágios de maturidade, geradores de novos tipos de hierarquia social. Nos atuais contextos de modernidade, as transições para a vida adulta pressupõem uma diversidade de fatores que devem ser colocados em evidência para além da idade cronológica, a experiência, a responsabilidade e o compromisso social, político e interpessoal.

³² Pais, 1993, *trajetória biográfica*, descrita como um conjunto de percursos ao nível de diferentes quadros institucionais e de diferentes espaços sociais.

No quadro da organização social, os sistemas de idade servem para legitimar o acesso desigual aos recursos, às atividades produtivas, às responsabilidades civis e às relações de poder, o que implica a “legitimação da hierarquização social das idades” (Feixa, 1999). Cada etapa do desenvolvimento entre a infância e a adultez corresponde a certas categorias de passagem normalmente inibitórias de conflitos abertos, pois funcionam mecanismos de controlo sobre os menores, de acordo com regras sociais estabelecidas.

Cada categoria de transição está relacionada com certos ritos que cumprem a função de integrar o menor no espaço social a que passa a pertencer e que correspondem a acontecimentos importantes para o indivíduo, mas que, além disto, têm repercussões na comunidade. Neste quadro, podemos pensar que, para os adolescentes, o começo da puberdade marca a assunção de forma consciente de direitos e responsabilidades como pessoa. Frequentemente, no discurso corrente sobre essa fase da vida, é habitual ouvir dos adultos expressões como: “já está um homenzinho” ou “já está uma mulherzinha”.

Cada situação em diferentes contextos implica direitos e obrigações diferentes e estabelecidos em cada espaço social e em função de diferentes condições de classe. Mas o que se observa na maioria das culturas das sociedades modernas, é a dificuldade de saber em que momento os menores abandonam a infância e em que momento se atinge a maturidade do jovem como fronteira para a vida adulta.

Perante as incertezas e inconsistências, muitas vezes os jovens negam a sua idade e a assunção de responsabilidades, confundindo-se ao mesmo tempo quais são os deveres e direitos de cada etapa da vida. A falta de pontos de referência e os constrangimentos à consolidação da autonomia que a complexidade dos condicionamentos de vida colocam, é substituída por sucedâneos que reconstroem esta necessidade que tem a vida social para conhecer exatamente em que ponto de sua evolução se encontra (Feixa, 1999). Equacionar o processo do curso da vida é, em si mesma, uma questão marcante para os jovens dos nossos dias. Ser jovem ou adulto, são diferentes realidades que determinam padrões morais próprios, diferentes modos de valorizar determinadas experiências de vida, códigos de comportamento e também padrões estéticos.

Para as gerações nascidas após os anos setenta, definitivamente os tempos não são os mesmos das gerações dos seus progenitores. Cada vez mais “adultos”, maiores de 18 anos e menores de 30 (em muitos casos maiores de 30) permanecem em casa dos pais,

estudando, às vezes trabalhando, mas sem planos para autonomizar-se ou casar-se, o que indicia uma nova dimensão de maturidade social. Este fenómeno tem dimensão crescente e marca uma nova visão do jovem adulto e do adulto que ainda não o é, representando a expressão do processo de transformação que as sociedades ocidentais vêm vivendo nas últimas décadas. A falta de solidez e a instabilidade observadas em instituições como a família, o casamento, a economia, os governos, dá forma a uma nova geração, a “*geração eu*” (Twenge, 2006), muito voltada para si própria.

As mudanças ocorridas nas últimas décadas determinaram a circunstância de hoje ser evidente a existência de “marcos” de vida que antes não eram imagináveis: os homens não se fazem adultos quando vão à tropa e as jovens adolescentes não se tornam adultas ao darem à luz.

A sociedade da comunicação e a globalização introduzem novos modelos de modos de viver: jovens sem condição económica encontram mecanismos para estudarem, entre outras formas, trabalhando para sustentarem os custos; há liberdade sexual, com os contraceptivos e com relações que muitas vezes se caracterizam por não serem estáveis nem se associarem ao compromisso do casamento; não há nada que ratifique, por alguma circunstância, a entrada na vida adulta.

Esta geração que atravessa os anos setenta até à atualidade é produto de uma nova aceção do jovem. Nas anteriores gerações, entre os 18 e os 23 anos, já se estava geralmente casado, com filhos e com trabalho estável.

São essas mudanças sociais que determinam novos desafios à forma como os jovens vivem a transição para a vida adulta, suscitando o surgimento de uma nova categoria de adulto em transição, o “adulto emergente” (Arnett, 2000).

As transformações estruturais dos sistemas de produção, dos sistemas de ensino e formação, dos sistemas económicos, projetam algum consenso sobre as alterações observadas e as suas consequências, no modo dos jovens viverem estes tempos onde quer que ocorram, quanto à individualização dos percursos de transição entre a condição de estudantes e o mercado do trabalho a envolverem um minado campo de incertezas, salvo alguns privilegiados pela condição de classe.

Entre os aspetos mais referidos na literatura sobre as novas configurações de transição para a vida adulta está o prolongamento do investimento dos jovens na formação escolar pelas razões já anteriormente referidas, por exigência do desenvolvimento dos novos mercados de trabalho por um lado, e, por outro, pela

espectativa de redução da oferta de trabalho disponível para indivíduos pouco qualificados.

Na linha de pensamento de Arnett, o estudo desenvolvido em Portugal por Guerreiro e Abrantes, (2004) propõe a designação de “transições experimentais” para caracterizar uma sucessão de configurações de vida temporárias e imprevisíveis, em períodos de vida onde os trajetos se fazem em períodos a refletirem experimentação, antes da assunção de compromissos como casar e ter filhos.

Apesar destas observações poderem ser constatáveis em qualquer jovem a viver o processo de transição para a vida adulta, o conceito de “adulter emergente” resulta, em regra, do contexto de vida de jovens urbanos, de classe média, mais visível nos países industrializados e com vivência universitária (Arnette, 2000), devendo estar presente uma reserva de análise onde a especificidade de cada cultura condiciona naturalmente a respetiva avaliação.

Para o autor, a importância da introdução do conceito de adulter emergente, assenta no facto de referir-se a um período de exploração de opções em variados domínios da maturação, em particular nos âmbitos afetivo e ocupacional, vividos de modo distante do controlo das normas sociais relativas à vida adulta. Um período de transição onde o agente gere sentimentos de insegurança e autocentração em cenários de oportunidades, desafios e anseios face ao futuro, que Arnette designa por “anos voláteis”, na perspetiva de vivências onde a instabilidade está presente.

Em resumo, a “adulter emergente” ganha o estatuto de uma nova etapa de desenvolvimento das pessoas.

3. Modos de Vida e Classes Sociais

3.1. Modos de vida

Como tivemos oportunidade de afirmar acima, acerca das abordagens à problemática da juventude, a melhor forma de a compreender, bem como aos processos de que é autora e que a afetam, é em contexto de proximidade. Em vez de se partir de apriorismos que impedem um olhar mais rico, propunha-se uma aproximação ao objeto segundo procedimentos capazes de captar as realidades como elas são vividas.

Essas realidades são, por um lado, materiais e, por outro lado, simbólicas e culturais. As primeiras determinam as condições de existência, a situação de classe, o acesso a recursos e a redes de relacionamento. As segundas remetem para o modo como os sujeitos estabelecem uma relação ativa com as suas circunstâncias materiais de vida e com os condicionalismos que elas impõem, tornando-se agentes sociais ativos. Nesse processo operam valores, atitudes, representações, recursos cognitivos, disposições e sistemas de preferências ou gostos que, em síntese, se traduzem em estilos de vida.

Ora, o conceito de modo de vida dá, precisamente, conta desta relação entre as condições objetivas e materiais de vida e as dimensões subjetivas dos estilos de vida (Curie, Caussad e Hajjar, 1986; Costa, 1995), pelo que nos parece particularmente apropriado o uso desse conceito como base para a pesquisa empírica.

Grande parte dos esforços de delimitação das noções de condições de vida, modos de vida e estilos de vida, apontam no sentido da superação de velhos dualismos como os que opõem sociedade a indivíduo, estrutura a ação, instituição a prática quotidiana, ou macro e micro metodologias, (Capucha, 2005: 93-98).

Uma abordagem que leve em consideração os dois polos destas dicotomias permite delimitar o conceito de “modos de vida” como a “interação entre um conjunto de recursos e constrangimentos estruturalmente desenhados, por um lado, e o sistema de atividades reguladas e os modelos de vida adotados pelos agentes, por outro lado”, (Capucha, 2005: 97). Ou, por outras palavras, “enquanto protagonistas sociais, os seres humanos não são apenas suportes de estruturas mas atores práticos e reflexivos, capazes de opções variadas e comportamentos diversos” (Costa, 1999: 287).

Entre os autores já clássicos que maiores contributos deram para a construção do conceito de modos de vida está, como já dissemos, Bourdieu,³³ nas abordagens às relações entre estruturas sociais e estruturas mentais, aos campos sociais e aos sistemas de disposições e, muito em particular, às correspondências entre o espaço social das classes e o espaço dos estilos de vida.

Um especial contributo para esta perspetiva é dado na sua teoria do habitus, instância de mediação entre estruturas e práticas, sistema de disposições incorporadas

³³ Toda a obra de Bourdieu trata estes temas, mas neste particular parece-me pertinente referir o capítulo da conclusão de *A distinção: uma crítica social da faculdade do juízo*, 2010, Lisboa.

pelos agentes sociais que, sendo estruturado pela localização destes no espaço relacional das classes e pela trajetória de vida nesse espaço, é gerador das práticas, classificações, apreciações, e estratégias que os indivíduos e grupos desenvolvem nos diversos campos da prática social.

Do debate sobre esta matéria parece resultar o consenso de que a sociedade tem duas formas de existência, uma objetivada em estruturas e instituições, e outra incorporada na forma de *habitus* dos indivíduos e dos grupos ou das classes. A personalidade constitui uma componente da subjetividade, que se expressa exteriormente no modo como se estiliza a vida, expressão objetivada da personalidade. Por outro lado, os estilos de vida intervêm na distribuição do capital cultural e nas classificações que opera, isto é, na estruturação das classes sociais. O estilo de vida expressa assim o modo em que se objetiva o ativismo do sujeito em relação à sociedade e à construção da sua vida.

As situações e trajetórias de classe são, em resumo, em conjunto com os estilos de vida, as duas dimensões dos modos de vida.

Ao procedermos ao desenho metodológico do dispositivo de observação dos modos de vida de jovens madeirenses, importa ter presentes as diversas dimensões conducentes à formulação de configurações mais ou menos padronizadas, sugeridas por A. Firmino da Costa (1999), nomeadamente: dimensões sociais (classes e redes sociais), dimensões “culturais” (valores, padrões de conduta, formas simbólicas, identidades), dimensões “temporais” (trajetórias, orientações de vida, projetos pessoais) e dimensões “espaciais” (fenómenos de localidade e contextos de interação).

3.2. Classes e condições de vida

A sociologia das classes continua a constituir um instrumento analítico inultrapassável para o estudo dos modos de vida, na medida em que constitui, talvez, o melhor indicador das condições de vida, primeira dimensão do conceito de modos de vida. As sociedades de hoje são marcadas por uma estrutura de classes multidimensional, complexa, diversificada e fragmentada (Dahrendorf, 1982). A pertença a esta ou aquela classe social, a que se associa o acesso ou não a certos tipos de recursos, sejam materiais, culturais, de poder, em resultado do que se ocupa esta ou aquela posição na estrutura

social, condiciona de modo significativo as escolhas e atitudes, das mais simples às mais complexas, de modo mais ou menos consciente.

Mesmo tendo em conta que a sociologia das classes e da estratificação é atravessada por intensas polémicas, consequência do facto de constituir um campo problemático onde coexistem quadros teóricos de grande diversidade e diferentes abordagens paradigmáticas que tocam nos interesses mais fundamentais das pessoas, é clara a sua condição de alicerce fundamental do desenvolvimento da sociologia, atravessando praticamente todas as correntes teóricas em diferentes épocas e dispondo hoje de um complexo de teorias consolidadas e uma bateria segura de instrumentos e procedimentos operatórios, validados por um vasto leque de investigações produzidas (Costa, 1999: 208). Deste modo entendemos ser um mecanismo de excelência para o estudo dos modos de vida.

Não pretendendo aqui proceder a uma revisão exaustiva das principais propostas clássicas e contemporâneas, cuja maioria das sínteses está hoje acessível em resultado do trabalho da sociologia portuguesa contemporânea, mesmo correndo o risco de deixar de fora importantes autores que nos legaram contributos relevantes sobre o tema, procedemos a uma revisão bibliográfica sintética, trazendo alguns dos autores que, acreditamos, aportaram contributos relativamente claros em âmbitos de análise concretos para tratar o tema que aqui desenvolvemos.

Erik O. Wright (1997) deixou-nos contributos importantes quer com os seus esquemas de posições de classe, as posições contraditórias identificadas dentro das relações de classe, quer pela proposta das três dimensões na análise da estrutura de classe: a propriedade de capital, a propriedade de qualificações e a propriedade de poder organizacional, que nos auxiliam a entender as relações de classe no capitalismo avançado. Os desenvolvimentos resultantes do trabalho de Wright, acabam por determinar algum enriquecimento da teoria marxista que desde o início dos seus estudos orientou o seu percurso, ao incorporar no seu esquema das múltiplas fontes de exploração do trabalho – nomeadamente o controlo do capital, da direção hierárquica da organização e das qualificações reconhecidas – mostra como é hoje necessário discernir com mais detalhe as posições de classe construídas não apenas a partir das tradicionais “relações sociais de produção” (posse do capital vs posse da força de trabalho), mas também da organização do trabalho (direção/chefias intermédias/execução) e das qualificações (elevadas, médias e baixas). A estrutura de classes apresenta-se, a partir

deste modelo, bastante mais complexa e diversificada do que noutras teorias de orientação marxista.

A importância dos contributos acima referidos teve como consequência um enorme impacto nos estudos sobre as classes. De facto, a crítica que se seguiu, permitiu a Wright afinar o seu modelo para resolver a questão de como enquadrar as posições intermediárias de classe num quadro concetual coerente.

Assim, Wright defende uma tipologia de classes na qual a posição de classe dos indivíduos é determinada pela posse ou escassez de ativos em três dimensões: propriedade, qualificação e autoridade (Wright, 1989): 1. bens de capital ou meios de produção; 2. “habilidades” ou conhecimentos técnicos; 3. autoridade relativa à ocupação de posições de controlo nas relações de produção.

Inspirado na obra de John Roemer (Estanque 2000: 33), entende que o aspeto que mais diferencia o entendimento marxista de classe em relação a outras tradições, é o conceito de exploração, único mecanismo que pode gerar interesses materiais antagónicos entre as classes, pois é aí que estão patentes as contradições, o que não acontece com a dominação, já que pode haver dominados e dominantes numa mesma sociedade, sem que haja necessariamente interesses objetivos antagónicos - sendo verdade que não há exploração sem dominação e sem opressão. Neste contexto Wright muda a sua posição teórica passando a considerar as posições intermediárias de classe como “localizações privilegiadas nas relações de exploração (Wright, 1997).

Em síntese para Wright, as relações de classe são aquelas onde poderes e direitos sobre os meios de produção sofrem uma desigualdade de distribuição, e nelas a exploração ocorre quando são satisfeitos três critérios fundamentais (Wright, 2005):

1. A garantia do bem-estar material dos exploradores é dependente da privação material dos explorados;
2. Os explorados são excluídos do acesso aos meios de produção (expropriação);
3. Resultando dos dois primeiros critérios existe uma vantagem material dos exploradores que permite que eles se apropriem de parte do produto gerado pela força de trabalho dos explorados, isto é, da mais-valia gerada pelo trabalho.

Não trataremos aqui com pormenor os esquemas de Wright, até porque não os adotaremos diretamente enquanto instrumento de pesquisa, apesar de reconhecermos que podem ser considerados uma boa base para o estudo das classes. Os seus contributos estão, porém, presentes no nosso trabalho através da adoção de algumas das ferramentas

desenvolvidas por A. Firmino da Costa (1999), às quais mais à frente daremos um tratamento mais cuidado.

Entre os autores que mais contribuíram para a construção da ponte entre classe e modos de vida destaca-se indiscutivelmente Pierre Bourdieu, em particular pelo modo sistemático como aborda a relação entre a dimensão económica e a dimensão cultural na estruturação do espaço das classes sociais (a terceira dimensão é a trajetória de ambas as formas de capital) e na estruturação do sistema de disposições e de apreciações que constitui a componente “incorporada” nos indivíduos das respetivas localizações de classe, geradora de práticas, nomeadamente simbólicas e de “estilização da vida” que, por sua vez, reproduzem as condições de classe de que é simultaneamente produto e produtor (Bourdieu, 1997).

Na visão de Bourdieu, os estilos de vida podem ser vistos então não apenas como manifestações, mas também como operadores de diferenças e oposições entre classes sociais.

De facto, em Bourdieu as classes definem-se na sua relação com as outras classes, não apenas no espaço da produção, mas também no das relações sociais em geral, e na dos estilos de vida em particular (Bourdieu, 2010: 270-274).

A vivência de uma condição de classe, isto é, da localização dos sujeitos no espaço a três dimensões que estrutura as classes sociais, incorpora-se nos indivíduos sob a forma de disposições (*habitus*) produtoras de práticas classificáveis. As classes são:

...conjuntos de agentes que ocupam posições semelhantes e que, colocados em condições semelhantes, e sujeitos a condicionamentos semelhantes, têm, com toda a probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo, práticas e tomadas de posição semelhantes.. (Bourdieu, 1989: 136).

No seu entendimento, as classes “não existem enquanto grupos reais, embora expliquem a probabilidade de se constituírem em grupos práticos, famílias (homogamia), clubes, associações e mesmo “movimentos” sindicais ou políticos” (idem: 137).

Quando Bourdieu (2010: 272) diz que “os estilos de vida são assim os produtos sistemáticos dos *habitus* que, percecionados nas suas relações mútuas segundo os esquemas do *habitus*, se tornam sistemas de sinais socialmente qualificados como “distintos”, “vulgares”, etc.” e reforça dizendo que “A dialética das condições e dos *habitus* está na base da alquimia que transforma a distribuição do capital, balanço de uma relação de forças, em sistema de diferenças percebidas, de propriedades distintas”

(2010: 273), releva a importância do conceito de *habitus* para a compreensão da relação entre classe, modos e estilos de vida.

Como reforço dessa importância (Bourdieu, 2010: 270) deixa claro que:

É na relação entre as duas capacidades que definem o *habitus*, capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (gosto), que se constitui o mundo social representado, ou seja, o espaço dos estilos de vida.

António Firmino da Costa (1999), com base na revisão sistemática de elaborações e reelaborações conceptuais, construções de procedimentos operatórios e exemplos de investigação empírica desenvolvidos pelos mais importantes autores portugueses e internacionais, proporciona-nos contributos fundamentais para iluminar³⁴ o estudo das classes sociais e das relações de classe. Quer pelo debate desenvolvido à volta das teorias clássicas e contemporâneas mais consideradas neste âmbito, quer pelos modelos teóricos que vem adotando, apresenta-nos a síntese dos grandes confrontos da sociologia das classes sociais que servirão de referência principal para o desenvolvimento deste estudo focado nos modos de vida dos jovens.

Seja pelas orientações teóricas formuladas por A. F. Costa, seja pela adoção neste estudo de alguns instrumentos de pesquisa desenvolvidos pelo autor impõe-se referenciar sinteticamente os aspetos mais significativos dos seus contributos.

Numa primeira dimensão é de salientar o conjunto de pontos que, no entender do autor, sintetizam as principais características da atual sociologia das classes:³⁵ 1. *O carácter mediador e focalização nos protagonistas sociais*; 2. *Multidimensionalidade e conceção estrutural*; 3. *Perspetiva relacional e praxiológica*; 4. *Orientação teórico-empírica e pressupostos conceptuais renovados*; 5. *Integração de perspetivas e do campo analítico*; 6. *Atualidade*; 7. *Transversalidade dos principais indicadores*.

1. O carácter mediador e focalização nos protagonistas sociais releva a importância da análise das classes sociais para investigar as relações entre estrutura e ação colocando no centro os protagonistas.

³⁴ À luz de autores de referência com contributos teórico-metodológicos fundamentais como sejam: Anthony Giddens, Daniel Bertaux, Erik O. Wright, Nicos Poulantzas, Eriksen, Goldthorpe, Frank Parkin, Ralf Dahrendorf e Pierre Bourdieu.

³⁵ Para um conhecimento mais aprofundado, ver A. F. Costa, (1999: 209-225).

Trata-se, antes de mais, de analisar as características estruturais dos protagonistas das práticas sociais e de relacionar essas características de classe, por um lado, com aquilo que os agentes sociais fazem (ação) e, por outro, com as condições em que o fazem (estrutura) – condições estas que vão sendo, por sua vez, reproduzidas e transformadas pelas práticas sociais dos agentes (Costa, 1999: 209).

Fica clara a preocupação de relevar que as práticas sociais não são processos abstratos, são ações reais-concretas produzidas pelas pessoas, seja de modo singular, seja coletivamente.

Por seu turno, são as práticas sociais dos indivíduos e dos grupos, com as propriedades de classe de que são portadores, que produzem as estruturas e os processos sociais, de modos igualmente intermediados por instâncias e lógicas diversas, entre as quais cabe aqui salientar o relacionamento cooperante, competitivo ou conflitual entre os agentes individuais e coletivos desigualmente posicionados no espaço das relações sociais (Costa, 1999: 210).

2. A sociologia das classes sociais contemporânea releva a importância da *análise multidimensional e a conceção estrutural* das relações de classe, o que se insere na tendência das principais teorias sociológicas gerais atuais. Nas abordagens mais representativas da sociologia das classes, não se observa qualquer pretensão de reduzir as diversas dimensões a uma só. Antes “se sublinha a irredutibilidade teórica de umas às outras, correlativa da configuração topológica e estruturada do espaço social das relações de classe” (Costa, 1999: 213). A preocupação com a importância da análise multidimensional reforça-se mesmo relativamente a muitas dimensões de análise importantes para sustentar uma abordagem mais satisfatória cujos indicadores não se encontram disponíveis, seja por lacunas na produção de informação estatística institucional, seja por dificuldades no acesso ou resultado de particularidades da realidade social em questão. São referidos como exemplos as atividades económicas informais e as situações profissionais precarizadas (Costa, Mauritti, Martins, Machado e Almeida, 2000).

3. As abordagens atuais no domínio da sociologia das classes sociais privilegiam uma *perspetiva relacional e praxiológica*.

Importa sobretudo analisar as posições relativas nos espaços estruturados e multidimensionais das condições sociais de existência e das práticas sociais, prestando particular atenção a determinadas relações sociais decisivamente estruturantes das

sociedades contemporâneas: relações sociais de propriedade e assalariamento, relações de autoridade organizacional e poder político, relações de credenciação escolar e saber profissional, relações de distinção cultural e dominação simbólica, relações de integração institucional e exclusão social (Costa, 1999: 213).

4. Uma característica objetiva interessante da sociologia contemporânea das classes, considerada um dos seus pontos fortes, é a *orientação teórico-empírica e pressupostos conceptuais renovados*, incluindo o predomínio da preocupação em integrar elaboração teórica com investigação empírica, o que vem determinando uma constante reconstrução conceptual.

5. *Integração de perspectivas e do campo analítico*. Sem excluir preferências particulares por uma ou outra corrente de pensamento. Uns preferem a terminologia da estratificação, outros a terminologia das classes sociais, uns estarão mais informados pela perspectiva weberiana, outros, mais pela marxista. O que se observa é que “as produções teóricas e os desenvolvimentos de pesquisa são agora muito mais integradores de contributos provenientes de filões teóricos clássicos diferentes” (Costa, 1999: 218) configurando-se o campo analítico da sociologia das classes de maneira ampla.

6. A sociologia das classes apresenta-se hoje como um domínio sociológico consolidado e de grande *atualidade*, sobrepondo-se sucessivamente a movimentos basicamente teóricos a anunciar o fim das classes entre outros anunciados fins. Mesmo sendo sensível às pressões ideológicas, continua a responder com aquisições conceptuais e operatórias relativamente integradas e transversais, respondendo às características diferenciadas e complexas que caracterizam a natureza dos indivíduos e da vida social.

7. *Transversalidade dos principais indicadores* “ligada ao facto de esses indicadores condensarem de forma ao mesmo tempo compacta e recombinação, informação relativa a um leque de dimensões fundamentais de estruturação do espaço das condições relativas que os protagonistas sociais neles ocupam” (Costa, 1999: 224). Neste contexto, constituem indicadores fundamentais para a atual sociologia das classes sociais, para onde converge o reconhecimento de importância central, os indicadores socioprofissionais e socio educacionais, normalmente muito associados entre si. Esta é a consequência da centralidade do trabalho nas sociedades modernas, como já em outro ponto anteriormente foi referido, enquanto motor da vida societária e eixo da integração social.

No âmbito deste estudo, importa delimitar claramente os indicadores de classe social, na medida em que, como já referimos, consideramos a análise da posição de classe dos jovens a estudar, a abordagem mais apropriada para dar conta da vertente “condições de vida” do conceito de “modos de vida”. Sendo assim, os indicadores de classe social são os instrumentos que nos proporcionam trabalhar quer a elaboração dos instrumentos de recolha de dados, quer os procedimentos de tratamento da informação.

Pelos fundamentos já referidos anteriormente, no âmbito substantivo do conceito, os indicadores socioprofissionais de classe, por si só, e por mais densos teórica e substantivamente que se apresentem, não respondem à formulação acabada de classe social. Todavia, para a sociologia das classes, é hoje clara a sua importância determinante enquanto referencial de aproximações operatórias parcelares, porque sintetizam articuladamente um conjunto de dimensões decisivas da estruturação das relações de classe nas sociedades contemporâneas.

E não respondem, por exemplo, por não darem suficientemente conta da distribuição dos recursos de escolaridade - capital altamente significativo nas relações de classe - porque a distribuição desigual desses recursos apresenta-se nas sociedades deste início de século configurada como um campo relacional específico. Campo relacional que de forma evidente se repercute numa pluralidade de aspetos da existência em sociedade, nomeadamente:

...na formação do sistema de disposições e no acesso a quadros de oportunidades, na adesão a critérios de gosto e a estilos de vida, na constituição de representações cognitivas e de sistemas classificatórios, no desenvolvimento de estratégias de vida e de práticas sociais. (Costa, 1999: 231).

É assim que o recurso a indicadores socio educacionais constitui uma abordagem indispensável para as preocupações analíticas suscitadas no quadro teórico acima desenvolvido, muito em particular no que a Bourdieu e Wright diz respeito, e que marcam hoje de modo determinante as desigualdades de classe. Podemos aliás dizer que essa marca é, porventura, mais evidente ainda no caso da juventude para determinar “a posição virtual de classe” (Almeida, Costa e Machado, 1988).

Centrada a preocupação deste estudo na procura de explicações justificativas do modo como os jovens vivem a vida, a circunstância desses protagonistas basicamente viverem condicionados pelos contextos familiares, que tendencialmente se constituem lugares decisivos de partilha de recursos e estilos de vida, impõe a necessidade de

controlar o plano das relações entre o jovem e o grupo doméstico enquanto unidade de análise da composição de classe das populações. António Firmino da Costa reforçando a importância determinante da unidade doméstica, cita João Ferreira de Almeida:

... lugar essencial de reprodução biológica, social e cultural, unidade de consumo e mesmo, por vezes, de produção, o grupo doméstico retraduz e sintetiza, assim, conjuntos diferenciados de condições básicas de existência que constituem a própria matriz da divisão social de classes. (1999: 236).

Respondendo à necessidade analítica acima colocada, tendo em conta as mudanças sociais entretanto verificadas, a sociologia das classes desenvolveu uma solução operatória cujo procedimento pretendeu responder à formulação de tipologias de classes das famílias. Das diversas propostas surgidas³⁶ utilizaremos como referência que melhor nos serve, a tipologia de classes das famílias construída segundo a lógica da conjugação, embora com aspetos em certas circunstâncias da lógica da dominância.³⁷ Tal deve-se à circunstância de permitir traduzir no plano operatório, de maneira conceptualmente mais apropriada, a preocupação analítica com situações de heterogeneidade relativamente à localização individual de classe dos membros do grupo doméstico familiar.

Sabendo que o campo analítico da sociologia das classes é muito mais vasto e complexo do que o tratamento aqui adotado, conscientemente entendemos não aprofundar o tema por não ser esse o foco central do nosso estudo, procurando apenas algumas referências úteis para abordagem da temática das condições sociais de existência dos jovens, em boa parte condições de classe.

³⁶ João Ferreira de Almeida com os seus trabalhos de elaboração teórica e de investigação empírica constitui referência central, seja em resultado do clássico estudo sobre *Classes sociais nos campos: camponeses parciais numa região do noroeste* (1986) seja em coautoria com António Firmino da Costa e Fernando Luís Machado, *Famílias, estudantes, e universidade: painéis de observação sociográfica* (1988), entre outros.

³⁷ O critério de *conjugação* para a determinação das categorias de classe integra conjuntamente as referências relativas aos vários elementos da unidade familiar co residentes, regra geral representado pelos dois componentes do núcleo conjugal; o critério de dominância considera o elemento que contribui com maior volume de recursos (Costa, 1999: 237).

3.3. Estilos de vida

As sociedades poderão estar a enfrentar um processo de transformação de identidades pessoais associado à multiplicação de subculturas e de sistemas de valores. Estamos cada vez mais rodeados de múltiplas e complexas escolhas. Significa isso, relativamente ao modo de viver a vida, que quanto maior a diversificação e quantidade de escolhas determinantes de estilos de vida, mais as pessoas farão aquilo que particularmente gostam.

Hoje em dia são múltiplos os meios e os quadros institucionais que servem de referência nos processos de socialização, tornando os indivíduos “plurais” (Lahire, 2003). Tal “pluralidade” torna impossível o estabelecimento de relações de causalidade simples entre a classe social de origem, ou mesmo a de projeto, e o estilo de vida. A multiplicação explosiva de subculturas originou conseqüentemente uma multiplicação igualmente explosiva de estilos de vida.

Por outro lado, numa sociedade de massas, o mercado de consumo e os meios de comunicação social são dois fatores determinantes na formação da identidade juvenil que determinam a adoção dos estilos de vida. Inserir-se no mercado de consumo, apropriar-se das mensagens da comunicação, pode ser um fator positivo de afirmação e consolidação ou, por outro lado, pode converter-se num processo de alienação e desenraizamento dos jovens em relação ao contexto social mais amplo.

O criador de um estilo não necessita de ser um ídolo criado pelos *mass media*, embora os heróis e as celebridades populares possam ajudar a cristalizar um tipo social. Pertencemos a um estilo porque ficamos com um sentimento agradável, de atração.

Por vezes damos preferência a um estilo de vida em detrimento de um outro sem nos apercebemos da razão dessas escolhas. A maioria das pessoas não pensa na própria vida em termos de estilo. O estilo de vida não tem apenas a ver com o lado externo, correlaciona-se também com os valores implícitos nesse comportamento. E principalmente operam na relação entre as razões objetivas que se ligam a um estilo preferido, correlações que só são eficazes porque são inconscientes. A correlação estatística entre posições sociais e estilos de vida acaba por ser o resultado não de escolhas conscientemente assumidas, mas de sistemas de gosto e preferência formados a partir das condicionantes de classe objetivas. Daí serem tão raros (e quando existem são imediatamente classificados como aberrantes) os estilos de vida incoerentes em relação à

posição social, o que ajuda a organizar as regularidades observáveis e a sua coerência em relação ao que é expectável por parte de cada indivíduo.

O estilo de vida, constituindo um sentido de expressão distintiva no contexto do modo de vida, é um comportamento expressivo identificativo dos atores face aos demais. Os *media*, pela sua expressão na cultura de massas, têm naturalmente uma importância significativa na configuração dos estilos de vida, através de material simbólico, como por exemplo elementos de vestuário, adesão a estilos musicais, preferências estéticas, orientações da opinião política e modos de expressão do gosto/estilização do comportamento.

Tratando-se de uma temática abordada por vários dos sociólogos de referência nacional e internacional, as referências clássicas do pensamento sobre estilos de vida centram-se inicialmente em Simmel e Weber, até ao grupo da escola de Chicago e, entre os mais modernos, Bourdieu, Giddens e Lahire, entre outros.

Limitar-nos-emos a enunciar brevemente alguns dos contributos destes autores.

Georg Simmel,³⁸ um dos primeiros autores a tratar a noção de estilos de vida, atribui à modernização e à impessoalidade da vida nas grandes metrópoles, onde a diferenciação urbana e a complexidade da divisão do trabalho num quadro de grande expansão dos mercados, a disponibilização de uma diversidade de escolhas permitindo aos atores adotar e construir os seus próprios estilos de vida e, individualizando as suas identidades sociais. A “libertação das pessoas em relação a padrões culturais típicos das comunidades de relacionamento primário torna possível esta diversificação. Pelo contrário, num quadro de relações de tipo secundário a circulação do dinheiro permite a expressão dos estilos de vida adotados por cada ator. Afirmando que o estilo de vida é uma derivação da economia monetária, Simmel acentua os efeitos do dinheiro sobre a vida e o modo como os conteúdos da vida são organizados na relação que se estabelece entre a cultura objetiva e a cultura subjetiva. Releva o conceito de liberdade individual, para dar expressão ao processo de individualidade na sociedade urbana, resultante da interação entre os indivíduos possuidores de capital de liberdade obtido a partir do desenvolvimento social na expansão do sistema capitalista, indicando sobretudo a cidade e o contexto urbano como locus específico dessa liberdade. Na verdade, nas comunidades rurais pré-capitalistas predominavam, segundo Simmel, relações de

³⁸ G. Simmel (1907); Waizbort (2000); Giddens (1995).

interconhecimento, primárias, nas quais se baseavam tipos de controlo que fechavam as escolhas individuais às opções tradicionais da comunidade. Já nas sociedades urbanas do capitalismo moderno a dimensão dos grupos implica o predomínio das relações secundárias e um menor controlo social sobre escolhas mais abertas e individualmente determinadas.

Max Weber (1971), ao interpretar as desigualdades no capitalismo, refere-se a três fontes principais de poder: o mercado, a política e o prestígio ou honra social. Se a situação de mercado, isto é, a posição ocupada por cada indivíduo nas relações de mercado, dá origem às classes sociais, a distribuição do poder político é função dos partidos, enquanto os grupos de *status* se distinguem e fecham socialmente a partir dos estilos de vida. Há uma relação entre as classes sociais e o estilo de vida dos grupos de *status* que não é determinística, mas existe. É que o estilo de vida tem um custo e implica, por isso, determinada situação no mercado, ao passo que a pertença a um grupo de *status* pode dar acesso a determinadas posições económicas. Mas, repete-se, esse “*trade-off*” não é determinístico nem uniforme, embora ambos concorram para a definição do lugar social de cada agente, quer devido às condições económicas decorrentes da situação de classe, quer devido à cultura do grupo de *status* traduzida nos estilos de vida.

Na linha do pensamento de Simmel, autores de referência da Escola de Chicago (G. Mead, R. Park, R. McKenzie, E. Burgess, entre outros) privilegiam o mundo da vida quotidiana interpretando os valores e comportamentos pela configuração das subculturas. Insistiam na diferenciação como produto da cultura subjetiva, e na sua expressão objetiva em instituições, grupos e sistemas de interesse. As diferenciações são também consequência do conflito resultante do choque entre esse processo ininterrupto de individualidades emergidas da cultura subjetiva, e a cultura objetiva socialmente produzida pelas interações entre indivíduos em instituições e sistemas de interesses.³⁹

Pierre Bourdieu (2010) considera que a diferentes condições sociais correspondem diferentes estilos de vida, ou seja, a diferentes posições no espaço social correspondem estilos de vida diferentes, produto do *habitus*, sistema de disposições e de apreciações incorporadas pelos agentes. Por essa razão o *habitus* é tido como instância mediadora entre estruturas e práticas. Em síntese, os estilos de vida são simultaneamente

³⁹ Park; McKenzie; Burgess (1925).

produtos e produtores das posições sociais, estruturando o espaço das classes que retroativamente os estruturam.

O conceito de *habitus* permite compreender as dinâmicas presentes nas trajetórias de vida, não apenas dos indivíduos, mas também das diferentes categorias e classes sociais. Os estilos de vida, na ótica de Bourdieu, são reflexos das classes sociais e dos *habitus* de classe “...a cada classe de posições corresponde uma classe de *habitus* (ou de gostos) produzidos pelos condicionamentos sociais associados à condição correspondente...”. (Bourdieu, 1997: 9).

Tendo presente que a problemática dos estilos de vida se coloca no desenvolvimento das sociedades de economia de mercado, como dizia Weber, muito em particular nas sociedades de capitalismo desenvolvido onde predomina a cultura de consumo (Don Slater, 2011), é importante compreender a relação desta cultura com a construção de um estilo de vida, isto é, com a estilização da vida resultante de consumos com significado social determinado. Aí se jogam aprendizagens de procedimentos, de competências e saberes adquiridos, no quadro de um processo de mobilidade social, no qual a cultura é um elemento permanente na vida quotidiana fornecendo um complexo de referências que dão expressão ao estilo de vida.

Giddens (1995), por seu turno, liga os estilos de vida às identidades pessoais. Na “modernidade avançada” as escolhas tendem a cristalizar-se em estilos de vida próprios de determinados estratos e grupos sociais. Os estilos de vida ganham relevo nas práticas diárias e na construção das identidades pessoais quotidianamente criadas e recriadas na “experiência personalizada versus a experiência mercantilizada” (Giddens, 2002: 182). Neste contexto “a modernidade inaugura o projeto do “eu”, mas sob condições fortemente influenciadas pelos efeitos padronizadores do capitalismo mercantil”.

Para Giddens as identidades crescentemente perdem a sua expressão localizada, ou relacionadas com grupos locais, e ganham expressões globais. A reflexividade, seja através do conhecimento pericial ou da mediação da experiência veiculada pelos meios de comunicação, expondo os indivíduos a novas informações, contribui determinadamente para a reformulação de nós mesmos e das nossas práticas sociais, reforçando a importância no quotidiano da vida, de questões como “*o que fazer*”, “*como agir*”, e “*quem ser*”. Mas para além do quotidiano, as pessoas pensam e planeiam o futuro em função das alternativas presentes e expressas pelos estilos de vida. Não só

assumem um estilo que marque a sua a identidade, respondendo à questão de “quem sou?”, mas planeiam a vida a partir do estilo escolhido de modo a procurarem responder a “quem serei no futuro?” (Giddens 2002).

Do complexo de referências que determinam os estilos de vida, importa, finalmente, referenciar um fator marcante dos tempos atuais - a liberdade. Porque a liberdade é um aspeto nuclear da vida coletiva, o modo como vivemos a vida é, em boa medida, condicionado pelo nível de liberdade de que dispomos. Tudo o que fazemos, escolhemos e objetivos que traçamos, determinando o nosso modo de vida, é resultado da liberdade que dispomos (Berlin, 1969).

Os jovens hoje usufruem de novos campos de liberdade mesmo que na dependência financeira dos pais. Dependem dos pais mas gozam de autonomia existencial fazendo escolhas livres, decidindo sobre a gestão do tempo e da escolha das amizades, sobre as roupas que usam ou a decoração do quarto. “ O quarto dos jovens é uma arena onde é visível essa individualização e privatização dos tempos de lazer e onde se joga uma parte importante da conquista de liberdade e autonomia.” (Cardoso, 2013: 127). Liberdade e autonomia que começa a ser construída no conflito com os pais, que ganha expressão entre os 13 e os 15 anos reduzindo-se entre os 16 e 18 anos, sinal de ganho de autonomia e liberdade dos jovens. (Cardoso, 2013: 134).

Cap. II. JOVENS MADEIRENSES E O SEU ESPAÇO SOCIAL

Acompanhando a tendência generalizada no espaço europeu, a que Portugal não foge à regra, também na região da Madeira se assistiu ao envelhecimento da população na última década. Neste caso, com a particularidade de a média de idade da população ser das mais baixas do país (39,2), mesmo tendo significativamente aumentado relativamente a 2001 (36,7). De acordo com os Censos 2011, enquanto em Portugal continental o índice de envelhecimento, na última década, aumentou de 102,2 em 2001, para 127,8 em 2011, na Madeira, o aumento foi de 71,6 para 90,7, muito abaixo do índice do continente de há uma década atrás, mas a refletir a diminuição significativa da população entre os 0 a 29 anos, que baixa dos 43,0% para os 35,5%, reflexo do aumento de 43,3% para 49,6% da população dos grupos etários 30 a 64 anos.

O balanço global da população residente na Madeira em 2011, relativamente à proporção da população, conforme o sexo, indica uma preponderância das mulheres sobre os homens, representando as primeiras 52,85% da população contra 47,15% (quadro 2.1).

Quadro 2. 1 - População residente, 2011, total na RAM

Sexo	Total	%
HM	267 785	100
H	126 268	47,15
M	141 517	52,85

Fonte: INE – CENSOS 2011

Um aspeto significativo a evidenciar uma reconfiguração da relação demográfica entre sexos, é o observado na população jovem na Madeira, como no espaço continental português, referenciado pelo aumento da população do sexo masculino, a inverter a relação percentual entre os dois sexos até aos 24 anos. Em 2011, na Madeira, a percentagem de jovens do sexo feminino era de 15,2%, valor inferior à percentagem de jovens do sexo masculino que predominam em relação às mulheres, com 17,9%.

Mas se considerarmos em particular o escalão 15 a 24 anos, (quadro 2.2) observamos o predomínio dos jovens do sexo masculino, a refletir a inversão observada na última década. No entanto, a diferença percentual (50,7%/49,3%) é menos acentuada

do que a relativa ao total do escalão 0 a 24 anos. Tais indicadores mostram, de modo claro, a tendência das mudanças em curso que irão acentuar nos próximos anos o fosso percentual dos jovens do sexo masculino relativamente aos do sexo feminino. Os últimos com percentagem mais baixa do que os primeiros. Não sendo controlável a manutenção da tendência observada nos últimos 24 anos, de predomínio do nascimento de mais indivíduos masculinos do que femininos, só é razoável considerar que nos próximos 15 anos o escalão 15-24 anos, salvo variáveis não controláveis como por exemplo a mobilidade geográfica, será composto por mais jovens do sexo masculino do que do feminino.

Quadro 2. 2 - População residente, 2011, segundo grupo etário e sexo, no escalão 15 - 24 anos

RAM	Total	%	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos	19 anos	20 anos	21 anos	22 anos	23 anos	24 anos
HM	33091	100	3189	3346	3441	3358	3248	3307	3323	3288	3225	3366
H	16776	50,7	1661	1732	1706	1689	1633	1699	1686	1670	1642	1658
M	16315	49,3	1528	1614	1735	1669	1615	1608	1637	1618	1583	1708

Fonte INE – CENSOS 2011

A análise dos dados sobre a condição perante a atividade económica dos jovens no escalão 15 a 24 anos, (quadro2.3) não reflete diferenças significativas entre sexos. Deixa evidente a baixa percentagem de jovens ligados à atividade económica no grupo etário de 15 a 19 anos, pelo facto de este grupo estar ainda comprometido com a escolaridade obrigatória a qual, de acordo com a Lei, tem como limite os 18 anos. Dos 34% de jovens entre 15 e 24 anos que integram a atividade económica, só 15,5% são do grupo etário 15 a 19 anos.

Ainda no domínio da população ativa, são os jovens com o nível de escolaridade de ensino secundário (M 42%, H 35%) que estão em maior número, seguidos pelos jovens com 3º ciclo do ensino básico (M 25%, H 38%) e, em terceiro lugar, com ensino superior (M 18%, H 7%), neste último caso deixando a indicação de maior envolvimento das mulheres relativamente aos homens, mostrando evidência de que à saída da universidade são as mulheres que mais rapidamente acedem à atividade profissional.

Quadro 2. 3 – População residente, de 15 a 24 anos, segundo o grupo etário, por condição perante a atividade económica (sentido restrito), nível de escolaridade atingido e sexo.

Condição perante a atividade económica, nível de escolaridade e sexo	Sexo	Total	De 15 a 19 anos	De 20 a 24 anos
R. Autónoma da Madeira	M	16315	8161	8154
	H	16776	8421	8355
População ativa	M	5249- 32%	784- 15%	4465- 85%
	H	6007- 36%	989- 16%	5018- 84%
Nenhum nível de escolaridade	M	18	2	16
	H	34	2	32
Ensino básico	M	1750- 9%	393- 22%	1357- 78%
	H	3247- 54%	662- 20%	2585- 52%
Ensino básico - 1º ciclo	M	87- 2%	20- 23%	67- 77%
	H	240- 4%	36- 15%	204- 85%
Ensino básico - 2º ciclo	M	353- 7%	81- 23%	272- 77%
	H	754- 13%	169- 22%	585- 78%
Ensino básico - 3º ciclo	M	1310- 25%	292- 22%	1018- 78%
	H	2253- 38%	457- 22%	1796- 78%
Ensino secundário	M	2219- 42%	345- 16%	1874- 84%
	H	2115- 35%	298- 14%	1817- 86%
Ensino pós-secundário	M	299- 6%	26-	273- 91%
	H	208- 3%	13	195- 94%
Ensino superior	M	963- 18%	18	945- 98%
	H	403- 7%	14	389- 97%
População inativa	M	11066- 67%	7377- 67%	3689- 33%
	H	10769- 64%	7432- 69%	3337- 31%
Estudantes	M	9379- 85%	6671- 71%	2708- 29%
	H	8887- 83%	6491- 73%	2396- 27%
Nenhum nível de escolaridade	M	-	-	-
	H	-	-	-
Ensino básico	M	1912-17%	1840-96%	72- 4%
	H	2585- 24%	2496-97%	89- 3%
Ensino básico - 1º ciclo	M	37	29	8
	H	40	33	7
Ensino básico - 2º ciclo	M	169-1,5%	156- 92%	13
	H	271-2,5%	259- 96%	12
Ensino básico - 3º ciclo	M	1706-15%	1655-97%	51- 3%
	H	2274-21%	2204-97%	70- 3%
Ensino secundário	M	4577-41%	4082-89%	495-11%
	H	4157-39%	3515-85%	642- 15%
Ensino pós-secundário	M	246- 2%	96- 39%	150- 61%
	H	246- 2%	68- 28%	178- 72%
Ensino superior	M	2644-24%	653- 25%	1991-75%
	H	1899-18%	412- 22%	1487-78%
Domésticos	M	347-2%	138- 40%	209- 60%
	H	60	29- 48%	31- 52%
Nenhum nível de escolaridade	M	7	4	3
	H	-	-	-
Ensino básico	M	247	104	143
	H	39	20	19
Ensino básico - 1º ciclo	M	30	6	24
	H	5	1	4
Ensino básico - 2º ciclo	M	71	27	44
	H	13	4	9
Ensino básico - 3º ciclo	M	146	71	75
	H	21	15	6
Ensino secundário	M	80	28	52
	H	16	9	7
Ensino pós-secundário	M	4	-	4
	H	1	-	1
Ensino superior	M	7	-	7
	H	6	2	4

Fonte INE – CENSOS 2011

Dos 65,5% da população jovem inativa no grupo etário 15 a 24 anos, a maioria (84%) são estudantes. Sendo a percentagem de estudantes por sexo indicadora da ligação ao sistema de ensino da larga maioria no grupo etário 15 a 19 anos, um dado interessante importa relevar, respeitante aos estudantes do grupo etário 20 a 24 anos, grupo correspondente à frequência do ensino superior. Neste grupo etário, estando a relação percentual da população, entre sexos, fixada em H 50,6% e M 49,4%, o número de estudantes por sexo indica uma diferenciação significativa pela maior número de mulheres a estudar relativamente aos homens (M 53%, H 47%).

Quando analisamos o nível de escolaridade da população inativa, são os jovens com o nível do ensino secundário que apresentam maior representação, com a média de 40% e, só depois, com cerca de metade desta percentagem, os jovens com os níveis de ensino básico e superior.

Não constituindo uma referência significativa (2%), os jovens ligados às atividades domésticas são predominantemente mulheres de baixo nível de escolaridade.

Em 2011, a população residente na Madeira com idade superior a 15 anos, apesar de apresentar um evidente aumento de pessoas com níveis de escolaridade mais elevados, comparativamente às décadas anteriores, apresentava ainda 12,6% da população sem qualquer nível de escolaridade completo, acima do verificado no país cuja percentagem é 10,4%. De acordo com os indicadores apurados pelos Censos 2011, 26,7% dos jovens entre 18 e 24 anos, que já não integra o sistema de ensino, no máximo só completou o 3º ciclo do ensino básico. Havendo já uma percentagem de 52,5% dos jovens entre 20 e 24 anos na região da Madeira com pelo menos o nível de ensino secundário completo, tal percentagem está ainda muito abaixo da média nacional que se situa nos 60,8%.

A Universidade da Madeira, a funcionar desde 1989, foi um fator importante para o crescimento significativo do número de pessoas com ensino superior que praticamente duplicou na última década, passando de 6,7% em 2001 para 13,% em 2011. Crescimento igual ao ocorrido no todo nacional, neste caso, a atingir uma percentagem ligeiramente mais elevada, 15,1%.

Para a compreensão de como vivem os jovens na Madeira, importa conhecer quais são os principais meios de vida (quadro 2.4).

Sem surpresas, observamos que no escalão 15 a 24 anos, 68,5% dos jovens vivem a cargo da família e só 21,5% têm como principal meio de vida o trabalho. Neste caso com uma pequena particularidade de serem mais os homens nesta última situação do que as mulheres, o que se justifica pelo facto de serem mais as mulheres a viverem a cargo da família dado estarem a estudar em maior número do que os homens.

É no grupo etário 15 a 19 anos que a dependência familiar mais se observa (64,5%), baixando tal dependência para os 35,5% no grupo etário 20 a 24 anos, seja por entrada no mercado de trabalho, cujo grupo etário corresponde a 90% dos jovens que vivem do trabalho no escalão etário 15 a 24 anos, seja por permanência no sistema de ensino, já que este grupo etário integra 28% dos jovens estudantes do escalão etário 15 a

Quadro 2. 4 - População residente, de 15 a 24 anos, segundo o grupo etário, por principal meio de vida e sexo

Principal meio de vida e sexo	Sexo	Total	De 15 a 19 anos	De 20 a 24 anos
R. Autónoma da Madeira	M	16315	8161	8154
	H	16776	8421	8355
Trabalho	M	3272 (20%)	308 (9%)	2964 (91%)
	H	3815 (23%)	411 (11%)	3404 (89%)
Reforma/ Pensão	M	56	19	37
	H	79	15	64
Subsídio de desemprego	M	337 (2%)	23	314 (93%)
	H	331 (2%)	22	309 (93%)
Subsídio por acidente de trabalho ou doença profissional	M	9	-	9
	H	19	1	18
Rendimento social de inserção	M	113	26	87
	H	63	29	34
Outro subsídio temporário (doença, maternidade, etc.)	M	131	16	115 (88%)
	H	17	2	15
Rendimento da propriedade ou da empresa	M	7	2	5
	H	8	2	6
Apoio social	M	343 (2%)	209 (61%)	134 (39%)
	H	289 (1,7%)	178 (62%)	111 (38%)
A cargo da família	M	11321 (69%)	7191(64%)	4130 (36%)
	H	11340 (68%)	7320(65%)	4020 (35%)
Outro	M	726 (4,4%)	367 (51%)	359 (49%)
	H	815 (4,9%)	441 (54%)	374 (46%)

Fonte INE – CENSOS 2011)

24 anos. O facto de o desemprego ter maior incidência na população mais jovem reflete-se na elevada taxa de desemprego observada entre os 15 e 19 anos, onde atinge 55,1%, baixando para 31,4% nos jovens entre os 20 e 24 anos.

Apenas 2% dos jovens, e na quase totalidade do grupo de maior idade, vivem de subsídio de desemprego, verificando-se outras situação sem significado substancial.

Integrando os indicadores anteriormente referidos no quadro do ganho médio mensal geral dos/as trabalhadores/as por conta de outrem, segundo o setor de atividade e o sexo, de acordo com os dados publicados do Anuário Estatístico da RAM de 2013, nos totais apurados, o ganho médio mensal é inferior ao do continente, seja relativamente aos homens, seja relativamente às mulheres. Os homens no continente auferem um ganho médio mensal de 1213€ e na Madeira, 1177€; as mulheres no continente auferem 956€ e na Madeira, 923€. Considerando as diferenças por sexo, em todos os setores as mulheres ganham sempre menos do que os homens, tal como ocorre no continente. Na Madeira, no setor primário, H 736€, M 691€, no setor secundário, H 1134€, M 927€, no setor terciário, H 1206€, M 924€.

Um dado relevante e diferenciador pela positiva na comparação do ganho mensal médio entre o continente e a Madeira é o referente ao que ocorre no setor secundário onde, sejam os homens sejam as mulheres, na Madeira auferem um ganho médio mensal superior ao praticado no continente: no continente os homens ganham 1094€, na Madeira, 1134€; no continente as mulheres ganham 827€, na Madeira, 927€. Neste contexto importa referir, de acordo com os dados dos censos 2011, que os ramos de atividade que empregam mais população na região da Madeira são todos do setor terciário, nomeadamente, “outras atividades de serviços” com 33,6%, onde se incluem a Administração Pública, Educação, Saúde e Ação Social e o “Comércio, Alojamento, Transportes e Comunicações”, com 34,2%.

Outra dimensão importante do espaço social dos jovens residentes na Madeira é a da estrutura dos grupos familiares.

A evolução observada na década 2001 a 2011 indica um aumento do número das famílias clássicas em 26,1%, correspondendo a um crescimento muito superior ao também observado ao nível nacional, cujo registo apresenta um aumento de só 10,8%.

Um indicador do espaço social a diferenciar a Madeira do todo nacional, relativamente à família, é o referente à proporção de núcleos familiares de casais com

filhos. Nesta dimensão os casais madeirenses têm mais descendentes do que a média nacional, evidenciado na proporção daqueles núcleos fa

miliares que, na Madeira, atinge os 68,5%, enquanto o todo nacional só apresenta uma percentagem de 58,8%. Sendo este último fator importante para sustentar o menor índice de envelhecimento da população comparativamente ao todo nacional, junta-se outro fator referente à dimensão média da família que, em 2011, apresentava um valor de 2,9 pessoas, enquanto o total do país se ficava pelos 2,6.

Da observação da constituição dos núcleos familiares, 54% do total da região são constituídos por famílias com um filho. Situação mais expressiva nos casais de facto onde tal situação se observa em 60% dos núcleos, comparativamente com os casais de direito onde a percentagem fica pelos 49%. Nos núcleos familiares com dois e três filhos, são os casais de direito que têm maior expressão com, respetivamente, 39% e 10%, sendo mais reduzida a percentagem nos casais de facto com, respetivamente, 28% e 8%.

Quando observamos os núcleos familiares onde só está presente o pai ou a mãe, só 3% dos núcleos correspondem à presença do pai e, com uma expressão significativa, os núcleos familiares de mães com filhos a representarem 23% do total da região. Nestes casos, a percentagem de núcleos familiares com um filho sobe relativamente aos casais, com os pais a apresentarem 69% e as mães 66%. As situações de presença de dois e três filhos, no sentido inverso, baixa em relação aos casais, a percentagens de 24% e 5% no caso dos pais, e 25% e 6% no caso das mães (quadro 2.5).

Em síntese, os núcleos familiares com filhos, em larga maioria, integram um único filho e, neste caso, são os núcleos monoparentais onde tal situação reflete percentagem mais elevada e, com maior expressão, os constituídos pelo pai. Nos núcleos constituídos por casais, são os casais de direito que apresentam menor percentagem de um só filho (ainda que, com um só filho, corresponda à maior percentagem destes núcleos) e uma maior dimensão média da família.

Quadro 2. 5 - Núcleos familiares com filhos, segundo o número de filhos e total de filhos e por tipo de núcleo

Núcleos segundo o número de filhos											
Tipo de núcleo	Total	1 filho	2 filhos	3 filhos	4 filhos	5 filhos	6 filhos	7 filhos	8 filhos	9ou+ filhos	Total filhos
RAM	57705	31370 (54%)	19732 (34%)	5018 (8,7%)	1172 (2%)	276	96	30	9	2	92834
Casal de direito com filhos	37894 (66%)	18512 (49%)	14678 (39%)	3662 (10%)	784	170	65	16	5	2	63402
Casal de facto com filhos	4605 (8%)	2775 (60%)	1281 (28%)	380 (8%)	122	31	11	3	2	-	7223
Pai com filhos	1791 (3%)	1240 (69%)	421 (24%)	98 (5%)	24	4	2	2	-	-	7223
Mãe com filhos	13415 (23%)	8843 (66%)	3352 (25%)	878 (6%)	242	71	18	9	2	-	19691

Fonte INE – CENSOS 2011

Reflexo da tendência verificada na última década ao nível nacional, refira-se o aumento em 3,8% dos núcleos familiares reconstituídos que, em 2011, representavam 6,2% dos núcleos de casais com filhos.

Outro dado interessante refere-se ao nível de escolaridade do pai ou mãe nos núcleos de famílias monoparentais, do qual damos conta centrando a nossa atenção nos indicadores mais significativos e nos escalões etários (30 a 64 anos), presumivelmente correspondentes aos pais dos jovens em estudo (quadro 2.6).

O nível de escolaridade predominante é o básico, 1º ciclo, correspondendo à qualificação de 40% do conjunto dos pais e mães, seguido dos que não possuem qualquer nível de escolaridade, correspondendo a 13%. Com uma percentagem próxima, estão os níveis de escolaridade de básico, 2º ciclo, básico, 3º ciclo, secundário e ensino superior respetivamente com 10,6%, 12,9%, 12,8% e 9,8%.

Quando observamos os diferentes níveis de escolaridade dos pais (quadro 2.6) por escalão etário, refletindo o que ocorre na população em geral (quadro 2.7), é nas idades mais avançadas que se observa a maior percentagem sem qualquer nível de escolaridade. Seguindo a mesma relação, também no nível de escolaridade mais baixa, 1º ciclo do ensino básico, conforme vai subindo o grupo etário, vai aumentando a percentagem de pais com esse nível – no grupo etário 30 a 34 anos a percentagem é 12% e no grupo

etário 60 a 64 anos é 62%. Com pequenas variações entre os 14% e os 20% para o nível do básico de 2º ciclo, nos grupos etários entre 30 e 54 anos. Predominam os pais mais jovens (30-34 anos) com nível de escolaridade do 3º ciclo do básico, decrescendo a percentagem conforme vai aumentando a idade. Com nível de escolaridade superior, dos 9,8% dos pais, a maior percentagem (25%) é no grupo etário 35 a 39 anos.

Quadro 2. 6 - Núcleos familiares monoparentais, segundo o nível de escolaridade atingido do pai ou mãe, por tipo de núcleo e escalão etário do pai ou mãe

Tipo de núcleo Escalão etário do pai ou mãe	Nível de escolaridade do pai ou mãe							
	Total	Sem nível escol.	Básico 1º ciclo	Básico 2º ciclo	Básico 3º ciclo	Sec.	Pós- sec.	Ens. superior
RAM	15205	2045 (13%)	6058 (40%)	1621 (10,6%)	1969 (12,9%)	1944 (12,8%)	84	1485 (9,8%)
Pai com filhos	1791 (12%)	267 (14,9%)	758 (42%)	193 (10,7%)	245 (10,7%)	194 (10,7%)	7	107 (6%)
Menos de 20 anos	1	-	-	-	-	-	-	-
20 - 24 anos	15	2	2	4	4	1	-	1
25 - 29 anos	36	1	4	6	6	10	-	-
30 - 34 anos	94	2	11 (12%)	17 (18%)	36 (38%)	16 (17%)	3	9 (9,5%)
35 - 39 anos	136	4	19	24 (18%)	34 (25%)	26 (19%)	4	25 (18%)
40 - 44 anos	182	5	56 (30%)	37 (20%)	36 (20%)	36 (20%)	-	12 (7%)
45 - 49 anos	208	13 (6%)	87 (42%)	34 (16%)	31 (15%)	27 (13%)	-	16 (8%)
50 - 54 anos	219	7	87 (40%)	30 (14%)	37 (17%)	35 (16%)	-	23 (10,5%)
55 - 59 anos	157	7	98 (62%)	8	18	13	-	13
60 - 64 anos	125	10 (8%)	77 (62%)	11	9	15	-	3
65 ou mais anos	618	236 (38%)	317 (51%)	22	22	15	-	5
Mãe com filhos	13415 (88%)	1758 (13%)	530 (39,5%)	1428 (10,6%)	1724 (12,8%)	1750 (13%)	77	1378 (10,3%)
Menos de 20 anos	85	-	2	21	37	23	1	1
20 - 24 anos	364	3	22	72	154	110	6	17
25 - 29 anos	642	5	23	100	243	201	16	54
30 - 34 anos	876	14	82	122 (14%)	216 (25%)	238 (27%)	23	181 (21%)
35 - 39 anos	1248	12	177 (14%)	208 (17%)	224 (18%)	308 (25%)	23	296 (24%)
40 - 44 anos	1446	34	354 (24%)	274 (19%)	216 (15%)	302 (31%)	8	258 (18%)
45 - 49 anos	1551	41	527 (36%)	263 (17%)	249 (16%)	247 (16%)	-	224 (14%)
50 - 54 anos	1305	54	613 (40%)	151 (12%)	149 (11%)	184 (14%)	-	154 (12%)
55 - 59 anos	1035	54	672 (65%)	86	86	64	-	73
60 - 64 anos	908	66	663 (73%)	43	57	32	-	47
65 ou mais anos	3935	1475 (37%)	2165 (55%)	88	93	41	-	73

Fonte INE – CENSOS 2011

Quadro 2. 7 - População residente, + 35 anos, segundo o grupo etário, por nível de escolaridade atingido e sexo.

Nível de escolaridade atingido	Sex	De 35a39 anos	De 40a44 anos	De 45a49 anos	De 50a54 anos	De 55a59 anos	De 60a64 anos	De 65a69 anos	De 70a74 anos	75 ou mais anos
R. Autónoma da Madeira	M	11089	10801	11275	9720	8329	7416	6708	6327	12612
	H	10943	10467	10266	8564	7298	5924	4569	3721	5961
Nenhum nível de escolaridade	M	180	255	276	336	384	524	798	1719	5584
	H	253	401	387	341	373	379	461	706	2079
Ensino básico - 1º ciclo	M	1425-13%	2661-25%	3915-35%	4628-47%	5264-63%	5154	4678	3860	5913
	H	1826-17%	3062-29%	4051-39%	5211-61%	4547-62%	3885	3022	2360	2999
Ensino básico - 2º ciclo	M	1686-15%	2023-19%	1874-17%	1153-12%	662-8%	411	323	205	250
	H	2348-21%	2389-23%	1887-18%	1115-13%	586-8%	394	266	150	193
Ensino básico - 3º ciclo	M	1701-15%	1549-14%	1652-15%	1101-11%	695-8%	535	331	197	337
	H	2159-20%	1667-16%	1604-16%	1077-13%	669-9%	535	359	233	279
Ensino secundário	M	2711-24%	2183-20%	1907-17%	1354-14%	575-7%	333	240	120	218
	H	2182-20%	1705-16%	1446-14%	1089-13%	597-8%	396	248	149	216
Ensino pós-secundário	M	220	38	-	-	-	-	-	-	-
	H	209	31	-	-	-	-	-	-	-
Bacharelato	M	190	204	159	156	160	147	168	126	170
	H	102	103	83	103	88	53	49	30	49
Licenciatura	M	2377-21%	1511-14%	1171-10%	801-8%	497-6%	249-3%	136	80	103
	H	1233-11%	731-7%	563-5%	440-5%	325-4%	202-3%	118	71	113
Mestrado	M	119	80	79	66	30	15	9	4	5
	H	100	85	52	43	24	21	12	6	5
Doutoramento	M	17	25	16	15	14	13	8	7	2
	H	26	33	30	21	14	8	13	7	12

Fonte INE – CENSOS 2011

Conforme já antes demos conta, são as mães que, nos núcleos familiares monoparentais, estão com maior presença, liderando esses núcleos familiares em 88% dos casos, contra 12% dos pais. No que se refere ao nível de escolaridade, em particular nos níveis mais altos, também são as mulheres que apresentam maior percentagem de qualificação escolar, com diferenças percentuais que vão aumentando conforme vai subindo o nível de escolaridade. Com o 3º ciclo do ensino básico encontramos 10,7% dos pais e 12,8% das mães; com o nível de ensino secundário, 10,7% dos pais e 13% das mães; com nível de ensino superior, 6% dos pais e 10,3% das mães. Finalmente, quando tomamos como referência o 2º ciclo do ensino básico (nível de escolaridade de 10,6%

dos progenitores), é entre os escalões etários 30 a 54 anos que os pais e as mães apresentam níveis de escolaridade semelhantes, com variações de aproximadamente 1 ponto percentual.

Os pais na condição de responsáveis por núcleos familiares monoparentais - sejam homens ou mulheres - pertencem em larga maioria aos escalões etários entre 30 e 54 anos.

Estando as sociedades de hoje a evoluir num quadro de mudanças aceleradas, determinadas em boa parte pelo desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, damos conta que o processo na região da Madeira ocorre igualmente de modo significativo no que se refere à sua utilização.

Um indicador sintomático dessa evolução pode ser observado nas alterações verificadas em um só ano. Tomando como referência o resultado do inquérito à utilização de tecnologias de informação e comunicação pelas famílias, concretizado pela Direção Regional de Estatística da Madeira, publicado em final de 2014, entre 2012 e 2014 os agregados familiares com disponibilidade em casa de computador passaram de 64,2% para 69,9%. Maior ainda é a variação no mesmo espaço temporal, da disponibilidade de internet, que passou de 60,5% para 67,1%. Se olharmos para a dimensão individual, entre 16 e 74 anos, a utilização de computador passou de 59,1% para 64,4 e de ligação à internet, de 57,4% para 62,8%.

Considerando a evolução no espaço de pouco mais de uma década (2001 a 2014), (Figura 2.1) a percentagem dos agregados familiares com acesso a computador passou de 12% para 69,9% e, com internet em casa, de 7% para 67,1%. Quando analisamos os dados da dimensão individual (figura 2.2), e tomando também como referência o espaço de pouco mais de uma década, os números são igualmente expressivos dessa mudança: em 2003 a percentagem de indivíduos com idade entre 16 e 74 anos, que utilizavam computador, era de 30,2%, e em 2014 eram já 64,4%; quanto à utilização de internet, em 2003 situava-se em 21,4%, evoluindo para 62,8% em 2014.

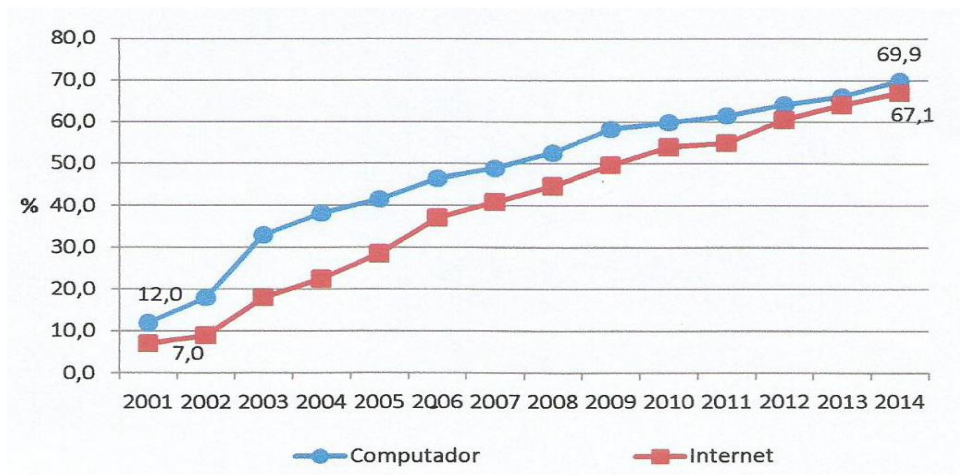


Figura 2. 1 - Agregados familiares com acesso a computador e Internet em casa

Fonte: DRE Madeira, 2014

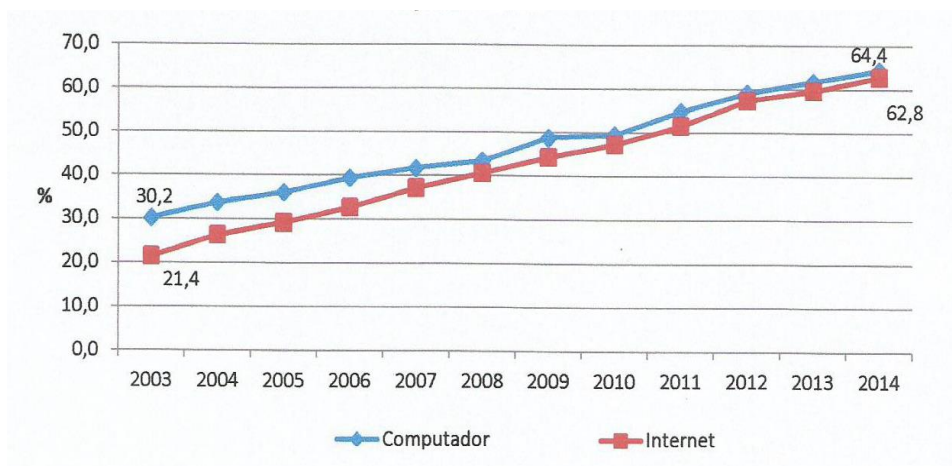


Figura 2. 2 - Indivíduos, com idade entre 16 e 74 anos, que utilizam computador e/ou Internet

Fonte: DRE Madeira, 2014

Como referência de aproximação às condições de conforto das famílias, na sequência do elevado crescimento do parque habitacional observado na Madeira na última década, os edifícios para a habitação cresceram 22,9%, correspondendo ao aumento de alojamentos de 36,1%. Este crescimento foi muito superior ao verificado no todo nacional que, mesmo crescendo a um ritmo significativo, não ultrapassou os 12,2%, do que resultou o aumento de alojamentos em só 16,3%.

A indicação da ocupação do espaço físico por habitações na Madeira permite dar conta de que também a densidade de alojamentos apurada em 2011 (161,2/km²) é muito superior à verificada no total do país (63,5/km²).

Por outro lado, na Madeira, a média de 1,41 alojamentos por edifício comparativamente com os 1,66% do todo nacional, deixa a indicação de uma menor concentração de pessoas nos locais de habitação.

Um dado que releva a qualidade das habitações é o índice de envelhecimento dos edifícios que, na Madeira, é de 131, em comparação com o observado ao nível nacional que sobe para 176, tornando a região no parque habitacional mais novo no conjunto do país.

Da análise dos dados sobre a relação entre os alojamentos familiares clássicos e as pessoas neles residentes, permite-nos observar que a esmagadora maioria das pessoas (99,3%) vive em alojamentos de uma só família. (quadro 2.8)

Quadro 2. 8 - Pessoas residentes em alojamentos familiares clássicos e o número de famílias clássicas residentes, por grupo socioeconómico do representante da família.

Grupo socioeconómico do representante da família	Alojamentos Clássicos			
	Total	1 fam.	2 fam.	3 fam.
R. Autónoma da Madeira	264 357	262 496 (99,3%)	1 386	475
Empresários com prof. intelectuais, científicas e técnicas	1016	1015	-	1
Empresários da indústria comércio e serviços	3942 (1,5%)	3923	15	4
Empresários do setor primário	129	128	-	1
Pequenos patrões com profissões intelectuais e científicas	1005	997	7	1
Pequenos patrões com profissões técnicas intermédias	996	995	1	-
Pequenos patrões da indústria	5809 (2,2%)	5777	28	4
Pequenos patrões do comércio e serviços	5169 (2%)	5128	30	11
Pequenos patrões do setor primário	1022	1022	-	-
Profissionais intelectuais e científicos independentes	525	524	1	-
Profissionais técnicos intermédios independentes	825	823	2	-
Trabalhadores industriais e artesanais independentes	4147 (1,6%)	4123	23	1
Prestadores de serviços e comerciantes independentes	3324 (1,4%)	3298	19	7
Trabalhadores independentes do setor primário	2974	2970	4	-
Diretores e quadros dirigentes do Estado e empresas	3577 (1,4%)	3568	7	2
Dirigentes de pequenas empresas e organizações	761	758	1	2
Quadros intelectuais e científicos	16177 (6%)	16001	133	43
Quadros técnicos intermédios	11905 (4,5%)	11865	31	9
Quadros administrativos intermédios	2218	2211	7	-
Empregados administrativos do comércio e serviços	37825 (14%)	37543	193	90
Operários qualificados e semiquilificados	39905 (15%)	39632	200	73
Assalariados do setor primário	4829 (1,8%)	4788	30	11
Trabalhadores administrativos do comércio e serviços não qualificados	15109 (6%)	14930	132	47
Operários não qualificados	5505 (2%)	5450	33	23
Trabalhadores não qualificados do setor primário	237	236	1	-
Pessoal das forças armadas	740	731	4	5
Outras pessoas ativas n.e	1510	1491	13	6
Inativos	93174 (35%)	92569	471	134

Fonte INE – CENSOS 2011

Controlados os indicadores por grupo socioeconómico do representante da família, são os indivíduos inativos que lideram maioritariamente com 35%, seguidos dos operários qualificados e semiquaificados a representarem 15%, e os empregados administrativos do comércio e serviços com a percentagem de 14%. Outros três grupos socioeconómicos identificam o representante da família em percentagens de significativa dimensão: trabalhadores de comércio e serviços não qualificados, e quadros intelectuais e científicos, ambos com 6%, e quadros técnicos intermédios com 4,5%. Com menor expressão, os grupos socioeconómicos dos pequenos patrões da indústria (2,2%), os pequenos patrões do comércio e serviços, e operários não qualificados, ambos com 2%, assalariados do setor primário 1,8%, trabalhadores industriais e artesanais independentes 1,6%, empresários da indústria comércio e serviços 1,5% e, com 1,4%, diretores e quadros dirigentes do estado e empresas, e prestadores de serviços e comerciantes independentes.

De acordo com os dados publicados em 2014, no anuário estatístico da Direção Regional de Estatística da Madeira, sobre a Cultura e Desporto e relativos a 2013, os consumos culturais na Madeira, em algumas áreas, apresentam indicadores muito favoráveis a uma leitura de grande dinâmica de consumos culturais por parte da população. O indicador mais significativo é o relativo ao número de exemplares de jornais vendidos anualmente, comparativamente com o continente: o número de exemplares vendidos *per capita* no continente foi de 16,1 e na Madeira, 34.

Quanto à frequência de espetáculos ao vivo, apesar do valor médio dos bilhetes vendidos na Madeira ser metade do valor observado no continente (continente 16€, Madeira 8,2€), a percentagem de espetadores no ano de 2013 foi exatamente igual, 8,1%. Ainda de acordo com os indicadores obtidos sobre o número de sessões de espetáculos ao vivo, os números referentes à Madeira são mais favoráveis, com 309 sessões por cada 100mil habitantes, enquanto no continente o número fica pelas 288 sessões por cada 100mil habitantes.

Cap. III. PROCESSO DE PESQUISA EMPÍRICA

Este capítulo aborda o processo de investigação expondo os instrumentos e os procedimentos utilizados na obtenção dos dados empíricos. Explica a metodologia adotada, a amostra, o modelo de análise e a estrutura do questionário.

Os conhecimentos, os modelos culturais, os símbolos, os valores que os jovens apreenderam ao longo das suas vidas e os estímulos a que estão expostos permanentemente, constroem na sua mente imagens, expectativas, ambições e projeções relativamente ao presente e ao futuro da sua vida particular e do coletivo onde se integram. As assimilações e influências que vão marcando a sua socialização no contexto do ambiente social que os rodeia - família, amigos, media, ensino, cultura - condicionam os seus comportamentos e os seus ideais de vida. Sendo a juventude a categoria social onde germinam os agentes responsáveis pelas sociedades do futuro, é naturalmente um segmento relevante das sociedades, merecendo a atenção na compreensão dos condicionamentos que as afetam. Daí a nossa motivação e pertinência deste estudo.

O objetivo é entender as condições, os valores e ideais da juventude que se associam ao dito processo de desenvolvimento das atuais sociedades. Pretendemos conhecer a relação entre as condições sociais de vida dos jovens e o modo como vivem o presente e projetam o futuro, pela leitura do modo como integram o espaço social. Conhecer quais as preocupações e fatores que os jovens associam, aos quais dão mais importância, determinando o modo como vivem a vida e projetam os seus percursos.

Pretende-se compreender os condicionamentos das opções que fazem, as contradições e receios que marcam os jovens, bem como identificar diferentes grupos de acordo com as suas opiniões, origens e características culturais. Pretendemos ainda conhecer como se referenciam essas diferenças no modo de viver a vida considerando os diversos contextos de onde são oriundos.

1. Modelo analítico e hipótese

Entre as preocupações que se colocam numa investigação deste tipo, estão as que se prendem com os cuidados ao nível da construção de instrumentos de observação e um esquema de análise ajustado ao risco de a opção adotada não produzir os resultados esperados, devido às dificuldades para encontrar a estrutura correta, o tempo verbal

adequado e o essencial de cada ideia e percepção. O modo e a forma como as questões são colocadas condicionam ou determinam os resultados que podem não medir ou avaliar e perceber adequadamente o pensamento e o comportamento dos indivíduos, dado que estas questões resultam, muitas vezes, do modo como os investigadores organizam as ideias.

Com o modelo teórico apresentado na figura abaixo (3.1), procurámos refletir sobre o comportamento dos jovens, considerando as fundamentações contidas no enquadramento teórico. Tendo presente os condicionamentos do processo de transformação das atuais sociedades abordado pelos diferentes autores, procuramos compreender em que medida está a condicionar os projetos de vida dos jovens, os seus comportamentos sociais, o modo de estruturar os valores e as suas expetativas tendo em conta, por um lado, as diferenças ao nível do capital económico, capital social, trajetória de vida, que dão expressão às suas diferentes condições de vida, reflexos das suas origens de classe e, por outro lado, tendo presente as diferentes disposições que determinam ideais de vida, formulações ideológicas, juízo diferenciado sobre a importância relativa dos valores e expetativas e objetivos para o futuro que poderão marcar diferentes estilos de vida.

Assim, a hipótese de trabalho é a de que uma das vertentes dos modos de vida é determinada pela condição de classe. Esta, por sua vez, está relacionada com os estilos de vida, que representam escolhas, mas ainda assim, a maior parte das vezes, inconscientes dos seus motivos, isto é, as pessoas e os grupos acabam por escolher, e gostar, aquilo que é determinado pelas disposições. Assim, a escolha livre e autodeterminada é uma aparência em que quem escolhe acredita, por inconsciência da presença do habitus, razão pela qual esta determinação é eficaz.

Essas pertenças inscrevem-se particularmente nos contextos familiares e socioeducacionais, que, conjuntamente com os juízos de valor materialistas que marcam as suas identidades pessoais e coletivas são determinantes da estruturação dos modos de vida.

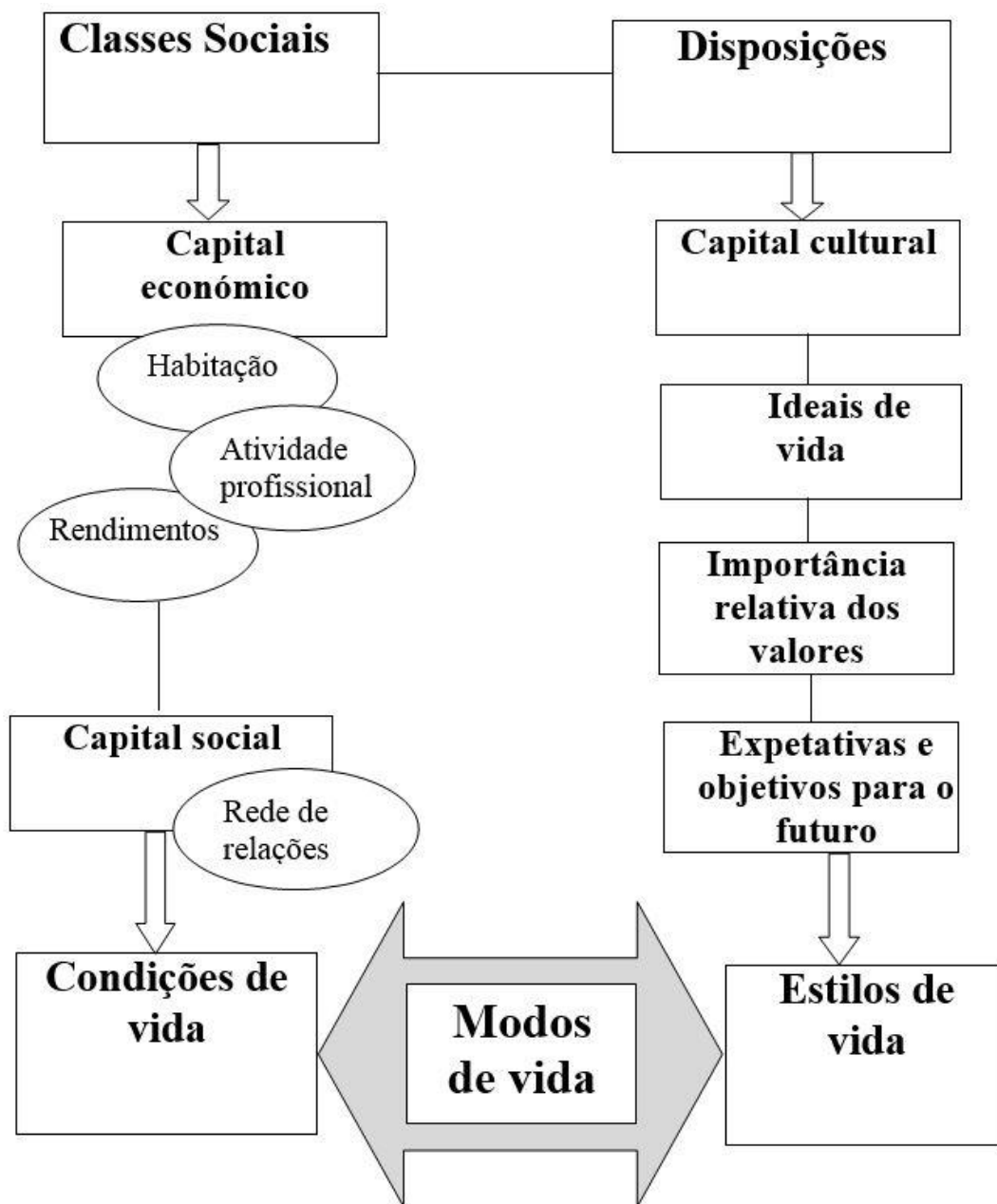


Figura 3. 1 - Esquema teórico de análise dos modos de vida

2. Metodologia

O conhecimento progride como produto da investigação e experiência, muitas vezes pela análise de indicadores sistematicamente tratados. Mas, no caso deste estudo, principalmente as dimensões analíticas, padrões de comportamento e de cultura observáveis, tipificação de condições, comportamento, atitudes, representações e valores, constituem mecanismos que nos permitem confirmar ou informar sobre o objeto em apreço.

Os estudos sobre a juventude, podendo incidir sobre aspetos diversos da sua expressão enquanto objeto, colocando em equação, sejam diferenças de classe ou outras diferenças, seja procurando controlar aspetos comuns a uma geração, dependendo do que queremos apurar, podemos recorrer a escolhas metodológicas sintetizadas em duas opções: de carácter extensivo, com amostras de grande dimensão, permitindo refletir dados representativos de todo o universo dos jovens, pela utilização basicamente da técnica do inquérito por questionário com tratamento por métodos de análise quantitativa; de carácter intensivo por amostras de pequena dimensão onde predomina a utilização da técnica da entrevista para cujo tratamento a técnica adequada é a da análise de conteúdo (Hill, M., & Hill, A. 2005).

Este estudo está centrado na caracterização dos modos de vida dos jovens madeirenses e na formulação da proposta de uma tipologia de modos de vida de jovens na Madeira. Adotámos uma metodologia extensiva com a aplicação de um inquérito por questionário com o objetivo de obter indicadores para o estabelecimento de um retrato dos seus modos de vida e, simultaneamente, uma metodologia intensiva pela utilização de entrevistas com uma abordagem semi-diretiva, de modo a que a colocação das questões permitisse abertura à exploração de abordagens pertinentes para aprofundar certas dimensões previstas no quadro teórico.

O objetivo centrou-se na análise dos diferentes modos de vida dos jovens madeirenses, procurando identificar o que os determina, tanto no plano das condições de vida (trabalho, estudo, rendimentos, família, relação com redes sociais, etc.), como dos estilos de vida (práticas de consumo, preferências culturais, identidades, gostos, símbolos e orientações de vida).

Para a formulação da tipologia, a investigação orientou o foco em particular para o contexto da identificação de ações, valores e significados, adotando uma observação empírica por uma cuidada metodologia qualitativa, procurando uma recolha mais rica de informações relativas às trajetórias de vida, acima de tudo dirigindo uma observação mais fina sobre a forma e as razões que informam o modo como os atores sociais vivem e refletem sobre o seu modo de viver (Quivy, R. 2005).

Porque a construção de um questionário não constitui propriamente uma arte perfeita, numa primeira etapa da pesquisa, para testar a sua eficácia, desenvolvemos um estudo exploratório com a formulação de perguntas, questionadas de forma aberta, por múltipla escolha e dicotomicamente. Neste estudo procurámos conhecer melhor o espaço de atributos de cada variável de modo a depois saber o que perguntar e pôr à prova. Por um lado, a formulação das perguntas, de modo a garantir que o seu significado é o mesmo para o pesquisador e para o respondente, testar a objetividade e simplicidade e, por outro lado, obter informação interessante para a melhoria do guião, no modo de ordenar as questões e a adequação dos seus conteúdos de acordo com o quadro teórico construído.

Procedemos a quatro entrevistas exploratórias aplicadas a indivíduos de condição socioeconómica significativamente diferenciada, com o objetivo de percebermos se o questionamento teria de ser ajustado em função do presumivelmente diferente nível de literacia. Porque em particular os entrevistados com nível de literacia mais baixo deram nota de algumas limitações na adequada interpretação e correspondente expressão nas respostas a alguns conteúdos de algumas das questões, procedeu-se a uma reformulação das perguntas de modo a assegurar terminologia clara de acordo com o objetivo pretendido.

A reformulação do guião determinou que em cada grupo de perguntas por assunto, tenhamos adotado a colocação de questões de procedimento fechado, de resposta alternativa ou múltipla, assegurando que as questões suscitadas obtivessem respostas mais rigorosas e precisas em relação à vida social. Simultaneamente, com questões de procedimento aberto, propiciar uma exploração mais profunda à procura de informação mais fina.

Como parte do inquérito extensivo, considerámos oportuno integrar o subquestionário com um conjunto de dezoito questões que integram a Escala de Richins

e Dawson, (1992)⁴⁰ sobre a importância dos bens materiais para examinar o materialismo como uma faceta do comportamento consumista, instrumento validado para obter informação sobre sucesso, centralidade e felicidade.

Para a aplicação do inquérito por questionário foi tida em conta a importância de recolher informação extensiva sobre os jovens da Madeira. Considerando que de acordo com os dados fornecidos pelos censos de 2011, 42% da população reside no concelho do Funchal e os outros 58% está distribuída pelos restantes concelhos em proporções diferenciadas, houve o cuidado de previamente assegurar a mesma proporcionalidade dos respondentes. Também com base nos dados do último censo, que indicam para o escalão etário entre 15 e 24 anos a percentagem de 51,7 % de jovens do sexo masculino e 49,3% do sexo feminino, foi salvaguardada essa proporcionalidade (Figura 3.2).

Para a administração dos questionários foi constituída uma equipa de 30 auxiliares de pesquisa, todos jovens estudantes da Universidade da Madeira e residentes nos diversos concelhos, que voluntariamente aceitaram colaborar na aplicação do inquérito a jovens dos seus concelhos.

Desse modo foi possível assegurar a recolha de informação de população jovem das diversas condições sociais e dos dois sexos, cobrindo proporcionalmente o universo dos jovens da Madeira.

Todos os membros da equipa receberam formação de modo a garantir que as informações e esclarecimentos prestados a cada respondente resultassem numa correta e adequada interpretação do conteúdo das perguntas.

⁴⁰ A *Material Values Scale* (MVS), criada inicialmente em 1992 por Richins e Dawson, traduz o materialismo como um valor pessoal que tem influência na maneira como os indivíduos estruturam as suas vidas e interpretam o ambiente que os rodeia. Refere-se à importância que é dada pelo indivíduo à posse e aquisição de bens materiais como metas para se realizarem os principais objetivos da vida. É formado por três dimensões (Richins; Dawson, 1992):
Sucesso: uso das posses como julgamento do próprio sucesso da pessoa e de outras;
Centralidade: as posses apresentam-se como elementos centrais da vida dos materialistas;
Felicidade: a crença ou esperança de uma pessoa no sentido de que posses materiais trarão felicidade e satisfação.

3. Amostra

O inquérito foi aplicado a um total de 306 jovens de ambos os sexos com idades compreendidas entre os 15 e os 25 anos com uma amostra de conveniência.

Os nomes que identificam os jovens que integram a amostra são fictícios para salvaguardar a privacidade dos mesmos.

Para assegurar cobertura equitativa foram inquiridos jovens de todos os concelhos da Madeira em proporções adequadas à distribuição da população de jovens do escalão etário adotado: Funchal -128; Santa Cruz – 49; Câmara de Lobos – 40; Machico – 26; Ribeira Brava – 15; Calheta – 12; Ponta do Sol – 9; Santana – 9; São Vicente – 6; Porto Santo – 6; Porto Moniz – 4.

Por idades, do total da amostra, 53% dos inquiridos integram o escalão dos 19 aos 21 anos, correspondendo ao hiato onde ocorrem importantes alterações determinadas pelos projetos de vida dos jovens (Figura 3.3). Nesta fase da vida os jovens deixaram de estar condicionados pelo ensino obrigatório, prosseguindo os estudos uns e candidatando-se ao mercado de trabalho outros, conforme as possibilidades e o projeto de transição para a vida adulta.

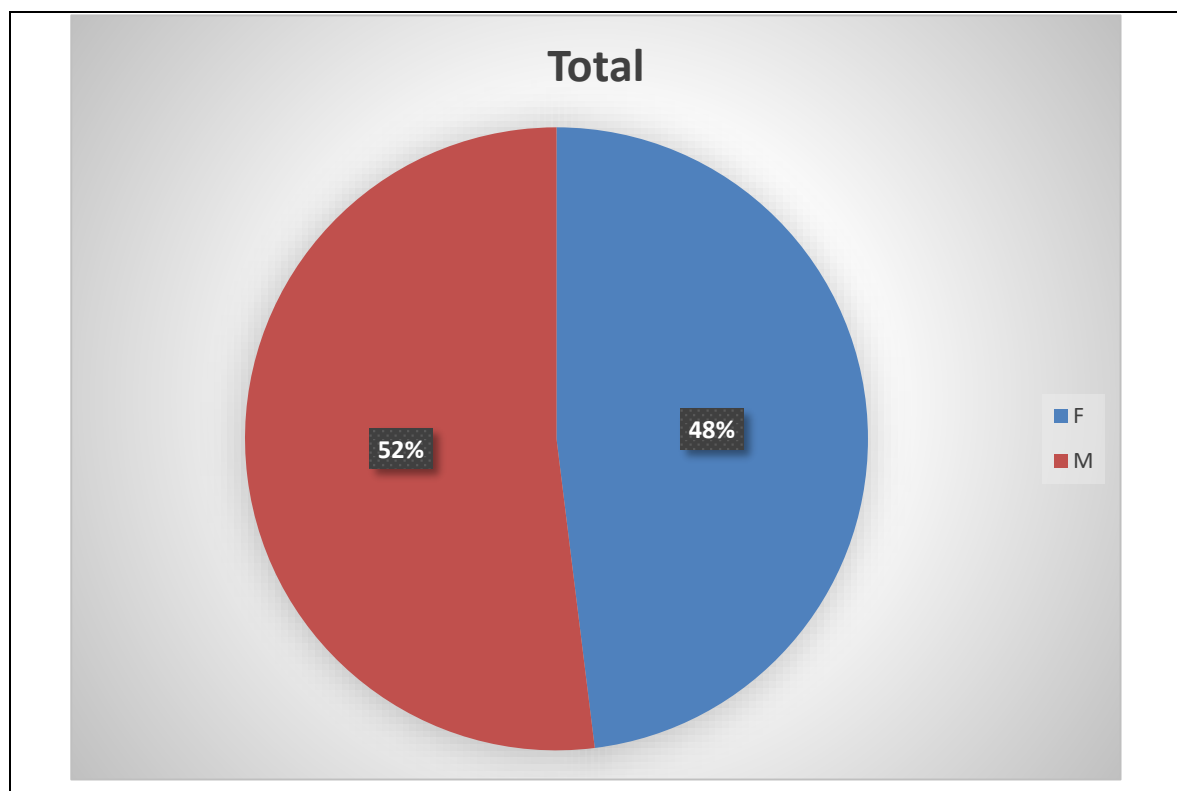


Figura 3. 2 - Composição da amostra por sexo

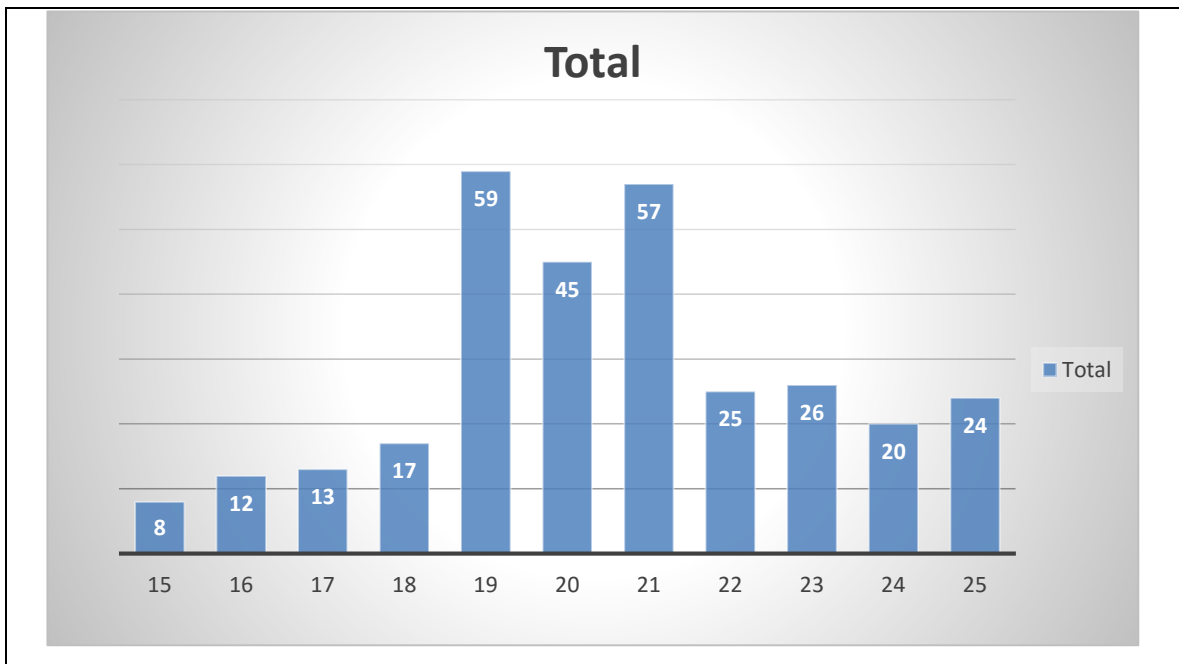


Figura 3.3 - Composição da amostra por idade

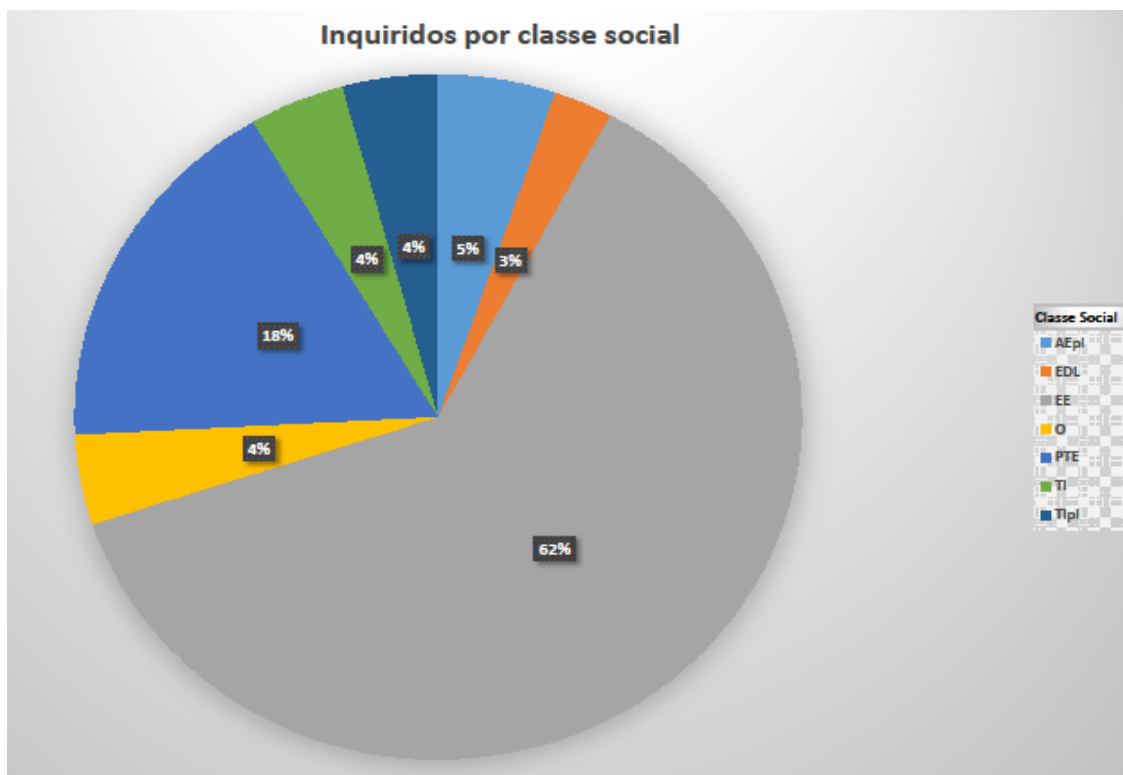


Figura 3.4 - Composição da amostra por classes de grupos domésticos

O resultado apurado dos dados indicados pelos respondentes permitiu a utilização da tipologia usada por António Firmino da Costa (1999) no estudo sobre Alfama, composta por sete classes de grupos domésticos. A composição de classe da amostra ficou assim distribuída: Empregados Executantes (EE) – 62%; Profissionais Técnicos e de Enquadramento (PTE) – 18%; Assalariados Executantes Pluriactivos (AEpl) – 5%; Operários (O) – 4%; Trabalhadores Independentes (TI) – 4%; Trabalhadores Independentes Pluriactivos (TIpl) - 4%; Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais (EDL) – 3% (Figura 3.4).

4. Inquérito por questionário

A forma como se constroem os instrumentos de recolha de informação condiciona naturalmente os resultados produto dessa mesma recolha, limitando ou não a análise e interpretação desses resultados. Por essa razão, é de extrema importância o cuidado colocado na elaboração das questões a serem apresentadas aos respondentes na procura da informação interessante, obrigando a condicionar a amostra aos objetivos da pesquisa, como é o caso.

No apuramento do questionário (consta em anexo) foram consideradas cinco áreas de informação suscitadas pelo modelo analítico:

- A. Dados Sociométricos.
 - A.1. Caracterização social do entrevistado e do agregado.
 - A.2. Contexto social: até aos 14 anos e atualmente.
 - A.3. Consumos culturais da família na sua infância.
- B. Condições de vida.
- C. Experiências no sistema educativo.
 - C.1. Vivências na escola e outros organismos institucionais.
 - C.2. Representações e importância atribuída à escola pelo entrevistado e pela família (coincidência vs descoincidência).
- D. Modos de vida.
 - D.1. Ideais, atitudes e interesses.
 - D.2. Participação na sociedade, convivialidade e lazer.
- E. Valores materiais (Escala de Richins e Dawson, 1992).

5. Análise e discussão dos resultados do inquérito por questionário

Conforme referido na apresentação, constitui objetivo central deste estudo uma análise comparativa dos modos de vida dos jovens, procurando encontrar indicadores do modo como os jovens interpretam os estímulos que captam dos contextos de vida, no quadro das suas condições de vida e da realidade madeirense e os traduzem em diversos modos de viver e diversos estilos de vida. Apresentando uma leitura geral e significativa dos modos de vida dos jovens madeirenses, o objetivo final é a construção de uma tipologia que reflita diferentes modos de vida.

Organizados segundo as pertenças de classe, indicadoras de diferentes condições de vida e, igualmente, de diferentes perceções e sistemas de gosto que determinam os seus estilos de vida, a informação obtida não deixou de refletir as semelhanças geracionais, bem como outras em que a expressão da diversidade permitiu confirmar modos diferentes de interpretar e utilizar os diferentes capitais (cada vez menos distintivos em função dos percursos escolares), dando forma a modos de vida muitas vezes semelhantes de jovens oriundos de categorias de classe social distintas. Consequentemente também acontece o inverso, isto é, modos de vida diferentes de jovens pertencentes às mesmas classes sociais.

Conforme já indicado anteriormente, utilizada a tipologia de A. F. da Costa para caracterizar a classe de grupos domésticos e identificada a posição de classe dos jovens estudados, tornou-se clara a predominância dos inquiridos em duas das sete classes, (80%) nomeadamente: 62% dos jovens integram grupos familiares de Empregados Executantes e 18% dos jovens integram grupos familiares de Profissionais Técnicos de Enquadramento. As restantes cinco classes representadas apresentam percentagens entre os 3% e os 5%. Porque a seleção da amostra foi feita sem avaliação prévia do perfil dos indivíduos no que respeita à classe social – unicamente foram condicionados dois requisitos previamente definidos: a proporcionalidade em função do local de residência por concelho e a proporcionalidade por sexo, em relação aos censos de 2011 no escalão etário em apreço – não sendo probabilística, há uma diversidade que permite considerar na análise uma série de diferentes condições de classe expressão da realidade dos jovens entre os 15 e 25 anos na Madeira.

Considerando que as condições económicas dos agregados familiares resultam fundamentalmente dos rendimentos do trabalho dos pais, constata-se que 64% das mães são empregadas, contra 52% dos pais, sendo que os 31% relativos à condição de

desemprego da mãe resultam fundamentalmente da condição de domésticas, no caso do pai basicamente da condição de desempregados a receber subsídio ou outros apoios. As não respostas relativas ao pai representam, em regra, a não pertença ao agregado por saída de casa ou falecimento.

Quando questionados sobre o entendimento referente à qualidade da habitação, onde se procura refletir sobre o grau de satisfação naquele domínio, sem condicionar qualquer critério exterior ao entrevistado, de modo a obtermos um juízo próprio, damos conta, recorrentemente, de qualificações de bom e muito bom em famílias com os mais baixos rendimentos e, paradoxalmente, de razoável em famílias de maiores rendimentos.

Um dado objetivo refletido pelos indicadores controlados é o de que a qualidade da habitação caiu, tendo em conta o período de vida até a adolescência relativamente à atualidade. O estudo, não tendo controlado a razão da depreciação, deixa a presunção que reflete a baixa do nível de condições de vida das famílias em consequência da crise económica que os portugueses vêm vivendo nos últimos anos, resultando no não investimento na melhoria ou manutenção da qualidade da habitação. (fig. 3.5)

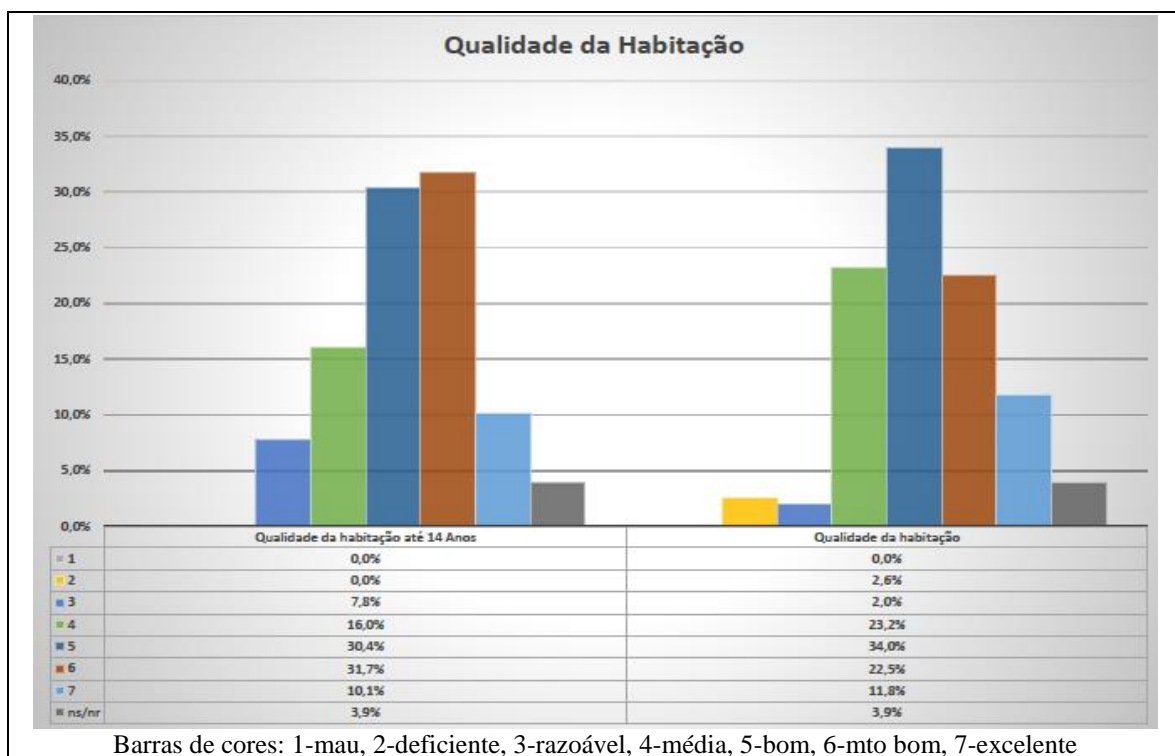


Figura 3. 5 - Qualidade da habitação

Mesmo considerando que a conjuntura económica dos últimos anos suscita a existência de um abaixamento dos níveis de rendimento das famílias, a percepção dos jovens sobre os recursos económicos ao dispor da família e dos próprios não indicia limitações significativas nas condições económicas atualmente, comparativamente com o período até à adolescência. De facto, os níveis de excelente e muito bom baixaram ligeiramente, aumentando o nível de bom, o que apesar de uma pequena variação, mostra a existência de condições económicas positivas, mantendo-se os indicadores mais deficitários classificados de razoável para baixo. (fig. 3.6)

Apesar de 75% dos jovens inquiridos indicarem uma percepção positiva do quadro das condições económicas em que vivem, só 53% referem que os recursos económicos da família não colocaram constrangimentos ao projeto de vida do agregado. Estes dados permitem referir que apesar da maioria dos jovens considerar positiva a sua condição económica, cerca de metade manifesta insatisfação pela existência de limitações económicas à realização de projetos nas suas vidas que por essa razão não tiveram oportunidade de concretizar.

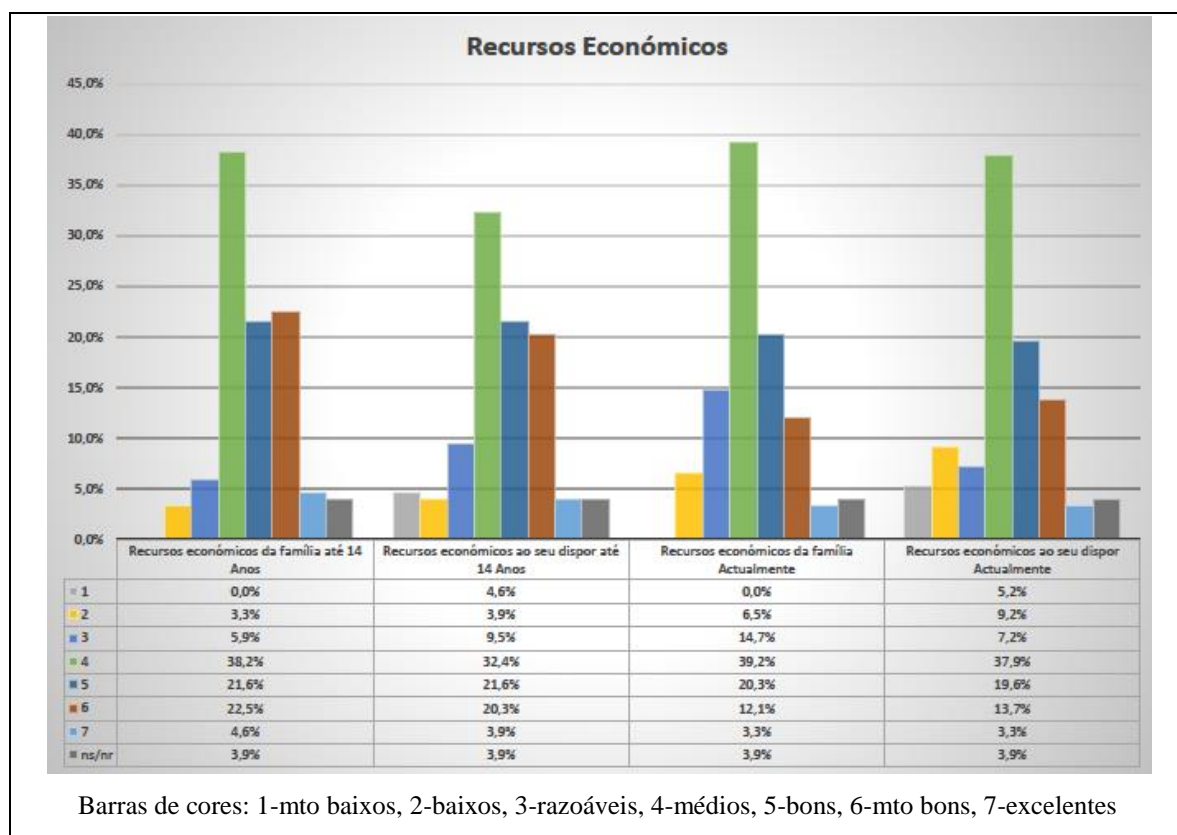


Figura 3. 6 - Recursos económicos

Confirmando o que a literatura refere, observa-se uma resistência à saída da casa dos pais para uma vida independente, seja por condicionamentos económicos que não permitem atender aos encargos com uma vida autónoma, seja porque não constituíram um novo agregado familiar autónomo. De acordo com os dados, 20% destes jovens resistentes à passagem à adultez, desempenham uma atividade profissional que lhes permite rendimento próprio, mas somente 9% assumiram uma vida independente. (fig.3.7)

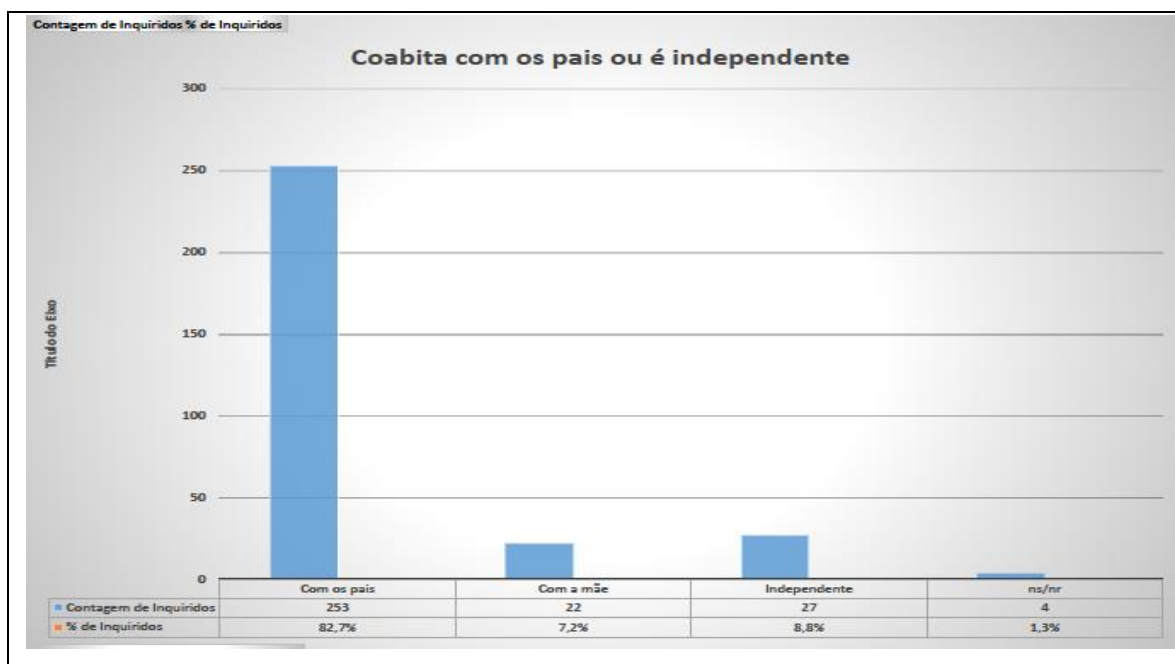


Figura 3. 7 - Local de habitação

Um dado de referência sobre a condição de ser jovem, em sede de entrevista, corresponde à resposta dada à questão colocada sobre tal condição. Os jovens entrevistados, sejam os que estão já no mercado de trabalho, sejam os que já concluíram os seus estudos universitários, ou ainda os que já assumiram uma vida fisicamente separada dos pais, consideram-se definitivamente integrantes dessa categoria social sem reservas, embora reconhecendo serem jovens com estatutos particulares relativamente à maioria.

Vivendo contextos sociais em que a rede de relações sociais assume uma multiplicidade de dimensões, sejam as resultantes do mundo cibernético das novas tecnologias de informação e comunicação a influenciar fortemente o capital social dos

jovens, sejam ainda as percepções apreendidas da interação em espaços de atividade onde predominam as culturas juvenis, ou no espaço das instituições de ensino, também esse não condicionado a padrões fechados de socialização, os jovens vivem frequentemente perante realidades diferenciadas, muitas vezes a contrastar com as referências construídas no contexto do espaço familiar.

Apesar de confrontados com tais contrastes, de acordo com os investigadores que vêm dedicando atenção à instituição família nos nossos dias, é evidente a importância desses vínculos e compromissos no âmbito do capital social que orienta os seus modos de viver.

Questionados sobre a qualidade dos afetos no espaço familiar através da utilização da escala tipo *Likert* com sete níveis, 80% dos jovens respondem entre bom e excelente, sendo a indicação de excelente referida por 32% e nenhum responde escolhendo os níveis um e dois (mau e deficiente). Significa isto, de modo claro, o reconhecimento da importância dos afetos dos membros da família nas suas vidas. (fig.3.8)

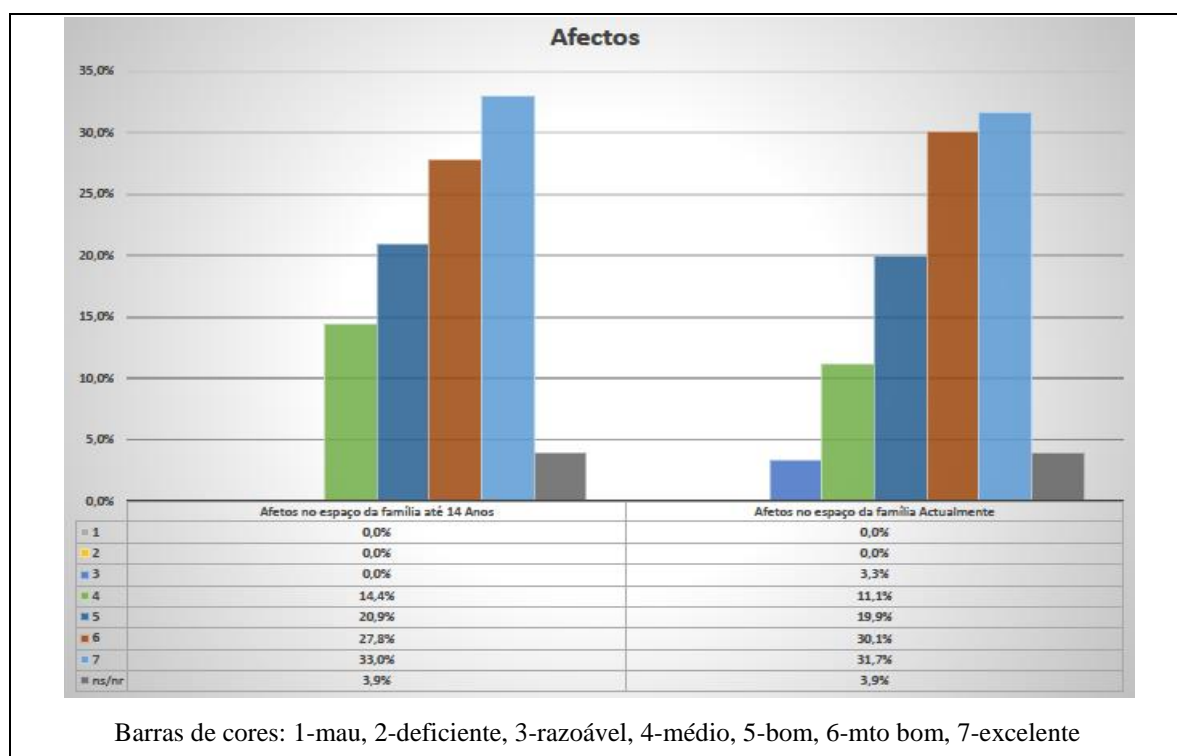


Figura 3. 8 - Afetos no espaço da família

Com modos de vida mais virados para atividades fora de casa, onde predomina o tempo ligado à atividade institucional, seja de trabalho seja de estudante, acentuam-se as redes de relações próprias de atividades exteriores ao espaço familiar, pela constatação de que 80% dos jovens passam em média 65% do tempo livre em atividades fora de casa. (Fig. 3.9)

Sem particularizar quais as atividades/convívio preferidas em concreto, procurámos saber qual a relação entre o gosto pela sua realização e a realização de facto de atividades que gostam de fazer. Só 10% dão indicação negativa, de não realização, e 83% referem uma indicação favorável para a realização dessas atividades, com 30% a indicar que o nível de realização é bom e 22% a exaltar indicando o nível de excelência.

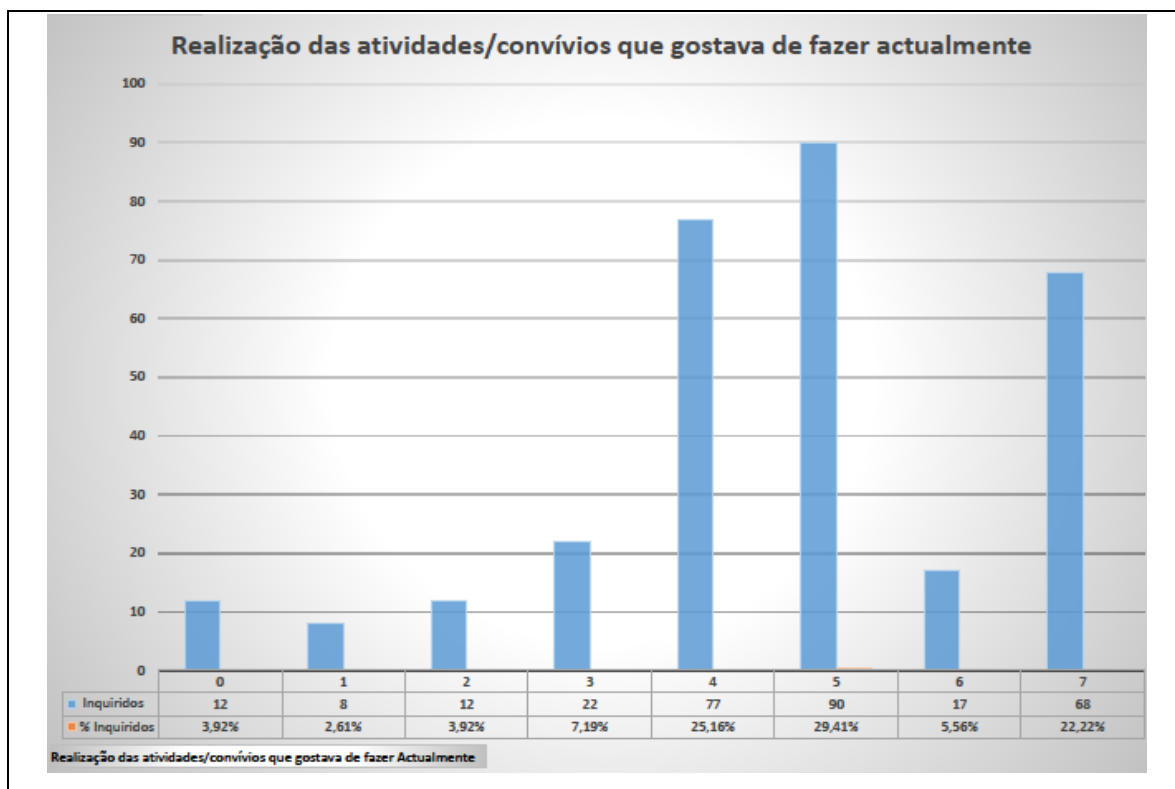


Figura 3. 9 - Atividades/convívio

5.1. Capital cultural entre os jovens inquiridos

Os recursos que estruturam o capital cultural dos jovens, de entre outras origens, resultam do papel das comunidades de residência ou outras (por exemplo, étnicas), dos grupos de amigos, mas também dos meios de comunicação social e das TIC entre outras

possibilidades. Todas jogando um papel muito importante na formação das identidades, das preferências e das práticas culturais, resultam de forma destacada da ação da escola e da família.

Da socialização familiar capitalizam-se formas de pensamento, competências de comunicação linguística, saberes, esquemas de pensamento que concorrem para a cultura dominante, afetando as culturas dominadas, mas de modo diferenciado em função da sintonia ou da distância de classe dos agregados familiares.

Porque, como refere Bourdieu, a reprodução cultural é indissociável do capital social, diferentes tipos de grupos familiares, dependendo dos diferentes níveis de qualificação escolar que de modo diferenciado caracterizam as diferentes realidades familiares, influenciam consideravelmente o capital cultural que orienta os jovens nos seus esquemas de pensamento e nas práticas que determinam os seus modos de vida.

Os dados obtidos no inquérito mostram que as mães se apresentam com maiores níveis de escolaridade relativamente aos pais, nomeadamente em relação aos níveis superiores de qualificação: as mães com nível de mestrado correspondem a 6,86% e com nível de licenciatura a 7,84%. (fig. 3.10) Os pais apresentam respetivamente percentagens de 1,63% e 4,9%. Também ao nível do ensino secundário concluído as mães apresentam uma percentagem bastante superior relativamente aos pais, 19,8% das mães têm o 12º ano concluído contra 11,76% dos pais. Só nos níveis do ensino básico, como é natural face às diferenças apresentadas a partir do nível do ensino secundário, é que os pais apresentam percentagens mais elevadas do que as mães, deixando claro que as mães detêm maior qualificação académica, com um total de 34% com habilitações entre o 12º ano e mestrado, espaço de qualificação que só 18% dos pais ocupam.⁴¹

⁴¹ Não havendo condições de cruzar os dados obtidos com a estrutura das habilitações da população em geral, particularmente porque os pais dos jovens estudados não se constituem em escalão etário de referência, todavia, constitui um indicador de habilitações dos pais dos jovens estudados.

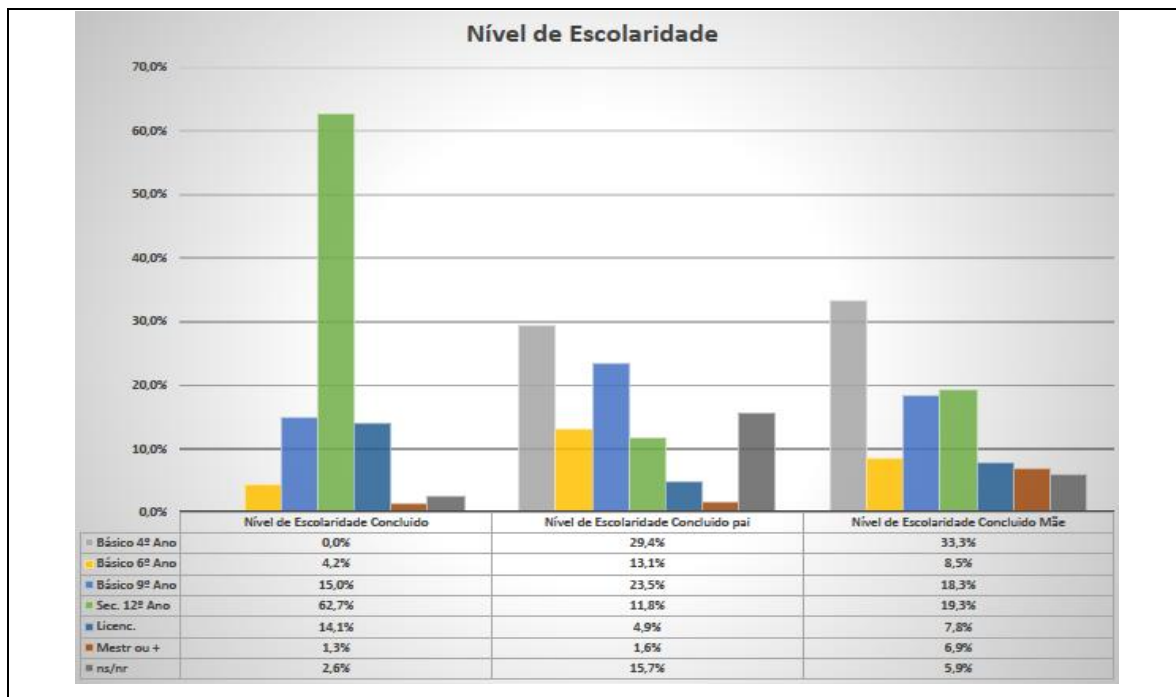


Figura 3. 10 - Nível de escolaridade

Se os jovens incorporam capital cultural resultante da ação dos agentes familiares, cujos contributos variam em função dos níveis de competências e de saberes existentes nesses agregados, e estando reconhecida a importância da escola na estruturação do capital cultural, em particular porque também promove uma visão do mundo mais reflexiva, apresentando-se as mães com níveis de qualificação escolar em média acima dos pais, um indicador que deixa a presunção de que as mães constituirão agentes melhor qualificados no processo de educação dos filhos, relativamente aos pais.

Neste contexto e porque a incorporação de capital cultural também ocorre hoje muito por via dos palcos virtuais que a Internet proporciona, face aos dados que a bibliografia hoje apresenta sobre o tempo utilizado para “navegar”, deixando a ideia que os jovens vêm crescentemente a distanciar-se da interação social direta pela razão de cada vez mais se isolarem junto dos *écrans* dos diversos equipamentos que os ligam a esse “novo mundo”, os dados apurados mostram-nos uma realidade bem mais equilibrada.

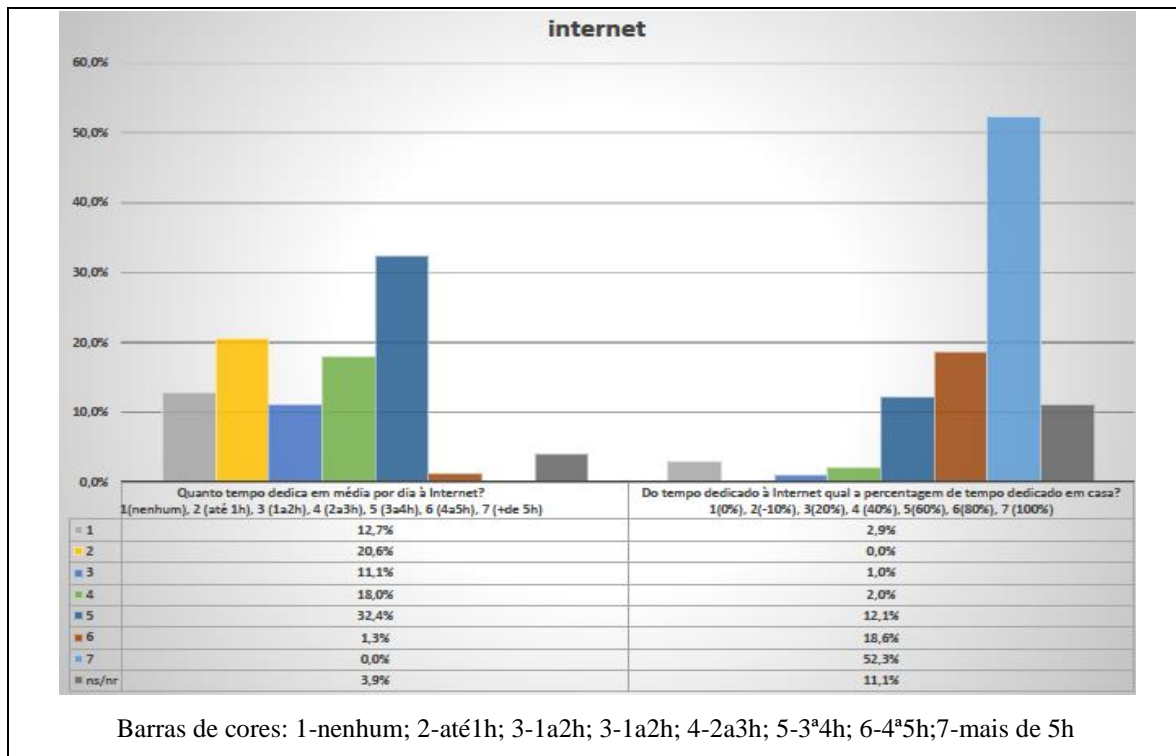


Figura 3. 11 - Tempo dedicado à Internet

Questionados sobre quantas horas em média por dia dedicam à Internet, as respostas situaram-se entre 0 e 5 horas percentualmente assim divididas: 5% não têm hábito; 17% até 1h; 20% entre 1 e 2h; 22,8% entre 2 e 3h; 14,7% entre 3 e 4 h; 20% entre 4 e 5h. Um indicador interessante que poderá justificar o discurso dos pais de que os filhos passam o tempo na Internet, é o referido pelos respondentes quando questionados sobre qual a percentagem de tempo dedicado à Internet quando estão em casa. (fig.3.11)

De facto, 60% dizem que 80% do tempo dedicado à Internet ocorre quando estão em casa. Para termos uma ideia mais clara lembramos os indicadores obtidos sobre a percentagem de tempo livre passado fora de casa, em que 35% dos jovens referem passar 50% do tempo livre fora de casa e 43% dizem que passam mais de 60% do tempo livre fora de casa. (fig. 3.12)

Ou seja, de acordo com os dados obtidos, os jovens, apesar de serem grandes consumidores (fig. 3.13) das novas tecnologias de comunicação (O grande grupo de jovens inquiridos, pertencente à classe EE (62%), dispõem de PC (89,5%), tal como o 2º maior grupo inquirido, da classe PTE (18%), com a indicação de 92,5% disporem também de PC), não desligaram da interação social direta nos seus modos de vida.

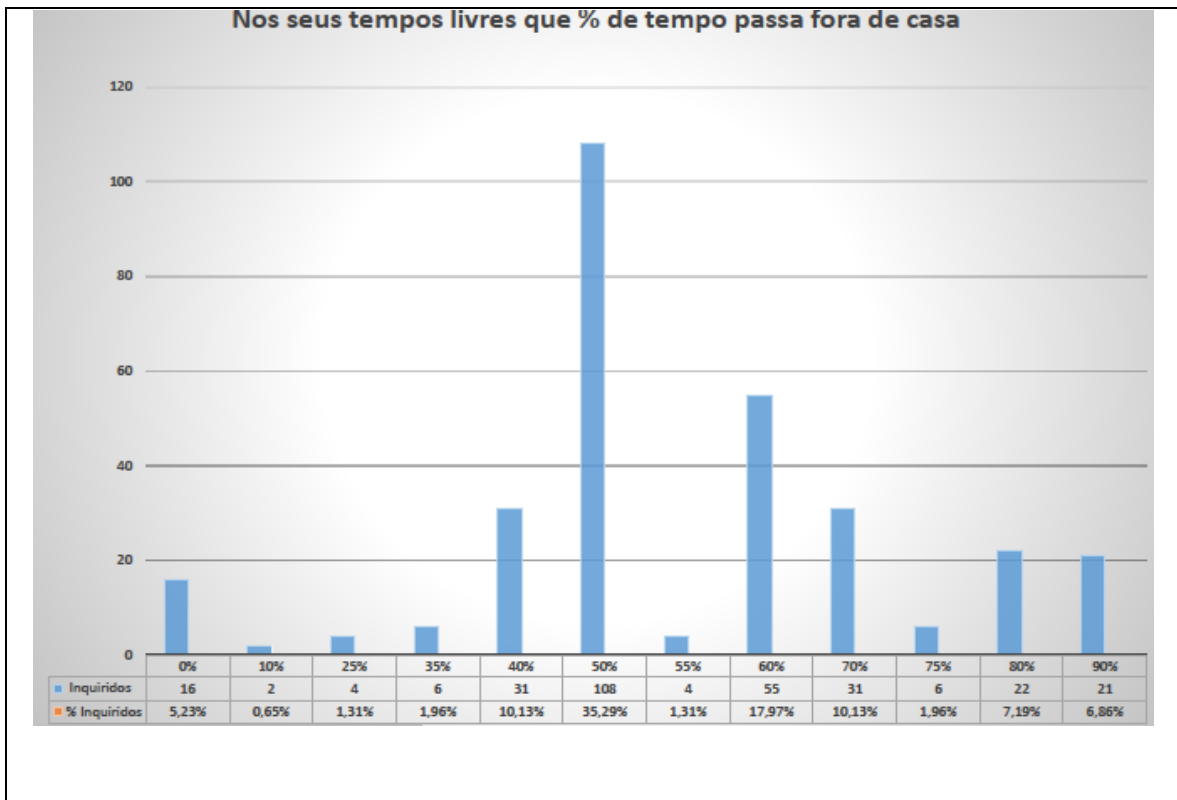


Figura 3. 12 - Tempos livres fora de casa

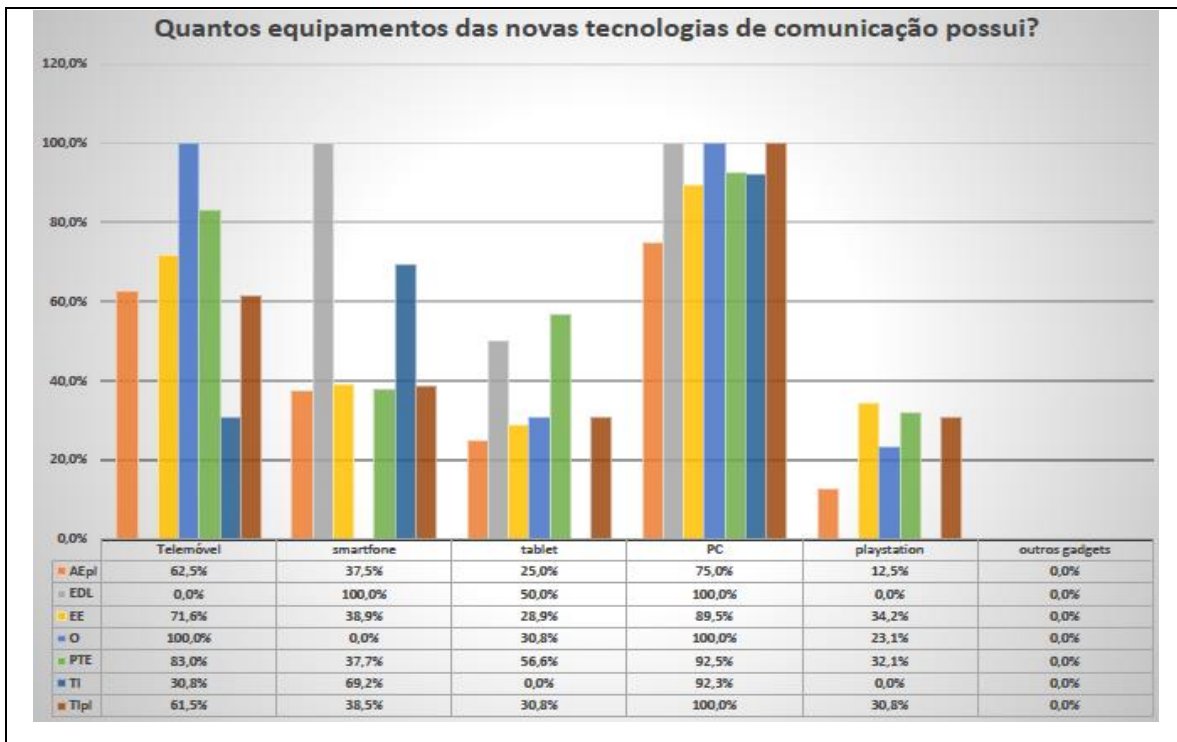


Figura 3. 13 - Novas Tecnologias de Comunicação

Outro aspeto condicionante do modo de viver a vida está relacionado com o grau de liberdade que os jovens dispõem para orientar as suas ações. Questionados para caracterizarem o grau de liberdade, 60% dos inquiridos consideram ter um nível de liberdade muito bom a elevado, sendo que para este último grau concorrem 35,6% dos jovens. Com um nível bom de liberdade, indicam 21% dos jovens e 14,7% consideram dispor de uma razoável liberdade. (fig. 3.14)

Numa leitura global sobre o grau de liberdade de que os jovens dispõem para orientar as suas opções e modos de vida, os indicadores mostram uma disposição positiva para orientar as suas ações de acordo com a sua própria perceção do mundo.

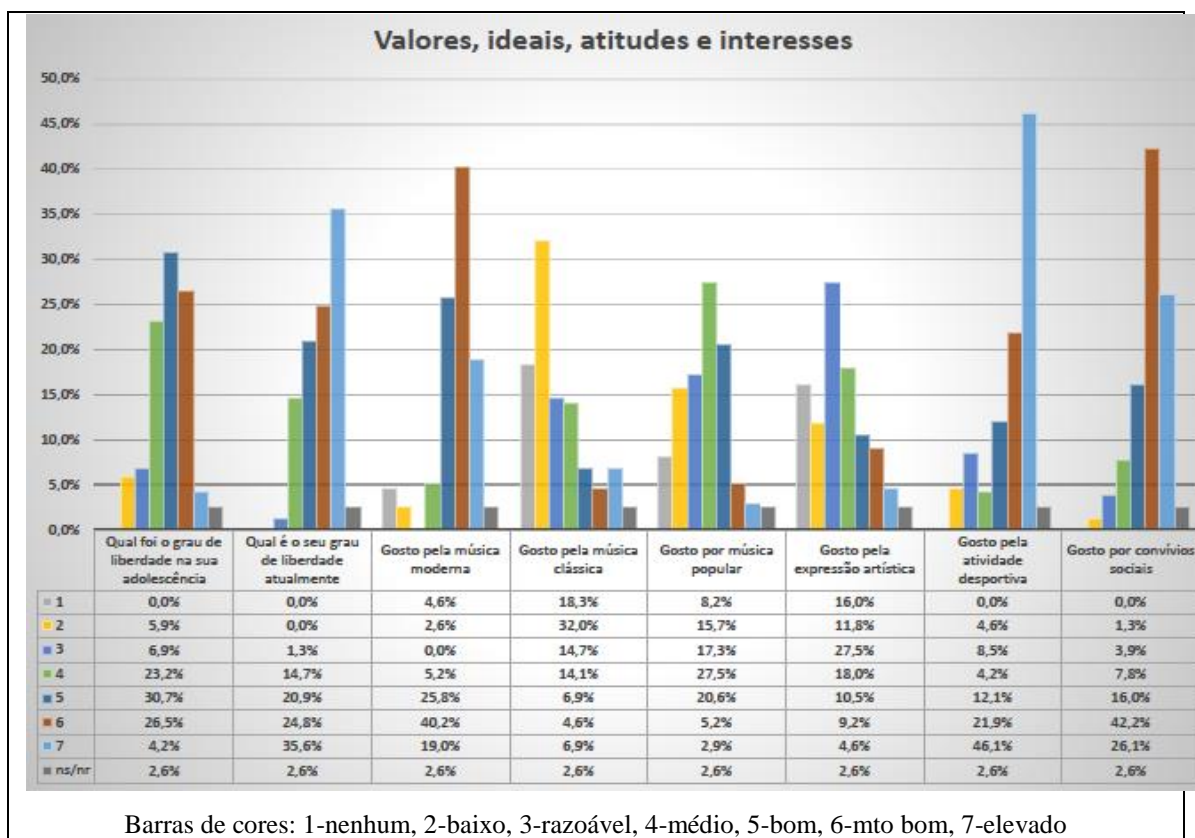


Figura 3. 14 - Valores, ideais, atitudes, e interesses - dados gerais

Um indicador interessante do modo como varia a perceção que os jovens têm sobre o grau de liberdade de que dispõem atualmente em relação ao período da adolescência, está expresso no indicador de grau de liberdade elevado para a adolescência, indicado por só 4% dos jovens, contra os 35,6% que referem essa indicação para a atualidade. Naturalmente que a explicação para esses indicadores de liberdade assenta na razão de que os adolescentes, vivendo um período das suas vidas

com menos maturação das suas faculdades, face ao período seguinte, considerado pela psicologia evolutiva como o período onde prevalecem as emoções sobre a razão, gozem de menos liberdade em consequência dos pais exercerem sobre eles um maior acompanhamento e regulação do nível de liberdade naquele período de crescimento.

Porque o capital cultural se constrói também a partir das práticas que a vida social vai desenvolvendo na trajetória de vida, o modo como os jovens hoje vivem a vida resulta em parte dos condicionamentos que têm ou não sobre a realização de atividades de acordo com as suas motivações. Por essa razão, pareceu-nos pertinente conhecer que níveis de constrangimentos ocorreram anteriormente e ocorrem na atualidade na realização de atividades/convívios que gostam de fazer. (fig. 3.15)

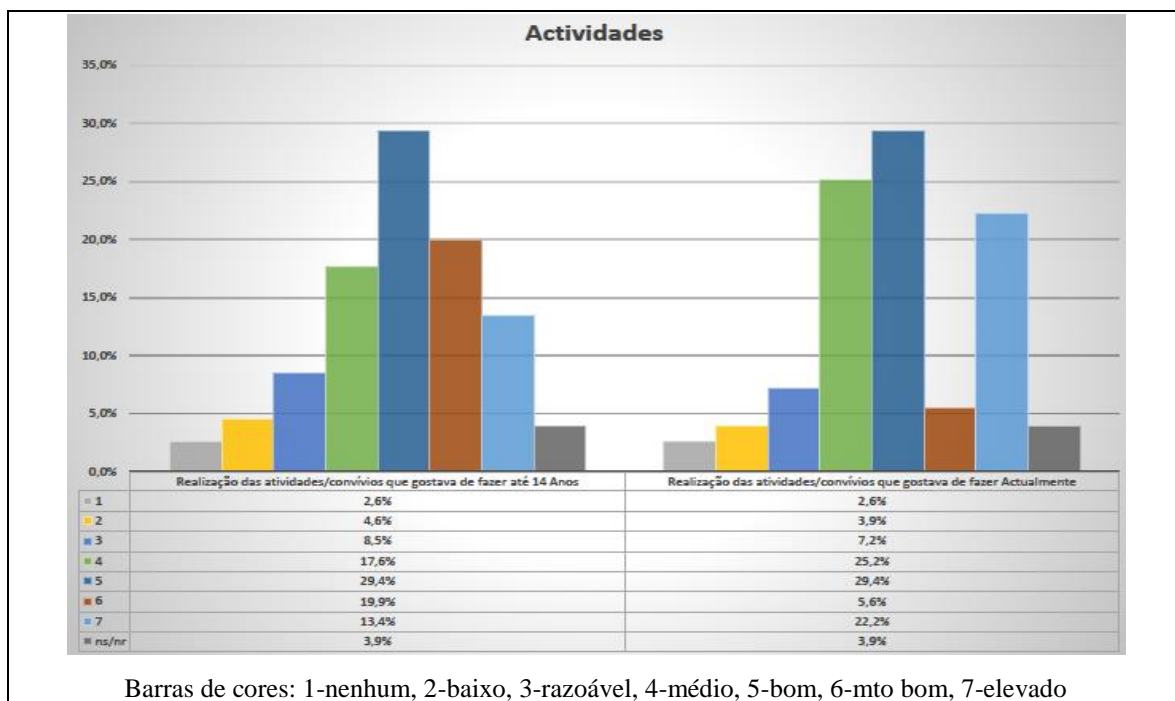


Figura 3. 15 - Atividades/convívios

Os dados obtidos suscitam duas leituras:

1. Uma prende-se com os níveis de percepção de liberdade apurados, dado refletirem articulação entre um e outro aspeto - porque os jovens vivem hoje a vida com maior nível de liberdade relativamente à fase da adolescência, também apresentam um aumento do nível de realização de atividades que gostam de fazer, passando de uma percentagem de 13% de inquiridos que consideravam um nível

excelente de realização de atividades até aos 14 anos para 22% na atualidade. Este aumento para 22% resulta da promoção do nível muito bom que baixa de 19% para 5,5% entre a fase anterior e a atualidade.

2. A segunda leitura é suscitada pela descida da percentagem de jovens que indicaram o nível 6 (muito bom). Parecendo claro que o aumento de percentagem no nível excelente na atualidade resulta do abaixamento da percentagem no nível 6 até aos 14 anos, também se percebe que aumenta a percentagem de 17% para 25%, entre a fase anterior da vida e a atualidade no nível médio (nível 4), percentagem deslocada para baixo a partir da redução do nível muito bom (nível 6). Tendo presentes os indicadores já anteriormente referidos sobre a condição económica, pode-se fazer a leitura de que os jovens de classes sociais com melhores condições de vida fazem um aproveitamento do aumento do grau de liberdade para aumentar o grau de realização de atividades; para os jovens de classes sociais mais condicionadas nos seus recursos económicos, os constrangimentos que a perda de recursos económicos nas famílias colocam, determina um abaixamento do nível de realização de atividades que gostam de fazer.

5.2. Disposições que estruturam estilos de vida

A compreensão de como a maneira de ser e de se expressar dos jovens resulta de condicionamentos próprios, produtos de experiências passadas que estruturam as suas perceções, apreciações e ações, na realização de múltiplas tarefas, passa pela observação das suas práticas e das opiniões/representações/valores que são produto dessas disposições, que importa identificar.

Porque os jovens da atual geração cresceram num clima de forte motivação para o consumo desenhando ideais de vida onde os valores materialistas estão muito presentes, considerámos útil a aplicação da escala de Richins e Dawson utilizando uma escala de *Likert* de cinco níveis, permitindo-nos obter indicadores de três constructos: sucesso, centralidade e felicidade.

O constructo do sucesso constitui um indicador da tendência para acreditar que o grau de sucesso é consequência da quantidade e da qualidade de bens possuídos. O

sucesso do próprio e dos outros é julgado pelo tipo e quantidade de bens materiais acumulados.

Os dados obtidos em geral indicam que os jovens não reconhecem importância aos bens materiais como indicador de *status* social, respondendo que discordam ou que não concordam nem discordam. (fig. 3.16)

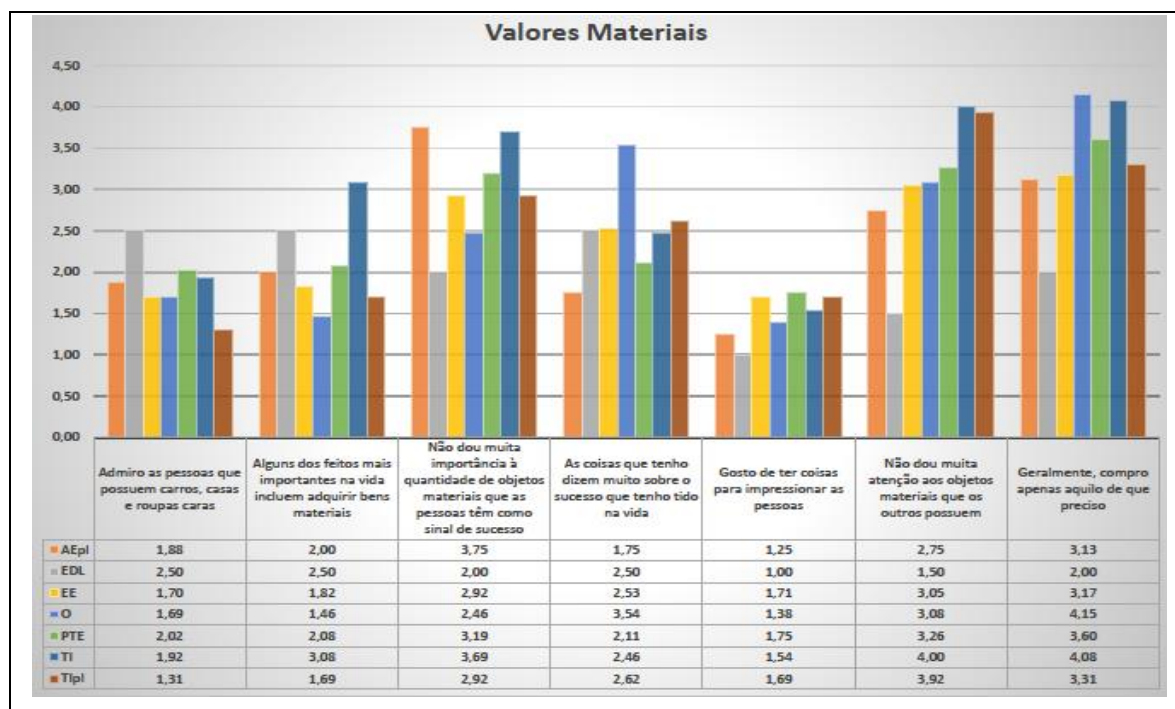


Figura 3. 16 - Valores materiais ligados ao sucesso

A questão mais representativa dessa negação que colheu uma quase unanimidade de juízo de todas as classes sociais representadas é a liminar recusa de que “Gosto de ter coisas para impressionar as pessoas”.⁴²

Quando analisamos os indicadores por classe, mesmo tendo presente que, em geral, os jovens olham o lado material da vida de modo contido, constata-se diferenças evidentes que destacam por contraste diferentes classes sociais. Para os jovens da classe

⁴² Apesar da escala de Richins e Dawson ser largamente utilizada na investigação, constatamos haver algumas questões formuladas no questionário que tendem a gerar respostas socialmente convenientes, como é o caso da questão em apreço, que em nosso entender deveria ser colocada numa forma neutra, por exemplo, “há muitas pessoas que gostam de ter coisas para impressionar os outros, e isso é compreensível porque as aparências contam muito”. Ponderadas adaptações naquele instrumento, optamos por aplicar o original assumindo a existência de eventuais razões que nos escapam.

“O”, o sucesso não se constrói pela aquisição de bens. Estes jovens são os que mais concordam com a afirmação de que geralmente compram apenas aquilo de que precisam, ao passo que, em oposição, são também os que menos valorizam que alguns dos feitos mais importantes na vida incluem adquirir bens materiais. Por outro lado, os jovens da classe “EDL” adotam opinião exatamente contrária manifestando a maior discordância sobre a primeira questão, e a maior concordância com a segunda.

Predominando entre os jovens das diversas classes uma desvalorização da importância dos bens materiais enquanto fator relevante de sucesso, ainda assim observamos indicadores que marcam uma pequena diferenciação referente à classe “TI”. Sendo os que mais desvalorizam a compra para além das necessidades, bem como a atenção para a posse de objetos materiais que os outros possuem, são os que mais consideram que alguns dos feitos mais importantes na vida incluem adquirir bens materiais.

O constructo de centralidade refere a compra e a posse de bens como realidades elementares que estruturam a vida. Os dados recolhidos permitem-nos estabelecer análises comparativas entre classes. (fig. 3.17)

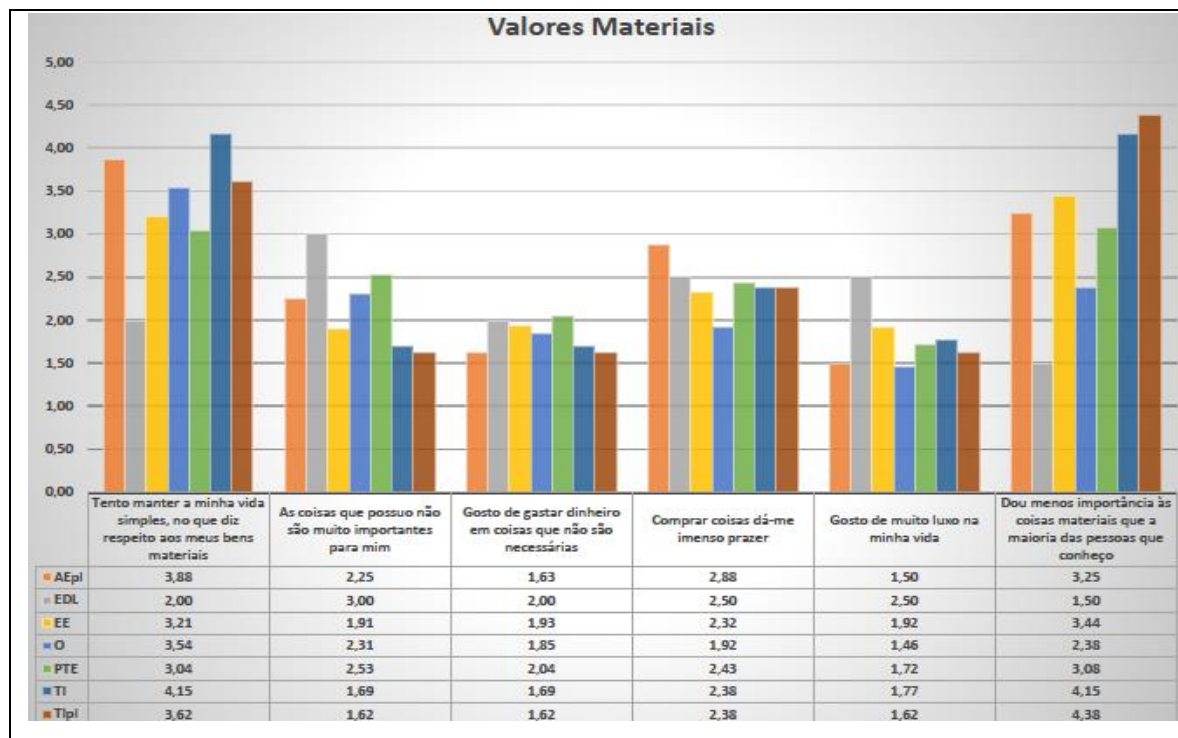


Figura 3. 17 - Valores materiais ligados à centralidade da vida

Tendo presente os contributos teóricos dos autores de referência sobre o peso do materialismo na vida dos jovens, a observação das respostas obtidas contraria os autores que referem o domínio do consumismo na vida das pessoas. Dão-nos conta de uma desvalorização da importância dos bens materiais enquanto eventuais fatores centrais na vida dos jovens. Sobre os três itens⁴³ que questionam de modo afirmativo um valor positivo para os bens materiais – 1. Gosto de gastar dinheiro em coisas que não são necessárias; 2. Comprar coisas dá-me imenso prazer; 3. Gosto de muito luxo na minha vida – sem variações significativas as respostas obtidas indicam discordância. Sobre os dois itens que desvalorizam a importância dos bens materiais - 1. Tento manter a minha vida simples, no que diz respeito aos meus bens materiais; 2. Dou menos importância às coisas materiais que a maioria das pessoas que conheço – a maioria dos respondentes, de modo compatível com as respostas dadas nas três questões anteriores, manifestam concordância.

As respostas a estas duas últimas questões apresentam algumas variações quando observadas no âmbito das diferenças de classe, com indicadores dos jovens de classes familiares de estratos mais elevados, no caso da categoria EDL, a manifestarem discordância, valorizando os bens materiais. Essa valorização observa-se também pelas respostas às questões ligadas ao sucesso (Fig. 3.16) “Não dou muita atenção aos objetos materiais que os outros possuem” e “Geralmente, compro apenas aquilo de que preciso” onde as respostas são de desacordo com tais afirmações.

Sobre a questão onde, pela negativa, é questionada a importância que tem para os respondentes as coisas materiais que possuem - As coisas que possuo não são muito importantes para mim -, podendo parecer paradoxal discordarem da afirmação, dado que nas restantes questões indicam baixo nível de materialismo,⁴⁴ é admissível que as coisas que possuem, por não cultivarem uma dependência das coisas materiais, correspondam a necessidades funcionais, daí considerarem ser relativamente importantes. De outro modo, podendo indiciar estilos de vida a que Bourdieu chamaria “vulgares” dado o “gosto do necessário” típico das classes populares, admitimos poderem estar as respostas

⁴³ Três itens que poderiam ser colocados de forma neutra, em nosso entender, tecnicamente suscetíveis de obter respostas mais fidedignas, mas optámos por respeitar o guião original. Inglehart (1990) dava já indicação de que os valores de vida estariam mudando para uma dimensão bens constitui caminho para construir felicidade e bem-estar. Através de uma subescala menos material.

assumidas de modo socialmente conveniente devido à formulação eventualmente pouco neutra da questão.

O constructo de felicidade elabora um grau de esperança de que adquirir e possuir constitui um meio para realizar a felicidade. Constituído por cinco itens, procura-se determinar o grau de felicidade do indivíduo por via da importância dada aos bens. (fig. 3.18)

Numa análise geral às respostas obtidas observamos a existência de um padrão de valorização intermédia da importância das coisas materiais enquanto razão para a felicidade e bem-estar. Provavelmente dando conta que o acesso aos bens materiais mais importantes é hoje coisa fácil, determinando uma certa desvalorização enquanto fator condicionante da felicidade. Apesar disso, damos conta de algumas *nuances* quando olhamos para algumas diferenças nas opiniões de respondentes de classes diferentes.

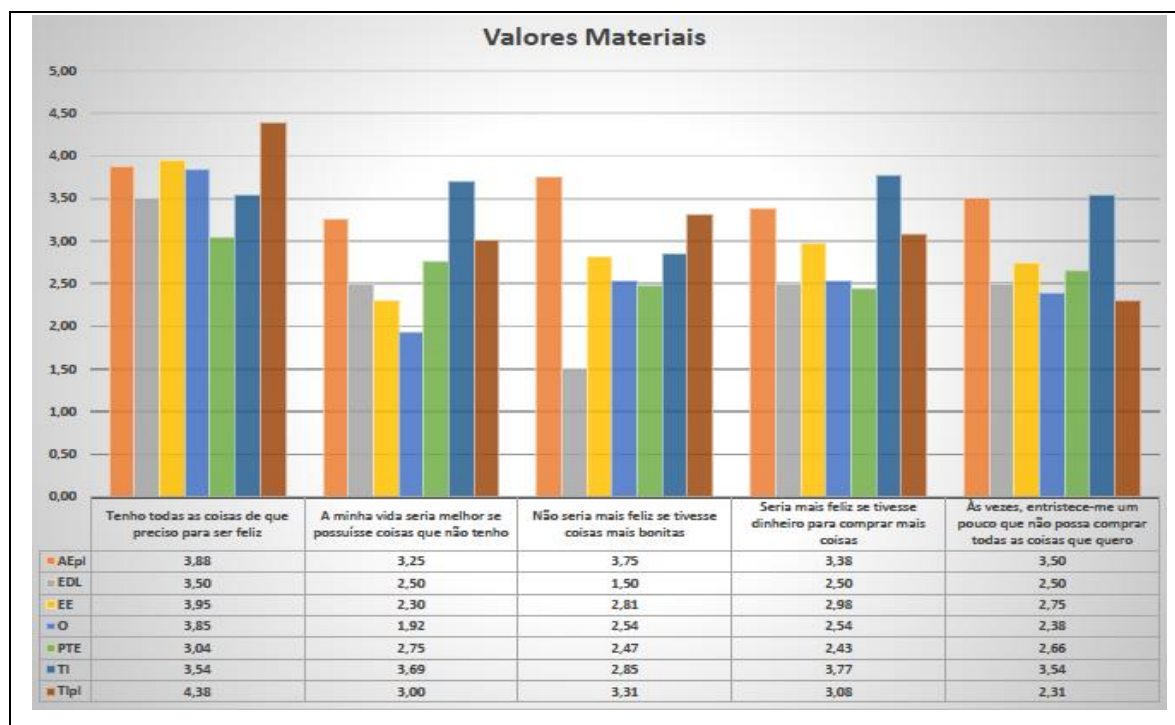


Figura 3. 18 -Valores materiais e felicidade

Quando questionados se não seriam mais felizes se tivessem coisas mais bonitas, predomina nas respostas o não concordo nem discordo, contrastando dois indicadores de representantes de classes de condições sociais diferentes: os respondentes da classe EDL (empresários, dirigentes e profissionais liberais) discordam, considerando a importância da posse de coisas mais bonitas um fator de maior felicidade, deixando

aqui a ideia de que mais do que o valor material das coisas importa o valor estético; em oposição, os respondentes da classe AEpl (assalariados, executantes pluriactivos) não valorizam o aspeto estético como fator contribuinte da felicidade, respondendo com concordância que não seriam mais felizes.

Embora predominando respostas à volta de valorização de uma importância média dos bens materiais para a realização da felicidade, a propósito do ter ou não ter, obtivemos também dois indicadores a diferenciarem duas classes de posições opostas: questionados sobre se a vida pessoal seria melhor se possuíssem coisas que não têm, os jovens com origem na classe operária desvalorizam a importância das coisas que não possuem, discordando da afirmação e indiciando uma atitude de conformismo, considerando que a felicidade não depende fundamentalmente das suas condições materiais; por outro lado, os respondentes da classe TI (trabalhadores independentes) concordam que a sua vida seria melhor se possuíssem coisas que não têm. Em duas outras questões, destacando-se dos outros, os respondentes da classe TI dão nota da importância das coisas materiais nas suas vidas ao concordarem que “Seria mais feliz se tivesse dinheiro para comprar mais coisas” e que “Às vezes, entristece-me um pouco que não possa comprar todas as coisas que quero”. Aqui se observa uma correlação com as indicações deixadas por Belk, Ger e Askegaard (2003), ao referirem que o apelo ao consumo e a busca da felicidade por esse meio, ocupam os desejos dos consumidores.

5.3. Consumos culturais, convivialidade, atitudes e interesses

Na linha de pensamento de Giddens a que já aludimos anteriormente, e tendo presente que os estilos de vida ganham relevo nas práticas diárias e na construção das identidades pessoais pela experiência personalizada versus a experiência mercantilizada, considerámos oportuno saber como reagem os jovens madeirenses aos modelos de subcultura que a mercantilização projeta. Conforme se mostra na Fig. 3.18, questionados sobre a pertença a grupos que desenvolvem uma subcultura, as respostas foram unânimes negando em absoluto esse tipo de pertença, ainda que um residual de 2% tenha considerado que não pertencendo a qualquer subcultura se identifica com algum dos modelos.

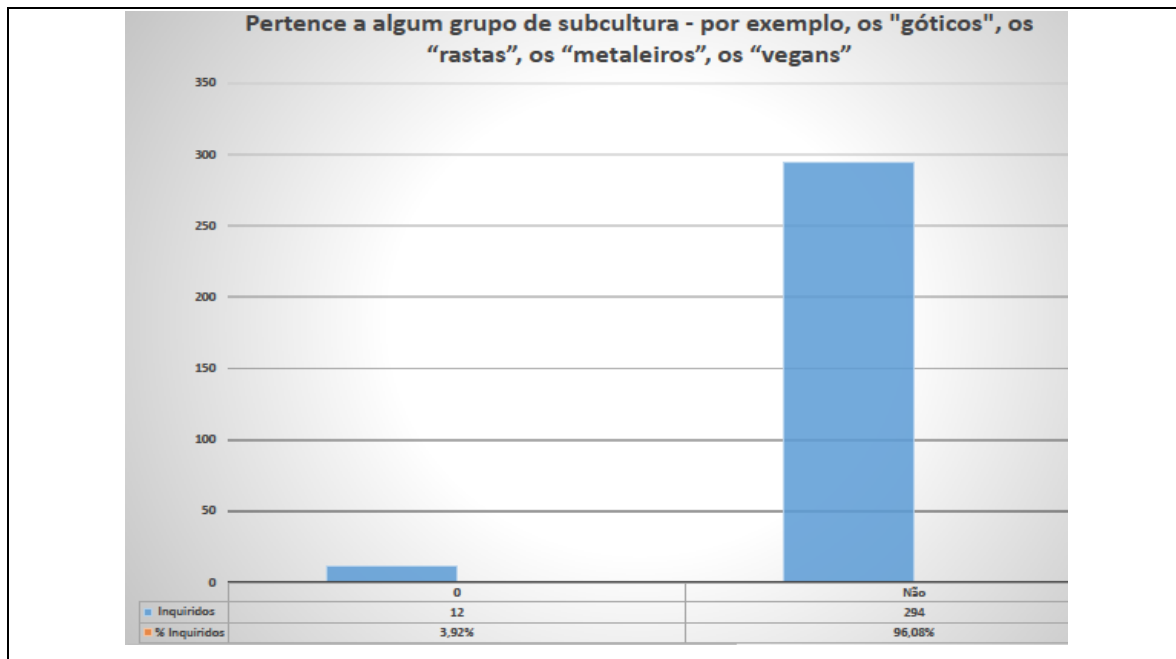


Figura 3. 19 - Pertença a grupos de subcultura

Na generalidade os jovens não reconhecem reger os seus projetos de vida por modelos ou ídolos, manifestando uma fraca adesão à questão “Algum ídolo ou modelo de vida é referência no modo como procura realizar o seu projeto de vida?”.

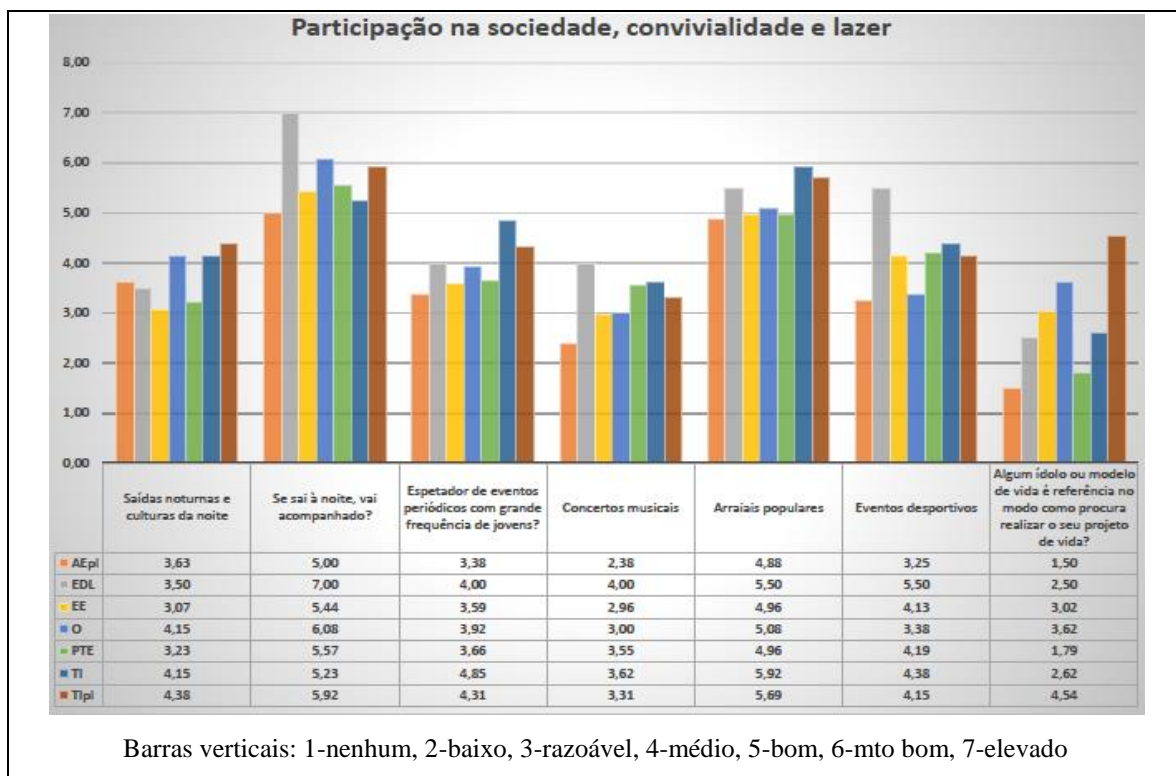


Figura 3. 20 - Participação na sociedade, convivialidade e lazer

Excepcionalmente surgiu uma referência aos pais enquanto modelos, como gesto de gratidão, apreço ou afeto. Confirma-se que a diversidade de meios e quadros institucionais que servem de referência nos processos de socialização tornam os indivíduos “plurais”, como refere Lahire.

Sobre convivialidade e lazer, 70% identifica-se com o desporto, dedicando-se à sua prática em boa parte do seu tempo livre. No campo da assistência a eventos desportivos, genericamente não se observa uma disposição substancial, embora com um interesse mediano na participação. A exceção para os jovens da classe EDL, que se manifestam entusiastas dessa participação e, por outro lado, também lideram a disponibilidade para a presença em eventos musicais.

Os inquiridos revelam um interesse médio para atividades de convívio e lazer, como sejam eventos periódicos virados para os jovens, concertos musicais ou saídas noturnas, sem variações significativas determinadas pela pertença de classe.

Constituindo um indicador significativo da vida cultural dos jovens madeirenses observamos uma forte adesão à presença em arraiais populares,⁴⁵ comum a todos os jovens, constituindo uma marca forte de enculturação e referência de estilos de vida dos jovens madeirenses.

Sobre outras práticas culturais, só 14% respondeu ao envolvimento nesse tipo de práticas.

⁴⁵ O calendário das festas religiosas madeirenses (Biblioteca Pública Regional da Madeira - <http://www.bprmadeira.org/>) integra 267 eventos, a maioria dos quais, oportunidade para a realização de festas pagãs vulgarmente designadas de arraiais. Decorrendo durante todo o ano, as festas religiosas têm maior incidência entre os meses de maio e setembro, período onde ganham relevo os arraiais tradicionais com grande animação cultural pela presença de grupos folclóricos, bandas filarmónicas e artistas de música moderna, acompanhada pelos “comes e bebes” típicos da Madeira (espetada, Bolo do caco e vinho regional). Entre os mais populares contam-se: Nossa Senhora do Monte (Funchal), Santo Amaro (Santa Cruz), Nossa Senhora da Piedade (Machico), Senhor dos Milagres (Machico), Nossa Senhora do Rosário (São Vicente) e Senhor do Bom Jesus (Ponta Delgada).

No âmbito dos valores, ideais, atitudes e interesses, o gosto pela música moderna constitui uma referência de todos os jovens, independentemente da sua origem de classe, indicando níveis de gosto entre bom e elevado. O gosto pela música clássica não constitui um valor de referência, com os jovens a assinalarem uma indicação negativa, com duas exceções para os jovens das categorias de classe O e TI, que apresentam uma indicação ligeiramente mais favorável. O gosto pela música popular manifesta-se com uma expressão média para todas as classes sociais e, com ligeiras diferenças, também o gosto pela expressão artística, aqui com uma variação positiva para os jovens da classe EDL, que manifestam o seu apreço com uma indicação entre bom e muito bom.

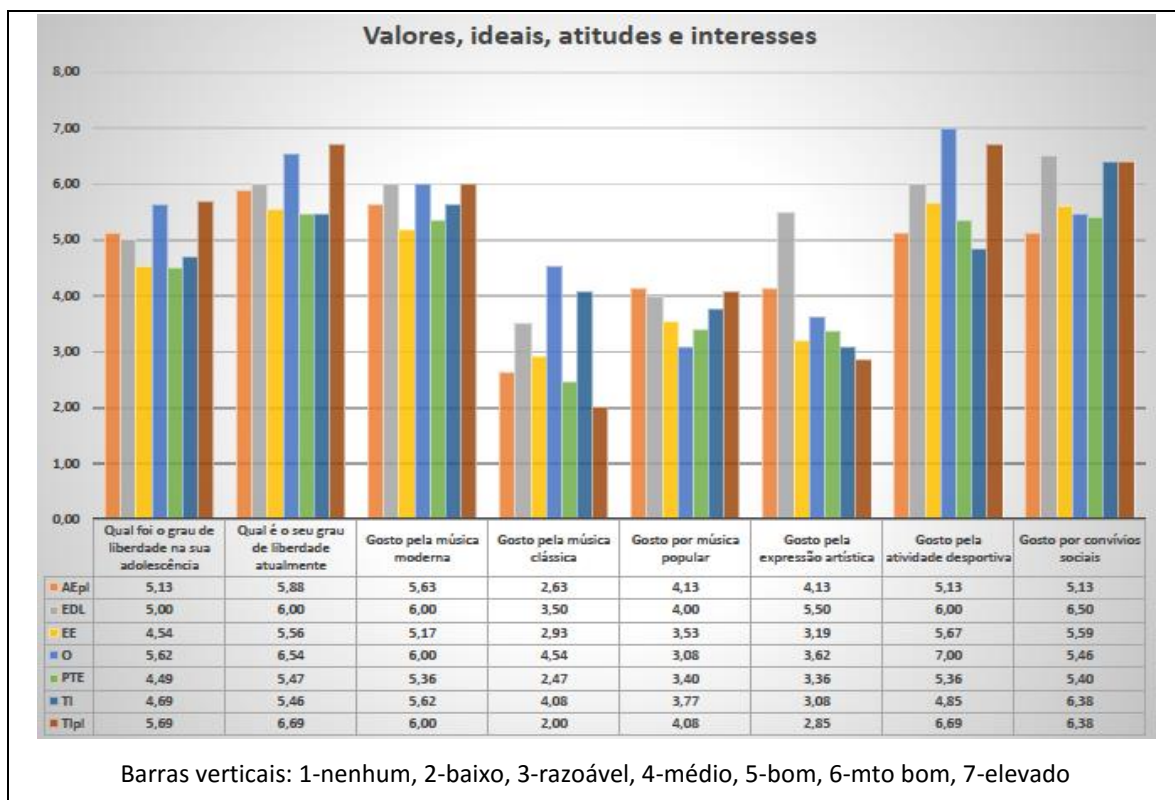


Figura 3. 21 - Valores, ideias, atitudes e interesses, por classe

6. Análise dos resultados do inquérito por questionário

Um dos vetores normais do estudos dos modos de vida é perceber como a relação ativa dos sujeitos com as suas condições faz com que pessoas da mesma classe possam ter modos de vida diferentes e com que pessoas de classes diferentes partilhem o mesmo modo de vida.

Analisando os resultados do inquérito por questionário, procedemos ao levantamento dos indicadores de condições de vida e estilos de vida apurando sinteticamente os semelhantes ou diferentes modos de vida observados nos jovens das diferentes classes sociais.

6.1. Modos de vida dos jovens da categoria de classe - EDL (Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais)

Os indicadores referentes às condições de vida mostram indivíduos vivendo sem constrangimentos económicos, seja na dependência dos pais seja de recursos próprios, coabitando com os pais em habitações por eles consideradas com nível de qualidade entre muito bom e excelente. As condições económicas não constituíram impedimento à realização dos seus projetos de vida.

Na sua ocupação, são estudantes quando em idade escolar ou, em regra já com qualificação superior a desempenharem atividade profissional.

Na caracterização da qualidade das relações familiares, na infância e atualmente reflete, no quadro dos afetos e das relações funcionais, graus de satisfação muito bons e excelentes sem alteração.

Na sua experiência escolar consideram ser gratificante e com sucesso, sem constrangimentos na interação com colegas e professores. O prosseguimento de estudos para formação universitária era ou é vontade da família e do próprio.

Sobre a posse de equipamentos das novas tecnologias de comunicação, é uma classe possuidora dos equipamentos de topo, nomeadamente todos os jovens são possuidores de *smartfone* e PC portátil e 50% possui ainda *tablet*.

Dispõem de um elevado grau de liberdade para desenvolverem o seu modo de vida.

Adotam estilos de vida manifestando o mais elevado grau de gosto por convívios sociais entre todos as categorias de classes estudadas, o mesmo acontecendo no gosto pela expressão artística que não sendo tão elevado, ainda assim destaca-se das outras classes sociais.

Não há registos de identificação ou envolvimento em grupos de subcultura seja em apreço ao modelo seja em participação.

Atribuem uma baixa importância aos bens materiais enquanto fatores de sucesso, nomeadamente recusam que as coisas materiais sejam utilizadas para impressionar os outros. Não negando que a vida também se vive com bens materiais não os consideram de importância central reconhecendo que apesar disso têm importância relativa. Enquanto fator de felicidade, consideram os bens materiais também de importância relativa. Todavia o aspeto da condição estética é tido como importante enquanto contributo para serem mais felizes.

Os seus ideais são virados para satisfação de interesses pessoais, mas são também sensíveis aos interesses coletivos.

No quadro da convivialidade e lazer, os convívios da noite – frequentando igualmente cafés, bares ou discotecas - têm uma frequência mediana semelhante aos jovens das restantes classes sociais, acentuando no entanto, relativamente aos outros jovens, a saída sempre acompanhada. A frequência de concertos musicais é acima da média dos outros jovens, sendo que, comparativamente aos jovens da classe AEpl, os que menos frequentam esses eventos, representa quase o dobro. A frequência a eventos desportivos acentua-se ainda mais relativamente aos demais jovens.

No quadro dos valores, ideias, atitudes e interesses, destaca-se o gosto por convívios sociais, gosto mais valorizado do que os restantes jovens, sendo que o gosto pela atividade desportiva, pela música moderna e pela expressão artística constituem áreas muito valorizadas, o que os destaca dos demais jovens.

A importância da religião é considerada, ainda que sem fundamentalismos, ocupando um espaço de ritualidade e de não questionamento. A superstição não está presente.

Aquisição de qualificação académica superior, enquanto mecanismo base para realização de projetos de futuro, é preocupação central.

Modos de vida:

O quadro de vida atual deixa indicação da existência de condições de vida propiciadoras de uma boa qualidade de vida onde os lazeres e os consumos culturais da família e dos jovens fazem parte de uma realidade favorável. A qualidade da interação familiar releva um quadro de empenhamento na realização do projeto de vida dos jovens, os quais dispõem de condições materiais e afetivas facilitadoras da realização dos seus projetos.

Manifestam um excelente nível de reflexividade crítica relativamente ao valor da vida, seja na dimensão pessoal seja na dimensão coletiva, estando claro que a qualidade do seu modo de vida resulta do produto da interdependência dessas duas dimensões. Preocupados com os seus projetos de realização pessoal, não estão alheios aos problemas coletivos envolvendo-se naqueles a que são mais sensíveis.

De entre os indicadores mais significativos dos estilos de vida, o relevo para uma prática de consumos culturais muito diversificada com uma alta percentagem de tempo envolvido na vida social fora de casa.

6.2. Modos de vida dos jovens da categoria de classe - PTE (Profissionais Técnicos e de enquadramento)

As condições de vida são caracterizadas por disponibilidade de recursos económicos e condições materiais de conforto a indicarem situações consideradas muito boas a excelentes.

As condições económicas foram sempre favoráveis à realização dos seus projetos de vida.

Na sua ocupação, são estudantes quando em idade escolar ou, em regra já com qualificação superior a desempenharem atividade profissional.

Na caracterização da qualidade das relações familiares, na infância e atualmente reflete, no quadro dos afetos e das relações funcionais, graus de satisfação muito bons e excelentes.

Os afetos da mãe são sempre melhores do que os do pai. A tendência é para quanto mais baixo é o nível dos afetos do pai mais alto é o da mãe, funcionando como mecanismo equilibrador.

A ausência de leitura de livros na infância corresponde, nos pais, a ausência de consumos culturais e agenda de férias.

Melhoria no nível de realização de atividades, da infância para a adolescência.

Vivem com os pais e dependem economicamente deles.

Mudaram positivamente as condições de vida desde a adolescência.

Possuem um bom nível de equipamentos de TIC: 83% com telemóveis, 38% com *smartphones*, 92% com PC e 57% com *tablets*. Constituem a categoria de classe de jovens mais consumidores de equipamentos de TIC.

Dos indicadores dos estilos de vida, no quadro da convivialidade e lazer, os convívios da noite em bares, mas também cafés e discotecas são espaços referidos como de frequência moderada, semelhante aos jovens das restantes classes sociais, e, em regra, saem acompanhados. Na generalidade não são consumidores de bebidas alcoólicas apesar da indicação da presença moderada de cerveja.

Frequentam também moderadamente eventos periódicos da área de mercado dos jovens, nomeadamente eventos desportivos. Os arraiais são, à semelhança das motivações dos jovens madeirenses em geral, espaço de presença razoável.

Posse de bens materiais como símbolo de sucesso: observa-se uma desvalorização da importância dos bens materiais que reflete a não valorização como valor simbólico de sucesso. Surgem paradoxos: negação do apreço pela condição de posse de bens materiais, mas consideram que se trata de um feito importante adquirir bens.

Importância em adquirir bens enquanto valor de centralidade: estão presentes concordâncias e discordâncias sobre a importância em adquirir bens como fator de valor positivo da vida. Por um lado não consideram a compra de bens um fator importante, mas assumem que ter coisas é importante.

Aquisição de bens como busca de felicidade: predomina a ideia que a posse de bens e de recursos financeiros são importantes para ser feliz.

No quadro dos valores, ideias, atitudes e interesses, manifestam-se com um nível mediano para atividades como a música popular ou para a expressão artística. A música clássica merece uma fraca consideração.

O gosto pela música moderna, pela atividade desportiva e pelos convívios sociais constituem as maiores áreas de motivação.

A religião não constitui uma referência de vida. Do mesmo modo a superstição.

Os seus ideais são virados para satisfação de interesses pessoais onde o hedonismo é central. Apesar do culto do hedonismo, perante situações sociais com que discordam, mobilizam-se para a intervenção.

A importância do trabalho aparece conotada com liberdade, necessidade e realização pessoal.

Em consciência não cultivam o apreço por modelos ou ídolos, consideram que as opções que tomam resultam dos interesses e motivações que as circunstâncias determinam.

Modos de vida:

Existência de condições de vida que satisfazem sem reservas as necessidades básicas, permitindo viver e realizar os seus projetos de vida sem constrangimentos.

Sensíveis às ideias pós materialistas, apesar disso são dos que mais relevam a importância das coisas materiais, estando identificados como grandes consumidores das novas tecnologias de comunicação.

De entre os indicadores mais significativos dos estilos de vida, o relevo para uma cultura de consumos culturais de tempos livres diversificados, de dimensão média. Da atração pelas novas tecnologias de comunicação destacam-se como os que mais tempo dedicam à utilização desses instrumentos.

De entre os jovens estudados são também os que mais regulam as suas ações por uma cultura hedonista da vida. Apesar disso, são sensíveis à mobilização para envolvimento em movimentos sociais. Pode dizer-se que constituem o modelo de jovens proactivos frequentemente com perfil de liderança onde o princípio da realização pessoal constitui o motor dos seus projetos de vida.

6.3. Modos de vida dos jovens da categoria de classe - TI (Trabalhadores independentes)

Relativamente às condições económicas e recursos materiais de conforto, o nível de qualidade da habitação é considerado entre bom e muito bom, indicando situações de perda na trajetória entre a infância e a atualidade, relativamente aos recursos económicos disponíveis.

Vivem com os pais e dependem economicamente deles, ou têm autonomia económica pelo rendimento do trabalho mas, num caso ou no outro, os recursos

financeiros disponíveis só atendem às necessidades básicas. Ainda assim consideram que as condições económicas não constituíram impedimento à realização dos seus projetos de vida.

Na sua ocupação, são estudantes quando em idade escolar, ou desempenham atividade profissional mas vivem com os pais.

Os níveis de qualidade relacional referentes ao pai e à mãe são iguais situando-se no razoável e bom.

Na sua experiência escolar consideram ser gratificante e com sucesso, sem constrangimentos na interação com colegas e professores.

O prosseguimento de estudos para formação universitária era ou é vontade da família e do próprio.

As suas práticas sociais ocorrem em contextos de grupos de jovens dependentes dos pais e não trabalhadores.

Sobre a posse de equipamentos das novas tecnologias de comunicação, 30% têm telemóvel e os outros 70% *smartfone*. 92% têm PC.

Dispõem de um bom grau de liberdade para desenvolverem o seu modo de vida. Os estilos de vida que marcam os jovens desta categoria de classe, a par dos jovens da categoria TLpl e muito próximo dos jovens da categoria EDL (estes a apresentarem o mais elevado grau) manifestam um elevado grau de gosto por convívios sociais entre todas as categorias de classes estudadas. O gosto pela música clássica, apesar de não ser muito expressivo, ainda assim é manifestado acima da média.

No quadro da convivialidade e lazer, releva-se a cultura dos arraiais populares onde indicam serem os maiores frequentadores.

Com grande relevo ainda a indicação de presença em eventos periódicos com grande frequência de jovens.

As saídas à noite – com grande frequência de bares e depois de discotecas mas também de cafés ainda que com menos presença - e a frequência de eventos desportivos, sem ocuparem um interesse muito elevado, são espaços de convivialidade e lazer indicados.

O consumo de revistas e jornais está presente nas práticas culturais da família e dos próprios.

A cultura das férias está presente no calendário da organização de vida da família ainda que não de forma regular.

Não há registos de identificação ou envolvimento em grupos de subcultura seja em apreço ao modelo seja em associação.

Apesar de não atribuírem elevada importância à aquisição de bens materiais como expressão de sucesso, constituem a classe de jovens que mais valorizam essa importância num contexto onde os jovens em geral recusam o entendimento de que a posse de bens materiais seja indicador de sucesso. Paradoxalmente sendo os que mais se manifestam em desacordo sobre a centralidade dos bens materiais na vida das pessoas, de facto são os jovens que mais ligam o fator felicidade à posse de bens materiais, ainda que com indicações entre 3,5 e 4 numa escala de *Likerte* de 5 níveis.

Tal como a generalidade dos jovens, não negando que a vida também se vive com bens materiais não os consideram de importância central reconhecendo que apesar disso têm importância relativa.

A importância da religião é considerada, ainda que sem fundamentalismos, ocupando um espaço de ritualidade e de não questionamento. A superstição não está presente.

Os seus ideais sendo virados para satisfação de interesses pessoais entendem estar atentos aos interesses coletivos. Ainda assim perante situações sociais com que discordam, não se envolvem.

Aquisição de qualificação académica, enquanto mecanismo base para realização de projetos de futuro é preterida relativamente à importância do trabalho.

Perante as dificuldades atuais, predomina o positivismo, a esperança, luta, mas também posturas negativas de receio.

Modos de vida:

Esta classe social indicia mobilidade vertical descendente da infância à atualidade no que concerne aos recursos económicos disponíveis. Apesar disso, o nível de conforto expresso em particular pela qualidade da habitação é considerado entre bom e muito bom.

Está presente o constrangimento de condições económicas, de vida de alguma austeridade, mas sem condicionar os projetos de vida da família.

As condições de vida referidas refletem-se nos estilos de vida. Nomeadamente, a realização de um programa de férias da família fora do seu local de residência nem sempre integra um carácter regular, dependendo das disponibilidades de recursos

financeiros aquando da altura em que se constitui espaço para a realização dessa atividade.

O gosto pelos convívios sociais predomina no modo como vivem a vida, estando identificados como os que mais cultivam a frequência dos arraiais populares, atividade cultural tradicional recentemente promovida a evento de moda entre os jovens madeirenses.

Não considerando a posse de coisas materiais, central nas suas vidas, apesar disso, são os que mais se manifestam sensíveis à sua importância enquanto indicador de sucesso e contributo para a felicidade.

Apesar de se manifestarem atentos aos problemas coletivos, não estão disponíveis para o envolvimento em movimentos sociais.

Reconhecendo a importância da qualificação académica, a atenção central está referenciada para a salvaguarda do emprego.

6.4. Modos de vida dos jovens da categoria de classe - TIpl (Trabalhadores independentes pluriactivos)

Marcas principais das condições de vida, as condições económicas e recursos materiais de conforto indicam situações razoáveis ou negativas, sendo recorrente a indicação da qualidade da habitação entre razoável e deficitária e rendimentos baixos.

Vivem com os pais e dependem economicamente deles. Quando integram o mercado de trabalho continuam a viver com os pais sendo que a autonomia económica pelo rendimento do trabalho só responde às suas necessidades básicas.

No caso em que o nível de afetos do pai é baixa, corresponde a um nível de recursos financeiros deficitário e qualidade da habitação deficitária. Os afetos da mãe são sempre melhores do que os do pai.

Sobre a posse de equipamentos das novas tecnologias de comunicação, 61% têm telemóvel. Apesar de ser uma classe de baixos recursos 38% têm *smartfone*, 31% têm *tablet* e 100% referem ser possuidores de PC.

São o grupo de classe que refere possuir o maior grau de liberdade para desenvolverem o seu modo de vida entre os jovens estudados.

Sobre a importância da qualificação acadêmica, na generalidade os pais pouco se pronunciam e os jovens manifestam-se em regra virados para uma qualificação acadêmica pela via da formação profissional.

Predomina a não frequência de infantários no período da infância.

Os seus estilos de vida, a par dos jovens da categoria TI e muito próximo dos jovens da categoria EDL (estes a apresentarem o mais elevado grau) manifestam um elevado grau de gosto por convívios sociais entre todas as categorias de classes estudadas. São os menos apreciadores de música clássica e de atividades de expressão artística.

O gosto pela atividade desportiva afirma-se como referência principal dos seus interesses, aqui também destacando-se da maioria dos jovens a par dos jovens da classe O. Ocupam também o topo da tabela quanto ao gosto da música popular e da música moderna.

No quadro da convivialidade e lazer, o sinal mais é relativo à cultura dos arraiais populares onde são identificados como os maiores frequentadores, sendo a cultura da noite um espaço de convivialidade onde estão presentes acima da média não sendo uma área de grande frequência pela generalidade dos jovens. Frequentam de igual modo cafés, bares ou discotecas.

Com um sinal mais, ainda a indicação de presença em eventos periódicos com grande frequência de jovens.

A frequência de eventos desportivos, sem ocuparem um interesse muito elevado, são espaços de convivialidade e lazer indicados.

Entre os jovens estudados são os que acentuam a atenção a modelos de vida ou ídolos como referências para realizarem os seus projetos de vida.

Perante situações sociais com que discordam, não se mobilizam, salvo situações excecionais.

A importância do trabalho aparece conotada com: liberdade, liberdade/necessidade, independência económica.

Em síntese, o futuro é desenhado em três dimensões: aquisição de qualificação, trabalho, formação de família.

Não há registos de identificação ou envolvimento em grupos de subcultura seja em apreço ao modelo seja em associação.

Desvalorizam a importância da aquisição de bens materiais como expressão de sucesso. São mesmo os que mais se manifestam em desacordo sobre a centralidade dos bens materiais na vida das pessoas, apesar de que são os que mais importância dão às coisas que possuem.

Na ligação dos bens materiais à felicidade, dão pouca importância às questões estéticas e, de modo desprezado, consideram ter todas as coisas de que precisam para serem felizes.

Tal como a generalidade dos jovens, não negando que a vida também se vive com bens materiais não os consideram de importância central reconhecendo que apesar disso têm importância relativa.

A importância da religião é considerada mas sem atenção particular.

Modos de vida:

Os modos de vida dos jovens da categoria de classe TIpl, resultam de uma trajetória de vida condicionada por níveis económicos baixos e por baixa qualidade da habitação. Défice também observado no consumo de bens culturais. Apesar dos constrangimentos económicos, paradoxalmente são uma das categorias de classe de jovens que manifesta, em maior grau, a posse de equipamentos das novas tecnologias de comunicação.

Estão referenciados como os jovens que maior nível de liberdade possuem para gerirem os seus modos de vida.

No que se refere à importância da qualificação, predomina a via profissional como a mais adequada.

No modo como ocupam os seus tempos livres a atividade desportiva constitui o envolvimento central, não no contexto da presença em eventos, mas na prática, orientando os seus gostos também para a música moderna, música popular e para os arraiais populares.

No modo como encaram a importância das coisas materiais, atribuem-lhes uma importância funcional valorizando as coisas que possuem por essa dimensão.

O modo como vivem a vida toma em consideração ídolos e modelos de referência.

6.5. Modos de vida dos jovens da categoria de classe - EE (Empregados Executantes)

Na dimensão das condições de vida, referente à caracterização da qualidade das relações familiares, seja na infância seja atualmente, a refletir-se no quadro dos afetos e das relações funcionais, indicam graus de satisfação bons e excelentes.

As condições económicas e recursos materiais de conforto são considerados satisfatórios, relevando a ideia de serem famílias com recursos básicos suficientes para não usarem um discurso negativo, apesar de considerarem que são limitados à satisfação das necessidades básicas.

Nos casos em que o nível de tolerância de um dos pais é baixa, corresponde a um nível de afeto alto.

A ausência de leitura de livros na infância corresponde nos pais a ausência de consumos culturais e agenda de férias.

Sobre a posse de equipamentos das novas tecnologias de comunicação, 72% têm telemóvel dos quais alguns têm também *smartphone* já que este equipamento está presente em 39% dos jovens. Apesar de ser uma classe de baixos recursos 39% têm *tablet* e 90% referem ser possuidores de PC.

Sobre o grau de liberdade para desenvolverem o seu modo de vida, não sendo dos que apresentam nível mais elevado, consideram ter um bom grau de liberdade.

A frequência de infantários na infância é comum.

O prosseguimento de estudos era vontade da família para áreas de interesse ao critério dos filhos.

O gosto por convívios sociais, que marca uma dimensão importante dos estilos de vida, não sendo do nível mais elevado, reflete um interesse comum à maioria dos jovens. O apreço pela música clássica e pela expressão artística é baixo, sendo mediano relativamente à música popular. Sobre a música moderna têm uma atitude mais positiva. É no entanto a categoria de classe que menos releva aquele consumo cultural. O gosto pela atividade desportiva é a referência principal dos seus interesses.

No quadro da convivialidade e lazer, o sinal mais é relativo à cultura dos arraiais populares, seguindo-se os eventos desportivos, sendo a cultura da noite um espaço de convivialidade onde estão pouco presentes - abaixo da média - não sendo uma área de grande frequência pela generalidade dos jovens. A presença em eventos

periódicos com grande frequência de jovens é mediana como a generalidade dos jovens, sendo fraca em concertos musicais.

Frequentam de igual modo, ainda que com baixa frequência, cafés, bares ou discotecas.

A atenção a modelos de vida ou ídolos como referências para realizarem os seus projetos de vida não é relevada.

Perante situações sociais com que discordam, não se mobilizam, salvo situações excepcionais.

A importância do trabalho aparece conotada com: liberdade, liberdade/necessidade, independência económica.

O futuro é projetado em três dimensões: aquisição de qualificação, trabalho, constituição de família.

Não há registos de identificação ou envolvimento em grupos de subcultura seja em apreço ao modelo seja em associação.

Como a maioria dos jovens, desvalorizam a importância da aquisição ou posse de bens materiais como expressão de sucesso. Sobre a centralidade dos bens materiais na vida das pessoas, consideram-se entre os que mais negam a importância das coisas materiais.

Na ligação dos bens materiais à felicidade integram os que de modo desprezado consideram ter todas as coisas de que precisam para serem felizes.

Tal como a generalidade dos jovens, não negando que a vida também se vive com bens materiais, não os consideram de importância central reconhecendo que apesar disso têm importância relativa.

A importância da religião é considerada, não constituindo um vínculo de vida mas uma consequência de seguirem a moral corrente.

Modos de vida:

Os modos de vida dos jovens da categoria de classe EE, no que refere às trajetórias de vida, indicam um contexto social de vida favorável, seja em condições económicas, ainda que modestas, seja no ambiente familiar onde a qualidade dos afetos de um dos progenitores compensa algum défice por parte do outro. No referente às experiências no sistema educativo, no período da infância e da adolescência, a frequência do infantário e de estruturas de educação desportiva fizeram parte do processo educativo.

O ambiente familiar determina propensão ao prosseguimento de estudos universitários como mecanismo de preparação do futuro.

Apesar de integrarem um nível de classe de recursos económicos modestos, apresentam um excelente nível de posse de equipamentos dos mais recentes (*smartfone e tablet*) de novas tecnologias de comunicação.

No domínio da convivialidade e Lazer, estão moderadamente presentes nas diversas áreas comuns aos outros jovens, mas o principal domínio em que se envolvem é na atividade desportiva. São também frequentadores de referência na atividade sazonal dos arraiais populares.

Os condicionamentos económicos justificarão a baixa presença em locais de convívio dos jovens que implicam gastos financeiros, como é o caso dos concertos musicais, discotecas, bares e cafés.

Não estão muito disponíveis para envolvimento em movimentos sociais e os seus projetos de futuro passam pela trilogia: qualificação, trabalho e constituição de família.

O posicionamento perante os bens materiais caracteriza-se por uma visão equilibrada da importância relativa, não se subordinando à sedução desse mercado, mas assumindo a importância de tais bens para o bem-estar.

6.6. Modos de vida dos jovens da categoria de classe - O (Operários)

Aspeto importante das condições de vida, a qualidade das relações familiares, na infância e atualmente reflete, no quadro dos afetos e das relações funcionais, graus de satisfação bons e excelentes, sem alteração.

As condições económicas e recursos materiais de conforto indicam situações onde predominam as razoáveis e deficitárias, estritamente limitados à satisfação das necessidades básicas.

Observou-se mobilidade social descendente relativamente aos recursos económicos disponíveis entre a infância e a atualidade.

Não estão presentes boas recordações na passagem pela escola enquanto espaço de aprendizagem. Quando a escola é um espaço não gratificante, acresce a dificuldade de fazer amigos, insucesso escolar, e desagrado pelas disciplinas teóricas. Na generalidade,

para os pais, a escolaridade obrigatória é o limite porque é preciso trabalhar para sobreviver.

Quando são referidas relações problemáticas com os pais na adolescência, também se observam qualificações muito baixas dos pais.

Nos casos em que ocorre conflito com o pai, os afetos da mãe são sempre de nível excelente.

A qualificação académica e prosseguimento de estudos universitários não constituem objetivos centrais.

Sobre a posse de equipamentos das novas tecnologias de comunicação, apesar das precárias condições económicas, todos têm telemóvel e PC e 30% têm *tablet*.

Sobre o grau de liberdade para viverem o seu modo de vida, são dos que maior nível apresentam.

No contexto dos seus estilos de vida, o gosto por convívios sociais, não sendo do nível mais elevado, reflete um interesse comum à maioria dos jovens.

Pela expressão artística e música popular o gosto é baixo. Sobre a música moderna é a categoria de classe que mais releva o gosto por aquele consumo cultural. Os jovens desta categoria de classe são os que mais manifestam gosto pela atividade desportiva, referência principal dos seus interesses.

No quadro da convivialidade e lazer, a cultura dos arraiais populares está também presente de modo significativo, mobilizando os jovens com maior frequência do que a presença em eventos desportivos cuja área de atividade é que constitui primeira referência nos seus gostos. A cultura da noite, não constituindo um espaço de convívio de referência dos jovens estudados, mobiliza também os jovens desta categoria de classe onde a indicação de frequência de discotecas, ainda que sem grande regularidade, se destaca relativamente a bares ou cafés.

A presença em eventos periódicos com grande frequência de jovens é moderadamente assumida como a generalidade dos jovens, sendo das mais fracas em concertos musicais.

A atenção a modelos de vida ou ídolos como referências para realizarem os seus projetos de vida é preocupação.

Perante situações sociais com que discordam, não se mobilizam.

A importância do trabalho aparece conotada com liberdade, sobrevivência e independência económica.

O futuro é projetado em três dimensões: aquisição de qualificação, trabalho, formação de família.

A importância da religião é considerada. Reflete relação com a superstição.

Não há registros de identificação ou envolvimento em grupos de subcultura seja em apreço ao modelo seja em associação.

Como a maioria dos jovens, desvalorizam a importância da aquisição ou posse de bens materiais como expressão de sucesso. Todavia, destacam-se dos outros jovens relevando que as coisas que têm – ou não têm - dizem muito sobre o sucesso – ou não sucesso - que têm tido na vida, acentuando também, mais do que os outros jovens que, geralmente, só compram apenas aquilo de que precisam (o gosto do necessário de que falava Bourdieu).

Sobre a centralidade dos bens materiais na vida das pessoas, consideram-se entre os que mais negam a importância das coisas materiais, ainda assim são dos que consideram dar mais importância às coisas materiais do que a maioria das pessoas que conhecem.

Na ligação dos bens materiais à felicidade integram os que de modo desprezado consideram ter todas as coisas de que precisam para serem felizes, desvalorizando os fatores materiais.

A importância da religião é considerada, estando presente a superstição no modo como pensam a vida.

Modos de vida:

São a categoria de classe de jovens com condições de vida menos favoráveis, apesar das suas práticas sociais de um modo geral acompanharem as culturas juvenis de referência. Nomeadamente a posse de novas tecnologias de comunicação está ao mesmo nível da média dos jovens.

Do universo de jovens estudados são os que apresentam maiores fragilidades face os constrangimentos que a crise económica dos últimos anos tem provocado nas famílias, provocando, neste caso, perda de capacidades económicas, a afetarem negativamente os seus projetos de vida.

Nestes jovens em geral, não está presente a preocupação de qualificação universitária, limitando-se ao objetivo de encontrar emprego como mecanismo de autonomia em relação aos pais.

No que refere aos consumos culturais, dos gostos manifestados, dois têm um significado particular: o gosto por música clássica manifestado acima de todos os outros jovens, o que ocorre também com o gosto por música moderna. Sobre o gosto manifestado pela música clássica suscita um paradoxo sobre as razões, dado que no processo educativo da infância e adolescência não se regista a frequência de escolas de música e o ambiente sociocultural não é propício, tornando-se difícil interpretar sem maior aprofundamento da pesquisa.

Para estes jovens a atividade desportiva constitui a área de envolvimento mais significativa sendo mesmo a categoria de classe com nível mais elevado de interesse.

Olham a importância das coisas materiais com distância ficando a ideia de não haver condições económicas para as valorizar como fator influenciador do modo como vivem.

6.7. Modos de vida dos jovens da categoria de classe - AEpl (Assalariados Executantes pluriactivos)

Na caracterização da qualidade das relações familiares, aspeto importante das condições sociais, na infância e atualmente reflete, no quadro dos afetos e das relações funcionais, graus de satisfação bons e muito bons sem alteração.

As condições económicas e recursos materiais de conforto indicam situações onde predominam as razoáveis e boas, sendo os recursos financeiros disponíveis suficientes para atender à satisfação das necessidades básicas.

Os jovens que já integram o mercado de trabalho continuam a viver com os pais.

O objetivo de prosseguimento de estudos universitários está presente entre os jovens sendo também vontade da família, para áreas de interesse ao critério do jovem.

A frequência de escola/ clube desportivo ou outras escolas de formação fizeram parte das experiências educativas.

Sobre a posse de equipamentos das novas tecnologias de comunicação, apesar das precárias condições económicas, 62% têm telemóvel, 38% *smartphone*, 25% *tablet* e 75% têm PC.

Sobre o grau de liberdade para viverem o seu modo de vida, apresentam um nível muito bom, como a maioria dos jovens, mesmo acima da média.

Referência importante dos Estilos de vida, o gosto por convívios sociais, sendo do nível mais baixo relativamente aos restantes jovens, ainda assim reflete um interesse comum à maioria dos jovens, de nível bom, correspondente também a igual nível de gosto pela prática desportiva. Do gosto por diferentes géneros musicais destaca-se a música popular, à frente dos jovens das outras classes sociais. Ao mesmo nível da média dos outros jovens também manifestam um muito bom apreço pela música moderna.

O gosto pela expressão artística é manifestado acima da maioria ainda que abaixo dos jovens da categoria de classe EDL.

No quadro da convivialidade e lazer, a cultura dos arraiais populares está também presente de modo significativo, mobilizando os jovens com maior frequência do que a presença em eventos desportivos cuja área de atividade é que constitui menor referência na sua convivialidade. São também os que estão menos presentes em concertos musicais e em eventos periódicos virados para a cultura juvenil, tal como a cultura da noite, não constituindo um espaço de convívio de referência destes jovens.

A baixa frequência de cafés ou discotecas, a mais baixa entre os jovens em geral, é compensada por uma maior presença no convívio em bares.

São os que menos se referenciam por modelos de vida ou ídolos na realização dos seus projetos de vida.

Perante situações sociais com que discordam, não se mobilizam manifestando escassas sensibilidades com preocupações sociais.

Sobre os projetos de vida para o futuro colocam-se numa atitude defensiva não formulando ideais em especial salvo a ideia de autonomia económica.

Como a maioria dos jovens, desvalorizam a importância da aquisição ou posse de bens materiais como expressão de sucesso, destacando-se dos demais como os que mais desvalorizam a importância da quantidade de objetos materiais que as pessoas têm como sinal de sucesso.

Sobre a centralidade dos bens materiais na vida das pessoas, consideram-se entre os que mais tentam manter a vida simples no que diz respeito aos bens materiais.

Na ligação dos bens materiais à felicidade em todos os indicadores são os que mais ligam a posse de bens materiais a essa condição, mesmo não atingindo o indicador de nível quatro numa escala de *Likert* de cinco níveis.

A importância da religião é considerada, estando presente a superstição no modo como pensam a vida.

Modos de vida:

Os agregados familiares refletem quadros de relacionamento estável, empenhados no processo de mobilidade vertical ascendente dos jovens, com indicadores morais sólidos. Não dispondo de recursos económicos que lhes permitam viver folgadoamente, permite-lhes atender à satisfação das necessidades básicas.

Na infância, a generalidade dos jovens frequentaram escolas de formação específica, como sejam de desporto ou de música, fora do ensino normal, como complemento do processo educativo.

Apesar dos condicionamentos económicos, na generalidade possuem um bom nível de equipamentos das novas tecnologias de comunicação.

Na generalidade são jovens estudantes e os que já concluíram os seus estudos trabalham nas áreas das suas qualificações, ainda que continuando a viver em casa dos pais.

No modo como desenvolvem as suas rotinas de vida, estão medianamente presentes em todos os espaços de atividade comuns aos outros jovens, apesar de que essa presença é menor quando exige um custo, por exemplo nos concertos musicais, ou nos espaços de cultura da noite – bares, discotecas e cafés.

O futuro é pensado com reserva, referindo o princípio da construção de autonomia económica como razão para pensar o resto. Tal princípio liga-se, mais do que nos outros jovens, à ideia de que os recursos materiais têm uma relativa importância na construção da felicidade, apesar de que também assumem desligar-se do condicionamento da importância dos bens materiais para viverem os seus modos de vida.

7. Jovens na Madeira: estilos e modos de vida

O tratamento das entrevistas feitas a jovens madeirenses com diferentes condições de vida, vivendo quantas vezes vidas semelhantes mas com diferentes motivações e modos de pensar seja sobre o presente seja sobre o futuro, mas também jovens com semelhantes condições de vida expressando modos de vida diferentes, permitiu obter retratos de vidas significantes dos jovens estudados.

Na análise feita adotámos seis categorias procurando obter informação das dimensões mais significativas da vida dos jovens, categorias essas construídas com base na sugestão de A. Costa (1999) - dimensões sociais (classes e redes sociais), dimensões

“culturais” (valores, padrões de conduta, formas simbólicas, identidades), dimensões “temporais” (trajetórias, orientações de vida, projetos pessoais) e dimensões “espaciais” (fenómenos de localidade e contextos de interação). As seis categorias foram assim estabelecidas: 1-manifestações nucleares da vida quotidiana que preenchem a estrutura ocupacional; 2-percepção e envolvimento em aspetos da vida coletiva; 3-importância das fontes de recursos materiais; 4-importância relativa da crença e da espiritualidade; 5-significação do presente e projeto do futuro; 6-entendimento sobre a condição de jovem.

7.1. Matar o tempo

A Cláudia Andrade é uma jovem estudante de 10º ano, com 16 anos, solteira, vivendo com a mãe que é empregada de limpeza, dois avós reformados e um irmão de 14 anos; a família habita num apartamento T3 de pequenas dimensões num bairro social da zona de Sta. Quitéria, na periferia do Funchal, vivendo com recursos financeiros limitados, considerados pela entrevistada, condicionadores da concretização de alguns projetos familiares.

Como manifestações nucleares da vida quotidiana, a preencherem a estrutura ocupacional que marca o dia-a-dia da entrevistada, a atividade centrada nos compromissos escolares é considerada a rotina principal. No âmbito dos lazeres é relevado um ritual de ocupações pouco substancial que, quando circunscrito aos tempos livres dentro da escola, se limitam a “matar o tempo”. Circunstância indicada como resultante da não existência de polos de atividade de ocupação de tempos livres no quadro da organização escolar.

Quando se trata de ocupação dos tempos livres fora da escola, repetindo-se um pouco as mesmas limitações de existência de atividades compatíveis com as condições de vida, repete-se o “matar o tempo”. Manifesta um conjunto de aspirações de consumos culturais juvenis correntes, não realizados por insuficiência de recursos financeiros.

Da sua percepção e envolvimento em aspetos da vida coletiva, manifesta uma atitude reflexiva sobre o mundo à sua volta e elabora juízo crítico entre os valores de referência dos familiares mais idosos e os desafios que, enquanto jovem, tem de enfrentar.

Com consciência altruísta, disponível para se envolver em movimentos de solidariedade, não apresentando comportamento proactivo, possui, no entanto, uma visão

equilibrada e funcional do seu papel, seja no referente à dimensão coletiva, seja no referente à dimensão pessoal.

Uma geração criada num período onde a polémica do consumo anima o debate sobre a importância das fontes de recursos materiais, o materialismo adquire importância na leitura do modo como vivem os jovens. Com uma visão pragmática dos recursos materiais, a Cláudia atribui ao trabalho uma importância predominantemente funcional que constitui parte da vida das pessoas. “Porque se não tivermos trabalho não temos ordenado e se não tivermos ordenado temos de viver à custa dos outros” - expressão que liga ainda à ideia de recurso para a realização da liberdade.

Confrontada com a importância relativa da crença e da espiritualidade, manifestou-se desprendida de crenças tradicionais ou fundamentalistas, adotando um olhar descomprometido e aberto, mas ao mesmo tempo respeitador da importância da espiritualidade - “Vou todos os domingos à missa com a minha mãe, mas acho que uma coisa são as coisas do céu e outra são as da terra. Mas sinto-me bem depois de ir à missa.” - Coloca a questão da dúvida como mecanismo de conforto para a dimensão sobrenatural que não tem explicação objetiva.

A crença, enquanto aspeto motivador para a realização de coisas, é assumida como razão de empenhamento. Todavia, admite a aceitação de empenhamento com a ausência de crença em situações funcionais determinadas por condicionamentos externos.

A significação do presente e projeção do futuro estão presentes com maior ou menor preocupação na vida dos jovens. Enquanto estudante do ensino secundário, tem uma perspetiva clara das consequências dos seus empenhamentos nesta fase da vida, no processo para construção do seu futuro, tendo clara a importância da qualificação.

De origem humilde, sustenta a sua visão das coisas em fundamentos de uma moral tradicional mas com uma visão atualizada e lúcida dos desafios que tem pela frente. Recusa elaborar projetos para os quais sabe não ter condições de realização - “O facto é que na Universidade da Madeira tem o curso de Educação Física, e, se eu optasse por Medicina, teria de sair da Madeira. Para isso não tenho posses. Mas há muito tempo que não tenho dúvidas sobre o que gostaria de fazer no futuro”.

7.2. O que importa é que a vida funcione

O José Maria Antunes, com 22 anos, está já integrado no mercado de trabalho ainda que numa atividade profissional não correspondente ao seu projeto de vida, mas bastante para atender ao que considera essencial, que é permitir que a vida funcione. Solteiro, com nível de escolaridade do 12º ano, pedreiro em atividade, vive com os pais num agregado de três pessoas. A mãe é empregada de limpeza e o pai desempregado. Vivem num apartamento pequeno mas considerado pelo entrevistado uma habitação de boa qualidade, no centro da cidade de Câmara de Lobos. A família vive com recursos financeiros limitados mas considerados não condicionadores do essencial dos seus projetos pessoais.

As manifestações nucleares da vida quotidiana que preenchem a estrutura ocupacional, expressam-se por uma estrutura de vida bem ordenada entre o tempo de trabalho e o tempo de lazer. É um jovem que estabilizou o seu modo de vida no quadro condicionador das condições de vida que lhe são próprias.

Centra a sua vida no compromisso com o trabalho, fonte da sua autonomia financeira, mantendo rotinas de cultura desportiva e de convivialidade social. Neste último aspeto, em particular, o culto da poncha que, habitualmente, marca os encontros para convívio dos jovens madeirenses. - “Estou no trabalho das oito às dezassete e chego a casa por volta das dezoito horas. Duas vezes por semana jogo uma futebolada com um grupo de amigos. Pelo menos à sexta e ao sábado saio à noite com os amigos à poncha e, de vez em quando, à discoteca. No tempo dos arraiais, nos fins-de-semana, não falha um”.

A perceção que tem da vida coletiva e o modo como se envolve decorre fundamentalmente da postura resignada resultante das circunstâncias de não ter conseguido realizar o seu projeto de formação universitária. Daí que o seu modo de viver e motivações resultem de preocupações estritamente ligadas ao interesse pessoal, empenhado em viver uma vida equilibrada entre as práticas do lazer e o trabalho. Quando confrontado com questões polémicas do coletivo social, considera serem áreas de ação para as quais não possui estatuto que lhe permita contribuir - “não sou ninguém para me envolver em movimentos de mudança. Gosto de me manter no meu canto”.

Parecendo viver alheado dos problemas dos outros, quando se refere à questão do trabalho deixa a indicação do seu sentido altruísta: “além de ser o meu ganha-pão é

sempre bom trabalhar e pensar que aquilo que fazemos está a ajudar os outros de certa forma”; “se eu tivesse rendimentos suficientes para não ter de trabalhar, com certeza que teria condições de ajudar os outros. Repare que se eu não trabalhasse, como hoje há menos empregos do que pessoas à procura de trabalho, seria mais um emprego que ia ocupar mais uma pessoa, ou seja, ajudava as pessoas de duas formas“.

Quando confrontado com a importância das fontes de recursos materiais não os sobrevaloriza, considerando que o importante é que “a vida funcione”. A importância do trabalho limita-se a ser fonte de rendimento para fazer a vida funcionar, num quadro de vida onde não está presente qualquer impulso consumista fora das rotinas de trabalho e lazer.

Assume uma conceção de pendor teocêntrico da sua existência pela crença na importância da espiritualidade. Integrando valores da moral católica, a religião preenche uma função equilibradora e de conforto – “acredito muito em Deus e sou bastante religioso. Quando as coisas não me correm bem peço sempre ajuda divina”. Não aceita todas as abordagens religiosas mas a dimensão do sobrenatural está fortemente presente como referência de vida, incluindo a superstição.

No modo como encara a significação do presente e questiona o futuro, encara a vida numa perspetiva unidimensional – o presente. Projetar o futuro é uma equação adiada face à insegurança e inconsistência de perspetivas.

Sem objetivos claramente delineados, recusa-se a sonhar. “Vou levando a minha vida na esperança que as coisas melhorem e então talvez pense melhor no que possa fazer no futuro“. Considerando-se realista e não resignado, assume o adiamento do seu projeto de futuro vivendo um dia de cada vez. Não perdi a esperança em ter uma vida melhor, mas não vou perder tempo a sonhar”.

Do entendimento sobre a condição de jovem, liga a condição de não ser jovem, ao compromisso conjugal – “Talvez se eu já estivesse casado, como alguns meus amigos de infância, provavelmente não me sentiria jovem”.

Ser jovem tem a ver com “ser livre, conviver com os amigos, ir a arraiais e a festivais sempre que há, jogar à bola, enfim, fazendo o que sempre fiz”.

7.3. Viver sem *stress* e sem compromissos

O Nélio Maduro é um jovem de 24 anos, com o nível de escolaridade de 6º ano do ensino básico, solteiro, técnico de manutenção hoteleira, vivendo com a mãe, que é

massagista, numa pequena habitação à qual atribui um nível de qualidade razoável, na periferia do Estreito de Câmara de Lobos, numa zona rural. Os recursos financeiros da família foram limitadores de alguns projetos de vida do agregado, apesar disso, a família vive uma vida considerada normal pelo próprio, entendida sem dramas.

Das manifestações nucleares da vida quotidiana que preenchem a estrutura ocupacional, observa-se uma estrutura de vida bem preenchida entre trabalho e lazer, predominando nos tempos livres atividades de convivialidade social sem indicação de envolvimento em atividades de cultura desportiva, seja como espetador seja como praticante.

O estilo de vida referenciado não integra a presença de namorada, ou de amigas. É “coisa de homens sem compromissos”.

Sobre a perceção e envolvimento em aspetos da vida coletiva, pensa o mundo à sua volta em função do seu bem-estar. Considera que o importante é “viver sem *stress*”. Estando claro não possuir condições que lhe permitam influenciar eventuais ações sociais, considera que estando bem consigo próprio, de algum modo tal circunstância reflete-se nos outros – “Acho que as minhas preocupações são mais individuais, embora possa dizer que se a gente estiver bem connosco próprios de alguma forma também possa colaborar para não perturbar a vida dos outros.

Deixa claro não gostar de se envolver em conflitos.

Sendo o trabalho a única fonte dos seus recursos materiais, considera ser importante, exclusivamente como meio de salvaguarda da sobrevivência e expressão de dignidade. Não há lugar à ideia de trabalho enquanto objeto de satisfação e realização pessoal. -“De uma maneira geral acho que não. As pessoas que dizem se realizar no trabalho, acho que se estão a enganar a si próprias. Acredito que há exceções, como por exemplo o Cristiano Ronaldo e como muitos artistas da música – não todos porque a gente sabe que muitos artistas se suicidaram quando estavam no topo da carreira”.

Refletindo sobre a importância relativa da crença e da espiritualidade, considera a dimensão da crença só presente na fé religiosa que constitui referência enquanto mecanismo de conforto espiritual e baliza moral. Não alimenta consideração por superstições.

Sobre a importância da crença nas ideias, considera que os tempos que vivemos são de descrédito nas pessoas e nas instituições - “Não sei se hoje podemos acreditar em alguma coisa. Nas ideias dos políticos já ninguém acredita. Em ideias que a gente possa

ter não sei se vale a pena acreditar pois ninguém quer saber. É cada um por si e o importante é viver a vida dia a dia”.

O presente e o futuro são encarados sem qualquer entusiasmo num contexto onde o importante é - “Tentar segurar o emprego que tenho hoje e depois logo se vê. Acho que não dá para fazer grandes projetos”.

As preocupações com projetos de futuro são as básicas: concluir o mínimo de escolaridade, ainda não concretizado, e constituir família.

Do entendimento que tem sobre a condição de jovem, coloca alguma dúvida no seu caso particular, deixando claro que a condição jovem não está condicionada pela estrutura de vida ou pela idade, mas pelo modo como sentem e vivem as práticas sociais.

Fica a ideia de ser possível viver as duas condições: é adulto quando assume as responsabilidades profissionais e familiares, mas pode ser jovem quando em atividades de lazer integra o sentimento juvenil. Ser ou não ser jovem não depende de ser ou não ser casado, ter ou não ter filhos, ser ou não trabalhador. “Se continuam a viver separando a vida séria dos filhos e do trabalho da outra que é vida do convívio com os outros jovens, são jovens. Não sei, mas acho que depende muito da cabeça que têm e da maneira como encaram as coisas”.

7.4. Da seriedade dos compromissos ao lazer hedonista

A Carolina Dias tem 19 anos, é solteira, estudante do 1º ano da universidade, vive com os pais e uma irmã ainda criança. O pai está desempregado e a mãe é auxiliar de ação direta. Uma família que vive numa pequena habitação tipo T2 no centro urbano do Funchal, considerada pela entrevistada de qualidade razoável. Os recursos financeiros de que a família dispõe são limitados mas considerados não condicionadores da concretização dos projetos familiares.

Como manifestações nucleares da vida quotidiana que preenchem a estrutura ocupacional, assume um estilo de vida a integrar uma multiplicidade de vivências, tendo como vínculos regulares, a vida de estudante e de desportista. - “Como sou estudante, uma boa parte do tempo estou na universidade. Depois, porque sou atleta de voleibol, vou ao treino ao fim do dia, três vezes por semana. Nos tempos livres procuro estar com o meu namorado e conviver com os meus amigos. Aos fins-de-semana, de vez em quando, vou a uma discoteca - não pode ser muitas vezes porque o dinheiro não chega –

em alternativa convivemos num café, ou no centro comercial, às vezes num bar quando vamos à poncha“.

Vive um quadro ajustado ao seu projeto de vida, comprometida com dois princípios: nas atividades de lazer não abdica da razão hedonista, mesmo perante circunstâncias de desconformidade com a moral tradicional; enquanto estudante tem bem claro a importância do adiamento das gratificações como mecanismo de construção da sua mobilidade social ascendente - “em tudo o que é coisas a que estou condicionada, como sejam as responsabilidades com os estudos, a prioridade é cumprir. Tudo o que é aspetos da minha vida nos tempos livres procuro, antes de mais, fazer as coisas que me dão prazer e não o que as outras pessoas consideram que fica bem”.

A sua perceção e envolvimento em aspetos da vida coletiva coloca-a distante de preocupações que não estejam ligadas ao seu interesse pessoal, considerando os problemas da sociedade uma dimensão fora do âmbito dos seus empenhamentos - “Prefiro abstrair-me disso. E mesmo quando discordo – sim, também acho que tenho opinião - acho que não tenho peso nenhum para que a minha participação sirva para alguma coisa. Acho que as coisas não são perfeitas, mas também nunca foram, nem serão nunca“.

Mesmo quando tem perceção de desconformidades ou injustiças, distancia-se do problema por considerar não ter “feitio para isso” mesmo apreciando as pessoas que têm coragem para agir.

Encara a importância das fontes dos recursos materiais como a parte da vida ligada ao trabalho, correspondem à dimensão das obrigações - a parte séria da vida que responde à satisfação das condições para viver a dimensão dos prazeres.

Mas o trabalho tem também outra função, que não só a de assegurar os recursos materiais, a de projetar nos outros valores da respeitabilidade e de *status* social.

Sobre a importância relativa da crença e da espiritualidade considera o valor da crença um fundamento determinante para concretizar os diversos aspetos do projeto de vida, mas não se liga à religião. No que se refere à dimensão do sobrenatural o seu entendimento é de que - “Os meus pais sempre me ensinaram a pensar na razão das coisas. Eu acho que a religião é para quem aceita os dogmas sem pensar”.

A significação do presente enquanto suporte do projeto do futuro sustenta-se na forte convicção sobre a importância da qualificação universitária enquanto requisito determinante para sustentar o projeto do seu futuro, com o entendimento que, nos tempos

que correm, construir o futuro, mais do que sonhar, passa por antes construir a sua sustentabilidade. - “Às vezes vejo os meus amigos a fazerem planos, mas acho que pensar em planos hoje, para realizar amanhã, é sonhar fantasias. Se alguma coisa aprendi nos últimos anos, é que temos de procurar pensar uma coisa de cada vez e nos empenharmos nela. Ouvi há tempos na televisão que havia um estudo que dizia que a percentagem de desempregados sem qualificação era, não sei quantas vezes mais do que os com qualificação. Portanto o meu futuro depende do que eu conseguir conquistar com os estudos. Depois logo se vê”.

O seu entendimento sobre a condição de jovem corresponde à ideia de um tempo de vida que integra muitas vidas, umas sérias outras de prazer. É o tempo de construir projeto de vida, de ser estudante, de namorar de sair com os amigos. Ser jovem é “O modo como eu vivo, é como vivem a maioria dos jovens que eu conheço”.

7.5. Jovem adulta ou adulta jovem

Noutros contextos culturais e temporais a Ana Figueira não seria considerada na amostra. Com 24 anos, professora do ensino básico e secundário, considera-se uma jovem qualificada com responsabilidades particulares pelo seu desempenho profissional mas que não lhe retira o estatuto da categoria social objeto de estudo. Vive com a mãe, que é educadora infantil e a avó, e não quer falar do pai, afastado do agregado pelo divórcio. A família vive numa pequena habitação, tipo T2, na zona periférica do centro da Ponta do Sol, considerada pela entrevistada de qualidade razoável. Os recursos financeiros da família sendo limitados são no entanto considerados não condicionadores da concretização do essencial dos projetos familiares.

Recém-chegada a responsabilidades profissionais, após obter qualificação universitária, mantém as dinâmicas sociais da sua fase de vida anterior. Centrada nas suas novas funções, pela entrevistada consideradas com nível de responsabilidade semelhante às anteriores, apenas orientadas noutra direção e com outros pressupostos.

Preenche o tempo de vida envolvida em múltiplas áreas de interesse para além da atividade profissional. - “Nos tempos livres regularmente faço atividade física de manutenção, aos fins-de-semana costumo ser frequentadora de espetáculos desportivos, vou ao café ou à poncha com os amigos, quando há concertos não perco um e, nos períodos dos arraiais, também lá estou. Quando estou em casa passo uma parte do tempo

na net, seja em interação nas redes sociais, seja a pesquisar sobre questões que têm a ver com as minhas necessidades de trabalho”.

Da sua percepção e envolvimento em aspetos da vida coletiva, considera-se uma jovem com uma visão esclarecida e ponderada do sentido da vida, com uma equilibrada conjugação da dimensão individual e da dimensão coletiva. Mostrando uma maturidade crítica muito apurada, manifesta uma visão esclarecida da vida, indiciando no discurso posições de uma consolidada responsabilidade, cumulativamente com a de jovem do seu tempo, no seu estilo de vida.

Não é uma pessoa disponível para integrar ações políticas organizadas, não por alheamento, mas por ter uma personalidade reservada. Sensível às imperfeições do mundo à sua volta, encara a sua responsabilidade no domínio da vida coletiva enquanto agente socializadora das novas gerações, considerando ser importante “contribuir para uma sociedade melhor, através da corresponsabilidade, enquanto professora, na formação das novas gerações. Se as pessoas forem melhores, a sociedade é melhor e nós vivemos uma vida melhor”.

Atribui importância às fontes de recursos materiais numa perspetiva de mecanismo de garantia que estrutura o sentido da vida onde o prazer constitui referência prioritária para as escolhas, não perdendo a visão pragmática da importância dos recursos materiais enquanto mecanismo de suporte.

No estabelecimento das prioridades deixa claro: “a vida sem prazer não é gratificante. Daí considerar como prioridade colocar o prazer antes de tudo o resto. Mas também não tenho dúvidas que os condicionamentos à obtenção dos recursos materiais muitas vezes não são compatíveis com o primado do prazer. Daí que, em certas circunstâncias, nas que respeitam aos mecanismos funcionais, o comportamento seja claramente funcional”.

Por outro lado, tem claro que, muitas vezes, as pessoas tendem a criar necessidades - “Acredito que quando se resolvem umas necessidades a nossa natureza social cria outras. Depois, o próprio trabalho pode corresponder a uma necessidade que não a de sobrevivência material, dependendo do tipo de trabalho, das motivações e grau de gratificação das pessoas”.

Atribui uma relativa importância da crença e da espiritualidade, aceitando a existência de uma dimensão sobrenatural, que é importante, não por explicar a razão das coisas, mas por permitir uma sensação de conforto que está fora do mundo material. Do

mesmo modo sente o mundo da superstição, nesse caso, pela percepção de coincidência de acontecimentos que a razão não explica.

A crença, enquanto fundamento para a ação, constitui a base para a realização das coisas - “fator importante para as pessoas serem coerentes com aquilo que fazem”, “quando acredito numa ideia tenho mais facilidade em me empenhar”.

A significação do presente e o projeto do futuro passam por adotar como referência dos seus comportamentos, princípios da moral corrente quando age no contexto coletivo, mas quando colocada na dimensão individual, age fiel ao seu modo de ser.

Perante as circunstâncias do mundo de hoje, considera que a palavra de ordem para os jovens da atual geração é “lutar”.

Pensar o futuro está limitado ao presente e ligado às preocupações do trabalho enquanto mecanismo de sobrevivência - “Mais objetivos podem ser colocados, mas a questão da sobrevivência material que o trabalho permite, num país e num mundo em crise, toma uma dimensão de principal importância”.

Do seu entendimento sobre a condição de jovem, considera não resultar da condição perante o trabalho ou do nível de maturidade, mas do modo como a vida é vivida - “Apesar de ter concluído já o mestrado e ter arranjado emprego, todas as rotinas e o modo de viver que tenho desde a minha adolescência, basicamente não se alteraram. No dia em que foi certificada a última prestação da minha formação académica, senti uma estranha sensação de passagem de uma fronteira, para uma realidade nova. Mas a fronteira entre o ser jovem e o ser adulto não estava presente. Sentia-me sim uma jovem com reconhecidas competências, acima da maioria dos outros jovens”.

7.6. Construindo ideais

A Maria Francisca tem 18 anos, solteira, estudante do 1º ano da universidade, vive com a mãe, professora com mestrado, divorciada do pai, e com uma irmã mais velha, também com qualificação académica superior. A família vive numa moradia unifamiliar na zona periférica do centro da cidade do Funchal, considerada pela entrevistada de muito boa qualidade e com recursos financeiros considerados suficientes para viver sem constrangimentos.

As suas rotinas de vida, manifestações nucleares quotidianas que preenchem a sua estrutura ocupacional, são semelhantes aos demais jovens estudantes condicionados pelos compromissos académicos.

Com um perfil de estilo de vida onde a cultura desportiva é referência, considera, no entanto, as rotinas de estudante as únicas que são regulares, pela circunstância de estar a frequentar a universidade. Compromisso considerado com um nível de exigência e de responsabilidade que faz tudo o resto perder expressão relativamente ao seu modo de vida – “sem ter propriamente rotinas, acontece uma ou outra vez ir a um espetáculo desportivo de andebol, que era a minha modalidade preferida. Agora não tenho tempo”.

Pela razão de constituírem espaços de culturas juvenis, também cultiva a presença em festivais de música e arraiais populares. A sua consciência anti álcool anula a motivação para o “convívio da poncha”, comportamento comungado no modo de encarar o problema no seu círculo de amigos.

Muito consciente da importância da atual fase da vida, sente-se uma privilegiada por estar a frequentar a universidade, no curso de medicina que sempre foi o seu objetivo – “Tive uma grande expectativa e tensão para entrar na Universidade. Agora que entrei, passei a uma fase nova da minha vida com a qual estou muito satisfeita e à volta da qual toda a minha vida funciona. Quero ter sucesso na minha formação universitária pois uma das insistências de sempre da minha mãe é de que hoje não basta ter um curso superior, é preciso estar entre os melhores. E eu agora percebo um pouco mais do que está em causa quando damos conta do nível de desemprego entre os licenciados”.

Confrontada com a sua perceção e envolvimento em aspetos da vida coletiva, considera-se prioritariamente comprometida com o seu processo de qualificação, deixando claro que o momento não é para privilegiar os prazeres mas os compromissos.

Socializada com uma forte consciência sobre a problemática social, seja em resultado da socialização primária, seja pelos envoltimentos em organizações, como por exemplo os escuteiros, assume a sua quota-parte de responsabilidade social envolvendo-se, sempre que se proporciona, em ações de solidariedade – “sou sensível aos problemas dos outros e sempre que a situação se proporciona envolvo-me, seja dando alimentos na altura das campanhas, seja integrando grupos de recolha de ajudas. Por exemplo, quando

andei nos escuteiros sempre que havia um projeto de recolha de coisas para ajudar os mais pobres eu participava. Para a política é que não tenho feito”.

Atribui uma importância central às fontes de recursos materiais, considerando o trabalho como determinante de estruturação da vida por constituir a fonte habitual do rendimento, elemento determinante da independência financeira. Mas não reduz o seu futuro profissional a essa estrita importância, dado considerar que o trabalho para o qual se está a qualificar é muito mais do que um meio de obtenção de recursos materiais - “por um lado quero tornar-me independente financeiramente, mas, fundamentalmente, porque no meu caso o trabalho para o qual eu estou a preparar, corresponde ao modo como eu pretendo utilizar o meu tempo de vida, que é ajudar os outros na saúde”.

Não atribui qualquer relevância à dimensão espiritual ou religiosa - “O espiritual sugere uma coisa não real e eu fui educada a pensar as coisas com os pés na terra”.

Por outro lado considera a crença um aspeto fundamental da vida no que respeita à realização de ideias - “não tenho dúvida que acreditar, seja no que for em que estamos envolvidos, é fundamental para fazermos bem as coisas”.

Sobre a significação do presente e o modo como pensa o futuro, considera viver o momento presente no empenhamento da construção do seu projeto de futuro, onde também integra a sua relação de namoro. Apesar da rutura conjugal dos pais tem bem claro o que pretende da vida - “Apesar dos meus pais não terem conseguido manter o seu projeto conjugal, eu acho que, de alguma forma, serviu para aprender a não minimizar a importância de certos aspetos de uma relação. Eu acho que eles casaram demasiado jovens. Eu quero ter a minha família mas quando tiver atingido a minha maturidade, depois de acabar o meu curso. Tenho namorado e ele pensa como eu”.

Confrontada com a problemática da crise, considera que as crises sempre aconteceram - “Depois de entrar para a Universidade senti-me mais tranquila quanto ao futuro”.

Do entendimento sobre a condição de jovem, entende a juventude como a fase da vida que atende ao princípio de que só se vive uma vez. O tempo da experimentação. - “É uma fase de desafios, de aventuras, de experimentar sensações e viver experiências. Depois de passarmos à fase de responsabilidades que a vida adulta exige, estamos mais limitados. Só se vive a juventude uma vez”.

7.7. Gerindo bem o tempo de vida que não se repete

A Maria Luisa é uma jovem estudante universitária do 3º ano, com 20 anos, é solteira, integra um agregado familiar com a mãe, professora com mestrado, o pai médico e com uma irmã mais velha, também com qualificação académica superior. A família vive numa moradia unifamiliar, na zona periférica da cidade do Funchal, considerada pela entrevistada de muito boa qualidade, dispondo de recursos financeiros considerados bons e suficientes para viver sem constrangimentos.

Sobre manifestações nucleares da vida quotidiana que preenchem a estrutura ocupacional, o seu tempo de vida é ocupado prioritariamente com as responsabilidades académicas, integrando uma rotina ligada às preocupações com a sua forma física, pela frequência regular do ginásio.

Sem limitações no estilo de vida que escolheu sem quaisquer constrangimentos, para além das duas atividades regulares ligadas à Universidade e ao ginásio, outras vivências sociais são consideradas de certo modo correntes, como é o caso de idas ao café, à discoteca de vez em quando, ou a encontros com amigos num ou noutro local. Deixa claro que se dispusesse de melhores condições de vida não lhe parece que alteraria as suas rotinas diárias.

Da perceção que tem e do seu envolvimento em aspetos da vida coletiva, em resultado de uma socialização primária muito reflexiva, por ação dos pais e da irmã mais velha, tem uma forte sensibilidade sobre questões sociais que impliquem o fator justiça. Não se considera uma pessoa de iniciativa, mas não vira a cara à possibilidade de poder contribuir - “não sou propriamente uma pessoa de iniciativa nesses palcos. Mas contem comigo para melhorar as coisas ou protestar com coisas que estão mal”.

A importância atribuída às fontes de recursos materiais é considerada em função das suas opções de vida a partir da importância que atribui ao valor do prazer como condição central, ligando os recursos materiais à condição de liberdade.

Encara o desempenho da profissão como um mecanismo de integração social cumulativamente como meio de realização pessoal.

Sobre a importância relativa da crença e da espiritualidade na sua vida, considera-se muito terrena quando confrontada com a dimensão religiosa. - “A minha religião é sentir-me bem comigo e com os outros”.

Do mesmo modo, recusa qualquer dimensão isotérica - “não acredito em espiritismos. Acho que as pessoas que se deixam influenciar por essas coisas ou são fracas de vontade ou são ignorantes”.

A crença só está presente enquanto “energia necessária para fazermos as coisas e conseguirmos concretizar os nossos objetivos”.

Quanto ao significado do presente e o modo como pensa o projeto do futuro, está na linha de pensamento da generalidade dos jovens estudantes universitários, encarando o presente como fase determinante para a construção das oportunidades do futuro, alimentando uma perspectiva mais progressista de procura de reforço de qualificação profissional fora do país. Está também presente a ideia de constituição de família - “ao nível da minha condição de mulher, consolidadas as condições que me permitam autonomia, quero, ou melhor, admito, a construção de uma família com filhos. Mas aí sei que não o farei a qualquer preço”.

Reflete sobre a problemática da crise, sem quaisquer temores, positivamente condicionada pelas suas condições sociais, adotando um olhar pragmático – “fala-se hoje muito do problema da crise que vem afetando os projetos de vida dos jovens, mas quando conversamos sobre esse tema em casa, a ideia que me fica é a de que a crise toca em particular às pessoas mais frágeis e que é uma questão de sempre. Pessoalmente não tenho sentido quaisquer constrangimentos, seja no modo como vivo a vida, seja quando penso no meu projeto de futuro. É verdade que o desemprego tem aumentado nos últimos anos, atingindo em particular os jovens, mas eu acho que tendo como projeto profissional trabalhar na área do turismo, e, pelo que julgo saber, o turismo é um setor económico em crescimento, não me parece que a minha vocação e a escolha que fiz para me qualificar, me venham a colocar dramas no futuro”.

Quanto ao entendimento sobre a condição de jovem, encara a condição de jovem como a fase para sonhar e experimentar, onde se constroem as opções que virão a ditar o futuro de adulto – “ser jovem, sendo uma fase da vida que não se repete, é também um tempo por excelência para sonharmos e experimentarmos sensações. Mas é também o tempo em que fazemos as opções mais importantes das nossas vidas. Pelo menos é isso que eu sinto e é o modo como vivo as coisas”.

7.8. Não pensar demais a razão das coisas

O Manuel Correia tem 24 anos, solteiro, com nível de escolaridade de 9º ano, pequeno empresário comercial, coabita com a mãe que é empresária agrícola, o pai inválido e com um irmão um pouco mais velho com quem partilha a atividade empresarial. A família vive numa moradia unifamiliar na zona periférica da cidade do Funchal, considerada pelo entrevistado de boa qualidade, dispondo de recursos financeiros considerados bons para viver sem constrangimentos.

As manifestações nucleares da vida quotidiana que preenchem a estrutura ocupacional centram-se no quadro da responsabilidade empresarial com que está comprometido, dividindo tal responsabilidade com o irmão num pequeno negócio de legumes que lhe permite, em horas menos exigentes do seu funcionamento, alternar com atividades de ócio por ele consideradas o que realmente dá razão à vida – “conviver com os meus amigos, jogar futebol, andar de moto – sim sou um amante apaixonado pelas motos. Às vezes saio de moto só para dar uma volta sem qualquer objetivo para além de andar de moto. Também sou um frequentador regular das “Vespas” (discoteca); Ao fim de semana não falho a ver um jogo de futebol. E, é claro que quando começa a época dos arraiais, aí também não falho um fim-de-semana de farra. Há sempre um arraial para ir”.

Sente-se bem com o seu modo de vida, mas se tivesse recursos económicos que lhe proporcionassem condições de vida sem limitações financeiras, não hesitaria em levar uma vida boémia, sem responsabilidades e centrada num estilo de vida puramente hedonista. Refere nunca ter sonhado ser doutor por considerar que tal estatuto implicaria demasiadas responsabilidades, mas também porque nunca gostou da escola, - “só fiz o 9º ano e à rasca. Sonhei sempre tentar ter condições para conseguir governar a minha vida com o suficiente para comer e ter um lugar onde dormir sem dificuldades. Não sou muito exigente, quero é viver fazendo as coisas de que gosto sem ter que me preocupar muito com riquezas ou bens. Eu, a minha moto e dinheiro para os gastos.” “Se eu tivesse condições gostava de viver a vida assim, vivendo ora aqui, amanhã acolá, mas sempre sem compromissos e vivendo todos os dias com o máximo de prazer”.

Da sua perceção e envolvimento em aspetos da vida coletiva, assume-se com um forte sentido de liberdade, recusando compromissos coletivos – “Olhe o meu irmão, só tem mais um ano do que eu e já tem uma mulher para lhe chatear a cabeça e um filho para cuidar. O que é que eu posso aprender com ele?”.

Com um alheamento absoluto sobre questões do domínio coletivo, recusa envolvimento e preocupação com situações com as quais discorde, mesmo as que eventualmente o afete – “dou uma volta e vou à minha vida. Sabe, a vida é curta para nos cansarmos com coisas que a gente não consegue mudar. Eu sou uma pessoa de bem, não quero mal a ninguém, não quero nada dos outros, por isso sinto-me bem na forma como vejo as coisas. Sou capaz de dar uma moeda a um desgraçado que me pede dinheiro para comer, mas quem sou eu para resolver os problemas dele”.

As fontes de recursos materiais só são importantes na medida em que viver a vida implica gastos para os quais são necessários recursos. Tem o entendimento de que o trabalho é um mero mecanismo de obtenção de recursos materiais. Se de outra forma pudesse dispor de rendimentos não trabalharia. - “Há tantas coisas boas para fazer sem estarmos obrigados a cumprir com certas funções para agradar aos outros. Isso é que era vida. Sabe que a vida é curta e, mais ainda, o tempo de vida em que temos energia para viver com prazer, não é muito”.

Sobre a importância relativa da crença e da espiritualidade, mantém uma atitude de respeito pela tradição religiosa em que foi educado, deixa no entanto uma nota de reserva – “há muito tempo que deixei de ir à missa e de me preocupar com confissões e coisas assim. Até porque acho que os padres são pessoas como nós. Mas sou respeitador da igreja sem ser propriamente um beato”.

Sobre a espiritualidade em geral, não tem dúvidas que o importante é as coisas que permitem realizar a vida real. A importância da crença na realização das coisas não constitui fator determinante, considerando ter ganho “um gosto próprio no modo como vejo as coisas e oriento a minha vida nesse sentido, sem dramas. Eu acho que às vezes o problema é quando pensamos demais na razão das coisas. As coisas são como são e cada um tem a sua forma de ver e pronto”.

O modo como encara o presente não coloca grandes preocupações, limitando-se ao empenhamento no bom funcionamento da sua fonte de recursos materiais - o pequeno negócio – que lhe permite o estilo de vida onde a “principal companheira” é a sua moto. Considera os amigos importantes por serem os seus companheiros de divertimento, mas, por ser de ideias fixas, quando não consegue acertar agenda com os amigos, tem sempre a sua moto como parceira alternativa – “a minha cabeça está feita, sei o que quero e os meus amigos não têm nada a ver com isso. Quando por exemplo eles não querem ir a um

determinado sítio que eu quero, acontece muitas vezes que vou sozinho com a minha moto“.

Considera que a condição de jovem está ligada à condição de não casado. Daí estar determinado a não deixar de ser jovem, embora admita o velho ditado “o futuro a Deus pertence”... “ser jovem corresponde à forma como levo a vida: convivo regularmente com amigos, não tenho grandes compromissos para com outras pessoas, frequento os locais onde predominam os jovens e procuro levar a vida colocando o prazer de fazer as coisas à frente da obrigação“.

7.9. O emprego é a vida

O Leonardo Almada tem 21 anos, solteiro, com o nível de escolaridade de 9º ano, vigilante numa empresa de segurança, vive com a mãe que é doméstica, o pai também vigilante e com um irmão mais novo. A família habita numa moradia unifamiliar na zona periférica da cidade de Santa Cruz, considerada pelo entrevistado de boa qualidade, vivendo com recursos financeiros considerados suficientes para satisfazer condições básicas de vida.

As manifestações nucleares da vida quotidiana que preenchem a estrutura ocupacional focam-se no cumprimento de responsabilidades profissionais recentemente concretizadas, girando toda a sua vida à volta do “emprego”, para além do qual considera pouco acontecer – “as únicas rotinas diárias que tenho são as que se prendem com o meu emprego, de resto as outras coisas que faço não são feitas de modo habitual. A regra é: casa trabalho, trabalho casa. Eu consegui este emprego há pouco tempo depois de levar uma vida sem fazer nada. Como agora tenho emprego, a minha vida é o emprego“.

As limitações de recursos e de projeto de vida que têm caracterizado as suas expectativas, face à nova circunstância de acesso ao emprego, anulam quaisquer perspetivas para além do seu modo de vida atual – “nunca fui muito ambicioso e acho que a vida é o que é. Desde que a gente tenha um emprego para poder pagar as contas, tudo bem.” O importante é cumprir com as obrigações profissionais como salvaguarda de manutenção do emprego.

Questionado sobre a sua perceção e envolvimento em aspetos da vida coletiva, remete-nos para um quadro de isolamento habitual, na consequência da saída da vida escolar, após a qual o seu envolvimento na vida coletiva ficou reduzido aos contactos familiares – “depois de sair da escola, cada um foi à sua vida e eu acho que não fui a vida

nenhuma porque desde essa altura que tenho passado a maior parte do tempo enfiado em casa. Só há pouco tempo, como já lhe disse, o meu pai conseguiu este lugar para mim na empresa de segurança. Tenho a impressão que hoje não tenho amigos, daqueles amigos que se encontram e convivem”.

A sua visão do coletivo está reduzida à dimensão do cumprimento das obrigações com o trabalho, limitando qualquer preocupação para além dessa.

A importância atribuída às fontes de recursos materiais coloca o emprego no centro da vida enquanto mecanismo de referência da sua existência social. Apesar disso, ainda que numa perspetiva profundamente utópica, admite o trabalho como fonte de realização pessoal.

Sobre a importância relativa da crença e da espiritualidade, encara a espiritualidade, em particular a religiosa, não como um ato de fé, mas como um mero ritual familiar que, mesmo assim, não o deixa tranquilo face ao conhecimento público de desvios de comportamento de figuras da igreja.

Sem alimentar quaisquer dúvidas sobre a sua condição terrena, distante de “espiritismos e bruxedos”, nem a crença como princípio para orientar os seus empenhamentos é considerada – “ter um emprego e trabalhar para sobreviver, porque hoje ninguém nos dá nada, temos de trabalhar, o resto é conversa”.

O presente está limitado às preocupações que se prendem com a salvaguarda do emprego. Quando pensa o futuro, encara-o numa perspetiva funcional, mesmo quando se refere à constituição de família – “ter uma mulher que cuidasse de mim e da minha casa. Mas ainda nem sequer tenho namorada. Não sei, será o que for, também vemos tanta coisa por aí nos casais que às vezes é melhor estar quietinho”.

O entendimento sobre a condição de jovem remete para a circunstância de vida assente na coabitação com os pais – “ser jovem é continuar a viver com os pais e eles a cuidarem de nós. Se calhar só vou deixar de ser jovem quando os meus pais morrerem”.

7.10. Líder em formação

O Jorge Abreu tem 21 anos, solteiro, estudante do 3º ano da Universidade, vive com a mãe que é empregada de loja, o pai que é contabilista e com um irmão também estudante universitário no 2º ano. A família vive num apartamento T3 no centro da cidade do Funchal, considerado pelo entrevistado de boa qualidade, dispondo de recursos financeiros considerados suficientes para viver em condições razoáveis.

As manifestações nucleares da vida quotidiana que preenchem a estrutura ocupacional assentam numa estrutura de vida bem preenchida, centrada nas suas responsabilidades académicas e no envolvimento em organizações associativas, contribuindo no âmbito da associação de estudantes e de uma organização político-partidária. Indicia um perfil de líder, em formação.

Complementando os seus envolvimento formais, acrescenta às suas rotinas de vida, a prática regular de cultura desportiva, não prescindindo de um conjunto de consumos culturais comuns à maioria dos jovens – “de vez em quando também dou uma perninha à discoteca ou à poncha. Mais, sempre que há concertos, não falho. E no verão quando começam os arraiais, também lá estou”.

A sua perceção e o seu envolvimento em aspetos da vida coletiva marcam um estilo de vida onde a dimensão coletiva é referência. Parte da consciência da importância de se sentir bem consigo próprio para pensar e se envolver na realização de ideais coletivos – “Os meus ideais coletivos, esses são mais concretos. Desde muito jovem que senti viver numa sociedade dividida entre os que controlam o poder, com os seus lambebotas, e os que pensam diferente e que, tendo direito à igualdade de oportunidades, ficam na margem quando se manifestam com pensamento diferente do pensamento único. O meu ideal de sociedade é uma sociedade onde as pessoas sejam respeitadas pelo que são, independentemente de como pensam”.

Claramente um jovem disponível e empenhado em contribuir para mudar mundo à sua volta, tendo claro que, na justa dimensão do seu contributo, terá retorno – “tenho consciência, mais do que isso, convicção, de que o que fizermos pelo coletivo seguramente se reflete em nós. E sinto-me bem quando contribuo para melhorar as condições que me parecem desadequadas ou injustas”.

Com uma visão lúcida sobre a importância dos mecanismos de obtenção dos recursos materiais, seja na dimensão particular, seja na dimensão coletiva, entende o trabalho como fator importante de realização pessoal e estruturação da sociedade. Importância relativa da crença e da espiritualidade. Com uma conceção claramente antropocêntrica da existência humana, aceita a importância da crença religiosa como referência apaziguadora de emoções e conflitos nas pessoas que acreditam. Mas recusa, absolutamente, considerar essa dimensão como referência para organizar as suas razões de vida.

Quando equaciona a crença no domínio dos princípios, tem o entendimento que os empenhamentos não devem ser gratuitos – “a crença nas ideias para mim é determinante, ou seja, todos os meus empenhamentos são sustentados em princípios que constituem referências de crença. Quando me envolvo em alguma coisa intencional é por acreditar. Em regra não tenho comportamentos gratuitos”.

Sobre a significação do presente e o projeto do futuro, considera que tudo o que significa viver o presente, constitui embrião do futuro – “tenho a convicção que o que fazemos hoje tem tudo a ver com o que, consciente ou inconscientemente, gostaríamos de fazer amanhã. No meu caso, o que preenche hoje a minha vida, tem a ver com o meu projeto de futuro. Quero ser um competente psicólogo clínico; quero contribuir para alterar os viciados mecanismos dos poderes que governam a sociedade madeirense, pela construção de uma sociedade melhor e mais solidária”.

Não se subordina aos estigmas da crise pela energia utópica que o anima – “sou jovem empenhado na construção da sua carreira que acredita no princípio de que os períodos de crise são também períodos de oportunidades. Também porque não sou dos que ficam sentados à espera que as coisas aconteçam. Depois, porque acredito que o futuro, sendo resultado do património herdado das anteriores gerações, é muito o resultado do que as atuais gerações forem capazes de construir. E eu entrei nessa corrida”.

O seu entendimento sobre a condição de jovem coloca-o com uma visão de que tudo deve estar em aberto, sem restrições – “Tirando as responsabilidades com o meu curso, não tenho responsabilidades com outras pessoas que dependam de mim; não integro preocupações de subsistência em todas as dimensões das condições básicas de vida; não defini limites a uma estrutura de vida formal, ou seja tudo está em aberto, estou ainda no palco dos sonhos e das utopias; em resumo, tenho ainda uma larga esfera de liberdades.

8. Síntese da análise sobre os modos de vida

Da análise feita às dez entrevistas a jovens de diferentes condições sociais, conjugada com a análise dos dados obtidos do inquérito por questionário, procedemos à elaboração de uma síntese (quadro 3.1) que permite uma leitura dos modos de viver de jovens madeirenses, pela utilização das seis categorias de análise utilizadas no tratamento de

cada uma das entrevistas, categorias essas construídas com base nas dimensões mais significativas da vida dos jovens, sugeridas por A. Costa (1999).

Quadro 3. 1 - Síntese de análise dos modos de vida

Categorias de análise	Observação
<p>Manifestações nucleares da vida cotidiana que preenchem a estrutura ocupacional.</p>	<p>Como elemento nuclear entre as rotinas da vida diária referido por todos os inquiridos, independentemente da categoria de classe a que pertencem, a atividade profissional ou paraprofissional (estudantes) é considerada a rotina principal. No âmbito dos lazeres, é relevado um ritual que marca uma dimensão tradicional de prática cultural na Madeira, - os arraiais - cuja frequência mobiliza transversalmente os jovens de todas as condições sociais. Outra rotina que marca indistintamente a presença dos jovens, tornada palco da vida social juvenil, é a ida à poncha – poncha é uma bebida tradicional madeirense feita com aguardente e mel de cana-de-açúcar, e sumo de limão, mas cujas versões mais inovadoras ou modernistas, pelo exponencial crescimento da sua popularidade, começa a ser apresentada com a mistura de outros sumos de fruta. Ir à poncha representa claramente um gesto convivial que marca a dupla identidade dos entrevistados como madeirenses e como jovens.</p> <p>No contexto do lazer, os jovens de baixas condições sociais reclamam da incapacidade financeira para estarem ausentes de espaços de lazer que gostariam de frequentar mas que não o fazem por limitações dos seus recursos.</p>

<p>Percepção e envolvimento em aspetos da vida coletiva.</p>	<p>De forma nítida, observam-se três modos de pensar e agir no domínio do espaço social, caracterizados por diferentes níveis de classe social.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Jovens com condições de vida mais limitadas consideram que o seu modo de agir deve atender às obrigações a que estão condicionados, indiciando uma subordinação aos poderes como salvaguarda de solução de vida. 2. Jovens de grupos familiares de classes médias empenhados nos seus processos de mobilidade social, consideram agir em função de circunstâncias diferenciadas: no quadro dos processos formais, consideram adequada a subordinação às regras independentemente de concordarem ou não; no quadro da vida privada, consideram prioritariamente o princípio do prazer como referência dos seus comportamentos. 3. Os jovens que integram agregados familiares com boas condições de vida e ambiente familiar bem estruturado, onde a cultura da reflexividade crítica está presente, e sensível à problemática da solidariedade, consideram que os seus modos de viver resultam, fundamentalmente, das convicções que as suas experiências de vida consolidaram. É neste grupo de jovens que se observa a presença de uma consciência social atenta ao imperativo da solidariedade e à importância do reflexo da qualidade da dimensão coletiva, na qualidade da sua própria dimensão individual. Está clara a ideia de que, quanto melhor for o bem-estar do coletivo, melhor será o bem-estar individual.
--	---

<p>Importância das fontes de recursos materiais.</p>	<p>Duas visões distintas sobre os mecanismos de obtenção dos recursos materiais: os jovens que cresceram com carências de recursos materiais olham o trabalho fundamentalmente como mecanismo de sobrevivência material -“As pessoas que dizem que se realizam no trabalho acho que se estão a enganar a si próprias” (Nélio Maduro); alguns jovens que integram agregados sem constrangimentos materiais e em contextos familiares positivos, consideram ser o desempenho de uma profissão uma forma de pertença, de identificação e participação – “De outro modo, que valor teria a nossa existência?” (Jorge Abreu) ”é uma forma de viver onde eu me posso realizar como pessoa” (Maria Francisca).</p>
<p>Importância relativa da crença e da espiritualidade.</p>	<p>Na importância da crença nos princípios como razão para os empenhamentos, existem claramente dois tipos de abordagens: o jovem que considera não haver muito em que pensar porque as coisas são como são - “Eu acho que às vezes o problema é quando pensamos demais na razão das coisas. As coisas são como são e cada um tem a sua forma de ver e pronto“ (Manuel Correia); predominando os jovens que pensam ser determinante dos seus empenhamentos a crença nos princípios que os determinam - “Em regra, não tenho comportamentos gratuitos” (Jorge Abreu).</p> <p>Na dimensão espiritual, seja ligada à religião ou à superstição, aqui também duas formas de entender: Os que não consideram a dimensão sobrenatural como uma referência da sua conceção de vida, mas respeitam a importância dessa crença como mecanismo equilibrador das tensões que o mundo material provoca nas pessoas; os que</p>

	<p>consideram a dimensão sobrenatural não questionável e, simultaneamente, uma crença que induz conforto espiritual e responde aos desagradados do mundo terreno - “Para mim, assenta num quadro de dogmas que aceito e que preenche um espaço da minha espiritualidade. E conforta-me sentir a influência dessa dimensão.” (Ana Figueira).</p> <p>Nesta categoria de análise, não foi observada nenhuma relação significativa de pertença de classe para caracterizar diferentes formas de encarar a questão.</p>
<p>Significação do presente e projeto do futuro.</p>	<p>Para os jovens estudantes observam-se dois tipos de preocupações: os que estão preocupados com a ideia de que para conseguir emprego no futuro é fundamental adquirir uma qualificação; os que encaram a sua condição de estudantes como projeto de vida para o desempenho de uma atividade profissional que os realize como pessoas.</p> <p>Outra dimensão de preocupações, respeita aos jovens que já não são estudantes e, nesse caso, o lugar-comum que reflete o pensamento sobre o presente e o futuro, prende-se com a salvaguarda da garantia do emprego ou do projeto profissional, mais do que pensar o projeto de família. - “O meu projeto de vida é não perder o emprego, que é o mais importante, depois logo se vê” (Leonardo Almada).</p>

<p>Entendimento sobre a condição de jovem.</p>	<p>Entre todos os juízos formulados sobre o modo de ser jovem, as respostas dadas por dois dos entrevistados, sintetizam o entendimento sobre tal condição:</p> <p>. Jorge Abreu, 21 anos, estudante do 3º ano de psicologia - “Não tenho dúvida que vivo a vida pela condição de ser jovem. Tirando as responsabilidades com o meu curso, não tenho responsabilidades com outras pessoas que dependam de mim; não integro preocupações de subsistência em todas as dimensões das condições básicas de vida; não defini limites a uma estrutura de vida formal. Ou seja, tudo está em aberto. Estou ainda no palco dos sonhos e das utopias; em resumo, tenho ainda uma larga esfera de liberdades”.</p> <p>. Manuel Correia, 24 anos, empresário comercial – “Eu penso que, ser jovem, corresponde à forma como levo a vida: convivo regularmente com amigos, não tenho grandes compromissos para com outras pessoas, frequento os locais onde predominam os jovens e procuro levar a vida colocando o prazer de fazer as coisas à frente da obrigação”.</p>
--	---

9. Delimitação de uma tipologia de modos de vida

Da conjugação da análise dos dados obtidos do inquérito por questionário aplicado aos 306 jovens que constituíram a amostra, e a análise das entrevistas a dez jovens selecionados entre os constituintes da amostra do inquérito por questionário, procedemos à elaboração de uma tipologia de modos de vida de jovens madeirenses (quadro 3.2).

Como já antes referimos, diferentes condições, razões, opções, experiências, quotidianos construídos e desconstruídos, determinam distintos modos de vida sustentados em diferentes formas de pensar e agir. Assim ganham expressão diferentes retratos da vida social quando observamos, de modo sistemático e criterioso, indivíduos ou conjuntos de indivíduos permitindo focar particularidades que nos permitem construir tipologias de modos de vida.

Integrando o contributo de A. Firmino da Costa, presente no desenho metodológico do dispositivo de observação, onde deixa claro que

“indivíduos ou famílias com a mesma inserção estrutural de classe de origem podem, como se viu, manifestar modos de vida diferentes, nomeadamente quanto à estratégia de angariação de recursos, grupos de referência, projetos de vida e estilos de conduta – não obstante as homologias que se verificam em muitos aspetos” (1999: 287), a partir de uma análise cuidada dos indicadores obtidos da informação recolhida procedemos à elaboração de uma tipologia de modos de vida de jovens madeirenses.

No plano operativo adotámos as quatro dimensões sugeridas por A. Costa (1999), definidoras do espaço de atributos que organizam a análise, nomeadamente: dimensões sociais (classes e redes sociais), dimensões “culturais” (valores, padrões de conduta, formas simbólicas, identidades), dimensões “temporais” (trajetórias, orientações de vida, projetos pessoais) e dimensões “espaciais” (fenómenos de localidade e contextos de interação) do que resultou cinco configurações/categorias da tipologia, designadamente: contraditório, hedonista, alheado, mobilidade e solidário.

A categoria “contraditório” revela-se entre jovens que, integrando dinâmicas próprias de particulares redes sociais e pertencendo a classes sociais de baixos recursos, adotam modos e estilos de vida considerados desconformes com os indicadores identitários do seu meio de origem. Considerando a dimensão social e certos fenómenos de localidade que influenciam as culturas juvenis, observamos modos de viver a juventude em contracorrente. Da observação dos valores, padrões de conduta, formas simbólicas e identidades que caracterizam o coletivo juvenil, damos conta de comportamentos que não se regulam por tais referências. A juventude entendida como fase de transição coloca em análise dimensões temporais integrando aspetos sobre as trajetórias que aproximam jovens, nomeadamente pela pertença de classe. A contradição manifesta-se quando observamos jovens que assumem opções de vida e projetos desalinhados com as condições de vida de suporte à sua socialização.

A categoria “hedonista” integra jovens que se orientam para uma dimensão de vida muito centrada no presente, procurando prazer e gratificação pessoal imediata. Não se encontra qualquer evidência de associação desta orientação hedonista (jovens que orientam as suas opções na razão do prazer) com um qualquer posicionamento de classe específico. Nele se integram experiências resultantes de uma grande diversidade de contextos socioculturais e rede de relações. Integram padrões de conduta e identidades

que não se regulam por valores externos às suas próprias percepções e razões de vida. Quando elaboram os seus projetos de vida, seguem orientações onde a razão da satisfação pessoal é determinante para o empenhamento.

A categoria “alheado” reflete atitudes de descompromisso com dinâmicas sociais estranhas ao interesse próprio. Observa-se frequentemente em jovens de condições sociais mais desfavorecidas com o entendimento de que cada um tem de tratar da sua vida e que os problemas dos outros são aspetos que não lhes dizem respeito. Consideram que os problemas de terceiros são responsabilidade deles próprios ou dos poderes públicos. Os padrões de conduta regem-se por restrita atenção em questões que impliquem a sua dimensão pessoal. Normalmente focam os seus projetos de vida na perspectiva de criação de condições funcionais, seja na dimensão do rendimento onde o importante é ter um emprego, seja na dimensão familiar onde o projeto de constituição de família se centra na concretização de estabilidade funcional.

A categoria “mobilidade” liga-se à ideia da importância do adiamento das gratificações presentes para atingir uma gratificação maior na realização do projeto de vida. Observa-se predominantemente em jovens pertencentes às classes com melhores condições de vida, onde o conhecimento dos modelos de vida está presente seja pelas ligações sociais, seja por um processo de socialização rico no desenvolvimento de competências de pensamento reflexivo e crítico. O espaço social de referência integra desafios ao empenhamento na construção de projetos de dignificação do papel social, seja na dimensão pessoal, seja na dimensão coletiva. Os jovens aqui considerados projetam e orientam os seus projetos pessoais numa perspectiva integrada entre o interesse pessoal e o interesse coletivo.

A categoria “solidário” integra jovens que não se limitam a pensar as questões colocadas no contexto do interesse pessoal, mas têm o entendimento de que a realização pessoal recebe muito do mundo à sua volta. Daí a percepção da importância da sua contribuição seja na perspectiva altruísta, seja na perspectiva de contribuir para moldar o espaço social em função dos valores que consideram responder aos seus ideais. Integra jovens socializados em contextos sociais favoráveis, normalmente situados em categorias de classe com recursos relativamente elevados, mas também se observa em jovens pertencentes a classes sociais de condições menos favoráveis, onde as referências morais exaltam consideração pela dimensão coletiva. Em termos comuns são considerados como os que estão empenhados em contrariar os problemas sociais e querem mudar o mundo.

Quadro 3. 2 - Tipologia de modos de vida de jovens madeirenses

Categorias	Dimensões sociais	Dimensões “espaciais	Dimensões “culturais”	Dimensões “temporais”
Contraditório	Com origem referenciada em famílias de baixos recursos, integram redes sociais com acesso ao conhecimento dos corredores de mobilidade social.	Nível de recursos económicos não tem relação direta com o juízo sobre a qualidade de conforto, de habitação, de bens materiais, e posse de novas tecnologias de comunicação, entre outros.	Recusa da importância de aquisição de bens materiais como elementos positivos da vida, mas reconhecem que a posse de bens materiais ajuda a ser feliz. Apesar dos baixos recursos, cultivam intensamente atividades de lazer com custos financeiros.	Intensão de qualificação universitária para construir o futuro, apesar da origem em família de baixos recursos.
Hedonista	Integrados em segmentos de classe média, o prazer de consumir, o envolvimento em atividades e convívios assente na razão do prazer são centrais nas dinâmicas das redes sociais onde interagem	Não se vinculam a agendas exteriores à sua própria.	Da reflexão sobre o modo de viver, consideram prioritário o prazer de fazer as coisas em detrimento da obrigação. A vida pelo prazer é o caminho para a realização pessoal e condição de liberdade.	Elaboração de ideais pela realização do interesse pessoal fiel ao modo de ser em oposição à expectativa moral dos outros. Distanciados de preocupações coletivas.

<p>Alheado</p>	<p>Integrando famílias de baixa condição socioeconómica, em regra não têm ocupação profissional, nem estudam. Com vidas pouco gratificantes, de baixos recursos económicos e escolares, reduzem o mundo à estrita dimensão da salvaguarda das suas necessidades básicas.</p>	<p>O universo dos outros não lhes diz respeito. Pensam o presente e o futuro em função do ter ou não ter emprego.</p>	<p>Gosto pelo consumo de coisas não necessárias. Consomem por impulso. Consideram-se simples e entendem a crise como um processo normal, uma fase na vida das pessoas. Não cultivam crise existencial - um dia de cada vez.</p>	<p>Ideais individualistas, centrados no interesse pessoal. Quando discordam de determinada situação social não se envolvem. O trabalho só é importante para realizar a sua liberdade económica. Se acessem a recursos sem necessidade de trabalhar não trabalhariam.</p>
<p>Mobilidade</p>	<p>Em geral são oriundos de famílias de condições socioeconómicas favoráveis. Com percursos de vida ricos em experiências educacionais, a família e os próprios construíram e empenham-se na qualificação para o sucesso pessoal.</p>	<p>Desenvolvem um modo de vida organizado, racional e proactivo. Socializados em contexto de observação rica de modelos de vida.</p>	<p>Consumo de bens materiais ajustados às suas possibilidades, na dimensão da satisfação das suas necessidades, com o objetivo de realizar os seus projetos pessoais.</p>	<p>Conseguir o máximo de qualificação académica para poder realizar projetos. A qualificação e a competência determinam a razão do futuro enquanto espaço de conquista e afirmação.</p>

Solidário	Em regra oriundos de classes com condições de vida favoráveis, cultivam sensibilidade sobre as questões sociais.	Quando discordam de situações sociais estão disponíveis para se envolver.	Na dimensão pessoal valorizam a importância dos bens materiais no sentido de que ajudam a resolver problemas do bem-estar.	Perspetivam o futuro na dimensão do interesse coletivo. Consideram o trabalho como forma de realização pessoal contribuindo na realização do interesse coletivo.
------------------	--	---	--	--

CONCLUSÃO

O estatuto social e o modo como ele determina a identidade das pessoas, resultante dos seus recursos próprios, poderia determinar a razão de passagem da condição “jovem” para a condição de adulto, significando a assunção de uma nova identidade pessoal, e da libertação dos vínculos de pertença ao grupo da família que o conduziu à fronteira entre a juventude e a adultez.

O que observámos neste estudo, na linha de estudos já desenvolvidos (Costa, 1995, 1999; Casal, 1988; Bourdieu, 1997; Pais, 1993, 1998, 1999, 2000, 2001, 2003; Blasco, 2002; Guerreiro e Abrantes, 2004; Capucha 2005; entre muitos outros) é que, em regra, os jovens adquirem a sua qualificação, integram-se no mercado de trabalho, mas, perante os constrangimentos, turbulências, inseguranças, incertezas, flutuações com que constroem a sua transição e que marcam as sociedades atuais, a partilha de vida com os pais é continuada para além dessa fronteira, que se torna virtual pela circunstância. Mais, criadas as condições de aquisição dos requisitos para validarem o processo de transição, também na dimensão das atividades sociais no âmbito dos tempos livres, o “novo adulto” não descola dos contextos culturais dos jovens, projetando a ideia do “não saber nadar”, continuando na margem da adultez, apesar de ter atingido os pressupostos tradicionalmente considerados para ingressar no mundo dos adultos.

Por outro lado, tendo recebido, durante todo o processo de socialização, repetidos estímulos, quer de modo efetivo por ação dos mecanismos educativos institucionais, quer de modo subliminar por exposição aos efeitos dos mecanismos mediáticos que ocupam todo o espaço das atuais sociedades, o indivíduo apercebe-se da importância dos processos de aquisição de conhecimento como condição para viver em conformidade com os padrões que marcam as atuais sociedades.

Tradicionalmente, a aprendizagem de modo sistemático estava confinada a um tempo cronológico de passagem pela escola, o qual, excecionalmente, alguns privilegiados prolongavam como forma de ascender aos estratos académicos superiores reservados às elites. Esse tempo não está ainda muito distante. Enquanto referência esse foi o contexto de socialização dos familiares dos jovens de hoje, responsáveis pelo seu processo de vida. Vejam-se os dados proporcionados pelo INE relativamente à taxa de frequência escolar entre os censos de 1961 e 2011: a taxa relativa aos anos 60, na frequência escolar de 20-24 anos foi de 7,4%; a taxa relativa, três décadas depois, nos

anos 90, sobe para 50,4%, sem ter em consideração o estudo a tempo parcial que entretanto aumentou substancialmente de dimensão.

Tendo este estudo centrado os seus objetivos na compreensão dos modos de vida dos jovens, permitiu apreender alguns indicadores sobre o modo como os processos no âmbito do relacionamento familiar ocorrem.

Constitui uma tradição dos estudos na área da sociologia da família ter em consideração a existência de um ciclo familiar em que os relacionamentos familiares vão experimentando alterações de acordo com as movimentações de cada elemento da família ao longo do seu ciclo de vida. É assim que a família, enquanto instituição, também vem experimentando transformações, muitas vezes determinando o surgimento de quadros de risco para os jovens, apanhados em processos de desagregação dos núcleos familiares.

O estudo permitiu observar situações de jovens a refletirem um comportamento de quase exacerbado individualismo, em particular consequência de contextos de vida familiar onde as condições de vida eram pouco incentivadoras ao desenvolvimento de projetos pessoais, determinando no jovem manifestações de insegurança, de distanciamento e mesmo de algum alheamento sobre a importância de pensar o futuro. Neste contexto, designámos essa modalidade da tipologia de modos de vida construída neste estudo como “alheamento”.

Em estratos sociais de classes com condições de vida bastantes para atenderem à satisfação das necessidades básicas – estratos médios-baixos - identificam-se jovens que centram a sua vida de todos os dias num contexto hedonista, como se não houvesse amanhã, distantes das preocupações manifestadas por outros que encaram a vida de modo reflexivo e prospetivo no quadro de famílias onde os recursos e, ou, os afetos, preenchem níveis de satisfação e de conformidade.

Estando naturalmente presentes, dimensões muito diversas de viver a família, hoje sem um padrão consolidado de homogeneidade, onde os papéis familiares eram complementares, nessa diversidade de contextos, cada vez mais se observa a existência de dinâmicas resultantes de processos de acordos elaborados no âmbito da interação familiar, muitas vezes utilizando pressupostos da socialização secundária, reflexo também da entrada das novas tecnologias no espaço do tempo antes dedicado ao convívio familiar.

Como foi observado pela análise dos dados, uma boa percentagem dos tempos livres que o jovem permanece em casa é dedicada a navegar na internet. Nestes casos, significa que o relacionamento familiar, também ele ganha dimensões virtuais, dado que os elementos que compõem o grupo familiar, estando próximos fisicamente, estarão a desenvolver fossos de distanciamento no que se refere aos afetos e manifestação de interações familiares de consolidação dos laços de relação social que marcam a natureza humana. Mas observam-se também, pelo contrário, jovens que afirmam ter ficado em casa para ajudar mães sozinhas ou os pais quando um está desempregado.

Esta circunstância remete-nos para a necessidade de apurar o olhar crítico que procurámos desenvolver com esta pesquisa, quer identificando aspetos do ciclo de vida familiar quer sobre os complexos processos de transição para a vida adulta, hoje com referências de enorme diversidade, que estão mudando a própria noção de ciclo de vida familiar, em consequência da dificuldade de estabilização de fatores condicionantes da realidade da vida contemporânea, em que as relações familiares ocorrem e que marcam profundamente os modos de vida dos jovens.

A grande complexidade de processos que estão presentes na compreensão do processo de transição para a vida adulta, elemento que marca a condição de jovem e determina os diferentes modos de vida, assenta na necessidade de compreendermos que critérios como idade, recursos económicos, ou afastamento da família, já não são suficientes para balizarmos de modo padronizado características definitivamente representativas de categoria de classe. É no quadro da conciliação entre dependência e autonomia dentro da família que podemos encontrar referências que nos ajudem a compreender melhor esse novo mundo que os jovens de hoje estão a viver.

Num desafio para alinhar estudos futuros sobre a temática dos modos de vida que aqui tratámos, é fundamental ter em consideração aspetos culturais mais amplos da contemporaneidade como sejam: a centralidade do valor do indivíduo e as práticas que vão sendo adotadas no seu processo de autonomização seja na esfera pública quanto na esfera privada.

É no contexto dos valores humanos consolidados em resultado do desenvolvimento civilizacional, que o indivíduo contemporâneo é concebido como sujeito de direitos iguais, mas desigual pelas suas experiências singulares. Daí que a ênfase atribuída ao individualismo como referência nuclear na vida social contemporânea, influencie também as relações, os dilemas com a experiência do

prolongamento da vida familiar original, exigindo um pensamento novo à luz do legado deixado pelas diversas sociologias que têm contribuído para a compreensão destas mutações que vêm sendo refletidas no modo como os jovens vivem a vida.

Quando comparamos os modos de vida de jovens de diferentes classes sociais, damos conta de que, no essencial, aparentemente não diferem muito ao nível dos interesses, da convivialidade, do lazer, dos gostos e das atitudes perante os diversos consumos culturais. O que diferencia basicamente é a frequência dos envolvimento em atividades condicionadas a disponibilidade de recursos financeiros. Os jovens de condições sociais menos favoráveis ajustam as suas práticas aos recursos de que dispõem, daí estarem presentes de igual modo aos jovens das classes sociais mais favorecidas em atividades onde tais constrangimentos não se colocam. Naturalmente que persistem ainda alguns espaços de atividade elitista reservada aos possuidores de condições económicas mais favoráveis mas que são cada vez menos significativos no contexto dos modos de vida predominantes entre os jovens.

Limitações e desenvolvimento de futuras investigações

Tendo este estudo sido desenhado com o objetivo de construir uma tipologia de modos de vida de jovens na Madeira, o entendimento metodológico foi orientado para um estudo intensivo através da técnica da entrevista, procurando encontrar nas malhas da vida social dos jovens, pontos de referência de expressão marcante caracterizadora de modo particular de viver a vida.

No decurso do estudo surgiu a necessidade de obtenção de retratos dos modos de vida dos jovens madeirenses que balizassem indicativamente a construção de uma tipologia, na sequência do que foi decidido adotar também uma metodologia quantitativa, mesmo não tratando os dados por um modelo estatístico rigoroso, tão simplesmente procurando encontrar informação orientadora do desenho da tipologia.

Apesar do rigoroso cuidado colocado na construção do guião do inquérito por questionário, descrito já no capítulo que abordou os procedimentos metodológicos, que permitiu obter informação interessante para a construção da tipologia nascida da análise dos dados das entrevistas, parece-nos evidente que o produto desse trabalho colocou, de modo claro, indicadores importantes para orientarem desenvolvimento de futuras investigações.

Sendo hoje evidente que os mecanismos de comunicação cada vez mais aperfeiçoam formas para chegar a todos os níveis da estratificação social, as mensagens que informam as culturas juvenis, cada vez se apresentam com maior eficácia perante os consumidores da informação que transmitem. Significa que os jovens, independentemente da sua localização de classe, desenvolvem gostos, motivações, ideais, naturalmente com algum condicionamento influenciador que ocorre no seio das dinâmicas familiares, mas fortemente ditados por universos exteriores à família e comuns aos jovens em geral, como seja concretamente a escola, mas também nos espaços de convívio de atividades juvenis.

Estando claro que existe um mercado virado para os consumos juvenis em todas as suas dimensões, ali se jogam interesses económicos que condicionam a igualdade de oportunidades de acesso. Significa que quando tomamos por exemplo a atividade desportiva e obtemos, por mecanismos de recolha de informação, dados que nos dão conta de níveis de participação semelhantes comparando jovens de classe sociais diversas, seguramente que os condicionamentos das condições de vida determinarão que eventualmente os tipos de atividades desportivas que desenvolvem não serão os mesmos, o que determina também diferentes formas de serem desportistas.

Do mesmo modo quando se obtém a informação sobre consumos culturais, parecendo que designações como música moderna, concertos musicais, ou jornais, representam a mesma coisa para todos os jovens, de facto poderá assim não ser.

Na linha do estudo que desenvolvemos, fica o desafio de, em futuras pesquisas, a construção dos inquéritos dever seguir a procura de informação com uma malha mais fina que permita identificar especificidades dos diferentes *habitus* que marcam diferenças substanciais no modo como diferentes jovens vivem a vida, quando aparentemente parecem comungar culturas juvenis com os mesmos significados.

Uma outra dimensão de pesquisa sobre o mesmo tema, pela aplicação de uma metodologia extensiva, permitirá obter indicações sobre o modo de vida dos jovens madeirenses.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, Ana Nunes de, Maria das Dores Guerreiro, Anália Torres e Karin Wall (ed.) (1992), "Familles et contextes sociaux", actes du Colloque de Lisbonne, Lisboa, CIES/AISLF.
- Almeida, Ana Nunes; Ana Delicado e Nuno de Almeida Alves, (2011), "As crianças e a internet em Portugal: perfis de uso", *sociologia, problemas e práticas*, 65, pp. 11-37.
- Almeida, João Ferreira de (1986), *Classes sociais nos campos: Camponeses parciais numa região do noroeste*, Lisboa, ICUL.
- Almeida, João Ferreira; António Firmino da Costa e Fernando Luis Machado (1988), *Famílias estudantes e universidade – painéis de observação sociográfica*, Lisboa, CIES-ISCTE/Celta.
- Almeida, João Ferreira de; Luis Capucha; António Firmino da Costa; Fernando Luis Machado; Isabel Nicolau e Elisabeth Reis (1992), *Exclusão Social —Factores e Tipos de Pobreza em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.
- Alves, Natália (1998), *Escola e trabalho: atitudes, projectos e trajectórias*, em Manuel Villaverde Cabral e José Machado Pais et al (orgs.), *Jovens Portugueses de Hoje*, Oeiras, Celta Editora.
- Arnett, Jeffrey Jensen, (2000), "Emerging adulthood: a theory of development from late teens through the twenties", *American Psychologist*, 55, pp. 469-480.
- Bardin, Laurence (2008), *Análise de Conteúdo*, Lisboa, edições 70.
- Bauman, Zygmunt (2003), *Modernidade Líquida*, Rio de Janeiro: Zahar.
- Belk, Russell; Gülis Ger e Soren Askegaard, (2003), "The Fire of Desire: A Multi-sited Inquiry into Consumer Passion", *Journal of Consumer Research*, Chicago, 30, pp. 326-351.
- Bosma, H. A. (1992), *Identity in adolescence: managing commitments*. In G. R. Adams, T. P. Gullotta & R. Montemayor (orgs.), *Adolescent identity formation* (91-121). Newbury Park, California: Sage.
- Bosma, H. A. (1994), "Le développement de l'identité a l'adolescence" *L'orientation Scolaire et Professionnelle*, 23, pp. 291-311.
- Bourdieu, Pierre e M. Saint-Martin (1976), "Anatomie du goût", *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 5, pp. 18-43.
- Bourdieu, Pierre (1983), *Questões de Sociologia*, Rio de Janeiro, Marco Zero.
- Bourdieu, Pierre (1988), *Espace social et pouvoir symbolique*. In: *Choses dites*, Paris, Minuit
- Bourdieu, Pierre (1989), *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel.
- Bourdieu, Pierre e Wacquant Löic (1992), *Réponses*, Paris, Seuil.
- Bourdieu, Pierre (1997), *Razões Práticas: Sobre a Teoria da Acção*, Oeiras, Celta Editora.
- Bourdieu, Pierre (2010), *A Distinção: Uma Crítica Social da Faculdade do Juízo*, Lisboa, Edições 70 (ed. orig. *La distinction. Critique sociale du jugement*, 1979).

- Boudon, Raymond (1979), *La logique du social*, Paris, Hachette.
- Boudon, Raymond (1984), *La place du désordre*, Paris, Puf.
- Boudon, Raymond (1989 1ª ed. 1977), *Effets pervers et ordre social*, Paris, Puf.
- Braconnier, Alain; Daniel Marcelli (2000), *As mil faces da adolescência*, Lisboa, Climepsi Editores.
- Canclini, Néstor García (1995), *Consumidores e Cidadãos: Conflitos Multiculturais da Globalização*. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Capucha, Luis (2005), *Desafios da pobreza*, Oeiras, Celta ed.
- Cardoso, Gustavo et al (2013) (orgs), *A Sociedade dos Écrans*, Lisboa, edições Tinta-da-China.
- Casal, Joaquim (1988), “Elementos para un análisis sociológico de la transición a la vida adulta”, *Política y sociedad*. Barcelona, 1, pp. 97-104.
- Casal, Joaquim (1996), «Modos emergentes de transición a la vida adulta en el umbral del siglo XXI: aproximación sucesiva, precaridad y desestructuración». *Jovens em mudança —atas do congresso internacional growing up between centre and periphery*. Lisboa, 2 a 4 de maio.
- Casal, Joaquim (2002), “TVA y políticas públicas sobre juventud”. *Revista de Estudios de Juventud* 59, Madrid: INJUVE.
- Castel, Robert (1995), *les métamorphoses de la question sociale*, Paris, éditions Fayard.
- Castel, Robert (2011), “*société du précaire*”, conferência disponível em: <http://WWW.rhizome-tv.be/spip.php?article49>.
- Castells, Manuel (1997), *La era de la información. Economía, Sociedad y Cultura*, La Sociedad Red, Vol. 1. Madrid, Alianza Editorial.
- Castells, Manuel (2012), *A sociedade em rede*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cavalli, Alessandro (1995), *Prolonging youth in Italy: being in no hurry*, em Alessandro Cavalli e Olivier Galland (orgs.), *Youth in Europe*, cap. 2, Londres, Pinter: 24-32.
- Certeau, Michel de (1974), *A Invenção do Cotidiano*, Petrópolis, Editora Vozes.
- Colis, B. (2005), *e-learning e o Transformar da Educação na Economia do Conhecimento*, em Manuel Castells e Gustavo Cardoso, (orgs.), *A Sociedade em Rede, do Conhecimento à Acção Política*, Lisboa, Imp Nacional Casa da Moeda.
- Collins, Randall (1994), *Four Sociological traditions*, Oxford, Oxford University press.
- Cordeiro, Graça Índias (1997), *Um lugar na cidade: quotidiano, memória e representação*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Costa, António Firmino (1999), *Sociedade de bairro: dinâmicas sociais da identidade cultural*, Oeiras, Celta Editora.
- Costa, A. Firmino; Rosário Mauritti; Suzan da Cruz Martins; Fernando L. Machado e João Ferreira de Almeida (2000), “Classes Sociais na Europa”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 34.

- Costa, A. Firmino (2012), “Desigualdades Globais”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 68, pp. 9-32
- Crozier, Michel e Erhard Friedberg (1977), *Lacteur et le système: les contraintes de l'action collective*, Paris, ed. Seuil.
- Dahrendorf, Ralph (1982), *As Classes Sociais e os Seus Conflitos na Sociedade Industrial*, Brasília, Editora Universidade de Brasília.
- David, Aurel (1970), *A cibernética e o homem*, Lisboa, Publ. Dom Quixote.
- Domingues, A. A. Gomes (1990), “Família e reprodução social — reflexões teóricas em torno da construção do objecto científico”, in *Actas do I Congresso de Sociologia*, vol.1, Lisboa, Fragmentos, pp. 165-177.
- Dubet, François (1996), *Sociologia da experiência*. Lisboa, Instituto Piaget.
- Durand, Gilbert (1984), *Les structure anthropologiques de l'imaginaire*, Paris, Dunod.
- Eisenstadt, S. N. (2001), “Modernidades múltiplas”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 35.
- Elias, Norbert (1970), *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70.
- Estanque, Elísio (2000), *a Fábrica e a Comunidade*, Porto, ed. Afrontamento.
- Feixa, Carles (1999), *De jóvenes, bandas y tribus*. Barcelona: Ariel.
- Fernandes, A. Teixeira (2007), “Sociedade, Família e Escola”, *Sociologia – FLUP*, 17/18
- Fournier, Geneviève et Bruno Bourassa, dir. (2000), *Le travail des 18 à 30 ans : vers une nouvelle norme*, dans Geneviève Fournier et Bruno Bourassa, dir., “*Les 18 à 30 ans et le marché du travail. Quand la marge devient la norme...*”, Québec : Les Presses de l'Université Laval.
- Fournier, Susan e Marsha L. Richins (1991), “Some Theoretical and Popular Notions Concerning Materialism”, in Rudmin, F.W. (ed.), “To Have Possessions: A Handbook on Ownership and Property”, [special issue], *Journal of Social Behavior and Personality*, 6, 403-414.
- Galeano, Eduardo. (2002) *De pernas para o ar – a escola do mundo às avessas*, Alfragide, Editorial Caminho.
- Giddens, Anthony (1998), *Política e sociologia no pensamento de Max Weber. Política, sociologia e teoria social: encontros com o pensamento clássico e contemporâneo*, São Paulo, UNESP.
- Giddens, Anthony (1998a), *As consequências da modernidade*, Oeiras, Celta ed..
- Giddens, Anthony (2000), *Dualidade da estrutura: agência e estrutura*, Oeiras, Celta ed..
- Giddens, Anthony (2002), *Modernidade e Identidade*, Rio de Janeiro: Zahar ed.
- Girod, Roger (1981), *Politiques de L'Education: L'illusoire et le possible*, Paris, PUF
- Goffman, Erving (1993), *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*, Lisboa, Relógio

d'Água.

- Gomes, Joaquim Ferreira (1995), *Para a História da Educação em Portugal*, Porto, Porto Editora.
- Guerreiro, Maria das Dores (1989), «A família e a empresa», *Sociologia— Problemas e Práticas*, 6, pp. 23-32, (1990).
- Guerreiro, Maria das Dores, (1990), «Mulheres e relações familiares em Alfama», in *Actas I Congresso de Sociologia*, vol.1, Lisboa, Fragmentos, pp. 245-258.
- Guerreiro, Maria das Dores (1998), “Transição para a vida adulta dos jovens portugueses”, em, *Trabalho, Família e Gerações: Conciliação e Solidariedades*, Lisboa, CIES/ISCTE, pp. 121-130
- Guerreiro, Maria das Dores (1998a), “A conciliação entre trabalho e vida familiar em Portugal”, em *Trabalho, Família e Gerações: Conciliação e Solidariedades*, Lisboa, CIES/ISCTE, pp. 33-38.
- Guerreiro, Maria das Dores e Pedro Abrantes (2004), *Transições incertas: os jovens perante o trabalho e a família*, Lisboa: ed. ME.
- Habermas, Jürgen (2004), *A Ética da discussão e a questão da verdade*. São Paulo, Martins Fontes.
- Hall, Stuart (1998), *A identidade cultural na pós-modernidade*, Rio de Janeiro, DP&A.
- Hill, M., e A. Hill (2005). *Investigação por Questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Ianni, Octavio (1968), *O Jovem Radical*, Sociologia da Juventude, v. 1. Rio de Janeiro, Zahar.
- Inglehart, Ronald (1990), *Culture Shift in Advanced Industrial Society*, Princeton: Princeton University Press.
- Juan, Salvador (1991), *Sociologie des genres de vie: morphologie culturelle et dynamique des positions sociales*, Paris, Puf.
- Kimmel, D. C. e I. Weiner (1998), *La adolescencia: una transición del Desarrollo*, Barcelona, Ariel.
- Lahire, Bernard (2003), *O homem plural. As molas da acção*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Lipovetsky, Gilles (1989), *A Era do Vazio*, Lisboa, ed Relógio d'água.
- Levi, Giovanni e Jean Claude Schmitt Orgs. (1996) *História dos Jovens*, São Paulo, ed Companhia das Letras.
- López Blasco, Andreu (2002), “De los itinerarios lineales a las trayectorias yo-yo”. Ponencia presentada en la Conferencia Europea para Investigadores y Técnicos “Jóvenes y políticas de transición en Europa”. INJUVE, Madrid, 6 al 8 de junio.
- Machado, Fernando Luís e António Firmino da Costa (1998), *Processos de uma modernidade inacabada*, em José Leite Viegas e António Firmino da Costa (orgs.), *Portugal, que Modernidade?* Oeiras, Celta Editora , pp. 17-44.

- Maffesoli, Michel (1976), *La logique de la domination*, Paris, PUF.
- Maffesoli, Michel (1988), *Le Temps des Tribus: Le déclin de l'individualisme dans la société de masse*, Paris, Sociologies au quotidien.
- Matteson, D. R. (1972). "Exploration and commitment: sex differences and methodological problems in the use of identity status categories". *Journal of Youth and Adolescence*, 6, pp. 353-374.
- Mead, Margaret (1970), *Conflito de Gerações*, Lisboa, Dom Quixote
- Mead, Margaret (1980), *Cultura y compromiso*, Barcelona, Gedisa.
- Mendes, J. M. e A. M. Seixas (2003), "Escola, desigualdades sociais e democracia: As classes sociais e a questão educativa em Pierre Bourdieu" *Educação, Sociedade & Culturas*, 19, pp.103-129.
- Nunes, António Sedas (1968), *Sociologia e Ideologia do Desenvolvimento*, Lisboa, Moraes Editores.
- Ortega y Gasset, José (1987), *A Rebelião das Massas*. São Paulo, Ed.Martins Fontes.
- Ortega y Gasset, José (1990), *Los problemas nacionales y la juventud*. Discursos Políticos, Madrid, Alianza Editorial.
- Pais, Machado José (1985), «Família, sexualidade, religião», *Análise Social*, 86, pp. 345-388
- Pais, José Machado (1993), *Culturas Juvenis*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Pais, José Machado (1998), *Da escola ao trabalho: o que mudou nos últimos 10 anos?*, em Manuel Villaverde Cabral e José Machado Pais (orgs.), *Jovens Portugueses de Hoje*, Oeiras, Celta Editora.
- Pais, José Machado et al (1999) (orgs.), *Traços e Riscos de Vida*, Porto, ed. Ambar.
- Pais, José Machado (2000), "Las transiciones y culturas de la juventud: formas y escenificaciones". *Revista Internacional de Ciencias Sociales*, 164. París, UNESCO.
- Pais, José Machado (2001), *Ganchos tachos e biscates*, Porto, ed Ambar.
- Park, Robert; Roderick Mckenzie e Ernest Burgess (1925), *The city: suggestions for the study of human nature in the urban environment*. Chicago: University of Chicago Press.
- Quivy, Raymond (2005). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Richins, Marsha (1992), "Measuring Emotions in the Consumer Experience", Chicago, *Journal of Consumer Research*, vol. 24, Iss.2, 127-146.
- Richins, Marsha L. e Scott Dawson (1992), "A Consumer Values Orientation for Materialism and Its Measurement: Scale Development and Validation", *Journal of Consumer Research*, Chicago, vol. 19, n. 3, p. 303-316, Dec. 1992.
- Rifkin, Jeremy (1995), *El fin del trabajo. Nuevas tecnologías contra puestos de trabajo: el nacimiento de una nueva era*, Barcelona, Paidós.

- Rodrigues, Maria de Lurdes et al (2014) (orgs.) *40 anos de Políticas de Educação em Portugal*, vol I e II, Coimbra, Almedina.
- Rodrigues, Maria João, e M. Pires de Lima (1987), «Trabalho, emprego e transformações sociais: trajetórias e dilemas das ciências sociais em Portugal», *Análise Social*, 95, pp. 119-149.
- Rodrigues, Walter (1992), “Urbanidade e novos estilos de vida”, Lisboa, *Sociologia – problemas e práticas*, 12, pp. 91-107.
- Sartori, Giovanni (2000), *Homo videns: televisão e pós-pensamento*. Lisboa, Terramar, (ed. orig. 1997).
- Sennet, Richard (2004), *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*, Rio de Janeiro, Record.
- Simmel, Georg (1907) *Philosophie der Geldes*. 2. ed. Leipzig, Duncker & Humblot.
- Slater, Don (2011) *Between culture and economy: the impossible place of marketing*, Oxford, UK, Oxford University Press.
- Sprinthall, Norman A. e W. Andrews Collins (2003), *Psicologia do Adolescente. Uma abordagem desenvolvimentista*. 3 ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Therborn, Göran et al (2006) (orgs.), *Meaning, mechanisms, patterns, and forces: an introduction*, *Inequalities of the World*, Londres, Verso, pp. 1-58.
- Touraine, Alain (1984), *Le retour de l’acteur – essai de sociologie*, Paris, Arthème-Fayard
- Touraine, Alain (1995), *Critique of modernity*. Cambridge, Oxford.
- Touraine, Alain (1998), *Iguais e diferentes: poderemos viver juntos?*. Lisboa, Instituto Piaget (ed. orig. 1997).
- Torres, Anália (1996), *Família*, em J. Ferreira de Almeida e outros, *Jovens de Hoje e de Aqui*, Loures, Câmara Municipal de Loures.
- Twenge, Jean M. (2006), *Generation me*, New York, Free Press.
- Wainerman, Catalina (1981), *El trabajo femenino en el banquillo de los acusados*, México, Ed. Terranova,
- Waizbort, Leopoldo (2000), *As aventuras de Georg Simmel*, São Paulo, Editora 34.
- Warner, William Lloyd e outros (1963), *Yankee city*, New Haven , Yale University Press
- Weber, Max (1971), *Economie et société*, Paris, Plon.
- Weller, Wivian (2011) *Minha voz é tudo o que eu tenho: manifestações juvenis em Berlim e São Paulo*, Minas Gerais, Ed. UFMG.
- Wright, Erik Olin (1981), *Classe crise e o estado*, Rio de Janeiro, Zahar editores.
- Wright, Erik Olin, (1989), *Classes*, Londres, Verso.
- Wright, Erik Olin (1997). *Class counts: comparative studies in class analysis*. Cambridge New York Paris: Cambridge University Press Maison des Sciences de l’homme.

Wright, Erik Olin (org) (2005), *Foundations of a neo-Marxist class analysis*, in *Approaches to class analysis*, Cambridge, Cambridge University press.

Vasconcelos, Pedro (1998), *Práticas e discursos da conjugalidade e de sexualidade dos jovens portugueses*, em Manuel Villaverde Cabral e José Machado Pais (orgs.), *Jovens Portugueses de Hoje*, Oeiras, Celta.

Vattimo, Gianni (1997), *O Fim da Modernidade*, Barcelona, Ed Gedisa.

Viegas, José Manuel Leite e António Firmino da Costa et al (1998) (orgs), *Portugal que Modernidade?* Oeiras, Celta ed.

ANEXOS

Anexo A – Guião do inquérito por questionário

Anexo B – Guião base do inquérito por entrevista

Anexo C – Entrevistas (transcrição)

Anexo D – Curriculum Vitae

ANEXO A - Guião do inquérito por questionário

ANEXO A - 1ª parte

INQUÉRITO por questionário - ESTUDO SOBRE OS MODOS DE VIDA DOS JOVENS

Nota: informar o inquirido e entrevistado qual o objetivo do inquérito, pedir a colaboração, assegurar confidencialidade.

A. Dados Sociométricos:

Nome (pode ser fictício):						
Sexo (M/F):						
Idade						
Estado Civil:	Solteiro	Casado	Divorciado	Viuvo	Uni. facto	
Nível de Escolaridade Concluído	básico 4ºano	básico 6ºano	básico 9ºano	sec.12ºano	licenc.	mestrado
Profissão/ocupação:	Estudante					
Condição Perante o Trabalho	Ativo	Inativo				
Situação na profissão	Conta própria	Cont outrém	Outro			

A.1. Caracterização social do entrevistado e do agregado :

Número de membros do agregado familiar:						
Coabita com os pais ou é independente:	Com os pais					
Nível de Escolaridade Concluído pai	básico 4ºano	básico 6ºano	básico 9ºano	sec.12ºano	licenc.	mestr. ou+
Profissão do pai:						
Condição Perante o Trabalho	Ativo	Inativo				
Situação na profissão	Conta própria	Cont outrém	Outro			
Meios de vida do pai	Rend Trab.	Rend Famil.	Lucros rendim.	Outro		
Nível de Escolaridade Concluído Mãe	básico 4ºano	básico 6ºano	básico 9ºano	sec.12ºano	licenc.	mestr. ou+
Profissão da mãe:	Administrativa					
Condição Perante o Trabalho	Ativo	Inativo				
Situação na profissão	Conta própria	Cont outrém	Outro			
Meios de vida da mãe	Rend Trab.	Rend Famil.	Lucros rendim.	Outro		

A.2. Contexto social de vida:

ASSINALE COM UM X

Assinale com X usando a escala: 1 mau; 2 deficitário; 3 sofrível; 4 mediano; 5 bom; 6 mto. bom; 7 excelente

Até aos 14anos:	1	2	3	4	5	6	7
Afetos no espaço da família							
Recursos económicos da família							
Recursos económicos ao seu dispor							
Realização das atividades/convívios que gostava de fazer							
Qualidade da habitação							

Atualmente:	1	2	3	4	5	6	7
Afetos no espaço da família							
Recursos económicos da família							
Recursos económicos ao seu dispor							
Realização das atividades/convívios que gostava de fazer							
Qualidade da habitação							

A.3. Consumos culturais da família na sua infância:

Assinale com X usando a escala de 1 a 7 em que 1 é não e 7 é muito frequente	1	2	3	4	5	6	7
Costumavam ler-lhe livros quando era criança							
Frequentava com os seus pais eventos culturais							
Leitura de Livros							
Leitura de Revistas							
Leitura de Jornais							
Ver televisão							
Ouviam rádio							
Ouviam música							
No período de férias realizava um programa específico							

B. Condições de vida

Meios de vida: sustentado pelo enc. educação, rendimento do trabalho, outro?	Enc		Rend.		Outro, Qual:		
	Educação		Trabalho				
	1	2	3	4	5	6	7
Qualidade e dimensão da habitação?(1 - má, 7 - excelente)							
Posse de veículo automóvel no agregado familiar? (1-0 carros, a 6 ou +carros)							
Os recursos financeiros da família limitaram de alguma forma projetos de vida do agregado? (1 - limitaram muito, 7- não limitaram nada)							
Entre a sua infância e a atualidade houve alteração das condições de vida dos seus pais, que o afetassem positivamente? (1-não, prejudicaram , 7- beneficiaram muito)							

C) Experiências no sistema educativo

C.1.- Vivências na escola e outros organismos institucionais

Assinale com X	Não	Públicos	Privados
Frequentou infantários			
Frequentou escolas			

Assinale com X usando a escala de 1 a 7	1	2	3	4	5	6	7
Como é que era a sua relação com os colegas (1- muito restrita, 7- muito alargada)							
Facilidade para fazer amigos (1-nada fácil, 7-muito fácil)							
Pessoas integram o seu grupo de amigos, por género (1- só mulheres, 7- só homens)							
Como é que era a sua relação com os professores? (1- muito má, 7- excelente)							
Gostava de estudar? (1 - nada, 7- muito)							
Cumpria com rigor as obrigações escolares? (1- nunca, 7- sempre)							
Tinha aversão a alguma disciplina?	Não		Sim		Se sim, qual ou quais ↓		
Os resultados escolares obtidos pelo entrevistado (1- muito maus, 7- excelentes)							
Sucesso Escolar nas disciplinas (1- reprovou muito, 7- nunca reprovou)							
Frequência de "escola/clube" de formação desportiva (1- nunca, 7 - muito)							
Frequência de escolas de formação específica (acad. música, esc. línguas, etc.)	Não		Sim		Se sim, qual ou quais ↓		

C.2.- Representações e importância atribuída à escola pelo entrevistado e pela família (coincidência vs descoincidência):

Assinale com X usando a escala de 1 a 7	1	2	3	4	5	6	7
Qual era o projeto que a sua família tinha delineado para si em relação à escola? (1- básico, 2-sec., 3-form. Profis., 4-licenc., 5-mestrado, 6-dout., 7-pós-dout)							
É qual era o projeto que o entrevistado traçou para si em relação à escola? (1-básico, 2-sec., 3-form. Profis., 4-licenc., 5-mestrado, 6-dout., 7-pós-dout)							
Quais são as melhores recordações que o entrevistado guarda da sua passagem pela escola?							
Quais são as piores recordações que o entrevistado guarda da sua passagem pela escola?							

D.1.- Formação de valores, ideais, atitudes e interesses:

Assinale com X usando a escala de 1 a 7	1	2	3	4	5	6	7
Qual foi o grau de liberdade na sua adolescência (1- nenhum, 7- elevado)							
Qual é o seu grau de liberdade atualmente (1- nenhum, 7- elevado)							
Gosto pela música moderna (1- nenhum, 7- elevado)							
Gosto pela música clássica (1- nenhum, 7- elevado)							
Gosto por música popular (1- nenhum, 7- elevado)							
Gosto pela expressão artística (1- nenhum, 7- elevado)							
Gosto pela atividade desportiva (1- nenhum, 7- elevado)							
Gosto por convívios sociais (1- nenhum, 7- elevado)							
Desde a sua adolescência à atualidade algum dos seus gostos se alterou?	Não		Sim			Se sim, qual ou quais	↓
O modo como ocupa os seus tempos livres hoje é semelhante ao da adolescência?	Não		Sim			Se não, o que mudou	↓
Relativamente à adolescência os seus objetivos de vida mudaram?	Não		Sim			Se sim, quais e porquê	↓

D.2. Participação na sociedade, convivialidade e lazer

Pertence a algum grupo de subcultura - por exemplo, os "góticos", os "rastas", os "metaleiros", os "vegans"	Não		Sim			Se sim, quais	↓
Não pertencendo a nenhum grupo especial, algum constitui referência para si?	Não		Sim			Se sim, quais	↓
Dedica regularmente parte do seu tempo ao Desporto?	Não		Sim			Se sim, indique as modalidades	↓
Dedica regularmente parte do seu tempo a outras actividades culturais?	Não		Sim			Se sim, quais	↓
Para além das necessidades básicas, quais os consumos habituais integrados no seu orçamento?							
Quantos equipamentos das novas tecnologias de comunicação possui?	Telemóvel	smartfone	tablet	PC	playstation	outros	Quais
Usa a internet para estabelecer novos contactos pessoais?	Não		Sim				
Que atividades predominam nos seus tempos livres? Enumere até ao máximo de 4?							
Nos seus tempos livres que % de tempo passa fora de casa							
Assinale com X usando a escala de 1 a 7	1	2	3	4	5	6	7
Quanto tempo dedica em média por dia à Internet? 1(nenhum); 2 (até 1h); 3 (1a2h); 4 (2a3h); 5 (3a4h); 6 (4a5h); 7 (+de 5h)							
Do tempo dedicado à Internet qual a percentagem de tempo dedicado em casa? 1(0%), 2(-10%), 3(20%), 4 (40%), 5(60%), 6(80%), 7 (100%)							
Saídas noturnas e culturais da noite: 1- nunca, 7- todos os dias							
Se sai à noite, vai acompanhado? (1-nunca, 7-sempre)						Quais:	
Que bebidas consome? 1-café; 2-água; 3-sumo; 4-cerveja;4-vinho; 6-coca-cola;7-beb alcool							
Espetador de eventos periódicos com grande frequência de jovens? (1-nunca, 7-sempre)							
Concertos musicais (1-nunca, 7-sempre)							
Arraias populares (1-nunca, 7-sempre)							
Eventos desportivos (1-nunca, 7-sempre)							
Algum idolo ou modelo de vida é referência no modo como procura realizar o seu projeto de vida? (1 nunca, 7 Sempre)							

Valores materiais (escala de Richins e Dawson, 1997)

Por favor, diga qual o seu grau de concordância com as seguintes afirmações,

(Assinale com X usando a escala de 1 a 5 em que 1- discordo em absoluto, e 5- concordo em absoluto.	1	2	3	4	5
Admiro as pessoas que possuem carros, casas e roupas caras					
Alguns dos feitos mais importantes na vida incluem adquirir bens materiais					
Não dou muita importância à quantidade de objetos materiais que as pessoas têm como sinal de sucesso					
As coisas que tenho dizem muito sobre o sucesso que tenho tido na vida					
Gosto de ter coisas para impressionar as pessoas					
Não dou muita atenção aos objetos materiais que os outros possuem					
Geralmente, compro apenas aquilo de que preciso					
Tento manter a minha vida simples, no que diz respeito aos meus bens materiais					
As coisas que possuo não são muito importantes para mim					
Gosto de gastar dinheiro em coisas que não são necessárias					
Comprar coisas dá-me imenso prazer					
Gosto de muito luxo na minha vida					
Dou menos importância às coisas materiais que a maioria das pessoas que conheço					
Tenho todas as coisas de que preciso para ser feliz					
A minha vida seria melhor se possuísse coisas que não tenho					
Não seria mais feliz se tivesse coisas mais bonitas					
Seria mais feliz se tivesse dinheiro para comprar mais coisas					
Às vezes, entristece-me um pouco que não possa comprar todas as coisas que quero					

ANEXO B - Guião do inquérito por entrevista (semidirectiva)

1.- Modo de vida

1.1. Considerando as suas rotinas de vida diária, refira quais as que de modo mais significativo o retratam?

1.2. Se as suas condições de vida fossem mais favoráveis alterava as suas rotinas?

2.- Emergência de preocupações sociais e políticas:

2.1. Os seus ideais?

2.2. Como encara hoje as suas prioridades no modo de viver a vida (importância do prazer e do comportamento funcional)?

2.3. Qual é a importância do seu grupo de amigos na formação de valores, ideais, atitudes e interesses?

2.4. E dos seus familiares?

2.5. Quando discorda de determinada situação social, tem facilidade em se envolver em movimentos de mudança (política, associativa)?

3.- Representações do entrevistado face à importância substantiva do trabalho:

3.1. É importante para si exercer um trabalho? Se sim, porquê?

3.2. Se de algum modo fosse garantido um rendimento adequado às suas necessidades, abdicaria de trabalhar?

4.- Espiritualidade e crença:

4.1. A religião é importante na sua vida?

4.2. No modo como encara a sua vida qual é a importância da crença na espiritualidade e nas ideias.

5.- Traços de personalidade mais vinculados:

5.1. Como é que o entrevistado se define a si mesmo ao nível da personalidade?

5.2. Os seus comportamentos seguem a moral corrente, ou sente que a contraria agindo fiel ao seu modo de ser?

5.- Objectivos de realização futura:

1. Tem objectivos delineados para o futuro? Se sim, quais são esses objectivos?

2. Perante o sentimento corrente de crise das condições de vida, como encara o seu projeto de vida?

6.- Questões de encerramento

1. Há mais alguma coisa que queira referir da sua vida no modo como entende o ser jovem?

ANEXO C - ENTREVISTAS

Entrevista nº 1

Nome do entrevistado: Cláudia Andrade.

A mãe é empregada de limpeza, com dois avós reformados e um irmão de 14 anos. A família habita num apartamento T3 de pequenas dimensões num bairro social da zona de Sta. Quitéria, periferia do Funchal; a família vive com recursos financeiros limitados considerados pela entrevistada, condicionadores da concretização de alguns projetos familiares.

Ação de inquérito.

Introdução: Para identificação da entrevistada, como introdução à formulação das questões, previamente procedeu-se a uma conversa com o objetivo de delimitar sinteticamente o seu retrato biográfico.

E: Considerando as suas rotinas de vida diária, refira quais as que de modo mais significativa a retratam?

e: Como sou estudante do 10º ano, as minhas rotinas têm a ver com a vida de estudante. Como as minhas aulas estão quase todas no período da manhã, no tempo de escola passo as manhãs e algumas tardes na escola.

E: Sim, mas apesar das aulas sempre tem intervalos. Como é que usa esse tempo?

e: Como o tempo não é muito, normalmente tenho um grupo que se encontra sempre no mesmo canto do recreio e, ou estamos à conversa, ou estou a mandar mensagens do meu telemóvel, umas vezes para o meu namorado, outras vezes para outras pessoas.

E: E então não usa espaços recreativos e desportivos para conviver para além da conversa e das mensagens?

e: Para além de não haver nada de interessante para fazer, a minha escola tem muitos putos, quer dizer miúdos, que andam sempre na algazarra, nos campos de jogos e eu já não tenho pachorra para isso. É porque a minha escola é básica e secundária

E: E quando não está na escola?

e: Quando não estou na escola, venho muitas vezes para aqui para o Centro comercial com os meus amigos.

E: Então pode dizer-se que a sua vida é passada na escola ou no centro comercial.

e. Não é bem assim. Mas como a minha mãe está a trabalhar até às 7 horas, e em casa só tenho os meus avós, prefiro estar com os meus amigos. Mas às vezes vou para casa ver televisão e às vezes passo em casa o tempo no computador e a ouvir música.

E: E quando não está na escola não tem nada mais interessante para fazer?

e: Sabe que eu vivo num apartamento e tirando estar em casa, à volta do prédio não há nada interessante. Eu gostava de ir para um ginásio lá ao pé da casa que tem aulas de dança moderna, mas é pago e... não chega.

E: Se as suas condições de vida fossem mais favoráveis alterava as suas rotinas? Ou seja se por exemplo tivesse mais dinheiro disponível?

e: De certeza. Se tivesse dinheiro inscrevia-me na dança e nos dias que não tivesse aulas à tarde, ia para o ginásio. Também gostava de ir para um curso de inglês. O meu professor de inglês diz que o meu inglês é fraco e que quando for para começar a trabalhar se eu não souber falar bem inglês vou ter mais dificuldade de arranjar trabalho. Eu acho que ele tem razão pois conheço algumas pessoas que tiveram que ir para o estrangeiro para poderem viver.

E: Então está a pensar ir trabalhar para o estrangeiro?

e: Nem por isso. Acho que não era capaz de deixar a minha mãe sozinha. Mas eu também já percebi que como a Madeira é muito visitada por turistas, saber inglês é muito importante para podermos arranjar trabalho.

E: Os seus ideais? Tem um ideal de vida?

e: Quer saber dos meus sonhos?

E: A Cláudia transporta já uma experiência de vida que lhe permite pensar no tipo de vida que considera ideal, que gostaria de viver.

e: Eu não sonho muito a vida dos outros. Sei que na minha idade é a idade para andar na escola. Só gostava era de poder contar com mais algum dinheiro para fazer coisas que alguns dos meus amigos fazem, como por exemplo ir a concertos. Mas a minha mãe ganha pouco e o meu pai já morreu. O que eu já percebi é que tenho de tirar um curso, se não vou ter poucas alternativas para ter um futuro melhor do que foi a vida dos meus pais.

E: Como encara hoje as suas prioridades no modo de viver a vida? Escolhe o prazer de viver as coisas ou o cumprimento das normas?

e: Há coisas que tenho de fazer que não me dão prazer, mas quando posso escolher escolho sem dúvida as que me dão prazer. Lembro-me do meu pai dizer muitas vezes para eu não me esquecer que a vida é curta.

E: Qual é a importância do seu grupo de amigos na formação de valores, ideais, atitudes e interesses?

e: Eu converso muitas vezes com amigos sobre as coisas que acho, mas nem sempre concordo com eles. Quando conversamos penso muitas vezes em coisas que nunca tinha pensado antes, mas acho que isso acontece com toda a gente. Sim acho que são importantes.

E: E dos seus familiares?

e: Eu acho que os meus avós são muito queridos mas são antigos, ou melhor velhotes, e eu acho que eles não têm bem a ideia do que é a vida dos jovens de hoje. A minha mãe sim dá-me conselhos e procura que eu entenda o que é a dureza do trabalho insistindo na importância dos estudos. Ela só tem a quarta classe e está muito preocupada com o futuro dos filhos.

E: Quando discorda de determinada situação social, tem facilidade em se envolver em movimentos de mudança (política, associativa)?

e: Eu não gosto de política.

E: Para além da política dos partidos, e pensando em envolvimento em atividades que têm a ver com os problemas da sociedade?

e: Bom, eu já ajudei na recolha de alimentos na porta do supermercado para ajudar os pobres. Uma amiga convidou-me e eu achei bem. Foi uma experiência muito interessante. Acho que temos de ajudar os outros. Agora tenho lá o nome para quando voltarem de novo à campanha de recolha de alimentos.

E: É importante para si exercer um trabalho?

e: Acho que é importante.

E: Porquê?

e: Porque se não tivermos trabalho não temos ordenado e se não tivermos ordenado temos de viver à custa dos outros.

E: Se de algum modo fosse garantido um rendimento adequado às suas necessidades, abdicaria de trabalhar?

e: Nunca tinha pensado nisso, mas acho que o trabalho faz parte da vida das pessoas.

E: A religião é importante na sua vida?

e: Mais ou menos.

E: O que quer dizer com mais ou menos?

e: Vou todos os domingos à missa com a minha mãe, mas acho que uma coisa são as coisas do céu e outra são as da terra. Mas sinto-me bem depois de ir à missa.

E: No modo como encara a sua vida qual é a importância da crença na espiritualidade e nas ideias? Por exemplo é supersticiosa?

e: Nada de especial, mas também não brinco com os que acreditam.

E: E o qual é a importância da crença em ideias? Quando toma uma atitude é porque acha que as pessoas vão gostar?

e: Já percebi. Normalmente só me empenho nas coisas em que acredito ou então quando sou obrigada procuro cumprir para não ficar mal e pronto.

E: Como é que se define a si mesma ao nível da personalidade?

e: Acho que me consideram simpática e boa amiga. Também considero que sou uma boa confidente.

Porque sou uma pessoa confiante e gosto de falar, as pessoas que me conhecem menos às vezes acham-me arrogante.

E: Os seus comportamentos seguem a moral corrente, ou sente que a contraria agindo fiel ao seu modo de ser?

e: Acho que sou uma boa filha, por isso parece-me que respeito a moral.

E: Tem objetivos delineados para o futuro? Se sim, quais são esses objetivos?

e: Sim, quero entrar na Universidade. A minha mãe gostava que eu estudasse medicina, mas eu quero é ser professora de Educação Física. Sonho também casar e constituir família.

E: Mas não assume o desafio da sua mãe porquê? Não quer ser médica, ou porque sabe que para tal teria de sair da Madeira para estudar e não tem condições económicas?

e: É verdade que na universidade da Madeira tem o curso de Educação Física e Medicina eu teria de sair da Madeira e para isso não tenho posses, mas há muito tempo que não tenho dúvidas sobre o que gostaria de fazer no futuro.

E: Perante o sentimento corrente de crise das condições de vida, como encara o seu projeto de vida?

e: Neste momento não consigo pensar em grandes coisas, mas já percebi há muito tempo que tirar um curso é a maneira de poder fazer alguma coisa no futuro.

E: Há mais alguma coisa que queira referir da sua vida sobre o modo como entende o ser jovem?

e: Não sei, mas os jovens da minha idade, frequentam a escola, vivem com os pais, na altura dos arraiais vão a todos, ouvem música e namoram.

Entrevista nº 2

Nome do entrevistado: José Maria Antunes

Data de realização: 22 de março 2014

Tempo de duração: 01,35h

Síntese biográfica: 22 anos, solteiro, com 12º ano, pedreiro em atividade, vive com os pais num agregado de três pessoas, a mãe é empregada de limpeza e o pai desempregado, vivem num apartamento pequeno mas pelo entrevistado considerado uma habitação de boa qualidade no centro da cidade de Câmara de Lobos; a família vive com recursos financeiros limitados mas considerados não condicionadores do essencial dos projetos familiares.

Ação de inquérito.

Introdução: Para identificação do entrevistado, como introdução à formulação das questões, previamente procedeu-se a uma conversa com o objetivo de delimitar sinteticamente o seu retrato biográfico.

E: Considerando as suas rotinas de vida diária, refira quais as que de modo mais significativa o retratam?

e: Estou no trabalho das oito às dezassete e chego a casa por volta das dezoito horas. Duas vezes por semana jogo uma futebolada com um grupo de amigos. Pelo menos à sexta e ao sábado saio à noite com os amigos à poncha e de vez em quando à discoteca. No tempo dos arraiais nos fins-de-semana não falha um.

E: Então passa pouco tempo em casa?

e: Sim, muito pouco. Também não tenho nada que fazer em casa. Quando estou em casa pego no meu computador pois não tenho pachorra para ver televisão.

E: Se as suas condições de vida fossem mais favoráveis alterava as suas rotinas?

e: De certeza. Por exemplo não estava a trabalhar na construção. Só trabalho na construção porque não consegui arranjar outro trabalho e como a minha mãe é a única que tem emprego. Sabe, eu sempre quis tirar o curso de direito, portanto se eu tivesse condições financeiras era o que eu estava a fazer neste momento - a estudar em direito e em Lisboa, pois quando acabei o 12º tinha nota suficiente para entrar na Universidade. Se não estivesse a trabalhar na construção civil jogava mais vezes futebol pois antes de começar a trabalhar jogava futebol quase todos os dias.

E: Os seus ideais? Parece que não está satisfeito com o modo como está a viver a vida?

e: Eu queria fazer algo interessante e como já disse gostava de ser advogado, mas, muito cedo, perdi esse pensamento. Já há algum tempo que aprendi a viver um dia de cada vez. Apesar de incultos os meus pais ensinaram-me as boas maneiras e eu neste momento não consigo pensar para além das nossas vidas de todos os dias.

E: Como encara hoje as suas prioridades no modo de viver a vida (importância do prazer e do comportamento funcional)?

e: Eu acho que as prioridades de hoje são as que as nossas condições permitem. Eu acho que preocupo-me mais do que tudo em que a minha vida funcione, para isso trabalho de modo a ter um ordenado mesmo que seja um trabalho que não me dê grande prazer. Mas também acho que quando estou com os meus amigos a jogar futebol ou a conviver à noite com uma poncha o que é importante é o prazer.

E: Qual é a importância do seu grupo de amigos na formação de valores, ideais, atitudes e interesses?

e: Tenho a sorte de ter dois ou três amigos que são amigos desde os tempos de escola, dois deles estão a estudar na universidade, com quem converso muito e por isso sim, são muito importantes.

E: E dos seus familiares?

e: Os meus pais sempre me incutiram o que é certo e o que é errado. Aquilo que poderá ser o melhor para mim ou não. E conselho dos pais é algo que nunca devemos esquecer pois 99% das vezes têm razão.

E: Quando discorda de determinada situação social, tem facilidade em se envolver em movimentos de mudança (política, associativa)?

e: Gosto de dar a minha opinião mas não sou ninguém para me envolver em movimentos de mudança. Gosto de me manter no meu canto.

E: É importante para si exercer um trabalho? Se sim, porquê?

e: Sim para além de ser o meu ganha-pão é sempre bom trabalhar e pensar que aquilo que fazemos está a ajudar os outros de certa forma.

E: Se de algum modo fosse garantido um rendimento adequado às suas necessidades, abdicaria de trabalhar?

e: Claro que sim. Quem não o faria.

E: Mas como concilia o que me respondeu há pouco quando disse que trabalhar também é uma forma de ajudar os outros?

e: Mas se eu tivesse rendimentos suficientes para não ter de trabalhar, com certeza que teria condições de ajudar os outros. Repare que se eu não trabalhasse, como hoje há menos empregos do que pessoas à procura de trabalho, seria mais um emprego que ia ocupar mais uma pessoa, ou seja, ajudava as pessoas de duas formas.

E: Muito bem não tinha pensado nisso. E a religião é importante na sua vida?

e: Sim acredito muito em Deus e sou bastante religioso. Quando as coisas não me correm bem peço sempre ajuda divina.

E: No modo como encara a sua vida qual é a importância da crença na espiritualidade e nas ideias. É uma pessoa supersticiosa?

e: Sou mais do tipo de pessoa que acredita, mas se não acreditar em certas coisas também não ofendo.

E: Como é que se define a si mesmo ao nível da personalidade?

e: Luto sempre pelos meus objetivos e sou seguro em tudo o que faço. Como defeitos tenho a teimosia, mas por vezes é bom ser teimoso.

E: Os seus comportamentos seguem a moral corrente, ou sente que a contraria agindo fiel ao seu modo de ser?

e: Sou como sou e acho que ajo corretamente em todas as situações embora numas mais que noutras. Como lhe disse antes sou teimoso, quer dizer que não penso muito na moral dos outros.

E: Tem objetivos delineados para o futuro? Se sim, quais são esses objetivos?

e: Não tenho. Vou levando a minha vida na esperança que as coisas melhorem e então talvez pense melhor no que possa fazer no futuro.

E: Resignado?

e: Não. Talvez realista. Não perdi a esperança em ter uma vida melhor, mas não vou perder tempo a sonhar. No fundo é viver um dia de cada vez.

E: Perante o sentimento corrente de crise das condições de vida, como encara o seu projeto de vida?

e: Como lhe disse, um dia de cada vez.

E: Há mais alguma coisa que queira referir da sua vida no modo como entende o ser jovem?

e: Talvez se eu já estivesse casado como alguns meus amigos de infância provavelmente não me sentiria jovem, mas como nem sequer tenho namorada agora, penso

que a vida que tenho é uma das formas de ser jovem. Ser livre, conviver com os amigos, ir a arraiais e a festivais sempre que há, jogar à bola, enfim fazendo o que sempre fiz.

Entrevista nº 3

Nome do entrevistado: Nélio Maduro

Data de realização: 29 de março 2014

Tempo de duração: 01,25h

Síntese biográfica: 24 anos, 6º ano, solteiro, técnico de manutenção hoteleira, vive com a mãe que é massagista, numa pequena habitação à qual atribui um nível de qualidade razoável, na periferia do Estreito de Câmara de Lobos, numa zona rural; os recursos financeiros da família foram limitadores de alguns projetos de vida do agregado apesar disso a família vive uma vida considerada normal, pelo próprio entendida sem dramas.

Ação de inquérito.

Introdução: Para identificação do entrevistado, como introdução à formulação das questões, previamente procedeu-se a uma conversa com o objetivo de delimitar sinteticamente o seu retrato biográfico.

E: Considerando as suas rotinas de vida diária, refira quais as que de modo mais significativa o retratam?

e: Para além da minha atividade profissional, passear quando posso, ir ao cinema, sair com os amigos. Quando estou em casa estou em média uma hora por dia na Internet. Costumo sair à noite com frequência. Vamos a bares e discotecas. Coisa de homens sem compromissos. Sempre que há algum festival de música não falto e na época dos arraiais não falho nenhum.

E: Se as suas condições de vida fossem mais favoráveis alterava as suas rotinas?

e: Só alterava um aspeto que é a minha ocupação. Porque o emprego que eu tenho não é seguro pois não exige grandes competências, se eu pudesse gostava de tirar o curso de engenheiro mecânico que foi sempre o que o meu pai desejou e eu também. O meu pai era mecânico e eu cresci à volta da oficina muitas vezes a ajudar o meu pai. Ele sempre disse que eu ia ser engenheiro mecânico. Em relação ao resto não alterava nada.

E: Os seus ideais? Para além de querer ser engenheiro mecânico, como desejava realizar a sua vida?

e: Penso que como a maioria dos jovens da minha idade, o ideal seria eu conseguir ser um profissional reconhecido para garantir um ordenado que me permitisse realizar os outros aspeto da vida como por exemplo constituir família e ter uma casa minha com um mínimo de qualidade. Mas acho que cada vez está mais difícil. Por exemplo neste momento as coisas estão difíceis. Por vezes recebo o meu ordenado já fora do prazo o que me dificulta a realização de certas tarefas. A propósito de família eu neste momento nem sequer tenho namorada nem estou muito preocupado com isso. Às vezes as namoradas só trazem mais problemas. Ou seja ganho pouco mas divirto-me.

E: Pode dizer-se que você vive o seu dia-a-dia preocupado com o aqui e agora sem se preocupar com o amanhã e no que se passa à sua volta?

e: O que é que eu ganho em me preocupar com o que se passa à minha volta? Como não tenho condições também não consigo alterar nada. O melhor é viver a vida sem stresses.

E: Pelo que me diz pode dizer-se que as suas preocupações são antes de mais individualistas ou também se preocupa com os outros?

e: Acho que as minhas preocupações são mais individuais, embora possa dizer que se a gente estiver bem connosco próprios de alguma forma também possa colaborar para não perturbar a vida dos outros.

E: Como encara hoje as suas prioridades no modo de viver a vida? Coloca no centro o prazer de fazer as coisas antes de mais, ou o cumprimento de responsabilidades independentemente do prazer?

e: Eu acho que tento fazer as duas coisas mas acho que na maior parte das vezes as coisas que faço são porque preciso de sobreviver e então o prazer não conta nada.

E: Qual é a importância do seu grupo de amigos na formação de valores, ideais, atitudes e interesses?

e: Se não tivesse conhecido o Bruno (meu melhor amigo) hoje em dia não seria o que sou hoje ele fez-me perceber que pensava de forma errada. Por isso são muito importantes, mesmo os que só dizem asneiras, porque também serve para a gente pensar no que para nós é certo ou errado.

E: E dos seus familiares?

e: Os meus pais sempre me ensinaram a distinguir o certo do errado, embora tivesse descarrilhado um pouco com a morte do meu pai. Por isso também são muito importantes.

E: Quando discorda de determinada situação social, tem facilidade em se envolver em movimentos de mudança (política, associativa)?

e: Não gosto muito de me envolver em conflitos hoje em dia.

E: É importante para si exercer um trabalho? Se sim, porquê?

e: Sim, porque é assim que ganho o meu dinheiro de forma justa e honesta e isso demonstra sempre o bom caráter de uma pessoa.

E: Se de algum modo fosse garantido um rendimento adequado às suas necessidades, abdicaria de trabalhar?

e: Claro que sim. Acho que todas as pessoas que conheço são da mesma opinião.

E: Então para si o trabalho só tem significado como fonte de receita para uma vida justa e honesta, segundo as suas palavras? Não admite que o trabalho possa ser uma atividade de prazer e intrinsecamente uma forma das pessoas se realizarem na vida?

e: De uma maneira geral acho que não. As pessoas que dizem se realizar no trabalho, acho que se estão a enganar a si próprias. Acredito que há exceções, como por exemplo o Cristiano Ronaldo e como muitos artistas da música – não todos porque a gente sabe que muitos artistas se suicidaram quando estavam no topo da carreira. O que custa a entender.

E: Então e se você hoje tivesse emprego como engenheiro mecânico?

e: Mesmo assim dependia do emprego. Por exemplo o gosto que eu tenho pela mecânica podia ser aplicado a arranjar os meus carros e dos meus amigos. Assim já não era um trabalho.

E: A religião é importante na sua vida?

e: Sim acredito muito em Deus e sou bastante religioso.

E: No modo como encara a sua vida qual é a importância da crença na espiritualidade e nas ideias.

e: Acredito em Deus mas não acredito em bruxas. Também não sou supersticioso.

E: E a crença nas ideias?

e: Nas ideias? Não sei se hoje podemos acreditar em alguma coisa. Nas ideias dos políticos já ninguém acredita. Em ideias que a gente possa ter não sei se vale a pena acreditar pois ninguém quer saber. É cada um por si e o importante é viver a vida dia a dia.

E: Como é que se define a si mesmo ao nível da personalidade?

e: Tento realizar tudo aquilo a que me proponho sempre com imensa confiança. Como defeitos tenho a teimosia e a preguiça embora seja mais preguiçoso para as coisas que não gosto tanto de fazer. Acho isso normal.

E: Os seus comportamentos seguem a moral corrente, ou sente que a contraria agindo fiel ao seu modo de ser?

e: Acho que sou mais fiel ao meu modo de ser, não sigo um padrão específico.

E: Quer dizer então que não se preocupa em escandalizar os outros com comportamentos que sendo fieis ao seu modo de ser vão contra a moral corrente?

e: Não, também não. Como lhe disse antes os meus pais deram-me educação, pode não ser a melhor mas ensinaram-me a respeitar os outros. Nesse aspeto também se pode dizer que respeito a moral corrente.

E: Tem objetivos delineados para o futuro? Se sim, quais são esses objetivos?

e: Tentar acabar pelo menos o 9º ano e quem sabe constituir família um dia mais tarde.

E: Só isso?

e: E já é muito. Eu podia estar a imaginar tantas coisas, mas para quê? Vale a pena? Com a vida que a gente hoje tem. É melhor é ter os pés bem no chão.

E: Perante o sentimento corrente de crise das condições de vida, como encara o seu projeto de vida?

e: Tentar segurar o emprego que tenho hoje e depois logo se vê. Acho que não dá para fazer grandes projetos.

E: Há mais alguma coisa que queira referir da sua vida no modo como entende o ser jovem?

e: Eu não sei se ainda sou considerado jovem, mas tirando o facto de estar já a trabalhar tudo o resto da minha vida faço com o sentimento de jovem. Também são jovens os jovens trabalhadores. Pensando bem, os jovens podem ser estudantes, trabalhadores, ou nem uma coisa nem outra. E ainda há outros jovens que são casados ou solteiros.

E: E então se forem da sua idade mas casados, trabalhadores e já com filhos, ainda são jovens?

e: Podem ser. Se continuam a viver separando a vida séria dos filhos e do trabalho da outra que é vida do convívio com os outros jovens, são jovens. Não sei, mas acho que depende muito da cabeça que têm e da maneira como encaram as coisas.

Entrevista nº 4

Nome do entrevistado: Carolina Dias

Tempo de duração: 01,45h

Síntese biográfica: 19 anos, solteira, estudante do 1º ano da universidade, vive com os pais e uma irmã ainda criança; o pai está desempregado e a mãe é auxiliar de ação direta;

a família vive numa pequena habitação tipo T2 no centro urbano do Funchal considerada pela entrevistada de qualidade razoável; vivem com recursos financeiros limitados mas considerados não condicionadores da concretização dos projetos familiares.

Ação de inquérito

Para identificação do entrevistado, como introdução à formulação das questões, previamente procedeu-se a uma conversa com o objetivo de delimitar sinteticamente o seu retrato biográfico.

E: Considerando as suas rotinas de vida diária, refira quais as que de modo mais significativa o retratam?

e: Como sou estudante, uma boa parte do tempo estou na universidade. Depois porque sou atleta de voleibol, vou ao treino ao fim do dia três vezes por semana. Nos tempos livres procuro estar com o meu namorado e conviver com os meus amigos. Aos fins-de-semana de vez em quando vou a uma discoteca - não pode ser muitas vezes porque o dinheiro não chega – em alternativa convivemos num café, ou no centro comercial, às vezes num bar quando vamos à poncha.

E: Então é das que gostam dos copos?

e: Não é tanto pela poncha, porque às vezes nem tomo, mas pelo ambiente e pela companhia.

E: Se as suas condições de vida fossem mais favoráveis alterava as suas rotinas?

e: Provavelmente não...Acho que nesta fase da minha vida as minhas rotinas ajustam-se ao projeto que neste momento é o mais importante, que é tirar o meu curso.

E: Os seus ideais? O modo como vive a vida corresponde aos seus ideais?

e: Não totalmente. Se eu tivesse mais recursos financeiros, dependendo de quanto, não só não apertava tanto os meus gastos, como cuidava mais de mim. Podia mesmo ter carro o que me permitia mais liberdade e independência. O resto considero que está bem.

E: Como encara hoje as suas prioridades no modo de viver a vida? O prazer das coisas é a prioridade, ou o cumprimento das obrigações?

e: Eu acho que esse aspeto está muito claro para mim: em tudo o que são coisas a que estou condicionada, como sejam as responsabilidades com os estudos, a prioridade é cumprir. Tudo o que é aspetos da minha vida nos tempos livres, procuro antes de mais fazer as coisas que me dão prazer e não o que as outras pessoas consideram que fica bem.

E: Qual é a importância do seu grupo de amigos na formação de valores, ideais, atitudes e interesses?

e: Os meus amigos são, tirando os meus pais, as pessoas com quem converso e troco impressões sobre as coisas. Muitas vezes estou em discordância com um ou outro, mas em consciência se a pergunta é se eles são importantes, claro que são nem que seja para me fazer pensar.

E: E dos seus familiares?

e: É de máxima importância. São eles que me apoiam e como querem o melhor para os filhos só posso ter a maior consideração pelas preocupações deles comigo.

E: Quando discorda de determinada situação social, tem facilidade em se envolver em movimentos de mudança (política, associativa)?

e: Prefiro abstrair-me disso. E mesmo quando discordo – sim também acho que tenho opinião - acho que não tenho peso nenhum para que a minha participação sirva para alguma coisa. Acho que as coisas não são perfeitas mas também nunca foram nem serão nunca.

E: Mas então não concorda que quando as pessoas discordam devam tomar uma posição?

e: Claro que concordo. Há pessoas corajosas que não se calam quando vêm injustiças. Eu é que não tenho feitio para isso.

E: É importante para si exercer um trabalho? Se sim, porquê?

e: Sim, porque é preciso sobreviver.

E: Se bem percebo, para si o trabalho é fundamentalmente um mecanismo para obtenção de recursos que lhe permitam sustentar as necessidades com os seus gastos?

e: Exatamente. Em regra o trabalho é a parte séria da nossa vida. É a parte das obrigações, não do prazer.

E: Então se de algum modo fosse garantido um rendimento adequado às suas necessidades, abdicaria de trabalhar?

e: Não, isso não. Porque também é a forma de sermos considerados pelos outros.

E: A religião é importante na sua vida?

e: Não. Os meus pais sempre me ensinaram a pensar na razão das coisas. Eu acho que a religião é para quem aceita os dogmas sem pensar.

E: No modo como encara a sua vida qual é a importância da crença na espiritualidade e nas ideias? Como encara a superstição?

e: Não sei porquê mas sou um pouco supersticiosa. Nada que condicione a minha vida. Por exemplo não acredito em bruxedos.

E: E a crença nas ideias? Disse antes que há aspetos da sua vida que realiza porque são as coisas sérias da vida. Não precisa de acreditar para se empenhar nas coisas?

e: Há aspetos que não. Faço porque as coisas funcionam assim. Agora, sobre as coisas que têm a ver com as minhas opções de vida, aí é importante acreditar.

E: Como é que se define a si mesma ao nível da personalidade?

e: Defeitos: teimosa, não admito o erro. Fico muito desagradada quando cometo erros e não desisto sem corrigir ou resolver um erro que tenha cometido. Virtudes: sou simpática, amorosa e divertida. Sou confiante e determinada.

E: Os seus comportamentos seguem a moral corrente, ou sente que a contraria agindo fiel ao seu modo de ser?

e: É contrária e sou fiel ao meu modo de ser, mas respeito a educação que os meus pais me deram.

E: É habitual atribuir aos jovens o fator irreverência, considera-se então irreverente?

e: Não. Considero-me bem comportada e sinto-me bem assim, mas não abduco de ser fiel ao modo como sinto as coisas e as decisões que tomo e as escolhas que faço têm a ver não com o que os outros pensam mas com o que eu sinto que melhor me satisfaz.

E: Tem objetivos delineados para o futuro? Se sim, quais são esses objetivos?

e: Sim, tirar o curso superior.

E: Quando pensa no seu futuro só pensa nisso?

e: Às vezes vejo os meus amigos a fazerem planos mas acho que pensar em planos hoje para realizar amanhã é sonhar fantasias. Se alguma coisa aprendi nos últimos anos é que temos de procurar pensar uma coisa de cada vez e nos empenharmos nela. Ouvi há tempos na televisão que havia um estudo que dizia que a percentagem de desempregados sem qualificação era, não sei quantas vezes mais do que os com qualificação. Portanto o meu futuro depende do que eu conseguir conquistar com os estudos, depois logo se vê.

E: Perante o sentimento corrente de crise das condições de vida, como encara o seu projeto de vida?

e: Provavelmente no desemprego. Tudo o que vier acima disso é ganho.

E: Há mais alguma coisa que queira referir da sua vida no modo como entende o ser jovem?

e: Não, acho que disse tudo. O modo como eu vivo, é como vivem a maioria dos jovens que eu conheço.

Entrevista nº 5

Nome do entrevistado: Ana Figueira

Data de realização: 02 de abril 2014

Tempo de duração: 02,00h

Síntese biográfica: 24 anos, solteira, professora do ensino básico e secundário, vive com a mãe, que é educadora infantil e a avó; não quer falar do pai, saído do agregado pelo divórcio; a família vive numa pequena habitação tipo T2 na zona periférica do centro da Ponta do Sol, considerada pela entrevistada de qualidade razoável; vive com recursos financeiros limitados mas considerados não condicionadores da concretização do essencial dos projetos familiares.

Ação de inquérito.

Para identificação da entrevistada, como introdução à formulação das questões, previamente procedeu-se a uma conversa com o objetivo de delimitar sinteticamente o seu retrato biográfico.

E: Considerando as suas rotinas de vida diária, refira quais as que de modo mais significante a retratam?

e: Este é o meu primeiro ano de vida profissional, representando também um novo quadro de vida que reformulou em parte as minhas rotinas anteriores. Uma vida centrada nas novas responsabilidades como professora, com a integração de novos amigos, mas mantendo algumas das rotinas que preenchiam o tempo livre de estudante. Digamos que substituí as responsabilidades de estudante pelas de professora, mas na prática o resto continua igual: Nos tempos livres regularmente faço atividade física de manutenção, aos fins-de-semana costumo ser frequentadora de espetáculos desportivos, vou ao café ou à poncha com os amigos, quando há concertos não perco um e nos períodos dos arraiais também lá estou. Quando estou em casa passo uma parte do tempo na net seja em interação nas redes sociais seja a pesquisar sobre questões para responder às minhas necessidades de trabalho.

E: Se as suas condições de vida fossem mais favoráveis alterava as suas rotinas?

e: Não me parece. Alteraria com certeza o meu projeto de vida naquelas que são as minhas condições materiais, em tudo o resto não vejo o que poderia fazer diferente. Só estando na situação é que eventualmente poderia equacionar outra forma de viver, mas depende de muitos fatores que neste momento me escuso a imaginar.

E: Os seus ideais?

e: Os meus ideais têm duas dimensões: A primeira é a que diz respeito à dimensão pessoal e aí a prioridade é consolidar o meu emprego seja para me realizar na função como pessoa, seja para me permitir autonomia económica que é também uma dimensão de realização pessoal. Ainda na dimensão pessoal, imagino realizar-me como mulher no quadro da constituição de família, mas aí não vale a pena correr porque tudo tem de acontecer quando as circunstâncias determinarem. A experiência traumática dos meus pais ensinou-me não a recusar esse caminho mas a não o construir levianamente. É uma decisão muito séria que tem de ser encarada como um processo natural onde se jogam afetos, sentimentos, química e uma visão comum da vida; uma segunda dimensão é de poder contribuir para uma sociedade melhor através da coresponsabilidade enquanto professora na formação das novas gerações. Se as pessoas forem melhores, a sociedade é melhor e nós vivemos uma vida melhor. O resto é acessório e secundário.

E: Como encara hoje as suas prioridades no modo de viver a vida? O prazer das coisas é a prioridade, ou o cumprimento das obrigações?

e: Colocada a questão do ponto de vista das prioridades, para mim é claro que a vida sem prazer não é gratificante, daí considerar como prioridade colocar o prazer antes do resto. Mas também não tenho dúvidas que os condicionamentos à obtenção dos recursos materiais muitas vezes não são compatíveis com o primado do prazer. Daí que em certas circunstâncias, as que respeitam aos mecanismos funcionais, o comportamento seja claramente funcional.

E: Qual é a importância do seu grupo de amigos na formação de valores, ideais, atitudes e interesses?

e: Se os consideramos amigos, é porque nos identificamos com eles mesmo quando discordamos. Se nos identificamos, naturalmente que são importantes, porque recebemos voluntaria ou involuntariamente os seus estímulos condicionando o modo como vamos arrumando o nosso pensamento, agindo, escolhendo, etc.

E: E dos seus familiares?

e: Tomando como referência a minha mãe e a minha avó, de modo direto não. São menos importantes do que os meus amigos, pois tenho claro que detêm um modo de pensar muito básico, conservador, porque sempre viveram no campo com experiências de vida muito limitadas. Mas acredito que, indiretamente, o que sou hoje é o resultado, em parte, do que foram para mim. Nessa medida são importantes pelo facto de completarem uma parte da minha existência no quadro do agregado familiar, provavelmente a deixarem pequenas influências subliminares que afetam o modo como penso e ajo.

E: Quando discorda de determinada situação social, tem facilidade em se envolver em movimentos de mudança (política, associativa)?

e: Não

E: Porquê? No início da nossa conversa referiu a sua preocupação em contribuir para melhor o mundo à sua volta. Parece um paradoxo?

e: A questão é da facilidade em me envolver. Não transporto experiências de envolvimento em movimentos e não sou propriamente uma pessoa extrovertida. Sou sensível e reflito criticamente formando juízo sobre as coisas que me permitem concordar ou não concordar, mas de certo modo reservada. Não me abstenho por exemplo de contribuir com o meu voto nos processos eleitorais, mas não sou propriamente uma pessoa virada para a ação por iniciativa própria.

E: É importante para si exercer um trabalho? Se sim, porquê?

e: Sim, porque é o principal meio da nossa sobrevivência material.

E: Se de algum modo fosse garantido um rendimento adequado às suas necessidades, abdicaria de trabalhar?

e: Talvez, tinha de equacionar a situação. Dependendo do que poderiam ser o nível de necessidades a que esse rendimento atendia. Acredito que quando se resolvem umas necessidades a nossa natureza social cria outras. Depois o próprio trabalho pode corresponder a uma necessidade que não a de sobrevivência material, dependendo do trabalho, das motivações e grau de gratificação das pessoas.

E: A religião é importante na sua vida?

e: Sim, acredito que há uma dimensão sobrenatural que não tem que estar sustentada numa explicação racional. Para mim assenta num quadro de dogmas que aceito e que preenche um espaço da minha espiritualidade. E conforta-me sentir a influência dessa dimensão.

E: No modo como encara a sua vida qual é a importância da crença na espiritualidade e nas ideias. É uma pessoa supersticiosa?

e: Sim, sou supersticiosa. Também não me pergunte como é que explico. Talvez pelos registos de coincidências de acontecimentos que na prática correspondem a balizas, referências que eu tomo em consideração.

E: E a importância da crença nas ideias?

e: Esse também devia ser um fator importante para as pessoas serem coerentes com aquilo que fazem. Para mim é uma referência importante, quando acredito numa ideia tenho mais facilidade em me empenhar. Mas acho que isso é geral com todas as pessoas...ou talvez não.

E: Como é que se define a si mesma ao nível da personalidade?

e: Humilde, ambiciosa, trabalhadora, distraída, muito distraída mas generosa e tolerante. Considero-me uma pessoa positiva.

E: Os seus comportamentos seguem a moral corrente, ou sente que a contraria agindo fiel ao seu modo de ser?

e: Seguem a moral corrente quando me situo em contexto coletivo. Quando me coloco na dimensão individual, claramente sou fiel ao meu modo de ser. Mas tenho consciência que o meu modo de ser é resultado dos valores que moldam a moral corrente.

E: Tem objetivos delineados para o futuro? Se sim, quais são esses objetivos?

e: Sim, conseguir garantir trabalho para sobreviver. Mais objetivos podem ser colocados, mas a questão da sobrevivência material que o trabalho permite, num país e num mundo em crise, toma uma dimensão de principal importância.

E: Perante o sentimento corrente de crise das condições de vida, como encara o seu projeto de vida?

e: Respondo-lhe exatamente com as mesmas palavras da resposta anterior mas acrescento uma palavra – lutar. É o que os jovens da minha geração têm de ter presente.

E: Há mais alguma coisa que queira referir da sua vida no modo como entende o ser jovem? Considera-se uma jovem?

e: Sim, considero-me uma jovem trabalhadora. Apesar de ter concluído já o mestrado e ter arranjado emprego, todas as rotinas e o modo de viver que tenho desde a minha adolescência, basicamente não se alteraram. No dia em que foi certificada a última prestação da minha formação académica, senti uma estranha sensação de passagem de uma fronteira, para uma realidade nova, mas a fronteira entre o ser jovem e o ser adulto não estava

presente. Sentia-me sim uma jovem com reconhecidas competências acima da maioria dos outros jovens.

Entrevista nº 6

Nome do entrevistado: Maria Francisca

Data de realização: 05 de abril 2014

Tempo de duração: 01,50h

Síntese biográfica: 18 anos, solteira, estudante do 1º ano da universidade, vive com a mãe, professora com mestrado, divorciada do pai e com uma irmã mais velha também com qualificação académica superior; a família vive numa moradia unifamiliar na zona periférica ao centro da cidade do Funchal, considerada pela entrevistada de muito boa qualidade; a família vive com recursos financeiros considerados suficientes para viver sem constrangimentos.

Ação de inquérito.

Para identificação da entrevistada, como introdução à formulação das questões, previamente procedeu-se a uma conversa com o objetivo de delimitar sinteticamente o seu retrato biográfico.

E: Considerando as suas rotinas de vida diária, refira quais as que de modo mais significativa a retratam?

e: As minhas rotinas: penso que são semelhantes às da maioria dos estudantes, na maior parte do tempo prendem-se com as tarefas ligadas às obrigações académicas. Nos tempos livres, durante a semana, saio uma ou outra vez para conviver com os meus amigos no café, nada de especial. Aos fins-de-semana sem ter propriamente rotinas, acontece uma ou outra vez ir a um espetáculo desportivo de andebol que era a minha modalidade preferida - agora não tenho tempo - e quando há qualquer festival de música, isso não falto. Quando começa a estação dos arraiais também é um tipo de festas que gosto de frequentar pois é onde normalmente a malta jovem se encontra para se divertir.

E: E copos? O ritual da poncha, por exemplo, entrou nos hábitos de convívio dos jovens aqui na Madeira.

e: Eu não acho piada à poncha e por acaso o pequeno grupo de amigos que eu tenho também não estão para aí virados. Por exemplo quando acontece irmos à discoteca, ficamos por um refrigerante, coca-cola ou sumo.

E: Se as suas condições de vida fossem mais favoráveis alterava as suas rotinas?

e: Não me queixo das minhas condições de vida. Nada do que eu gosto de fazer está impedido por falta de condições. Tive uma grande expectativa e tensão para entrar na Universidade, agora que entrei, passei a uma fase nova da minha vida com a qual estou muito satisfeita e à volta da qual toda a minha vida funciona. Quero ter sucesso na minha formação universitária pois uma das insistências de sempre da minha mãe é de que hoje não basta ter um curso superior, é preciso estar entre os melhores. E eu agora percebo um pouco mais do que está em causa quando damos conta do nível de desemprego entre os licenciados.

E: Mas a Francisca tendo conseguido entrar em Medicina, está preocupada com a sua empregabilidade quando acabar o curso?

e: Parece que os médicos hoje têm menos escolhas do que os médicos da geração anterior. Do modo como tudo está a mudar admito que daqui a seis ou sete anos quando for a altura da minha entrada na profissão tudo poderá ser diferente nas oportunidades de trabalho e nas condições para lá chegarmos. O melhor é apostar alto na nossa formação.

E: Os seus ideais? Como encara hoje as suas prioridades no modo de viver a vida? Qual é a prioridade que coloca no modo como vive: a vida roda à volta do prazer ou do cumprimento de regras de acordo com o que os outros esperam de si?

e: Depois de entrar na Universidade estou muito empenhada no meu curso, quer dizer que acima de tudo a minha vida está centrada em cumprir com as minhas obrigações. A prioridade não é o prazer.

E: Qual é a importância do seu grupo de amigos na formação de valores, ideais, atitudes e interesses?

e: São muito importantes. Eu acho que muitas vezes aprendemos mais do que é a vida quando estamos em convívio descontraído pois é aí que refletimos sem constrangimento e sendo com os amigos, também sem complexos.

E: E dos seus familiares?

e: É de uma importância elevada. Na minha família temos um sentido muito solidário e preocupado com o que acontece connosco.

E: Quando discorda de determinada situação social, tem facilidade em se envolver em movimentos de mudança?

e: Sim tenho. Não propriamente ter a iniciativa mas sou sensível aos problemas dos outros e sempre que a situação se proporciona envolvo-me seja dando alimentos na altura das campanhas, seja integrando grupos de recolha de ajuda. Por exemplo quando andei nos

escuteiros sempre que havia um projeto de recolha de coisas para ajudar os mais pobres eu participava. Na política é que não tenho feito.

E: É importante para si exercer um trabalho? Se sim, porquê?

e: Sim, porque por um lado quero tornar-me independente financeiramente mas fundamentalmente porque no meu caso o trabalho para o qual eu estou a me preparar corresponde ao modo como eu pretendo utilizar o meu tempo de vida que é ajudar os outros na saúde.

E: Se de algum modo fosse garantido um rendimento adequado às suas necessidades, abdicaria de trabalhar?

e: De modo nenhum, pois para mim a medicina é mais do que um trabalho, é uma forma de viver onde eu me posso realizar como pessoa.

E: A religião é importante na sua vida?

e: Não

E: No modo como encara a sua vida qual é a importância da crença na espiritualidade e nas ideias? É supersticiosa?

e: Não, não sou.

E: Não sente necessidade de uma dimensão espiritual?

e: Pelo menos do modo como eu entendo, não. O espiritual sugere uma coisa não real e eu fui educada a pensar as coisas com os pés na terra.

E: E a crença nas ideias?

e: Nas ideias sim. Aí não tenho dúvida que acreditar seja no que for em que estamos envolvidos é fundamental para fazermos bem as coisas.

E: Como é que o entrevistado se define a si mesmo ao nível da personalidade?

e: Considero-me sincera e frontal, sempre confiante. Quanto aos defeitos é a teimosia e a impulsividade que predominam.

E: Os seus comportamentos seguem a moral corrente, ou sente que a contraria agindo fiel ao seu modo de ser?

e: Não sei bem se seguem a moral corrente. Com certeza seguem a moral do meu espaço familiar onde a moral é sermos fiéis ao nosso modo de ser. Por isso a resposta talvez seja a segunda.

E: Neste ponto da nossa conversa talvez pareça não fazer sentido a pergunta. Mas tem objetivos delineados para o futuro? Se sim, quais são esses objetivos?

e: Sim também acho que já respondi.

E: Sim, mas só falou no seu futuro profissional. E constituir família, ter filhos?

e: Apesar dos meus pais não terem conseguido manter o seu projeto conjugal, eu acho que de alguma forma serviu para aprender a não minimizar a importância de certos aspetos de uma relação. Eu acho que eles casaram demasiado jovens. Eu quero ter a minha família mas quando tiver atingido a minha maturidade depois de acabar o meu curso. Tenho namorado e ele pensa como eu.

E: Perante o sentimento corrente de crise das condições de vida, como encara o seu projeto de vida?

e: Tranquilamente, pois eu acho que crises sempre aconteceram e no meu caso até agora não tenho razão para me queixar. Depois de entrar para a Universidade senti-me mais tranquila quanto ao futuro.

E: Há mais alguma coisa que queira referir da sua vida no modo como entende o ser jovem?

e: É uma fase de desafios, de aventuras, de experimentar sensações e viver experiências. Depois de passarmos à fase de responsabilidades que a vida adulta exige estamos mais limitados. Só se vive a juventude uma vez.

Entrevista nº 7

Data de realização: 09 de abril 2014

Tempo de duração: 01,45h

Nome do entrevistado: Maria Luísa

Síntese biográfica: 20 anos, solteira, estudante do 3º ano da universidade, vive com a mãe, professora com mestrado, o pai médico e com uma irmã mais velha também com qualificação académica superior; a família vive numa moradia unifamiliar na zona periférica ao centro da cidade do Funchal, considerada pela entrevistada de muito boa qualidade; a família vive com recursos financeiros considerados bons para viver sem constrangimentos.

Ação de inquérito

Para identificação da entrevistada, como introdução à formulação das questões, previamente procedeu-se a uma conversa com o objetivo de delimitar sinteticamente o seu retrato biográfico.

E: Considerando as suas rotinas de vida diária, refira quais as que de modo mais significativa a retratam?

e: Para além das minhas rotinas com a vida de estudante, desde há muito tempo que sou assídua frequentadora do ginásio onde continuo a ir três a quatro vezes por semana. Durante os dias da semana tenho uma vida que considero semelhante à dos outros estudantes universitários que, para além das obrigações com os estudos, nos tempos livres convivem em sítios habituais como sejam cafés, Centro Comercial, etc. Aos fins-de-semana, não todos, porque estou no terceiro ano que está a ser muito exigente o que me obriga muitas vezes a estudar nos fins-de-semana, de vez em quando vou a uma discoteca

E: Se as suas condições de vida fossem mais favoráveis alterava as suas rotinas?

e: Não sei bem. Sinto-me confortável com as rotinas que tenho, mas também acredito que levo a vida que levo porque as condições de vida que tenho são estas. Ainda assim não me parece que se fossem mais favoráveis alterassem as minhas rotinas pois estou convencida que estou a fazer o que entendo que devo fazer nesta fase da minha vida.

E: Os seus ideais?

e: O meu principal ideal é ser qualificada na área do turismo para conseguir emprego nesse setor e nesse aspeto estou a estudar para realizar esse ideal. O passo seguinte é conseguir emprego.

E: E como a maioria dos jovens que pensam o seu futuro, constituir família?

e: É um aspeto para o qual não coloco ainda nenhuma preocupação. Gostava de ter um filho, ou filhos, mas não faço nenhuma projeção de família. Nesse aspeto vou pensando uma coisa de cada vez e neste momento estou concentrada na minha qualificação e no desejo de trabalhar no turismo.

E: Como encara hoje as suas prioridades no modo de viver a vida? Qual é a prioridade que coloca no modo como vive: a vida roda à volta do prazer ou do cumprimento de regras de acordo com o que os outros esperam de si?

e: Sinceramente considero que a colocação da condição do prazer para fazer as coisas é determinante. Por exemplo sou estudante com prazer porque estou a estudar numa área onde me quero realizar profissionalmente. Não faço frete quando me envolvo. Quando me envolvo em alguma coisa tem de ser com prazer, de outro modo logo que posso ponho-me fora. Eu entendo que a vida é curta e portanto temos de viver pela positiva.

E: Pode dizer-se que não se subordina a regras, às agendas dos outros?

e: Sou uma pessoa sociável e naturalmente que não vivendo sozinha tenho consciência que muitas vezes tenho de cumprir com procedimentos que não têm a ver com

prazer mas com o funcionamento das coisas. Mas sempre que a escolha está do meu lado, a condição do prazer é determinante nas minhas escolhas.

E: Qual é a importância do seu grupo de amigos na formação de valores, ideais, atitudes e interesses?

e: Acho que são importantes na medida em que me relaciono com eles, não porque sejam professores na minha formação.

E: E dos seus familiares?

e: Os meus familiares são importantíssimos, todos eles, desde os meus pais que frequentemente me confrontam com as minhas dúvidas e certezas e a minha irmã que sendo mais velha também tem constituído um modelo para mim. Felizmente tenho uma família muito solidária e aberta que tem sido determinante para me sentir bem comigo mesma e com o modo como vivo a minha vida. Tenho amigos que vivem em conflito de valores com os pais, muitas vezes refletido na insegurança e intranquilidade que às vezes mostram, mas felizmente não me posso queixar, bem pelo contrário.

E: Quando discorda de determinada situação social, tem facilidade em se envolver em movimentos de mudança?

e: Sim, sou sensível às injustiças e não volto a cara à possibilidade de contribuir mas não sou propriamente uma pessoa de iniciativa nesses palcos. Mas contem comigo para melhorar as coisas ou protestar com coisas que estão mal.

E: É importante para si exercer um trabalho? Se sim, porquê?

e: Sim, é importante. Primeiro porque entendo que o trabalho tem de ser um lugar onde as coisas sejam feitas com prazer, e sendo assim, é uma forma de nos realizarmos como pessoas úteis. Depois porque essa é a condição base para termos um rendimento que no proporciona não dependermos de outros.

E: Se de algum modo fosse garantido um rendimento adequado às suas necessidades, abdicaria de trabalhar?

e: Nunca tinha pensado nisso porque nunca pensei outra forma de rendimento. Mas acho que não, particularmente porque tenho como ideal me realizar pelo trabalho numa área que adoro que é a atividade turística.

E: A religião é importante na sua vida?

e: De modo nenhum. Acho que sou muito terrena. A minha religião é sentir-me bem comigo e com os outros.

E: No modo como encara a sua vida qual é a importância da crença na espiritualidade e nas ideias? É supersticiosa?

e: Não sou supersticiosa, não acredito em espiritismos. Acho que as pessoas que se deixam influenciar por essas coisas ou são fracas de vontade ou são ignorantes.

E: E as crenças?

e: Se as crenças têm a ver com acreditar nas coisas que queremos ou desejamos, isso sim, é fundamental, pois é a energia necessária para fazermos as coisas e conseguirmos concretizar os nossos objetivos.

E: Como é que a Maria Luísa se define a si mesma ao nível da personalidade?

e: Acho que sou generosa, íntegra e sonhadora.

E: Os seus comportamentos seguem a moral corrente, ou sente que a contraria agindo fiel ao seu modo de ser?

e: Eu acho que ajo fiel ao meu modo de ser, ou seja, quando tomo uma atitude, ou faço uma escolha, não me interrogo sobre o que os outros pensam, mas de acordo com o modo como eu entendo. Mas é evidente que não considero que sendo fiel ao meu modo de ser esteja contra a moral corrente pois não me incluo no grupo de pessoas que agem de modo imoral.

E: Tem objetivos delineados para o futuro? Se sim, quais são esses objetivos?

e: Com certeza que tenho. Num futuro mais próximo é concluir o meu curso e depois disso tentar um estágio lá fora para ganhar competências e prestígio profissional que me permita aceder a um emprego. Noutra aspeto, ao nível da minha condição de mulher, consolidadas as condições que me permitam autonomia, quero, ou melhor admito, a construção de uma família com filhos, mas aí sei que não o farei a qualquer preço.

E: Perante o sentimento corrente de crise das condições de vida, como encara o seu projeto de vida?

e: De facto fala-se hoje muito do problema da crise que vem afetando os projetos de vida dos jovens, mas quando conversamos sobre esse tema em casa, a ideia que me fica é a de que a crise toca em particular às pessoas mais frágeis e que é uma questão de sempre. Pessoalmente não tenho sentido quaisquer constrangimentos seja no modo como vivo a vida, seja quando penso no meu projeto de futuro. É verdade que o desemprego tem aumentado nos últimos anos atingindo em particular os jovens, mas eu acho que tendo como projeto profissional trabalhar na área do turismo, e pelo que julgo saber o turismo é um setor económico em crescimento, não me parece que a minha vocação e a escolha que fiz para me

qualificar me venha a colocar dramas no futuro. Também porque sou empenhada e persistente.

E: Há mais alguma coisa que queira referir da sua vida no modo como entende o ser jovem?

e: Eu acho que está claro que ser jovem sendo uma fase da vida que não se repete, é também um tempo por excelência para sonharmos e experimentarmos sensações. Mas é também o tempo em que fazemos as opções mais importantes das nossas vidas. Pelo menos é isso que eu sinto e é o modo como vivo as coisas.

Entrevista nº 8

Nome do entrevistado: Manuel José Correia

Data de realização: 12 de abril 2014

Tempo de duração: 01,40h

Síntese biográfica: 24 anos, solteiro, 9º ano, pequeno empresário comercial, vive com a mãe que é empresária agrícola, o pai inválido e com um irmão um pouco mais velho com quem partilha a atividade empresarial; a família vive numa moradia unifamiliar na zona periférica ao centro da cidade do Funchal, considerada pelo entrevistado de boa qualidade; a família vive com recursos financeiros considerados bons para viver sem constrangimentos.

Ação de inquérito.

Para identificação do entrevistado, como introdução à formulação das questões, previamente procedeu-se a uma conversa com o objetivo de delimitar sinteticamente o seu retrato biográfico.

E: Considerando as suas rotinas de vida diária, refira quais as que de modo mais significante o retratam?

e: Tenho um pequeno estabelecimento comercial de venda de legumes e frutas juntamente com o meu irmão, que vai dando para as despesas, portanto a minha vida tem muito a ver com isso. Mas como dividimos as responsabilidades de funcionamento da loja tenho tempo para fazer outras coisas menos sérias mas que considero serem as que dão mais razão à vida que é conviver com os meus amigos, jogar futebol, andar de mota – sim sou um amante apaixonado pelas motas, às vezes saio de mota só para dar uma volta sem qualquer objetivo para além de andar de mota. Também sou um frequentador regular das “Vespas” (discoteca);

Ao fim de semana não falho a ver um jogo de futebol. E é claro que quando começa a época dos arraiais aí também não falho um fim-de-semana de farra... Há sempre um arraial para ir.

E: . Se as suas condições de vida fossem mais favoráveis alterava as suas rotinas?

e: Com certeza que sim. Olhe por exemplo gostava de ir às concentrações de motards que se realizam regularmente por aí fora e como não tenho condições não vou. Estou a lembrar-me por exemplo de alguns filmes americanos sobre grupos de motares que percorrem as estradas. Se eu tivesse condições gostava de viver a vida assim, vivendo ora aqui, amanhã acolá, mas sempre sem compromissos e vivendo todos os dias com o máximo de prazer.

E: Os seus ideais? Como é que projeta o seu ideal de vida?

e: Sabe, eu tive uma infância muito pobre mas sonhei muito viver uma vida sem dificuldades. Nunca quis ser doutor porque acho que isso trás demasiadas responsabilidades, mas também porque nunca gostei da escola, só fiz o 9º ano e à rasca, sonhei sempre foi tentar ter condições para conseguir governar a minha vida com o suficiente para comer e ter um lugar onde dormir sem dificuldades. Não sou muito exigente, quero é viver fazendo as coisas de que gosto sem ter que me preocupar muito com riquezas ou bens. Eu a minha mota e dinheiro para os gastos.

E: Como encara hoje as suas prioridades no modo de viver a vida?

e: Hoje a minha prioridade é garantir que a loja continue a funcionar bem para poder ter condições financeiras que permitam fazer as coisas que gosto de fazer...ponto final.

E: Qual é a importância do seu grupo de amigos na formação de valores, ideais, atitudes e interesses?

e: Gosto dos meus amigos porque me entendo com eles e é com eles que me divirto, mas sou de ideias fixas, a minha cabeça está feita, sei o que quero e os meus amigos não têm nada a ver com isso. Quando por exemplo eles não querem ir a um determinado sítio que eu quero, acontece muitas vezes que vou sozinho com a minha mota.

E: E dos seus familiares?

e: Os meus familiares também não. Olhe o meu irmão, só tem mais um ano do que eu e já tem uma mulher para lhe chatear a cabeça e um filho para cuidar. O que é que eu posso aprender com ele? Os meus pais são ignorantes, tenho muito respeito por eles, mas na minha vida mando eu. Eles já desistiram de me dar conselhos.

E: Quando discorda de determinada situação social, tem facilidade em se envolver em movimentos de mudança?

e: Não. Quando discordo de qualquer coisa que implica comigo, dou uma volta e vou à minha vida. Sabe, a vida é curta para se cansar com coisas que a gente não consegue mudar. Eu sou uma pessoa de bem, não quero mal a ninguém, não quero nada dos outros, por isso sinto-me bem na forma como vejo as coisas. Sou capaz de dar uma moeda a um desgraçado que me pede dinheiro para comer, mas quem sou eu para resolver os problemas dele.

E: É importante para si exercer um trabalho? Se sim, porquê?

e: Eu considero que agente trabalha para ganhar dinheiro para fazer face aos gastos que temos com a nossa vida, por isso entendo que é importante trabalhar. Se não trabalharmos como é que vivemos?

E: Se de algum modo fosse garantido um rendimento adequado às suas necessidades, abdicaria de trabalhar?

e: De certeza absoluta que se eu tivesse forma de dispor de um rendimento que me garantisse fazer as coisas que gosto de fazer, garanto-lhe que não trabalhava. Há tantas coisas boas para fazer sem estarmos obrigados a cumprir com certas funções para agradar aos outros. Isso é que era vida. Sabe que a vida é curta e, mais ainda, o tempo de vida em que temos energia para viver com prazer não é muito.

E: A religião é importante na sua vida?

e: Acho que já foi mais. Eu sou católico mas há muito tempo que deixei de ir à missa e de me preocupar com confissões e coisas assim, até porque acho que os padres são pessoas como nós. Mas sou respeitador da igreja sem ser propriamente um beato.

E: No modo como encara a sua vida qual é a importância da crença na espiritualidade e nas ideias.

e: Não acredito nessas coisas. Acredito nas coisas reais no que a vida tem para nos dar e na nossa capacidade para viver com as coisas que nos permitem ter prazer na vida.

E: E a questão da crença nas ideias como razão de empenhamento na realização das coisas.

e: Não penso muito nisso, Acho que ganhei um gosto próprio no modo como vejo as coisas e oriento a minha vida nesse sentido, sem dramas. Eu acho que às vezes o problema é quando pensamos demais na razão das coisas. As coisas são como são e cada um tem a sua forma de ver e pronto.

E: Como é que o Manuel se define a si mesmo ao nível da personalidade?

e: Não penso muito no que sou, penso mais no que quero fazer com a vida. Mas acho que sou uma pessoa de paz, bom amigo, gosto de me divertir sem stresses, não gosto de me sentir comprometido com ninguém, mas quando me comprometo com alguma coisa não falho.

E: Os seus comportamentos seguem a moral corrente, ou sente que a contraria agindo fiel ao seu modo de ser?

e: Não tenho dúvida que sou fiel ao meu modo de ser, pois tudo o que faço não é pelos outros, é por mim. Mas entendo que não tenho comportamentos que choquem os outros. Tenho um estilo de vida próprio mas considero-me uma pessoa normalíssima respeitadora da moral.

E: Tem objetivos delineados para o futuro? Se sim, quais são esses objetivos?

e: Sim tenho. Para já o futuro próximo é continuar a conseguir sucesso com a nossa loja e se puder, no futuro, aumentar o negócio. Mas há um objetivo que gostava de realizar que era ir viver para os Estados Unidos porque esta terra é pequena e acredito que qualquer dia estou cansado de fazer sempre as mesmas coisas, ver sempre as mesmas pessoas. Quem sabe um dia!

E: Então e constituir família que é normalmente o projeto de maioria dos jovens quando começam a organizar a sua vida de adultos?

e: Sabe, é que eu não quero deixar de me sentir jovem porque quando as pessoas casam ficam logo uns velhos. Vejo pelo meu irmão. Gosto de mulheres mas sem compromisso. Mas também percebo que aquele velho ditado de que “o futuro a Deus pertence” pode ser aplicado a qualquer um. Agora intensão de futuro para mim, não.

E: Perante o sentimento corrente de crise das condições de vida, como encara o seu projeto de vida?

e: Sem stresses. A aventura de ter montado a nossa pequena empresa está a resultar, por isso é tentar conduzir o melhor possível o barco e acreditar que as coisas vão melhorar. Estou tranquilo.

E: Há mais alguma coisa que queira referir da sua vida no modo como entende o ser jovem?

e: Eu penso que ser jovem corresponde à forma como levo a vida: Convivo regularmente com amigos, não tenho grandes compromissos para com outras pessoas, frequento os locais onde predominam os jovens e procuro levar a vida colocando o prazer de fazer as coisas à frente da obrigação.

Entrevista nº 9

Nome do entrevistado: Leonardo Almada

Data de realização: 13 de abril 2014

Tempo de duração: 01,20h

Síntese biográfica: 21 anos, solteiro, 9º ano, vigilante numa empresa de segurança, vive com a mãe que é doméstica, o pai, também vigilante e com um irmão mais novo; a família vive numa moradia unifamiliar na zona periférica ao centro da cidade de Santa Cruz, considerada pelo entrevistado de boa qualidade; a família vive com recursos financeiros considerados suficientes para viver em condições básicas.

Ação de inquérito.

Para identificação do entrevistado, como introdução à formulação das questões, previamente procedeu-se a uma conversa com o objetivo de delimitar sinteticamente o seu retrato biográfico.

E: Considerando as suas rotinas de vida diária, refira quais as que de modo mais significativa o retratam?

e: Eu acho que as únicas rotinas diárias que tenho são as que se prendem com o meu emprego, de resto as outras coisas que faço não são feitas de modo habitual. A regra é: casa trabalho, trabalho casa. Eu consegui este emprego há pouco tempo depois de levar uma vida sem fazer nada. Como agora tenho emprego, a minha vida é o emprego.

E: Se as suas condições de vida fossem mais favoráveis alterava as suas rotinas?

e: Talvez, mas nunca pensei nisso. Mas acho que se tivesse muito dinheiro com certeza ia querer fazer coisas que não faço agora. O melhor é nem pensar nisso.

E: Os seus ideais? Tem ideia do que gostaria de ver concretizado?

e: O ideal era eu conseguir segurar este emprego, o resto vem depois

E: Percebo que ter conseguido emprego nos tempos que correm parece ser a realização de um ideal, mas você tem um ideal de vida e do mundo à sua volta para além do emprego?

e: Eu nunca fui muito ambicioso e acho que a vida é o que é. Desde que a gente tenha um emprego para poder pagar as contas, tudo bem.

E: Como encara hoje as suas prioridades no modo de viver a vida, dá mais importância ao prazer de fazer as coisas ou ao cumprimento de obrigações?

e: Para mim a prioridade é cumprir com as minhas obrigações pois essa é a forma de garantir o meu modo de subsistência que é o meu emprego. Sem emprego não há hipótese de ganhar para poder ter alguns prazeres. Sabe que antes não tinha prazeres nem obrigações, até já não estava a passar lá muito bem, portanto não tenho dúvida que hoje sempre tenho alguma coisa.

E: Qual é a importância do seu grupo de amigos na formação de valores, ideais, atitudes e interesses?

e: Nenhuma - sabe porquê? Porque depois de sair da escola cada um foi à sua vida e eu acho que não fui a vida nenhuma porque desde essa altura que tenho passado a maior parte do tempo enfiado em casa. Só há pouco tempo, como já lhe disse, o meu pai conseguiu este lugar para mim na empresa de segurança. Tenho a impressão que hoje não tenho amigos, daqueles amigos que se encontram e convivem.

E: E dos seus familiares?

e: Dos meus familiares sim, têm sido muito importantes, em particular o meu pai e a minha mãe. Se não fossem eles não sei o que seria de mim, pois eu andei com uma depressão e já não sabia o que fazer de mim.

E: Quando discorda de determinada situação social, tem facilidade em se envolver em movimentos de mudança?

e: Não tenho. Para que é que me ia envolver em greves ou coisas assim? Se levei estes anos para conseguir resolver o meu problema, e nem sequer fui eu, foi o meu pai, de que servia me embrulhar em coisas que ainda me podiam prejudicar. Há coisas que não acho bem, mas isso guardo para mim.

E: Esta pergunta talvez seja desnecessária face o que já me disse, ainda assim sendo importante para si exercer um trabalho, considera ser importante para além de ser a forma de se sustentar?

e: Não, acho que não. O trabalho é mesmo importante por isso. É para a gente não viver à custa dos outros.

E: Se de algum modo fosse garantido um rendimento adequado às suas necessidades, abdicaria de trabalhar?

e: Penso que sim. A não ser que quando conseguisse esse rendimento, estivesse a trabalhar numa coisa que me agradasse. Aí acho que não deixava de trabalhar porque era uma forma de me sentir bem e ao mesmo tempo útil.

E: A religião é importante na sua vida?

e: Mais ou menos. Vou todos os domingos à missa com os meus pais, mas porque é hábito não porque tenha muita fé. Então depois do que temos ouvido falar dos padres e da pedofilia e doutras coisas às vezes ponho-me a pensar nisto tudo.

E: No modo como encara a sua vida qual é a importância da crença na espiritualidade e nas ideias? É supersticioso?

e: Supersticioso não sou, nem acredito em espiritismos nem em bruxedos.

E: E acreditar em determinadas ideias como motivo para tentar realizá-las?

e: Acreditar em quê? Eu acho é que temos de ter um emprego e trabalhar para sobreviver porque hoje ninguém nos dá nada, temos de trabalhar, o resto é conversa.

E: Como é que o entrevistado se define a si mesmo ao nível da personalidade?

e: Gosto de estar no meu canto, sou um tipo honesto e não gosto de me meter na vida dos outros.

E: Os seus comportamentos seguem a moral corrente, ou sente que a contraria agindo fiel ao seu modo de ser?

e: Gosto de cumprir com as coisas que são da minha responsabilidade. O que me mandam fazer eu faço ou seja, moralmente sou respeitador. Se sou fiel ao meu modo de ser? Sou, eu sou assim, respeitador e cumpridor.

E: Tem objetivos delineados para o futuro? Se sim, quais são esses objetivos?

e: Eu gostava de constituir a minha própria família, ter uma mulher que cuidasse de mim e da minha casa. Mas ainda nem sequer tenho namorada. Não sei, será o que for. Também vemos tanta coisa por aí nos casais que às vezes é melhor estar quietinho.

E: Perante o sentimento corrente de crise das condições de vida, como encara o seu projeto de vida?

e: O meu projeto de vida é não perder o emprego, que é o mais importante, depois logo se vê.

E: Há mais alguma coisa que queira referir da sua vida no modo como entende o ser jovem?

e: Eu acho que ser jovem é continuar a viver com os pais e eles a cuidarem de nós. Se calhar só vou deixar de ser jovem quando os meus pais morrerem.

Entrevista nº 10

Nome do entrevistado: Jorge Abreu

Data de realização: 19 de abril 2014

Tempo de duração: 01,35h

Síntese biográfica: 21 anos, solteiro, estudante do 3º ano da Universidade, vive com a mãe que é empregada de loja, o pai que é contabilista e com um irmão também estudante universitário no 2º ano; a família vive num apartamento T3 no centro da cidade do Funchal, considerado pelo entrevistado de boa qualidade; a família vive com recursos financeiros considerados suficientes para viver em condições razoáveis.

Ação de inquérito.

Para identificação do entrevistado, como introdução à formulação das questões, previamente procedeu-se a uma conversa com o objetivo de delimitar sinteticamente o seu retrato biográfico.

E: Considerando as suas rotinas de vida diária, refira quais as que de modo mais significativa o retratam?

e: Há uma rotina que é de todos os dias, as obrigações que tenho com as aulas. Estou no 3º ano de psicologia e em particular este ano está a ser muito exigente se bem que também com gosto porque começo e sentir já o domínio de competências que me está a motivar mais. Porque integro a direção da Associação de Estudante, sempre que tenho um tempinho livre passo por lá e fico o tempo que posso. De vez em quando também vou a algumas reuniões da JS pois sou membro da comissão política.

E: Falou-me de rotinas de compromisso institucional, e então os seus tempos livres, não tem? Não tem as rotinas dos prazeres?

e: Sim tem de haver para descontrair, senão era um *stress*. Andei muitos anos no ténis e apesar de já não dedicar o tempo que dedicava antes, a partir da entrada na universidade tenho conseguido manter uma ou duas vezes por semana com um grupo de amigos daquela altura. Bom, e de vez em quando também dou uma perninha à discoteca ou à poncha. Mais, sempre que há concertos, não falho. E no verão quando começam os arraiais também lá estou.

E: Se as suas condições de vida fossem mais favoráveis alterava as suas rotinas?

e: De modo nenhum. O modo como levo a vida está de acordo com as motivações que tenho e se tivesse melhores condições, no essencial nada se alterava neste momento. Acredito que no futuro liberto da grande ocupação de tempo que os estudos exigem naturalmente as rotinas vão com certeza se alterar. Hoje não me parece.

E: Os seus ideais?

e: Os meus ideais! Os que respeitam à minha dimensão pessoal, ou ao modo como encaro um ideal de sociedade?

E: Ambos.

e: Sobre a minha dimensão pessoal penso que os meus ideais podem ser resumidos a duas palavras: ter saúde e ser feliz com as pessoas de quem gosto. Os meus ideais coletivos, esses são mais concretos. Desde muito jovem que senti viver numa sociedade dividida entre os que controlam o poder com os seus lambe-botas e os que pensam diferente e que tendo direito à igualdade de oportunidades ficam na margem quando se manifestam com pensamento diferente do pensamento único. O meu ideal de sociedade é uma sociedade onde as pessoas sejam respeitadas pelo que são independentemente de como pensam. Para mim isso é que é viver em democracia. É por ter esta consciência que logo que tive idade inscrevi-me numa organização política de juventude da oposição aqui na Madeira, acreditando que o meu contributo pode tornar o futuro melhor e mais livre se este poder que se tornou dono das coisas e das pessoas for derrotado.

E: Como encara hoje as suas prioridades no modo de viver a vida? Coloca no centro o prazer ou as obrigações que lhe são colocadas?

e: Eu acho que a minha forma de viver integra as duas dimensões. Se é verdade que o prazer da vida é central, porque senão o resto não faz sentido, também está muito claro para mim que não vivemos sozinhos, logo temos compromissos com os outros que por vezes pensam diferente de nós, condicionando-nos muitas vezes a comportamentos fora da nossa esfera de interesse. Aí por vezes temos obrigações para com os outros independentemente do nosso interesse pessoal, que devem ser a condição para agirmos. Neste aspeto considero que estes três anos de estudo da psicologia deram-me uma visão mais equilibrada e sensata.

E: Qual é a importância do seu grupo de amigos na formação de valores, ideais, atitudes e interesses?

e: É muito, muito importante. Os meus amigos mais próximos são também colegas de curso e muitas vezes conversamos e confrontamos pontos de vista sobre procedimentos, comportamentos e razões das coisas, o que deixa sempre um espaço de reflexão sobre como pensamos e vemos as coisas. Sim, tenho a certeza que os meus amigos determinaram muito do que sou.

E: E dos seus familiares?

e: Os meus familiares felizmente são determinantes em grande medida porque somos uma família muito solidária. Aí sinto que a energia dos afetos tem ajudado muito a ser o que

sou em particular porque sinto que os meus pais têm orgulho nos filhos e realizam-se através deles.

E: Quando discorda de determinada situação social, tem facilidade em se envolver em movimentos de mudança?

e: Sem dúvida nenhuma. Particularmente porque tenho consciência, mais do que isso convicção, de que o que fizermos pelo coletivo seguramente se reflete em nós. E sinto-me bem quando contribuo para melhorar as condições que me parecem desadequadas ou injustas. Sinto-me útil.

E: É importante para si exercer um trabalho? Se sim, porquê?

e: É sem dúvida nenhuma muito importante. De outro modo que valor teria a nossa existência? Eu entendo que o trabalho é o modo como contribuimos para uma melhor sociedade. Se cada um no seu trabalho o fizer com competência e seriedade teremos seguramente uma melhor sociedade.

E: . Se de algum modo fosse garantido um rendimento adequado às suas necessidades, abdicaria de trabalhar?

e: Poderia dispensar o salário para ajudar pessoas ou organizações necessitadas mas nunca deixaria de trabalhar. Também porque acho que é através do exercício das nossas competências numa dada função profissional que nos realizamos como pessoas.

E: A religião é importante na sua vida?

e: Na minha não. Compreendo a importância que a crença no sobrenatural tem para as pessoas que acreditam, porque os conforta, mas na minha compreensão da vida não cabe a dimensão do sobrenatural.

E: Para além da religião, no modo como encara a sua vida, qual é a importância da crença na espiritualidade e nas ideias? É supersticioso?

e: Não sou supersticioso e a espiritualidade não é uma dimensão que me afete, agora a crença nas ideias para mim é determinante, ou seja, todos os meus empenhamentos são sustentados em princípios que constituem referências de crença. Quando me envolvo em alguma coisa intencional é por acreditar. Em regra não tenho comportamentos gratuitos.

E: Como é que o entrevistado se define a si mesmo ao nível da personalidade?

e: Não gosto de me classificar. Para além do mais, a nossa verdadeira personalidade é muito mais o resultado de como os outros nos caracterizam e mesmo assim não somos avaliados da mesma forma por todos os indivíduos. Ainda assim sou capaz de caracterizar a minha personalidade pela consciência que tenho de mim próprio: Sou generoso, persistente,

determinado, positivo, acima de tudo tenho uma forte consciência do imperativo da solidariedade.

E: Os seus comportamentos seguem a moral corrente, ou sente que a contraria agindo fiel ao seu modo de ser?

e: Definitivamente sou fiel ao meu modo de ser. Não faço fretes. Mas como tenho uma forte consciência social de algum modo não vou contra a moral corrente e sou capaz de me adaptar em situações formais.

E: Tem objetivos delineados para o futuro? Se sim, quais são esses objetivos?

e: Claro que tenho porque sou um sonhador. De resto tenho a convicção que o que fazemos hoje tem tudo a ver com o que, consciente ou inconscientemente, gostaríamos de fazer amanhã. No meu caso o que preenche hoje a minha vida tem a ver com o meu projeto de futuro. Quero ser um competente psicólogo clínico; quero contribuir para alterar os viciados mecanismos dos poderes que governam a sociedade madeirense pela construção de uma sociedade melhor e mais solidária.

E: Perante o sentimento corrente de crise das condições de vida, como encara o seu projeto de vida?

e: Relativamente ao sentimento de crise é uma situação que não me afeta, seja porque felizmente tenho uma família com suficiente estabilidade económica, seja porque sou jovem empenhado na construção da sua carreira que acredita no princípio de que os períodos de crise são também períodos de oportunidades. Também porque não sou dos que ficam sentados à espera que as coisas aconteçam. Depois porque acredito que o futuro sendo resultado do património herdado das anteriores gerações é muito o resultado do que as atuais gerações forem capazes de construir. E eu entrei nessa corrida.

E: Há mais alguma coisa que queira referir da sua vida no modo como entende o ser jovem?

e: Não tenho dúvida que vivo a vida pela condição de ser jovem. Tirando as responsabilidades com o meu curso, não tenho responsabilidades com outras pessoas que dependam de mim; não integro preocupações de subsistência em todas as dimensões das condições básicas de vida; não defini limites a uma estrutura de vida formal, ou seja tudo está em aberto, estou ainda no palco dos sonhos e das utopias; em resumo, tenho ainda uma larga esfera de liberdades.

**MODELO
EUROPEU DE
CURRICULUM
VITAE**



INFORMAÇÃO PESSOAL

Nome
Morada
Telefone
Fax
Correio eletrónico

Nacionalidade
Data de nascimento

**EXPERIÊNCIA
PROFISSIONAL**

- de 1990 até a atualidade
 - Nome e endereço do empregador
- 1999

**FORMAÇÃO ACADÉMICA E
PROFISSIONAL**

- 2000 /2002
 - Nome e tipo da organização
- 1995/1997
.Nome e tipo da organização
- 1996
Nome e tipo da organização
- 1978
Nome e tipo da organização

CARDOSO, JOSÉ ANTÓNIO TEIXEIRA
CAMINHO DA CASA VELHA, 55, 9060-015 FUNCHAL
291794321
291794321
Jacardoso50@gmail.com

Portuguesa
30, JUNHO DE 1950

Docente de Sociologia e História da Cultura Ludicodesportiva
Universidade da Madeira

Deputado na VIII Legislatura na Assembleia da
República.

Pós-Graduação em Direito Regional

Universidade da Madeira ao abrigo do protocolo entre a U. Madeira e a Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

Pós-graduação em Sociologia - do Mestrado em Sociologia, ISCTE
“Sociedades e Políticas Europeias”.

Departamento de Sociologia, ISCTE

Curso de Filosofia Política – “Liberdade, Virtude e Interesse Próprio”.

Estudos Gerais da Arrábida, “Universidade de Verão” da Fundação para os Descobrimentos.

Licenciatura em Educação Física

Instituto Superior de Educação Física, Universidade Técnica Lisboa.

**APTIDÕES E
COMPETÊNCIAS PESSOAIS**

Adquiridas ao longo da vida ou da carreira, mas não necessariamente abrangidas por certificados e diplomas formais.

PRIMEIRA LÍNGUA

PORTUGUÊS

FRNCÊS - B1

ESPAÑHOL- B2

INGLÊS – B1

PUBLICAÇÕES

Livros:

Romper o círculo - do jogo viciado a uma nova Ordem Política (2004), Lisboa, Ed. Notícias.

**APRESENTAÇÕES
PROJECTOS
CONFERÊNCIAS**

- **Moderador do painel** *Desporto no contexto da mudança social*, nas III Jornadas de Sociologia do Desporto – FMH Lisboa 1999.

-Conferência

Expectativas da política educativa no ensino superior, IV Congresso dos Professores da Madeira.

- Conferência

Para a compreensão da mudança dos modelos da prática desportiva a partir do conceito de felicidade de John Rawls, integrada, 2^{as} Jornadas de Sociologia do Desporto na Universidade de Coimbra. Conferencista convidado (1996).

- **Iniciador e Coordenador** das “1^{as} Jornadas de Sociologia do Desporto” realizadas no contexto da atividade da Rede Portuguesa de Ciências do Desporto, Madeira (1995).

- Conferência

Dos indicadores de mudança à inovação dos instrumentos conceptuais na cultura desportiva, “1^{as} Jornadas de Sociologia do Desporto” (1995).

- Conferência

A escola e a sociedade, “2^a Conferência Regional do 1^o Ciclo do Ensino Básico” -Conferencista convidado (1995).

- Conferência

A qualidade dos cuidados de saúde na perspetiva do cidadão, “VII Jornadas de Enfermagem Madeira/ Açores” (Conferencista convidado - 1994).

Preletor no Curso de Dirigentes Desportivos, no módulo “Desporto e Sociedade” - do CELFF (1995).

Formador no Curso Permanente de Dirigentes Desportivos do Instituto do Desporto da RAM desde 1997 na área da Sociologia do Desporto.



Os melhores RUMOS para os Cidadãos da Região



REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA



REPÚBLICA PORTUGUESA



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Social Europeu

